

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Gustavo dos Santos Rey Saiz

**A recepção de Theodor Adorno no universo
intelectual e acadêmico brasileiro (1950-2015)**

Mestrado em Ciências Sociais

São Paulo
2017

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Gustavo dos Santos Rey Saiz

**A recepção de Theodor Adorno no universo
intelectual e acadêmico brasileiro (1950-2015)**

Mestrado em Ciências Sociais

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme Simões Gomes Júnior.

São Paulo
2017

Gustavo dos Santos Rey Saiz

A recepção de Theodor Adorno no universo
intelectual e acadêmico brasileiro (1950-2015)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme Simões Gomes Júnior.

Aprovada em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Guilherme Simões Gomes Júnior
Orientador – PUC São Paulo

Prof^ª. Dr^ª. Ana Amélia da Silva
PUC São Paulo

Prof. Dr. Ricardo Musse
FFLCH - USP

São Paulo
2017

Dedicado aos meus pais,
por Tudo.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais, Cecilia Teresa dos Santos e Francisco Rey Saiz, por proporcionarem as bases de tudo aquilo que me constitui, incluída aí, sem dúvida, a introdução ao espírito crítico.

A Leonardo Lemos, Bruno Karam e David Villela, fontes inesgotáveis de aprendizado e companheirismo.

A Alexandre Rossi, por inspirar e mostrar caminhos.

Aos amigos da graduação Nadiesda Dimambro, Lucas Motte, Rodrigo Inácio da Costa, Yara Morena, Marcos Magri, Juliano Augusto, Dimas Nuvolari, Patrícia de Souza, Ricardo Streich, Danilo Barolo, André Ponce, Adamastor Lima, José Carlos de Aquino, fundamentais em uma das melhores fases da minha vida. Agradeço especialmente a Robson Bello, amigo desde a primeira semana de graduação, que acompanhou cada passo do percurso que me trouxe a esta dissertação e além dela.

A Marina Zoline, José Roberto Albanez, Luis Ricardo Freitas, Heitor Mello, pelos anos compartilhando conhecimento.

A Ivens Kawamata, por mostrar que a esperança sempre continua.

A Luis Henrique dos Santos, pelo apoio inestimável.

A Danilo Lopes, Gabriel Dias e Danilo Galdino, pelo contraponto necessário a todo o processo.

A Glauber Martins, Davi Franzon, Mariela Toro, Caroline Sartorello Spinola e Alex Fernandes de Oliveira, por tornarem os anos de mestrado ainda mais ricos.

A Cintia Nory, que apareceu no caminho, mas agregou de forma definitiva.

Ao Prof^o Dr. Guilherme Simões Gomes Júnior pela orientação impecável, crítica, atenta e emancipadora. Às Professoras Mônica Carvalho e Carmen Junqueira, pelas sugestões valiosíssimas. Ao Prof^o Ricardo Musse e à Prof^a Ana Amélia de Souza, cujas observações contribuíram decisivamente à dissertação aqui apresentada. Ao Prof^o Flávio Kothe e a Prof^a Olgária Matos por fornecerem seus importantes depoimentos como agentes do campo adorniano.

Aos funcionários da Comissão de Graduação da FFLCH-USP, Hilton José Soares e Francisco Carneiro, por todo o auxílio na consulta à documentação da faculdade.

Por fim, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa.

Resumo

SAIZ, Gustavo dos Santos Rey. *A recepção de Theodor Adorno no universo intelectual e acadêmico brasileiro (1950-2015)*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2017.

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo apresentar a trajetória da recepção brasileira do filósofo alemão Theodor Adorno. Intelectual ligado ao Instituto de Pesquisas Sociais – de onde emergiria a chamada “escola de Frankfurt” – Adorno começa a tornar-se tema de reflexão dos intelectuais brasileiros entre as décadas de 1950 e 1960. Desde então, uma série de estudiosos de diferentes áreas se debruçaram sobre a obra deste autor, constituindo aquilo que definimos, seguindo Pierre Bourdieu, como um *campo acadêmico*. Esta trajetória envolveu leituras, apropriações e definições distintas sobre o autor, construídas e criticadas ao longo do tempo. Esta dissertação pretende analisar estes processos localizando-os em seus diferentes momentos históricos.

Palavras-chave: Theodor Adorno, Escola de Frankfurt, Teoria Crítica, Recepção, Campo Acadêmico.

Abstract

This dissertation aims to present the trajectory of the Brazilian reception of the German philosopher Theodor Adorno. Linked to the Institute of Social Research - from which would emerge the "Frankfurt School" - Adorno begins to receive attention from Brazilian intellectuals between the decades of 1950 and 1960. Since then, researchers from different areas have looked out to the work of this author, creating what we called, following Pierre Bourdieu, an *academic field*. This trajectory involved distinct readings, appropriations and definitions about the author, built and criticized over time. This dissertation intends to analyze this processes locating them in it's different historical moments.

Keywords: Theodor Adorno, Frankfurt School, Critical Theory, Reception, Academic Field.

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo I – Núcleos formadores (1950-1970).....	27
1.2. Adorno nas ciências sociais da USP (1970)	33
1.3. Publicações (1960-1970)	37
1.3.1. “Moda sem tempo: jazz” (1968)	37
1.3.2. <i>Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin</i> (1969).....	40
1.3.3. <i>Teoria da cultura de massa</i> (1969)	42
1.3.4. <i>Sociologia da Arte, IV</i> (1969).....	44
1.3.5. <i>Humanismo e comunicação de massa</i> (1970)	45
1.3.6. <i>Comunicação e indústria cultural</i> (1971)	49
1.3.7. <i>Notas de Literatura</i> (1973).....	51
1.3.8. <i>Temas básicos de sociologia</i> (1973)	52
1.3.9. <i>Filosofia da Nova Música</i> (1974).....	54
1.3.10. <i>Os Pensadores</i> (1975)	55
1.3.11. <i>Benjamin & Adorno: confrontos</i> (1975)	58
1.3.12. Roberto Schwarz	62
1.4. Gabriel Cohn e o “Grupo da USP”	64
1.5. Momentos iniciais da recepção de Adorno no Brasil	65
Capítulo II – Rotinização (1980 – 1990).....	70
2.1. Adorno na Filosofia da USP	70
2.2. Traduções.....	82
2.2.1. <i>Os Pensadores</i> (1980)	82
2.2.2. <i>Teoria Estética</i> (1982).....	83
2.2.3. <i>Dialética do Esclarecimento</i> (1985)	84
2.2.4. <i>Adorno-Sociologia</i> (1986)	90
2.2.5. <i>Minima Moralia</i> (1992, 2008).....	93
2.2.6. <i>Educação e Emancipação</i> (1995)	99
2.2.7. <i>Palavras e sinais</i> (1995).....	104
2.2.8. <i>Prismas</i> (1998)	106
2.2.9. <i>Os Pensadores</i> (1999)	108
2.3. Sobre Adorno	109

2.3.1. <i>Psicanálise e Teoria Crítica</i> (1983).....	109
2.3.2. <i>Os arcanos do inteiramente outro</i> (1985).....	110
2.3.3. <i>A Teoria Crítica: ontem e hoje</i> (1986).....	113
2.3.4. <i>O duplo giro copernicano – Adorno e Kant</i> (1991).....	115
2.3.5. <i>Aufklärung musical</i> (1992)	117
2.3.6. <i>Mimesis e Racionalidade</i> (1993).....	119
2.3.7. <i>A Dialética Negativa de Theodor Adorno</i> (1998)	121
2.3.8. Ainda sobre a polêmica com <i>Aufklärung</i>	124
2.4. A expansão de Adorno para outras áreas (1980, 1990)	127
Capítulo III – Especialização (2000-2015).....	132
3.1. Adorno nas disciplinas da USP.....	133
3.2. Traduções.....	143
3.2.1. <i>Notas de Literatura I</i> (2003)	143
3.2.2. <i>Dialética Negativa</i> (2009).....	145
3.2.3. Coleção Adorno (2008-2015)	146
3.3. Sobre Adorno	165
3.3.1. <i>A paixão do negativo</i> (2006)	165
3.3.2. <i>Crítica dialética em Theodor Adorno</i> (2007).....	166
3.4. Eventos.....	168
3.5. Especialização (2000-2015).....	178
Conclusão	181
Fontes	185
Bibliografia.....	186

Introdução

Esta dissertação de mestrado investiga o processo de recepção da obra do pensador alemão Theodor Adorno no universo intelectual e acadêmico brasileiro. Renomado membro do Instituto de Pesquisas Sociais (ou da chamada “escola de Frankfurt”), Adorno tornou-se, no Brasil, fonte de reflexão em diversas áreas do conhecimento, particularmente na filosofia e sociologia.

O Instituto de Pesquisas Sociais, importante centro de produção do conhecimento acadêmico, situa-se na cidade de Frankfurt, Alemanha. Fundado em 1923, nos seus primórdios o Instituto dedicou-se a estudos sobre a classe operária, sob a orientação do então diretor Carl Grünberg. A partir de 1930, com a direção de Max Horkheimer, o foco da instituição muda, passando a incluir especialmente filósofos que darão nova feição àquela empreitada intelectual. Nascia a “escola de Frankfurt”.

Essa mudança traduziu-se, por exemplo, no primeiro trabalho coletivo do Instituto: os “Estudos sobre autoridade e família”, um projeto de pesquisa que pretendia compreender os rumos da família na Europa, ou melhor, a sua desintegração, e as consequências dessa transformação. Os rumos do Instituto passam, cada vez mais, a se distanciar daqueles empreendidos por correntes mais ortodoxas do marxismo. Na esteira destas alterações ocorridas com a chegada de Horkheimer à direção, podemos mencionar a aproximação entre marxismo e psicanálise (realizada especialmente por Eric Fromm e influente entre vários membros do Instituto); as reflexões sobre estética de Walter Benjamin e Adorno; os debates sobre política, direito e Estado no capitalismo, por exemplo, entre Franz Neumann e Otto Kirchheimer. Estas vertentes de análise desenvolvem-se na década de 1930, ainda na Europa, e continuam quando da imigração do Instituto para os EUA, em 1934, em virtude da ascensão do nazismo na Alemanha. Nos EUA, o grande projeto coletivo do instituto é a “Personalidade Autoritária”, que tem Adorno como um dos principais organizadores. Baseando-se em extenso material empírico, a obra busca compreender a profundidade dos preconceitos, como o antissemitismo, bem como o potencial de adesão a práticas políticas autoritárias, como o fascismo, na população estadunidense.

Dentre os muitos autores que integraram o Instituto de Pesquisas Sociais e a corrente de pensamento denominada “escola de Frankfurt”, destaca-se Theodor Adorno. Geralmente associado a temas estéticos – resultado de uma prolífica produção sobre música e literatura, principalmente –, Adorno escreveu sobre filosofia, sociologia,

história, psicologia, antropologia, normalmente transpondo as barreiras erguidas entre estas áreas.

Já há algumas décadas, Adorno é um autor consolidado no ambiente acadêmico brasileiro – há, literalmente, centenas de artigos, livros, dissertações e teses sobre a sua obra. Nos últimos anos Adorno começou a figurar inclusive em publicações que visam a divulgação de autores consolidados nos âmbitos do pensamento e da arte; da mesma maneira, tornou-se assunto de artigos de revistas de filosofia que circulam fora do ambiente acadêmico¹.

Essa crescente visibilidade nos meios intelectuais brasileiros foi precedida por um trabalho contínuo de recepção em ambientes universitários, desde a década de 1960. E é exatamente nesse processo que se insere a presente pesquisa: pretende-se responder aqui a algumas questões sobre a recepção de Adorno no Brasil, buscando contribuir para alargar o leque de interpretações, em diálogo com a bibliografia já existente sobre o tema.

Desde a década de 1990 há trabalhos que procuram investigar a recepção da escola de Frankfurt ou de seus integrantes, individualmente, no Brasil. Com relação a Theodor Adorno, especificamente, há publicações como os artigos de Silvio César Camargo (2012; idem, 2013) e a tese de doutorado de Jacira Silva de França, defendida na Universidade Federal da Paraíba (2015), que focam principalmente a recepção de Adorno na sociologia brasileira.

Naturalmente, por tratar-se de tema similar ao nosso, estaremos constantemente nos apoiando nestes trabalhos. No entanto, pretende-se nessa dissertação de mestrado ampliar o campo de investigação da recepção de Adorno no Brasil, incluindo outras áreas nas quais o autor se faz presente, além da sociologia. Pretende-se, principalmente, expor o que compreendemos como a formação de um *campo adorniano* no universo intelectual brasileiro.

Quanto à delimitação do tema, optamos por um recorte temporal alargado, que tem como ponto de partida os momentos iniciais da recepção (década de 1950) até o presente estado da questão, o que nos permite compreender o surgimento, a formação e a consolidação do campo adorniano. Inicialmente, adotamos a divisão dos capítulos por décadas, mas as próprias dinâmicas do campo não permitem uma delimitação tão estrita. Algumas tendências que se consolidam em uma década já estavam presentes, ainda que

¹ Por exemplo, os números 173 e 215 da Revista Cult, com dossiês completos dedicados ao pensador.

embrionariamente, na anterior. Assim, deve-se ter em mente que os processos são sincrônicos, não sendo possível enquadrá-los em datas precisas.

Em relação à área acadêmica, centralizamos a pesquisa em torno da sociologia e da filosofia, com eventuais incursões em outras áreas como a psicologia e a educação. Esta escolha se deve ao fato de que filosofia e sociologia constituíram-se como as duas áreas de maior interlocução com o pensamento de Adorno. A própria obra do autor justifica esse olhar, uma vez que, no tratamento de temas os mais diversos, filosofia e sociologia são as bases predominantes da investigação – e o campo adorniano brasileiro acabou por reproduzir essa divisão. Tentou-se mostrar na pesquisa, no entanto, que essa consolidação não estava dada desde o primeiro momento; ela é fruto de um processo de mudança de perspectiva, em que Adorno, no início, é mobilizado como um teórico da estética, para um momento posterior em que o autor é considerado um filósofo e sociólogo que trata, entre outros temas, de estética.

Outro aspecto importante a ser ressaltado quanto à delimitação do tema, é o recorte geográfico que realizamos. Optou-se por concentrar os esforços de pesquisa nas fontes disponíveis na cidade de São Paulo e na Universidade de São Paulo (USP). Primeiro, porque investigar o processo de recepção de Adorno a partir de depoimentos dos envolvidos ou das fontes documentais de cada centro universitário no país é esforço que transcende em muito o escopo de uma dissertação de mestrado. Aprofundar a compreensão do campo adorniano no Brasil em suas múltiplas manifestações – áreas acadêmicas, universidades, editoras, etc. – é tarefa necessariamente coletiva, para a qual esta pesquisa visa contribuir. Segundo, porque podemos considerar a USP como o epicentro da formação do campo adorniano no Brasil. Grande parte dos principais agentes do campo tiveram sua trajetória total ou parcialmente ligada à USP. No entanto, a trajetória do campo leva a pesquisa inevitavelmente a outras universidades e regiões do país. Desde seu início é marcante a presença de agentes situados em universidades do Rio de Janeiro, por exemplo. Assim, embora o foco principal tenha sido a Universidade de São Paulo pelos motivos explicitados acima, a própria dinâmica do campo inclui necessariamente outros espaços na análise.

Referencial teórico

A investigação sobre a recepção de Theodor Adorno entre a intelectualidade brasileira nos levou a buscar apoio metodológico na obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu. A teoria dos *campos* pareceu-nos particularmente prolífica no intuito de

compreender a forma como a recepção de Adorno ocorreu no Brasil. O campo é uma espécie de microcosmo social, uma parcela da realidade que, embora esteja conectada com outras parcelas (outros campos), possui certa autonomia de funcionamento. Assim, é possível distinguir, por exemplo, o campo político, no qual se desenrolam os embates em torno do poder na sociedade; o campo cultural, onde diversos agentes, que Bourdieu chama de “produtores culturais” (Bourdieu, 2004, p. 176), desenvolvem diferentes modalidades artísticas e intelectuais.

Embora possam ser circunscritos como espaços específicos da vida social, os campos não são isolados uns dos outros, interagem e interferem entre si e disputam posições no *espaço social*. Além disso, há que pensar que certas dimensões específicas de um campo também estão presentes em outros, como, por exemplo, os empresários do campo intelectual e artístico e os intelectuais especificamente situados e atuantes no campo econômico ou no campo político. A noção de *espaço social* é também importante não apenas porque ele é dividido em campos, mas porque os agentes de um tráfegam por outros e muitas vezes são obrigados a orientarem suas tomadas de posição por injunções que derivam de outros. Nesse sentido a noção de homologia é decisiva para o entendimento da relação entre os campos no espaço social. “Falar em homologia entre o campo político e o campo literário significa afirmar a existência de traços estruturalmente equivalentes [...] em conjuntos diferentes” (idem, p. 170). Homologia é semelhança na diferença: semelhança de caráter estrutural, não de aparência; diferença porque a luta interna de cada campo se dá na conquista e no embate de tipos diferentes de capitais. O que se acumula em um não é a mesma coisa do que se acumula em outro, nem são as mesmas as formas por meio das quais a acumulação se processa; além disso, cada campo tem implícita uma relação com o tempo, tanto do ponto de vista da geração das obras como da formação específica de seus agentes.

De fato, postular homologias é uma forma por meio da qual Bourdieu buscou superar o problema do reducionismo. Em “A gênese dos conceitos de habitus e de campo” (1998 [1985]) ele afirma que seus primeiros passos ao elaborar a noção de campo buscavam superar o impasse que havia entre “a alternativa da *interpretação* interna e a *explicação* externa, perante a qual se achavam colocadas todas as ciências das obras culturais” (p. 64, grifos nossos)². Entendemos que, com isso, Bourdieu

² Em “Sobre o poder simbólico” (1998 [1973]) Bourdieu utiliza as noções de leitura tautegórica (interna) e alegórica (externa) para distinguir as duas perspectivas. O melhor exemplo da primeira é a maneira como Lévi-Strauss trata os mitos; da segunda, as explicações como as de Durkheim e Mauss que

pretendia fazer a defesa da explicação científica de caráter sociológico das obras culturais de uma forma não reducionista, isto é, sem pressupor que as obras sejam explicadas por dimensões da vida externas a elas. Para Bourdieu, o que as duas correntes implícitas tinham em comum era “o fato de ignorarem o campo de produção como espaço social de relações objetivas”, que no seu processo de autonomização tende a repudiar todas as injunções de caráter normativo advindas de outros campos, como também as explicações que encontram a razão de ser das obras em seu mundo exterior. Para Bourdieu, a leitura interna, formalista ou inspirada, passa a ser uma exigência apenas quando o campo atinge um alto grau de autonomia.

Aparentemente, a pretensão de Bourdieu pode ser contestada pelo fato de utilizar noções do campo econômico na análise do campo intelectual e artístico, como capital, concorrência, monopólio, oferta, procura, etc. De fato, não se trata de um reducionismo econômico, já que Bourdieu buscou essa linguagem em Weber, nos capítulos sobre sociologia da religião de *Economia e Sociedade*. O recurso a essas categorias não implica em buscar na economia os fundamentos dos outros campos, mas advém do fato de que elas sintetizam “propriedades gerais válidas nos diferentes campos”. Para o sociólogo,

Tudo leva a supor que a teoria econômica [...] em vez de ser um modelo fundador, deve antes ser pensada como um caso particular da teoria dos campos que se constrói pouco a pouco, de generalização em generalização [...].

A teoria geral da economia dos campos permite descrever a forma específica de que se revestem, em cada campo, os mecanismos e os conceitos mais gerais (capital, investimento, ganho), evitando assim todas as espécies de reducionismo, a começar pelo economicismo, que nada mais conhece além do interesse material e a busca da maximização do lucro monetário (Idem, pp. 68-69).

Podemos dizer que o uso de noções subtraídas do âmbito da economia, como as citadas acima, assim como aquelas que parecem mais apropriadas à política (que são abundantes nas discussões de Bourdieu sobre o “poder simbólico”), ou à religião (que giram em torno das figuras do profeta, do sacerdote e do feiticeiro, também retiradas de Weber) operam nas análises de Bourdieu como um léxico da teoria geral dos campos,

encontram os fundamentos e a lógica das classificações primitivas na maneira por meio da qual a sociedade se divide e se estrutura.

que só é adequado em razão das homologias estruturais que podem ser identificadas no exame paralelo de cada um dos campos, sobretudo, porque eles se formam por processos de diferenciação e não cessam de reportarem-se uns aos outros em seus confrontos no espaço social.

Dessa forma, é possível estabelecer aproximações entre os campos, não apenas no nível analítico, ou seja, nos campos sobre os quais recai a investigação, mas também no nível teórico. Em outras palavras, é possível, a partir das experiências observadas em um campo específico, realizar generalizações válidas a outros campos.

Pode-se exigir da monografia mais idiográfica (sobre o campo literário francês na época de Flaubert, sobre a revolução efetivada por Manet no campo artístico, sobre as lutas no campo literário no fim do século XIX [...]) proposições gerais sobre o funcionamento dos campos e pode-se levantar a partir de uma teoria geral do funcionamento dos campos, hipóteses muito poderosas sobre o funcionamento de um estágio particular de um campo particular (...). (idem, p. 171)

Assim, diversas observações que Bourdieu realiza sobre campos distintos daquele que será tratado neste texto (o campo intelectual-acadêmico), são úteis para a compreensão dele. Bourdieu diz que as definições de conceitos no interior de um campo específico (Bourdieu fala das noções estéticas no campo artístico [Bourdieu, 2004, p. 174]),

só recuperam sua necessidade se os recolocarmos na lógica, puramente sociológica, do campo onde foram gerados e onde funcionaram enquanto estratégias simbólicas nas lutas pela dominação simbólica, ou seja, pelo poder sobre um uso particular de uma categoria particular de signos e, desse modo, sobre a visão do mundo natural e social. (idem, idem)

Traduzindo esta reflexão para nosso objeto de estudo, podemos afirmar que as diferentes formas como Adorno foi mobilizado, direcionado, no campo intelectual brasileiro, bem como as interpretações distintas de sua obra (o que inclui o problema da tradução, significativo no caso de um termo central à obra adorniana como a noção de *Aufklärung*), fazem sentido, sociologicamente falando, quando as observamos enquanto estratégias de localização no interior do campo.

As formas de se garantir a inserção e perpetuação no campo são diversas, sendo o uso de determinados conceitos, referendado por outros agentes do campo, apenas uma delas. A publicação em determinados meios, a presença em determinados espaços

(universidades, institutos), a referência de outros agentes (citações), são alguns exemplos de meios de obtenção daquilo que Bourdieu definiu como

uma espécie muito particular de capital, que é simultaneamente o instrumento e o alvo das lutas de concorrência no interior do campo, a saber, o capital simbólico como capital de reconhecimento ou consagração, institucionalizada ou não, que os diferentes agentes e instituições conseguiram acumular no decorrer das lutas anteriores, ao preço de um trabalho e de estratégias específicas. (idem, p. 170)

A mobilização de conceitos mencionada acima apresenta-se como um ótimo exemplo de capital simbólico como “instrumento e alvo” do jogo no campo. Interpretações distintas dos cânones tradicionais do campo intelectual podem realizar alterações na forma como ele se estrutura, como o capital simbólico está distribuído: “a derrubada da definição dominante é a forma específica que tomam as revoluções nesses universos” (idem, p. 174). Esta reorganização de capital simbólico pode garantir a determinados agentes a consolidação de formas de interpretação (os novos cânones), que podem chegar até mesmo ao total esvaziamento do capital simbólico de outrem, decretando assim a exclusão simbólica do campo (idem, p. 175). Desde interpretações distintas acerca de um determinado conceito ou obra, até a deslegitimação completa do adversário no jogo (“isso não é filosofia/sociologia/ciência”), há diversos mecanismos pelos quais os agentes do campo podem sair (ou ser retirados) dele.

No caso específico do campo adorniano brasileiro há certos “cânones” formados desde sua constituição, e que continuam sendo alvo de debates até o presente. Talvez o melhor exemplo destes cânones é a tradução de *Aufklärung* como “Iluminismo”, incontestemente desde as primeiras traduções do autor (final dos anos 1960), até a tradução da *Dialética do Esclarecimento* (1985). A partir daí abre-se um debate interpretativo que, em termos de campo, constitui em um embate pelo capital simbólico da obra adorniana.

Entre a hegemonia e a exclusão do campo há, contudo, inúmeras formas de localização. No caso da recepção de Adorno, pode-se distinguir autores cuja obra é voltada à compreensão ou que sofre influência decisiva do pensador de Frankfurt, daqueles que possuem interesses ocasionais (como estudiosos da teoria crítica ou do pensamento alemão do século XX). Entre esses grupos pode haver interpretações distintas, mas que corresponderão à força do capital simbólico de uns e outros no interior do campo.

Todo agente localizado em um determinado campo tem de defrontar com aquilo que Bourdieu definiu como “espaço de possíveis”, ou seja, “um sistema de referências comuns, marcas comuns” (Bourdieu, 1996a, p. 57), ou mais precisamente,

o universo de problemas, de referências, de marcas intelectuais (frequentemente constituídas pelos nomes de personagens-guia), de conceitos em “ismo”, em resumo, todo um sistema de coordenadas que é preciso ter em mente – o que não quer dizer na consciência – para entrar no jogo (idem, p. 53).

Bourdieu também chama atenção para o fato de que

Esse espaço de possíveis, que transcendendo os agentes singulares, funciona como uma espécie de sistema comum de coordenadas que faz com que, mesmo que não se refiram uns aos outros, os criadores contemporâneos estejam objetivamente situados uns em relação aos outros (idem, p. 54).

Esta noção é essencial para compreender o funcionamento dos campos: eles são sempre espaços relacionais, espaços “de relações objetivas entre posições” (idem, p. 60). E estas relações definem onde se localizam os agentes no campo, em posições mais ou menos privilegiadas, mais ou menos consagradas, em suma, com mais ou menos capital simbólico.

Há que se ressaltar que, assim como os campos, os “espaços de possíveis” também são resultado de processos de construção históricos. As coordenadas de um determinado campo são fruto, primeiro, da constituição deste campo, e, segundo, das lutas nas quais os sujeitos se articulam em suas posições, gerando assim as possibilidades do campo. No caso deste estudo, a existência de um “campo adorniano” no interior do campo intelectual, surge paulatinamente, desde a introdução do autor nos conteúdos acadêmicos na década de 1960, até sua consolidação como pensador importante para diversas áreas. Assim, o modo como Adorno vai sendo manuseado intelectualmente ao longo dos anos, cria o “espaço de possíveis” com o qual os novos agentes do campo (inicialmente o intelectual, mas com o tempo, o adorniano) serão obrigados a lidar.

A forma como estes agentes irão se posicionar em relação ao “espaço de possíveis” do pensamento adorniano estabelecerá a sua própria posição no campo, como um autor profissional ou amador, como estudioso daquela obra ou como mero aventureiro. Estas posições são importantes para definirmos a “população” de autores

voltados à obra de Adorno, bem como o processo de consolidação (em posições distintas) ou exclusão dos envolvidos. Além disso, essa localização no campo gera a rotinização ou subversão do espaço de possíveis (idem, p. 62, 63).

Quando buscamos compreender a elaboração de formas de conhecimento nos termos de Bourdieu – campos, *habitus*, capital simbólico – é necessário tomar cuidado para não caricaturar as lutas de interesses do campo, tornando-as meras estratégias de autoafirmação individual. O próprio Bourdieu alerta que

Lembrar a dimensão social das estratégias científicas não é reduzir as demonstrações científicas a simples exibicionismos retóricos; invocar o papel do capital simbólico como arma e alvo de lutas científicas não é transformar a busca do ganho simbólico na finalidade ou na razão de ser únicas das condutas científicas; expor a lógica agonística de funcionamento do campo científico não é ignorar que a concorrência não exclui a complementaridade ou a cooperação e que, sob certas condições, da concorrência e da competição é que podem surgir os “controles” e os “interesses de conhecimento” que a visão ingênua registra sem se perguntar pelas condições sociais de sua gênese (Bourdieu, 1996b, p. 86).

Localizar a produção intelectual, científica em suas condições sociais não significa desconsiderar os objetivos que os próprios campos se atribuem e reduzi-los a meros palcos de conflitos de interesses. Ignorar as metas dos campos é não levar em conta a própria autonomia relativa que possuem.

O pensamento de Bourdieu também é útil para refletirmos sobre o próprio fenômeno da recepção. No texto “As condições sociais da circulação internacional das ideias” (Bourdieu, 2002), o autor considera que, no fenômeno das trocas culturais, são importantes tanto o contexto de produção como o contexto de recepção. Em outras palavras, o campo de origem e o campo de chegada de determinado autor, teoria, etc. Somente levando-se em conta ambos os campos é possível realizar um estudo sobre a circulação internacional das ideias, uma vez que “Acredita-se frequentemente que a vida intelectual é espontaneamente internacional. Nada é mais falso” (idem).

O desconhecimento dos agentes do campo de recepção sobre o campo de origem leva ao que Bourdieu denomina como “mal-entendido”, em que o autor recebido pode ser utilizado para fins incompatíveis com sua obra original. E uma vez que dificilmente os textos carregam seu contexto original, os mal-entendidos podem ser frequentes.

Bourdieu chama atenção às ações dos agentes receptores. Diz que o processo de recepção se realiza através de algumas operações: seleção, marcação e leitura. A seleção é a própria escolha de autores e temas a serem lidos e traduzidos, bem como daqueles que leem e traduzem. A marcação consiste na associação que se estabelece de determinado autor ou obra com alguma editora, coleção, tradutor, prefaciador. Por fim, a leitura é o momento em que o autor é manuseado no campo, em função das preocupações presentes neste. Cada um destes processos, à sua maneira, é uma forma de obtenção de capital simbólico.

No caso de Adorno no Brasil a questão levantada por Bourdieu sobre o campo original é discutível. É muito frequente, desde as primeiras obras sobre o frankfurtiano ou traduzidas dele, a exposição do contexto em que suas ideias foram desenvolvidas (a trajetória do Instituto de Pesquisas Sociais e sua situação como autores judeus e marxistas, primeiro na Alemanha e, posteriormente, nos Estados Unidos). Além disso, a preocupação de Adorno era compreender fenômenos que, embora observados na Alemanha ou nos Estados Unidos, não se limitavam a estes países por estarem intimamente associados à forma de organização socioeconômica presente em praticamente todo o mundo. Não é à toa que rapidamente os autores brasileiros utilizam o conceito de indústria cultural para analisar algo que se passava no país.

Interessa-nos principalmente nesta teoria da recepção de Bourdieu o instrumental que fornece para a compreensão das ações dos agentes do campo; as operações de seleção, marcação e leitura definem a trajetória do campo. Estas três noções fazem-se presentes em todos os momentos desta dissertação por constituírem, como dito anteriormente, os momentos de disputa por capital simbólico. Estas operações chegam a cruzarem-se com outros elementos de disputa, como é o caso de diferentes editoras e universidades (o que entenderíamos como espaços de marcação da obra), pertencentes a diferentes regiões do país: a disputa por marcação aparece, portanto, também como disputa regional pelo capital simbólico de Adorno.

Outro autor útil na compreensão do fenômeno da recepção é o holandês Johan Heilbron, especializado no estudo das traduções. Heilbron, em “Structure and dynamics of the world system of translation” (Heilbron, 2010) afirma que há, geralmente, duas formas de estudo sobre as traduções: a primeira consiste em “comparar a tradução com o texto-fonte e a língua-fonte ou cultura-fonte, examinando os desvios criativos do original” (Heilbron, 2010, tradução nossa); a segunda “é considerar traduções no contexto onde foram produzidas e na verdade funcionam, em outras palavras na cultura

alvo” (idem). O que Heilbron faz é propor uma terceira alternativa: analisar as traduções em um sistema internacional, que inclua tanto as culturas “fonte” e “alvo” (não muito distante do que Bourdieu denomina como “campo original” e “campo de recepção”).

Embora instigante, a proposta de Heilbron está além dos limites desta dissertação. Um estudo que investigue o trânsito internacional de Adorno, ao menos entre Alemanha e Brasil, transcende as propostas de investigação aqui colocadas. Ainda assim, o estudo de Heilbron fornece elementos importantes para pensarmos a recepção de Adorno no Brasil.

Seguindo o *Index translationum* da UNESCO, Heilbron elabora um esquema de quatro níveis sobre a proporção dos idiomas traduzidos no mundo, frente ao total de traduções: hipercentral (o inglês, que, sozinho, corresponde entre 55 e 60% do total); central (alemão e francês, 10% cada); semi-central (espanhol, italiano, russo, 1 a 3% cada); e periférico (todas as outras línguas, com menos de 1% cada). Existe um contraste entre o que é traduzido *de* cada língua e o que é traduzido *para* cada uma delas. Assim, se o inglês é a língua mais traduzida no mundo, as culturas que o falam são as que menos publicam textos traduzidos (entre 2 e 4% dos livros traduzidos). Por outro lado, traduções *para* o alemão ou francês representam entre 12 e 18% das obras publicadas na Alemanha e na França. Heilbron diz que no intervalo entre 1985 e 2010 houve um aumento da desigualdade de traduções, resultando nos dados acima. Ele observa entre outras coisas, que neste período houve certo declínio da posição de línguas como Francês e Alemão.

Estes dados contrastam com os do processo de recepção de Adorno no Brasil. Como veremos, a imensa maioria das traduções de Adorno foram realizadas diretamente dos originais em alemão. Poucas foram as que recorreram a outras línguas. Além disso, o período 1985-2010, em que Heilbron aponta um declínio do Alemão como língua importante no fluxo de traduções, é aquele em que Adorno é consolidado como tema de pesquisa e tradução no Brasil, com um salto no volume de traduções (em comparação com o período anterior 1969-1985). Além disso, diante da hegemonia do inglês, é curioso o fato de que a obra *Authoritarian Personality*, escrita e publicada nos Estados Unidos na década de 1950, que possui uma importância nos momentos iniciais da recepção de Adorno no Brasil, jamais tenha sido traduzida no país.

Desse modo é possível afirmar que os processos que levam à tradução de Adorno no Brasil estão na contramão da tendência apontada por Heilbron no sistema mundial de traduções. Isso se deve, provavelmente, à crescente autonomia do campo

adorniano no Brasil, para recorrermos novamente à Bourdieu. Adorno torna-se um tema da intelectualidade brasileira com força suficiente para sofrer pouca interferência de outros campos (como o econômico). Com isso, as demandas que levam às traduções de sua obra são determinadas por situações internas ao campo adorniano.

Estrutura

Através do contato com diferentes fontes (que serão discutidas mais adiante), detectamos quatro grandes eixos que atravessam a trajetória do campo em questão, e cada um deles se constitui em um espaço onde ocorrem embates pelo capital simbólico da obra de Adorno. São eles:

- áreas do conhecimento acadêmico (artes, comunicação, sociologia, filosofia, teoria literária, psicologia, educação);
- regiões do país, através das suas universidades e editoras (principalmente São Paulo e Rio de Janeiro, mas também Rio Grande do Sul);
- construção de representações sobre Theodor Adorno, que aparecem implícita ou explicitamente nas obras sobre ele (autor “pessimista”);
- as diferentes traduções do alemão, particularmente o termo *Aufklärung*.

No primeiro caso, observamos como Adorno vai sendo apropriado por diferentes áreas acadêmicas. Ao longo das décadas varia a forma como o autor é lido; num primeiro momento como referência para métodos de pesquisa em ciências sociais; posteriormente como um teórico da arte e da indústria cultural; depois, um filósofo. Situado nos campos da sociologia e filosofia, começam as leituras destas áreas em direção a outras como educação e psicologia.

O segundo eixo é a “disputa” regional, na qual os protagonistas são Rio de Janeiro e São Paulo. Uma vez consolidada a importância de Adorno para a intelectualidade brasileira, o autor é difundido por todo o território nacional. Contudo, ao tratarmos da construção do campo no Brasil, observamos a importância destas duas regiões; os agentes da recepção de Adorno no Brasil situam-se basicamente nestes dois estados, seja em suas universidades ou editoras. Como veremos, a distinção não é estanque, pois há, por exemplo, tradutores situados no Rio de Janeiro que realizam estudos em São Paulo. A entrada da Editora da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP) no mercado editorial adorniano altera as relações existentes, criando um novo polo que, apesar de se localizar em São Paulo, envolve intelectuais de diferentes regiões e universidades.

Conforme o campo adorniano se constituía, formavam-se concepções sobre o autor, que vão sendo transmitidas através das traduções e comentários. Este é nosso terceiro eixo, as caracterizações de Adorno realizadas ao longo do tempo. Muitas vezes estas caracterizações se baseiam na aproximação (ou distanciamento) de Adorno com outros autores, especialmente Walter Benjamin.

Por fim, o último eixo que atravessa o campo são os embates em torno das traduções. Este é o eixo no qual se observa com maior clareza os embates em torno da obra de Adorno. A precisão da tradução do alemão para o português, bem como os fundamentos desta tradução, são momentos importantes que marcam os debates em torno do autor no Brasil.

Estes são os eixos centrais que o trabalho investiga. Buscou-se compreendê-los, sempre que possível, em uma dupla chave: enquanto manifestações da formação do campo adorniano e situados na história do país. Dizemos “sempre que possível”, pois nem tudo o que ocorre no interior do campo pode ser imediatamente atribuído a questões da história e sociedade na qual se inserem tais processos. Tentamos ao máximo evitar quaisquer tipos de determinismos, recorrendo, mais uma vez, às observações de Pierre Bourdieu.

Em polêmica com o método de leitura externa das obras (particularmente com os marxistas), Bourdieu chama atenção para o fato de que as chamadas determinações externas

só podem exercer-se pela intermediação das transformações da estrutura do campo resultante delas. O campo exerce um efeito de *refração* (como um prisma): portanto, apenas conhecendo as leis específicas de seu funcionamento (seu “coeficiente de refração”, isto é, seu *grau de autonomia*) é que se pode compreender as mudanças nas relações entre escritores, entre defensores de diferentes gêneros [...] ou entre diferentes concepções artísticas [...], que aparecem, por exemplo, por ocasião de uma mudança de regime político ou de uma crise econômica (“Por uma ciência das obras”, p. 61).

As questões do campo do poder, por exemplo, manifestar-se-ão em outros campos, dependendo do grau de autonomia no qual estes se encontram. Na situação específica do Brasil das décadas iniciais da recepção de Adorno, a presença da censura era um fator de interferência do campo do poder em diversos outros, inclusive o campo acadêmico. Além disso, há que se ressaltar que, embora localizada em um campo estabelecido – o

acadêmico – a introdução de novos autores gera subcampos (no caso, o adorniano), que estão em processo de consolidação do seu espaço de possíveis. Assim, ambos os fatores, a interferência direta do campo do poder na academia, bem como a formação inicial dos subcampos, permitem apontar um baixo “coeficiente de refração” do campo, ou seja, um menor grau de autonomia.

Estas concepções de Bourdieu nos são úteis, acima de tudo, para manter um controle analítico sobre o grau de condicionamento que fatores externos ao campo adorniano exercem nele. O que verificamos ao longo da pesquisa foi a influência de elementos de outros campos em momentos pontuais do desenvolvimento do campo adorniano, como na questão da arte nas primeiras produções bibliográficas sobre Adorno, na década de 1960.

Há momentos, no entanto, em que estas influências externas se conjugam com impulsos internos. É o caso da tradução da obra *Dialética do Esclarecimento*, em 1985. Por um lado, a tradução foi vista por algumas figuras do campo como importante para a compreensão do momento histórico. Por outro, pudemos detectar, através das fontes, a existência de uma demanda acadêmica que justificava a tradução integral do livro. Ou seja, há uma lógica interna ao campo que move a tradução de uma obra específica (e esta não é a única vez em que isso ocorre), mas a tradução é vista pelos próprios agentes do campo como fruto de uma determinada época, portanto, de condicionamentos externos. Há que se ressaltar aqui que, por tratarmos de um campo acadêmico das ciências humanas, é inevitável que os agentes tendam a compreender suas ações em virtude de condicionamentos sociais, históricos, etc.

Nesta pesquisa utilizamos cinco tipos de fontes. As traduções das obras de Adorno; livros, artigos, teses e dissertações sobre o pensamento do autor (e, por vezes, de outros da escola de Frankfurt); resenhas, publicadas em jornais, sobre as traduções; os programas das disciplinas de graduação e pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas da Universidade de São Paulo; e, por fim, depoimentos dos agentes do campo adorniano.

As traduções são importantes, pois permitem o acesso de um público maior à obra de qualquer autor, por dois motivos: o idioma e a produção nacional. No caso de Adorno no Brasil, esse processo tem início no final da década de 1960. Inicialmente alguns artigos e capítulos de livros são publicados (entre 1968 e 1969); apenas em 1974 a primeira obra completa do autor é traduzida (*Filosofia da nova música*, editora Perspectiva, São Paulo). As traduções de Adorno seguem uma lógica bastante particular

e localizada, variando o tema, os tradutores, os organizadores, as editoras. Um esforço sistemático e centralizado de tradução começa apenas em 2008 com a *Coleção Adorno*, da Editora UNESP.

Outro tipo de fonte utilizada nesta pesquisa são os textos sobre Adorno, aquilo que se costuma denominar “comentário”. A primeira obra deste caráter publicada no Brasil é *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin: ensaio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt* (Tempo Brasileiro, 1969) de José Guilherme Merquior (segundo alguns – Pressler, 2006, p. 66; Duarte, 2009, p. 37 – a primeira obra do mundo a tratar os membros da “escola de Frankfurt” coletivamente), e desde então diversas outras vieram à luz. Neste conjunto de fontes sobre Adorno incluem-se também prefácios, introduções, apresentações, textos que geralmente acompanham as traduções do próprio autor.

Em muitos momentos os textos de Adorno receberam uma atenção extra-acadêmica, sendo tema de artigos publicados em jornais. Assim, outra fonte útil são as resenhas dos livros de Adorno, que costumam ser redigidas por agentes relevantes do campo ou por jornalistas que incluem as avaliações deles. Utilizamos aqui textos sobre Adorno publicados nos jornais O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo desde a década de 1950.

O quarto tipo de fonte empregada nesta pesquisa foram os programas das disciplinas de graduação e pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). O arquivo da faculdade contém basicamente dois tipos destas fontes: os programas originais que os professores redigiam para serem aprovados pela direção da faculdade, e volumes impressos contendo os programas já aprovados. O objetivo inicial da pesquisa com estes documentos era encontrar os momentos iniciais da recepção de Adorno que, segundo alguns autores, seriam os cursos de metodologia em Ciências Sociais da década de 1950 (Schwarz, 2012; Maar, 2005). No entanto, os programas das décadas de 1950 e 1960, dos dois tipos descritos acima, não possuíam bibliografia, mas somente os procedimentos do curso (objetivo, conteúdos, etc.). Contando apenas com estes itens e ausente a bibliografia, não foi possível detectar qualquer presença de temas ligados à obra de Adorno nos programas destas duas décadas. Somente nos anos de 1970 os programas passaram a conter bibliografia e termos e expressões claramente ligados à Adorno e à “escola de Frankfurt”.

Não obstante tenha-se frustrado o objetivo inicial do trato com estas fontes, observou-se que havia nelas outras informações que poderiam ser úteis. Primeiro, a presença de Adorno nos programas de cursos dos anos 1970 permitiu, ainda que indiretamente, estabelecer conexões intelectuais que remontavam às décadas anteriores. Os professores que utilizavam Adorno como referência em sala de aula na década de 1970 foram orientados em seus mestrados e doutorados por professores que haviam feito o mesmo em décadas anteriores.

Segundo, através destes programas foi possível detectar a formação de demandas pela tradução de certos textos de Adorno, a partir do uso que era feito do autor nas aulas da Faculdade de Filosofia da USP. Por exemplo, a utilização de obras de Adorno e Horkheimer sobre Sociologia nos primeiros anos da década de 1970 parece estar ligada à tradução de *Temas básicos de sociologia* (Cultrix, Edusp, 1973). Este fenômeno da “demanda” se faz presente em outros momentos do campo adorniano, e parece explicar, ao menos em parte, a motivação de algumas traduções importantes.

Por fim, o último tipo de fonte à qual recorreremos nesta pesquisa foram depoimentos e entrevistas de pessoas diretamente envolvidas no campo adorniano. Buscamos relatos de alguns agentes importantes do campo sobre sua experiência com Theodor Adorno, bem como conversar com eles para obter respostas a algumas questões deixadas em aberto pelas outras fontes de pesquisa. Não poucas destas informações foram cruciais para o decorrer da pesquisa.

Em cada tipo de fonte é possível observar como se manifestam as previamente mencionadas formas de disputa por capital simbólico que permeiam toda a trajetória do campo. Por exemplo, em cada tradução de Adorno aparecem embates sobre os termos mais adequados em português que correspondam ao pensamento de um autor alemão; cada tradução reforça o vínculo do autor com uma ou mais áreas (artes, sociologia, filosofia, etc.) e com o espaço no qual as traduções foram realizadas e publicadas (cidade, editora). Os textos sobre o autor geralmente debatem as escolhas de tradução, a questão das áreas, as representações que são feitas (“elitista”, “pessimista”), etc. No trabalho com cada fonte buscou-se perceber a manifestação de cada uma destas formas.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, situamos os momentos iniciais da recepção de Adorno no Brasil (décadas de 1950 e 1970), partindo das menções de agentes do campo aos cursos de metodologia em ciências sociais da USP, passando pelas primeiras produções bibliográficas de e sobre Adorno (final dos anos 1960), até a mobilização de sua obra para compreender sociologicamente os

fenômenos da chamada “indústria cultural”. Este é propriamente o momento de fundação do campo adorniano no Brasil.

No segundo capítulo abordamos o processo de consolidação de Adorno como autor relevante à intelectualidade brasileira (1980, 1990). Discutido nas ciências sociais desde a década de 1970, na de 1980, Adorno é estabelecido como um filósofo, tendo como marco a tradução de *Dialética do Esclarecimento* (alvo de importantes embates do campo). A caracterização de Adorno consolidada no Brasil encontra-se enraizada nestas duas chaves de leitura do autor, ciências sociais e filosofia. A seguir, nos anos 1990, observamos o estabelecimento definitivo do autor, com traduções e leituras diversas, abarcando inclusive novas áreas (como a educação)

Por fim, no terceiro capítulo, a década de 2000 e os anos seguintes estarão no foco. Nos anos 2000, já existe uma especialização sobre o autor (podemos falar em “adornianos”) e é o momento em que tem início o primeiro e até então único esforço sistemático pela tradução do conjunto de sua obra, através da *Coleção Adorno* da editora da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP). Avançaremos na década de 2010 a fim de compreender o impacto desta coleção no campo adorniano.

Capítulo I – Núcleos formadores (1950-1970)

1.1. Frankfurt no Brasil

O processo de recepção da “escola de Frankfurt” no Brasil está associado a um contexto de recepção mais amplo: o do chamado “marxismo ocidental”. Desde pelo menos a década de 1950 já circulavam na intelectualidade brasileira textos de Gyorgy Lukács, Antonio Gramsci, assim como outros teoricamente próximos, como Bertold Brecht e Jean-Paul Sartre. No início da década de 1960 já havia produção brasileira sobre estes autores (Maar, 2005, p. 45).

Abordar, ainda que brevemente, a entrada de cada um deles no país é tema que transcende os limites desta dissertação. No entanto, cabe um aprofundamento com relação àqueles cuja proximidade com Adorno é maior, o grupo associado à Teoria Crítica ou “escola de Frankfurt”.

Gunter Karl Pressler, em estudo sobre a recepção da obra de Walter Benjamin no Brasil, associa a difusão internacional do autor a partir da ascensão do movimento estudantil, em meados da década de 1960 (Pressler, 2006, p. 63). O mesmo pode ser dito sobre Adorno, cuja reputação intelectual, mundialmente falando, começa a se consolidar na mesma década (Camargo, 2013, p. 2). A difusão destes autores nos anos 1960 não significa que fossem completamente desconhecidos antes disso: Camargo diz que Vamireh Chacon, um dos primeiros intelectuais brasileiros a publicar sobre Adorno, “afirma ter mencionado publicamente Theodor W. Adorno pela primeira vez em 1955” (Camargo, 2012, p. 128).

Embora fossem lidos desde a década de 1950, é somente na década seguinte que começam a surgir publicações de e sobre estes autores. Segundo Sílvio César Camargo “[é] possível afirmarmos que dois campos do conhecimento expressaram fortemente o impacto inicial do pensamento frankfurtiano: o dos estudos literários e o da comunicação” (Camargo, 2012, p. 128). O primeiro campo se manifesta ainda na década de 1960, e tem como um dos principais nomes Roberto Schwarz, figura incontestável do processo inicial de recepção de dois autores centrais ao grupo de Frankfurt no Brasil, Walter Benjamin e Theodor Adorno (Camargo, 2012, p. 138).

O segundo começa a tomar forma na virada da década de 1960 para 1970. Segundo Camargo (2013, p. 2), “o texto sobre a indústria cultural irá inaugurar um campo novo de investigações na sociologia brasileira, a sociologia da comunicação”. O texto em questão é “A Indústria Cultural. O Iluminismo como Mistificação da Massa”,

capítulo da clássica obra de Adorno e Horkheimer, *Dialektik der Aufklärung*, publicado no Brasil na coletânea *Teoria da Cultura de Massa* (Rio de Janeiro: Editora Saga, 1969), organizada por Luiz Costa Lima. Além de Lima, outro autor pioneiro para a sociologia da comunicação no Brasil será Gabriel Cohn, professor da Universidade de São Paulo, que em 1971 publica *Comunicação e Indústria Cultural*, coletânea que também contém textos de Adorno, e, em 1973, *Sociologia da Comunicação: Teoria e Ideologia*, baseada em sua tese de doutorado (Camargo, 2012, p.136).

Esta recepção da Teoria Crítica no Brasil, apoiada, por um lado na crítica literária e, por outro, na sociologia da comunicação, fica mais clara quando a situamos no momento em que o país vivia. A recepção da “escola de Frankfurt” no Brasil é atravessada por questões de ordem política e social.

O início da década de 1960 é marcado por uma ascensão da esquerda no país, interrompida no plano político pelo golpe de 1964 – embora não no plano cultural. Neste período, o Brasil “vivenciava uma ditadura marcadamente de direita com a hegemonia cultural caracteristicamente de esquerda” (França, 2015, p. 50). Neste momento havia intensa circulação entre os meios acadêmicos e culturais que envolvia cinema, teatro, literatura, música. E nesse processo se inserem as reflexões sobre estética a partir da leitura de Gramsci, Lukács, Brecht, Benjamin, Adorno.

Flávio Kothe, autor da primeira tese de doutorado produzida sobre Benjamin e Adorno no Brasil, realizou sua graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em depoimento sobre a recepção de Adorno e demais autores ligados ao Instituto de Pesquisas Sociais, revela que,

Embora eu tenha cursado, além de Letras e Direito, três anos da disciplina de Ciência Política em Ciências Sociais, os professores lá [UFRGS] não falavam da escola de Frankfurt. Alguns alunos ligados ao movimento estudantil, que em Porto Alegre começou em 1966, dois anos antes do movimento de 68 na França e na Alemanha, já procuravam ler autores como Marcuse, *O homem unidimensional*, Adorno e Benjamin. Tinha-se consciência da necessidade de desenvolver leituras que não pertenciam ao currículo habitual.³

Kothe entende que o processo de recepção dos autores da “escola de Frankfurt” no Brasil

[...] está ligado à consciência crítica desenvolvida pelo movimento estudantil e pela necessidade de estudos interdisciplinares. Fazia parte de uma frente ampla contra a ditadura militar, contra a repressão política e cultural. Além disso, a escola [de Frankfurt] servia como alternativa a uma visão dogmática

³ Entrevista concedida ao autor da dissertação, realizada por e-mail, em 30 de maio de 2017.

do marxismo e reativava o contato com pensadores como Kant e Hegel, permitia pensar pilares das artes como Proust, Baudelaire, Mahler.⁴

Olgária Matos, autora de tese sobre a “escola de Frankfurt” produzida nos anos 1980, foi aluna da graduação em Filosofia na USP, entre 1967 e 1970. Em entrevista, a professora relata

Meu primeiro contato com o pensamento de Adorno e Horkheimer foi em 1969, como aluna da professora Maria Sylvia Carvalho Franco. Li a *Dialéctica del Iluminismo* que já havia sido traduzido para o espanhol em Buenos Aires em 1969 que, como anos de ditadura, era uma maneira de poder falar de Marx e da razão mórbida e fetichista da técnica alienada à economia de mercado.

Nos anos 1967-1970, na época de minha graduação, não havia cursos sobre Adorno, os autores frankfurtianos eram muito pouco conhecidos por falta de traduções. Assim, comprávamos livros de Adorno na livraria Ler que ficava no centro da cidade, as obras de sociologia, os “Apuntes” de Horkheimer, “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica” de Benjamin, que existia em coletânea de estética com outros autores.⁵

Renato Ortiz, na obra *A moderna tradição brasileira* (Ortiz, 1991) afirma que a segunda metade dos anos 1960 é quando ocorre a recepção dos frankfurtianos no Brasil, a partir da arte e da indústria cultural, situando este fato na história do país. As décadas de 1960 e 1970 são justamente o momento em que se estabelece uma indústria cultural propriamente dita no Brasil, através da atuação econômica do Estado instituído com o golpe de 1964 (Ortiz, 1991, p. 114).

Assim, há uma tentativa dos intelectuais brasileiros de compreender a situação na qual se encontram, às voltas com essa indústria cultural que se consolida. E no rol de autores úteis para essa empreitada encontram-se os da escola de Frankfurt.

É somente em 1966 que vamos encontrar um primeiro artigo de Ferreira Gullar sobre a estética na sociedade de massa. Seguindo as reflexões da Escola de Frankfurt, o autor busca ampliar o quadro de compreensão da problemática cultural entre nós. A Revista de Civilização Brasileira publica ainda, em 1968, um artigo de Adorno e outro de Benjamin, traduzidos por Fernando Peixoto e Carlos Néelson Coutinho, e a Tempo Brasileiro um número especial sobre Comunicação e Cultura de Massa. Sugestivamente, é através da Escola de Frankfurt que a discussão sobre a sociedade e a cultura de massa se inicia nessas revistas, como se nesse momento de consolidação da indústria cultural no Brasil alguns intelectuais sentissem a necessidade de buscar outras teorias para entender melhor a realidade brasileira (Ortiz, 1991, p. 14).

Como é possível notar, há uma linha interpretativa comum àqueles que se dispuseram a compreender o fenômeno da recepção da “escola de Frankfurt” no Brasil. Estes diferentes autores são lidos a partir das décadas de 1950 e 1960 principalmente

⁴ Idem.

⁵ Entrevista concedida ao autor da dissertação, realizada por e-mail, em 22 de junho de 2017.

como fontes de reflexão sobre um leque de temas próximos: arte, literatura, comunicação, indústria cultural. É esse, particularmente, o caso de Walter Benjamin e Theodor Adorno. A leitura de Marcuse destoa ligeiramente estando mais orientada para a questão político-ideológica (França, 2015, p. 55, 56), e afastada do ambiente acadêmico (Camargo, 2012, p. 133).

Estas leituras distintas estão relacionadas ao contexto internacional de recepção dos autores de Frankfurt. A segunda metade dos anos 1960 é o momento em que Marcuse se aproxima dos movimentos de esquerda estadunidenses, a ponto de ser considerado algo como o “guru de 68” (Lima; Santos, 2016, p. 11)⁶. Paralelamente, as relações entre Adorno e o movimento estudantil alemão desgastavam-se, confluindo no famoso (embora mal discutido) episódio da ocupação estudantil do Instituto de Pesquisas Sociais, quando Adorno chamou a polícia⁷. Destes desgastes tem origem as concepções sobre Adorno enquanto um autor que, recluso em sua torre de marfim (ou “Grande Hotel Abismo”, nas palavras de Lukács) da pura teoria, rechaça a práxis revolucionária tornando-se, portanto, um conservador (Lima; Santos, 2016).

No Brasil, a recepção de Adorno foi afetada por estas marcas que lhe eram atribuídas na Europa. Rótulos como “pessimista” estão presentes desde a formação do campo adorniano, e continuam sendo transmitidas desde então. Ainda assim, houve autores que realizaram sua interpretação para além destas pechas. De maneira geral é possível afirmar que a leitura dos chamados “frankfurtianos” no Brasil levava em conta uma associação entre Estado autoritário de direita e a ascensão da indústria cultural, elementos que se combinavam enquanto princípios de dominação⁸:

Assim como nos anos 1940 a barbárie de *Auschwitz* foi para Adorno e Horkheimer um, entre outros, dos aspectos a evidenciar o limiar da racionalidade instrumental, também no Brasil, sob a brutalidade da ditadura, o processo de dominação da natureza se espalhou aos âmbitos menos evidentes, e mais duradouros, de uma subjetividade reticentemente conduzida ao ofuscamento. (Camargo, 2013, p. 4)

⁶ *One-dimensional Man* vendeu 300 mil cópias em sua primeira edição estadunidense (Lima; Santos, 2016, p. 49).

⁷ Para um maior aprofundamento nesta questão, apenas superficialmente discutida na bibliografia disponível em português, cf. Lima; Santos, 2016.

⁸ Camargo (2012b, p. 137) afirma que “a dominação é também o grande tema da obra de Adorno”, conceito central na obra de Gabriel Cohn.

Havia algo do destino dos frankfurtianos na intelectualidade brasileira: basta lembrar que, como aqueles, muitos intelectuais exilaram-se após o Ato Institucional número 5, em 1968, dentre eles, Roberto Schwarz.

Essa relação entre política e intelectualidade não poderia deixar de afetar as próprias leituras dos autores aqui tratados. Em outras palavras, no interior do então nascente campo adorniano havia distintas posições políticas, expressas em diferentes espaços, como as revistas *Civilização Brasileira* e *Tempo Brasileiro*.

Silvio César Camargo afirma que a revista *Civilização Brasileira*, publicada no Rio de Janeiro entre 1965 e 1968, “representa um marco no processo de recepção da teoria crítica no Brasil” (Camargo, 2013, p. 2) ao publicar textos de Marcuse, Benjamin e Adorno, em diferentes edições em 1968. Esta revista consistiu em um pólo de reestruturação da esquerda no pós-1964 (Czajka, 2010, p. 95), tornando-se o “principal veículo de publicação de intelectuais de esquerda no período” (Camargo, *idem*, p. 2). Nela foi publicado o primeiro texto traduzido de Adorno no Brasil: “Moda sem tempo: jazz” (na edição de número 18, março/abril de 1968).

Por outro lado, há a editora *Tempo Brasileiro*, também do Rio de Janeiro, que desde 1962 publica revista de mesmo nome. Esta revista possui como princípios o nacionalismo e o liberalismo (Camargo, 1997, p. 6, 8), estando, assim, em campo político distinto de *Civilização Brasileira*. A editora *Tempo Brasileiro* publicou algumas das primeiras obras ligadas aos frankfurtianos no Brasil: *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin: ensaio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt* (1969), de José Guilherme Merquior, e *Humanismo e comunicação de massa* (1970), de Vamireh Chacon, esta última voltada principalmente para Adorno. Embora pioneiras, estas obras foram bastante criticadas pelos intelectuais do campo adorniano, particularmente a primeira, como será discutido mais adiante nesta dissertação.

O que estava em jogo não era apenas a interpretação sobre a obra dos autores de Frankfurt: a leitura destes era condicionada pelo ambiente político, claramente expresso, por exemplo, nas posições assumidas pelas revistas *Civilização Brasileira* e *Tempo Brasileiro*. As obras publicadas no período também expressavam estas tomadas de posição no ambiente intelectual ao colocarem os autores sob determinados prismas, atribuindo-lhes certos significados. É notório, por exemplo, a polarização que Merquior estabelece entre Benjamin e Adorno, respectivamente como “otimista” e “pessimista” – ecoando os debates que ocorriam na Europa, na mesma época. No período em questão (passagem de 1960 para 1970), atribuir a Adorno a pecha de “pessimista” era rotular

também os estudos sobre sociologia da comunicação que começavam a tomar forma no Brasil, em parte animados pela teoria da indústria cultural do frankfurtiano. Assim, um autor alinhado com a ditadura crítica, através de sua leitura de Adorno, uma corrente de interpretação sobre a indústria da cultura que se desenvolvia no Brasil em estreito contato com o governo iniciado no golpe de 1964.

Estas disputas não se restringiam às publicações do Rio de Janeiro. Em São Paulo constituiu-se um núcleo de autores importantes, como os já mencionados Roberto Schwarz e Gabriel Cohn. No entanto, enquanto no Rio de Janeiro a recepção dos frankfurtianos estava ligada principalmente a questões políticas – mesmo através dos debates teóricos – em São Paulo este processo assumia faceta um pouco distinta, mais associada ao ambiente acadêmico. No trecho a seguir, Roberto Schwarz expressa este caráter:

Que eu saiba, [em 1960] Adorno era desconhecido como crítico e filósofo, pois não estava traduzido e a sua influência na Alemanha estava apenas no começo. Mas no curso de ciências sociais da USP ele era uma referência em métodos e técnicas de pesquisa sociológica, por ser coautor de *The authoritarian personality*, um catatau coletivo sobre os tipos de personalidade propensa ao fascismo. Na faculdade, na época, uma ala progressista de professores de sociologia lutava para conjugar a pesquisa empírica – questionários, estatística, manuais americanos e tudo mais – à reflexão teórica exigente e à crítica de esquerda, o que não era fácil e para o que não havia modelos. De modo que a conjunção de debate metodológico, marxismo camuflado, psicanálise, parafernália de pesquisa social e questões de financiamento encontrada no *Authoritarian personality* – que era orientado por Horkheimer, patrocinado pelo American Jewish Committee, além de empregar um batalhão de judeus mais ou menos freudo-marxistas, refugiados do nazismo – não podia cair melhor. Era um exemplo de sofisticação e da possibilidade de escapar à trivialidade da sociologia americana corrente. Noutras palavras, os acasos da atualização bibliográfica e a força das afinidades eletivas faziam com que algo da melhor reflexão dialética da Alemanha dos anos 1920, filtrado pelas condições intelectuais impostas pelo anticomunismo nos Estados Unidos, se casasse meio no escuro às aspirações teóricas e políticas suscitadas pelo desenvolvimentismo brasileiro no final dos anos 1950. (Schwarz, 2012, p. 44, 45).

Este depoimento deixa entrever que, em São Paulo, desenvolveu-se outra forma de recepção de Adorno: a *Authoritarian Personality* funcionou como fonte de reflexão científica nas ciências sociais. No entanto, é importante ressaltar que nesse espaço as questões políticas também tiveram seu peso, pois o embate metodológico era atravessado por um posicionamento crítico, de esquerda.

O testemunho de Schwarz é interessante, pois permite observar como a recepção de Adorno no Brasil não está ligada apenas aos temas mais tradicionalmente associados aos primórdios da escola de Frankfurt no país, estética e comunicação. Ao que tudo

indica, há um processo de leitura de Adorno que corre em paralelo às demais apropriações dos frankfurtianos no Brasil. E o espaço central no qual esse processo se desenvolve é o curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo.

1.2. Adorno nas ciências sociais da USP (1970)

O uso de Adorno como autor referencial para métodos de pesquisa permanece além da década de 1950, e começa a ser perceptível por outras fontes quando, na década de 1970, os programas das disciplinas dos cursos de graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP passam a incluir bibliografias. No entanto, os programas das disciplinas dos anos 1970 não fazem qualquer menção à obra *The Authoritarian Personality*. A utilização de Adorno como autor referente em pesquisa sociológica aparece com outros textos do autor e principalmente em disciplinas de Sociologia oferecidas para outros departamentos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e de outras unidades. Assim, é possível afirmar que houve uma alteração na forma como Adorno era utilizado nas aulas da Sociologia da USP: se sua introdução ali se faz através das questões de método, com o tempo será utilizado para debates sobre teoria sociológica, especialmente como introdução para os alunos de outros departamentos.

A partir de 1971 diferentes disciplinas do curso de Ciências Sociais tem na sua bibliografia alguma obra de Adorno ligada à Sociologia, especialmente *La Sociedad - Lecciones de Sociologia* (Editorial Proteo: Buenos Aires, 1969; tradução para o espanhol de *Soziologische Exkurse*, Frankfurt: Europäische Verlagsanstalt 1956) e *Sociologica* (Taurus Ediciones: Madrid, 1969; tradução para o espanhol de *Sociologica, II*), ambas escritas em conjunto com Horkheimer. A publicação de *Temas básicos de sociologia* (tradução brasileira de *Soziologische Exkurse*) em 1973, por uma parceria entre a Editora Cultrix e a Editora da USP, parece estar ligada ao atendimento de uma demanda por leitura de textos sociológicos de Adorno em português, uma demanda que surge nas aulas da própria USP.

É de 1971 o programa de uma disciplina ministrada por José de Souza Martins⁹, “Sociologia” (ou “Introdução à Sociologia”; há dois programas com o mesmo conteúdo e diferentes títulos, mas com o mesmo código, FLS 501). Esta disciplina era voltada

⁹ Professor da USP desde 1965, José de Souza Martins concluiu seu mestrado em 1966 (sob orientação de Florestan Fernandes) e doutorado em 1970 (sob orientação de Luiz Pereira).

para os estudantes dos departamentos de Geografia e História, da FFLCH, do Instituto de Psicologia e da Faculdade de Educação. Segundo o currículo da Plataforma Lattes, José de Souza Martins lecionou a disciplina “Introdução à Sociologia”, que aqui tratamos, desde 1965. No programa de “Sociologia” há uma lista de “Encarregados dos seminários”, pessoas que, como veremos, serão professores da mesma disciplina em outros cursos da universidade.

A disciplina tinha como objetivo introduzir os alunos ao estudo da Sociologia a partir de quatro eixos: a relação entre sujeito-objeto; as correntes sociológicas; conceitos básicos; e as características principais da sociedade moderna. Na bibliografia constam nomes como Raymond Aron, Roger Bastide, Émile Durkheim, Florestan Fernandes, Erich Fromm (outro autor vinculado à escola de Frankfurt), Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Henri Lefebvre, Karl Mannheim, Karl Marx, Edgard Morin, Ferdinand Tönnies, Max Weber. Ao lado de nomes consolidados na sociologia nacional e internacional, figuram Max Horkheimer e Theodor Adorno, com a já mencionada obra *La Sociedad – Lecciones de sociologia*. Se, segundo Roberto Schwarz, Adorno era um autor conhecido nos anos 1950 pelo seu trabalho metodológico, talvez possamos dizer que vinte anos depois era um autor *estabelecido* nessa área.

Ainda em 1971 constam programas de disciplinas similares (“Sociologia”/“Introdução à Sociologia”; ambas sob a sigla FLS 502) voltadas exclusivamente para o curso de Filosofia da FFLCH. Para cada disciplina consta um professor diferente. Para “Introdução à Sociologia”, aparece como docente José César Aprilanti Gnaccarini¹⁰; já o professor de “Sociologia” era José Rodrigues Barbosa¹¹. Esta disciplina era similar em estrutura à ministrada por José de Souza Martins; a bibliografia, idêntica, inclusive o texto de Adorno (*La Sociedad*). A diferença de “Introdução à Sociologia” é maior, com estrutura e bibliografia bastante distinta. O texto de Adorno utilizado também é diferente: “Sobre [sic] estática e dinâmica como categorias sociológicas”, da obra *Sociologia*.

Com o passar dos anos, a disciplina “Sociologia”/“Introdução à Sociologia” foi desmembrada para funcionar como uma matéria específica para cada área que estava direcionada. Assim, diferentes professores passam a lecionar a disciplina para cursos específicos, além do já mencionado caso da Filosofia. A partir do programa de 1973, a disciplina “Sociologia” (FLS 502) passa a ser ministrada especificamente na Faculdade

¹⁰ À época, mestre em sociologia pela USP (onde também realizaria seu doutorado, em 1973).

¹¹ Mestre em Sociologia em 1972 (sob orientação de Leôncio Martins Rodrigues).

de Educação da USP pelas professoras Irene Arruda Ribeiro Cardoso¹² e Jessita M. N. Moutinho¹³. Vale ressaltar que ambas apareciam no programa de “Sociologia” de 1971, ministrada por José de Souza Martins, na lista de “Encarregados dos seminários”.

Dentre os programas de 1974 há disciplinas de sociologia voltadas especificamente para os cursos de Geografia e História. Ambas constam como “Introdução à Sociologia” (FLS 501) e tem seus programas idênticos. Na bibliografia figura, de Adorno, o já mencionado *La Sociedad*. Interessante notar que, nestas disciplinas, aparece na bibliografia também *Comunicação e Indústria Cultural* (Companhia Editora Nacional, Edusp; 1971), coletânea organizada por Gabriel Cohn, que será discutida mais adiante.

Nestas diferentes disciplinas, constam duas duplas de professoras, sendo as quatro integrantes da lista de “Encarregados dos seminários” na disciplina de 1971, ministrada por José de Souza Martins. Na “Introdução à Sociologia” direcionada para Geografia, as professoras eram Heloisa Rodrigues Fernandes¹⁴ e Maria Helena Oliva Augusto¹⁵. Na mesma disciplina “Introdução à Sociologia”, voltada para os alunos do curso de História, constam como docentes Maria Célia P. Machado Paoli¹⁶ e Maria Thereza Pacheco Mendes¹⁷.

Observando os nomes que compõe o quadro docente responsável pela disciplina “Sociologia”/“Introdução à Sociologia” ao longo dos anos 1970, nota-se que praticamente todos tiveram como professor orientador Luiz Pereira (ou José de Souza Martins, que fora orientado por ele). Voltado à pesquisa de sociologia do trabalho, talvez Luiz Pereira fosse parte da “ala progressista” de professores de que nos fala Schwarz: professores da sociologia da USP que buscavam integrar métodos de pesquisa

¹² Irene Arruda Ribeiro Cardoso graduou-se em psicologia pela USP em 1967, especializando-se em sociologia na mesma universidade, dois anos depois. À época da disciplina que aqui tratamos, cursava seu doutorado em sociologia (concluído em 1980) sob a orientação de Luís Pereira (é assim que o nome aparece no Lattes da professora).

¹³ Jessita Maria Nogueira Moutinho concluiu seu mestrado em Sociologia em 1974, sob orientação de José de Souza Martins.

¹⁴ Heloisa Rodrigues Fernandes graduou-se em sociologia na USP (1968), onde também realizou seu mestrado, em 1970 (sob orientação de Luiz Pereira).

¹⁵ Maria Helena Oliva Augusto graduou-se em ciências sociais na Universidade Federal do Paraná (1966) e especializou-se em sociologia na USP (1968). À época que ministrou a disciplina de que tratamos, cursava seu mestrado na mesma instituição (concluído em 1976), sob orientação de Luiz Pereira.

¹⁶ Maria Célia Pinheiro Machado Paoli graduou-se em ciências sociais na Universidade Federal do Paraná. Realizou seu mestrado em sociologia na USP (concluído em 1972) sob a orientação de José de Souza Martins.

¹⁷ Sobre Maria Thereza Pacheco Mendes não foi possível obter informações.

empírica com reflexão teórica e crítica de esquerda¹⁸. Fato é que este professor foi responsável por formar uma geração de mestres e doutores, que mantiveram a tradição de incluir Adorno no rol de reflexões sociológicas na década de 1970. Nenhum destes nomes permaneceu como integrante do campo adorniano brasileiro, mas fizeram parte do processo de recepção do autor, na sociologia.

No entanto, há um orientando de Luiz Pereira que atuou em praticamente todo o processo de constituição do campo adorniano do Brasil. Trata-se de Gabriel Cohn¹⁹. Nos programas dos cursos de sociologia da USP de 1971, Gabriel Cohn aparece como “instrutor” de uma disciplina chamada “Teoria Sociológica”. Esta disciplina, optativa, tinha como objetivo complementar a formação dos estudantes de sociologia do terceiro e quarto anos da graduação, atualizando-os com relação a diferentes correntes teóricas. Na bibliografia, o texto de Adorno (e Horkheimer) é *Sociológica*.

Nesta disciplina, aprovada no ano de seu doutoramento, Cohn ainda aparece como professor vinculado à questão da teoria sociológica. Contudo, sua pesquisa de doutorado *Cultura e Comunicação de Massa* aponta para outro caminho de pesquisa, aquele que irá trilhar como sociólogo e participe na formação do campo adorniano. Mas antes de avançar mais no papel de Cohn no campo adorniano no Brasil, é importante mencionar ainda outras disciplinas do curso de ciências sociais da USP que possuem Adorno como referência. Estas disciplinas estão mais próximas da área na qual Adorno será traduzido no Brasil: arte e comunicação.

Dentre as disciplinas do ano de 1971 consta “Participação e representação nas sociedades complexas”, ministrada por Ruth Correa Leite Cardoso²⁰. A disciplina, como o próprio nome indica, pretendia discutir a participação na sociedade urbana, incluindo aí os processos de comunicação de massa. Na bibliografia do curso consta o texto de Adorno *Television y cultura de massas* [sic] (Córdoba: Edocar, 1966; tradução de *Television and Patterns of Mass Culture*).

No ano de 1973 é aprovado o programa de “Sociologia da comunicação de massa”, a ser ministrada pelo professor Álvaro de Aquino e Silva Gullo²¹. Conforme indica o nome da disciplina, tratava-se de discutir a comunicação social (linguagem,

¹⁸ No início da década de 1980, Luiz Pereira doou uma edição em dois volumes da obra *The Authoritarian Personality* (Nova Iorque: Science Editions, 1964) para a Biblioteca Florestan Fernandes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

¹⁹ Graduado pela USP em ciências sociais (1964) onde também fez seu mestrado (1967) sob orientação de Octavio Ianni, e doutorado (1971) sob orientação de Luiz Pereira.

²⁰ Mestre em ciências sociais pela USP (1959, sob orientação de Florestan Fernandes), à época da disciplina produzia seu doutorado (concluído em 1972), sob orientação de Eunice Ribeiro Durham.

²¹ À época, mestre em sociologia (1972) sob orientação da professora Aparecida Joly Gouveia.

interação) e de massa (propaganda, “mass media”). Apesar de não haver referências a Adorno na bibliografia, chama atenção a presença de duas coletâneas que contém textos do autor: *Comunicação e Indústria Cultural* (Cia. Editora Nacional e Edusp, 1971), organizada por Gabriel Cohn (os textos de Theodor Adorno, "A indústria cultural" e "Televisão, consciência e indústria cultural"); e *Teoria da Cultura de Massa* (Editora Saga, 1969), organizada por Luiz Costa Lima (de Adorno, “A Indústria Cultural. O Iluminismo como Mistificação da Massa”).

Este é o momento em que são introduzidos textos de Adorno traduzidos para o português nas disciplinas de ciências sociais da USP. Nos anos posteriores a 1973, a disciplina “Sociologia da comunicação de massa” continua com os textos mencionados acima em sua bibliografia. Em 1975, consta o programa de “Introdução à sociologia” (FLS 500), ministrada por Luis Pereira (esta é a grafia do programa). O programa é muito similar àquele de 1971. Dentre as poucas diferenças, inclui-se, na bibliografia, a coletânea *Comunicação e Indústria Cultural*, de Gabriel Cohn.

Como é possível notar, em meados da década de 1970, começa a surgir nos programas uma aproximação das ciências sociais com aqueles temas normalmente associados à escola de Frankfurt no Brasil: arte e comunicação. Esta aproximação cria uma conexão entre dois movimentos paralelos do campo adorniano então em construção no país: por um lado, a leitura de Adorno como autor referente em teoria sociológica, que, como vimos, se desenrolava, com algumas modificações, pelo menos desde a década de 1950; por outro, a publicação de textos de e sobre Adorno, voltados à arte e à comunicação. Apresentado o primeiro destes movimentos, cabe agora adentrar ao outro, essencial: as primeiras publicações envolvendo Adorno no Brasil.

1.3. Publicações (1960-1970)

1.3.1. “Moda sem tempo: jazz” (1968)

O primeiro texto de Adorno no Brasil é “Moda sem tempo: jazz”, traduzido por Amélia Coutinho²², e publicado na Revista Civilização Brasileira (número 18, março/abril de 1968). É importante ressaltar que se trata de uma publicação realizada no

²² Sobre Amélia Coutinho, a tradutora do texto, poucas informações foram obtidas. Sabemos apenas que ela também traduziu *Diário de uma secreta simetria: Sabina Spielrein entre Jung e Freud* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984) e capítulos de *História do marxismo IX: o marxismo na época da terceira internacional: problemas da cultura e da ideologia* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987), volume organizado por Eric Hobsbawm. Nestas duas traduções, ela aparece como Amélia Rosa Coutinho.

Rio de Janeiro, assim nossa análise sobre a formação do campo adorniano no Brasil deve passar a levar em conta os diferentes espaços de recepção do autor. Os momentos iniciais da recepção de Adorno no Brasil ocorrem entre as cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, e, em cada uma, com características mais ou menos específicas.

Conforme dito anteriormente, a recepção de Adorno no Rio de Janeiro possui como marca uma aproximação maior com as questões políticas. Não é por acaso, por exemplo, que a primeira tradução do autor no Brasil ocorra em uma revista de conteúdo marcadamente marxista, mas que polemizava com as posições do marxismo hegemônico de então, associado ao Partido Comunista Brasileiro e, por extensão, à União Soviética (Czajka, 2010, p. 107).

A Revista Civilização Brasileira foi fundada em 1965 no intuito de funcionar como um pólo de rearticulação da esquerda no período posterior ao golpe de 1964 (Czajka, 2010), mas teve duração efêmera: foi encerrada em 1968 através de inúmeros mecanismos de pressão oriundos do Ato Institucional número 5. Os estudos sobre ela atribuem duas fases à sua história: uma, entre 1965 e 1966, onde havia um compromisso maior com o pensamento progressista formulado no Brasil nos anos anteriores; a segunda, de 1967 até o fechamento da revista em 1968, marcado por uma revisão crítica desse pensamento e pela introdução de novas temáticas.

Para além das polêmicas em torno dessa divisão (cf. Czajka, 2010, p. 109-114), é importante ressaltar que a revista publicará, ao longo da sua existência, autores como Gramsci, Sartre, Lucien Goldmann, Lukács, Eric Fromm, Marcuse, Benjamin, Adorno (Czajka, 2010, p.114), funcionando, assim, como parte do processo de recepção do chamado “marxismo ocidental” no Brasil. E, com diferentes autores, são abordadas diferentes temáticas. O primeiro texto de Theodor Adorno traduzido no Brasil é um texto sobre jazz, portanto sobre arte, estética.

O texto de Adorno “Moda sem Tempo: sobre o Jazz” possui uma breve apresentação, que, apesar da dimensão, possui elementos importantes para nossa análise:

Professor de filosofia e sociologia da Universidade de Frankfurt, Alemanha Ocidental. Profundamente influenciado pelo marxismo, Adorno dedicou uma importante parte de sua obra à análise da indústria cultural e de seus efeitos mistificadores. Suas obras mais importantes são: *Dialética do Iluminismo* (em colaboração com Max Horkheimer), *Minima Moralia*, *Filosofia da Música Moderna*, *Notas de Literatura* e *Prismas* (de onde é extraído o presente ensaio). (Adorno, 1968, p. 185)

“Moda sem Tempo: sobre o Jazz” foi escrito e publicado originalmente em 1953, na revista *Merkur*. Posteriormente, foi incluído no livro *Prismas: crítica cultural e sociedade* (*Prismen: Kulturkritik und Gesellschaft*, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1955), que só seria integralmente traduzido no Brasil em 1998. A edição da Revista Civilização Brasileira não diz a partir de qual língua o texto foi traduzido. Mas as notas de rodapé são praticamente idênticas às da tradução em espanhol *Prismas: la crítica de la cultura y la sociedad* (Barcelona: Ediciones Ariel, 1962). A única diferença é a nota 2 (página 192 da versão da Revista Civilização Brasileira; nota 1 da página 134 da Ediciones Ariel), que é uma versão resumida da edição em espanhol.

A tradução da obra de Adorno no Brasil será um dos espaços privilegiados onde ocorrem as disputas pelo capital simbólico do autor. Algumas expressões serão particularmente polêmicas nesse sentido. Assim, é importante apontar as escolhas feitas já na primeira tradução brasileira do autor, de forma a começarmos a compreender como o campo se constitui em torno destas polêmicas.

Na lista de “obras mais importantes” de Adorno presente nesta apresentação da Revista Civilização Brasileira, há duas opções de tradução distintas daquelas adotadas quando os livros foram integralmente traduzidos no Brasil. O que na apresentação aparece como “Filosofia da música moderna” foi traduzido como “Filosofia da nova música” (publicada no Brasil em 1974; será tratada com mais detalhes adiante). O outro título de livro é “Dialética do Iluminismo” que foi traduzido integralmente como “Dialética do Esclarecimento” (em 1985). No entanto, como veremos, o termo “Iluminismo” como tradução do alemão “Aufklärung” foi consenso desde as primeiras publicações envolvendo Adorno no Brasil. Somente quando a obra integral foi publicada, outra opção foi posta em prática. Esta questão será discutida ao longo desta dissertação. A tradução de “Moda sem Tempo: sobre o Jazz” não possui qualquer comentário relativo à tradução deste ou de outros termos utilizados pelo autor.

Por fim, outra questão presente na apresentação da Revista Civilização Brasileira ao texto de Adorno, é a noção de que o autor foi “profundamente influenciado pelo marxismo”. Aparentemente reluta-se em filiar o autor ao pensamento marxista, ao não rotulá-lo como tal. Ser “profundamente influenciado” por algo, não é o mesmo que ser adepto deste algo. Essa forma de colocar a questão possivelmente se deve ao momento político do país, e a situação da Revista Civilização Brasileira, vigiada de perto pela ditadura militar (Czaja, 2010).

A primeira tradução de Adorno no Brasil é importante, pois funciona como um elemento de síntese do contexto: publicado em uma revista de esquerda, marxista – sem que isso fosse-lhe diretamente atribuído –, com um texto sobre arte. Adorno chega ao Brasil como parte do “marxismo ocidental”, mas mais próximo à questão da estética do que da política, embora ambas, naquele momento histórico, estivessem absolutamente indissociáveis.

1.3.2. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin (1969)*

O final da década de 1960 é um marco no campo adorniano não apenas pelas primeiras traduções do autor, mas porque também é nesse momento que se publica a primeira obra *sobre* o autor. Trata-se do livro de José Guilherme Merquior, *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin: ensaio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969). Conforme dito anteriormente, este livro é o primeiro de que se tem notícia a tratar autores da chamada escola de Frankfurt em conjunto, antecedendo o clássico estudo de Martin Jay, *A Imaginação Dialética* em alguns anos (Pressler, 2006, p. 66; Duarte, 2009, p. 37). Na obra, Merquior esmiúça o pensamento de Marcuse, Adorno e Benjamin tendo como fio condutor a questão estética, através da qual atravessa diversos outros aspectos do pensamento dos três frankfurtianos, detendo-se particularmente em suas análises sobre literatura.

Com formação ampla e variada (filosofia, direito, letras, sociologia) e carreira como escritor, crítico literário, diplomata, José Guilherme Merquior está localizado no setor à direita do então em formação campo adorniano. O seu livro foi publicado pela editora Tempo Brasileiro que, conforme visto, em sua revista identificava-se como liberal e nacionalista. Merquior foi um autor de perfil conservador, alinhado com o pensamento liberal, e que chegou a apoiar a ditadura militar (Duarte, 2009, p. 38). Segundo Rodrigo Duarte,

O fato de que a primeira apropriação deste avançadíssimo instrumental teórico para a crítica do existente foi realizada por um conservador como Merquior não deixa de ter consequências para a recepção em geral da teoria crítica no Brasil. E certamente resulta visível a presença de alguns aspectos da interpretação de Merquior em numerosos livros e artigos sobre a Escola de Frankfurt também de autores de orientação esquerdista que apareceram no Brasil ao longo desse tempo. (Duarte, 2009, p. 38)

Estas consequências de que fala Duarte são o que nos interessa principalmente. Buscaremos observar as impressões de Merquior sobre a obra de Adorno e atentar ao

modo como elas prosseguem através de outros autores ao longo da história do campo adorniano.

Wolfgang Leo Maar define Merquior como um “notório antimarxista, especializado na crítica do marxismo ocidental” (Maar, 2005, p. 46). Aparentemente esse é o fundamento que move a aproximação que Merquior realiza dos autores de Frankfurt com o idealismo alemão, ao defini-los como “neohegelianos”, afastando-os do materialismo marxista caro à esquerda brasileira dos anos 1960. Tratando de Marcuse, Merquior afirma que a crítica ao nazismo levou o frankfurtiano a revalorizar elementos do pensamento burguês – o que, por consequência, o afastaria de Marx enquanto crítico deste pensamento – caminho que o levou a Hegel (Duarte, 2009, p. 38). Da dialética deste, emergiria o “pensamento negativo” tão marcante entre os frankfurtianos.

O livro de Merquior já começa a polemizar com os frankfurtianos antes mesmo do texto propriamente dito. A epígrafe do livro é uma citação de Heidegger, que diz “Nenhuma época se deixa afastar por uma simples negação: a negação elimina apenas o negador” (Merquior, 1969, n.p.). Aqui Merquior claramente lança a citação de Heidegger contra aquilo que ele próprio considera como o núcleo do pensamento frankfurtiano, o “pensamento negativo” (Merquior, 1969, p. 21).

De maneira geral pode-se dizer que o livro de Merquior estabelece uma grande polarização entre Marcuse e Adorno, e Walter Benjamin. Merquior diz que Walter Benjamin é comparativamente “o mais rico do ponto de vista teórico” e que sua obra funciona como uma “correção” ao idealismo de Adorno (Merquior, 1969, p. 96). Ainda sobre esse último, afirma que seu “pensamento negativo” encontra-se “divorciado da práxis” (Merquior, 1969, p. 48). A impressão é de que se trata de autores marcados por um pessimismo inócuo²³, em oposição a um Benjamin fértil, com ideias produtivas – um *otimista*:

O procedimento para apropriar-se de Benjamin como um moderno trágico (...) e denunciar Adorno como um terrorista antimoderno da arte ou da ‘ruptura’, exagerado até a caricatura por Merquior, representa um modelo de recepção conservadora da teoria crítica com efeitos no Brasil até hoje. (Duarte, 2009, p. 44, 45)

A epígrafe de Heidegger presente na abertura do livro aparentemente se destina, antes de qualquer outro, a Adorno.

²³ “Representar agressivamente a sinistra in-significação da realidade sem a luz de um novo mundo, eis a base do projeto crítico-artístico de Adorno” (Merquior, 2009, p. 84).

Por fim, cabe ressaltar que Merquior realizou seu estudo em momento em que não havia traduções disponíveis, utilizando, portanto outras línguas (alemão, inglês). Dessa forma, foi obrigado a traduzir por conta própria termos dos textos originais que ainda não possuíam correspondência no Brasil. Dentre as escolhas que fez, ressaltamos a opção pelo termo “Iluminismo” como tradução da palavra alemã *Aufklärung*. Esta palavra é central na produção de Adorno, mas principalmente na obra escrita em parceria com Horkheimer, *Dialektik der Aufklärung* (redigida em 1944, publicada em 1947). Considerada uma das mais importantes de Adorno, a obra foi concebida e realizada durante o período em que o Instituto de Pesquisas Sociais se encontrava nos EUA, a partir da iniciativa de Horkheimer. Trata-se de uma espécie de história da racionalidade ocidental, desde o seu surgimento a partir dos mitos, até a sua reversão como elemento de dominação do homem sobre si mesmo e sobre a natureza. Merquior mostra seu entendimento sobre este termo ao traduzi-lo como “Iluminismo”, procedimento que será seguido por tradutores e autores ainda durante um bom tempo.

Como é possível notar, a obra de Merquior representa um marco importante no campo adorniano do Brasil, por diversos motivos. Será, por anos, obra incontornável, sobre a qual haverá embates (vide, por exemplo, o texto de Rodrigo Duarte aqui citado diversas vezes, voltado exclusivamente para a obra de Merquior, publicado quarenta anos depois desta). Como diz Duarte, algumas das interpretações de Merquior sobre Adorno, bem como suas escolhas de tradução, afetarão decisivamente o campo.

1.3.3. Teoria da cultura de massa (1969)

Ainda no ano de 1969 aparecem traduções de Adorno em duas coletâneas diferentes, *Teoria da cultura de massa* (editora Saga, Rio de Janeiro), organizada por Luiz Costa Lima e *Sociologia da arte, IV* (editora Zahar, Rio de Janeiro), organizada por Gilberto Velho.

Teoria da cultura de massa, nas palavras de Luiz Costa Lima,

reproduz de modo quase integral o curso de Sociologia da Comunicação de Massa oferecido pelo Departamento de Sociologia e Política da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro durante o ano letivo de 1969. (Lima, 1969, p. 1)

Estamos, portanto, diante de uma obra que condensa debates sobre comunicação realizados na sociologia da PUC-Rio, o que leva Theodor Adorno para um espaço acadêmico diferente do qual vínhamos tratando até agora, a Universidade de São Paulo. Aparentemente, este dado reforça o fato de que a introdução de Adorno na USP se deu

por outras vias do que pela da comunicação, arte, etc. A tradução de Adorno nestas áreas seguiria, assim, um caminho independente, que se realiza em outros espaços acadêmicos.

Luiz Costa Lima graduou-se em direito na Universidade Federal de Pernambuco (1959). Durante o ano em que lecionou a disciplina “Sociologia da Comunicação de Massa” e publicou o livro que aqui tratamos, realizava seu doutorado em letras pela USP (concluído em 1972), sob a orientação de Antonio Candido de Mello e Souza. Percebe-se, desta forma, como esta universidade funcionou como importante pólo para o desenvolvimento do campo adorniano. Apesar disso, não deixa de ser importante o fato de as primeiras traduções de Adorno envolverem intelectuais com formação e atuação profissional em outras universidades – Luiz Costa Lima é professor da PUC-Rio desde 1965 e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro desde 1987. Os eixos de tradução de Adorno no Brasil serão basicamente o Rio de Janeiro e São Paulo, com uma constante circulação de ideias entre ambas as cidades.

A coletânea *Teoria da cultura de massa* conta com onze capítulos, cada qual de um autor diferente, precedidos de um “comentário”, do próprio Luiz Costa Lima, além de uma “introdução geral”, do mesmo. Dos autores da escola de Frankfurt, constam textos de Adorno e Horkheimer (“A indústria cultural. O iluminismo como mistificação de massa”), Walter Benjamin (“A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica”) e Herbert Marcuse (“A arte na sociedade unidimensional”).

O texto de Adorno e Horkheimer é na verdade um dos capítulos da obra *Dialética do Iluminismo (Dialektik der Aufklärung)*. No capítulo traduzido, o conceito “indústria cultural” é utilizado como contraposição à noção de “cultura de massas”, como forma de definir o fenômeno da cultura em uma sociedade massificada, invertendo esta noção ao mostrar que, na verdade, a cultura não parte espontaneamente das massas, mas é produzida comercialmente *para* elas.

No “Comentário” sobre o texto, Luiz Costa Lima fornece uma visão geral da obra de Adorno e, especificamente, da *Dialética do Iluminismo*, analisando o que entende como as etapas do Iluminismo expostas no livro. Aparentemente, Luiz Costa Lima está em diálogo com a obra de José Guilherme Merquior sobre a escola de Frankfurt, ao denominar o conjunto destes autores como “escola *hegeliana* de Frankfurt” (grifo nosso), expressão sobre a qual não fornece explicações. O balanço final do texto de Adorno e Horkheimer também aparenta situar-se no espaço de compreensão de Merquior: “Momento áureo do pensamento do século XX, o texto de

Horkheimer-Adorno o será pelo menos enquanto não aprendermos a freqüentar a saída que, no esforço de buscá-la, terminaram por, em definitivo, bloquear” (Lima, 1969, p.158). Vemos formar-se no início da constituição do campo adorniano no Brasil, a perspectiva de que o autor não indica saídas para os problemas que aponta na sociedade contemporânea. Esta perspectiva encontrará eco em outros momentos.

A tradução que integra a coletânea de Luiz Costa Lima ficou a cargo de Júlia Elisabeth Levy, com revisão do próprio Lima e de Otto Maria Carpeaux. Sobre a tradutora não foi possível obter informações. Aparentemente sua produção se restringe a esse texto de Adorno. Otto Maria Carpeaux, por outro lado, é figura conhecida na intelectualidade brasileira. Nascido na Áustria, imigrou para o Brasil em 1939, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Doutor em letras e filosofia, dedicou-se, no Brasil, principalmente à primeira área, publicando uma série de textos. Segundo as “Notas para a segunda edição” de *Teoria da cultura de massas*, Carpeaux era amigo de Luiz Costa Lima, e ofereceu-se para corrigir a tradução de Adorno, feita a partir do original em alemão (Lima, 1990, p. 11).

Esta tradução reforça um procedimento que já se fazia presente no campo adorniano então em formação: a tradução do termo alemão *Aufklärung* como “Iluminismo”. Tanto no “Comentário” de Luiz Costa Lima – onde o termo é utilizado para se referir ao processo da reversão do “Iluminismo” em dominação e ao momento histórico do século XVIII – quanto no texto de Adorno e Horkheimer propriamente dito, a escolha de tradução é sempre “Iluminismo”. Conforme visto até aqui, este era o consenso do momento (é o termo utilizado na tradução de “Moda sem Tempo: Jazz” e na obra de Merquior) e assim continuará, até a tradução de *Dialektik der Aufklärung*.

1.3.4. Sociologia da Arte, IV (1969)

A outra coletânea de textos de 1969 que inclui Adorno é *Sociologia da Arte, IV*, organizada por Gilberto Velho. O livro é o quarto volume de uma coleção que vinha sendo publicada desde 1966, com o objetivo de “permitir aos leitores um instrumental útil no acesso aos problemas artísticos e especificamente a uma Sociologia da Arte” (Velho, 1969, p. 9). No quarto volume constam os textos “A obra de arte no tempo de suas técnicas de reprodução”, de Walter Benjamin; “Moda sem tempo. Sobre o ‘jazz’”, de Theodor Adorno; e “Um estudo sociológico sobre o teatro de Genet”, de Lucien Goldmann.

O organizador da coleção, Gilberto Velho, graduou-se em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1968). À época da publicação do volume quatro, realizava seu mestrado em antropologia social na mesma instituição (concluído em 1970), sob orientação de Shelton H. Davis. Posteriormente iria cursar seu doutorado (1973-1975) na USP, sob orientação de Ruth Correa Leite Cardoso, que, como vimos, utilizava texto de Theodor Adorno na bibliografia de sua disciplina sobre comunicação de massa. Gilberto Velho, outro agente do campo adorniano em formação, também passa pela USP, centro da recepção do autor frankfurtiano no Brasil. Os caminhos de Adorno entre Rio de Janeiro e São Paulo se entrecruzam.

Na “Introdução” ao volume quatro de *Sociologia da Arte*, Gilberto Velho elenca os motivos pelos quais Adorno está presente no livro. Define o texto de Adorno como “uma das críticas mais severas e inclementes à chamada ‘cultura de massas’”, tomando o cuidado de não se vincular às observações do frankfurtiano sobre o jazz. Para Velho, “o que mais atrai nesse trabalho é a denúncia incisiva dos mecanismos da ‘cultura de massas’”, e o define como polêmico. Aqui aparece outra faceta constitutiva do campo adorniano no Brasil: há certa resistência sobre os juízos de Adorno acerca do jazz e da música popular em geral, embora se considere a importância do autor como crítico da “cultura de massas”.

A tradução do texto é de Sérgio Flaksman, e foi realizada a partir da edição de *Prismas: la critica de la cultura y la sociedad* (Ediciones Ariel, Barcelona, 1962), que por sua vez foi traduzida do original em alemão. Sérgio Flaksman é tradutor desde 1966, e trabalhou na publicação de diversos romances, obras científicas e enciclopédias. O texto “Moda sem tempo” é o único que traduziu de Theodor Adorno.

1.3.5. Humanismo e comunicação de massa (1970)

Em 1970, vem à luz outra obra contendo não apenas tradução de Adorno, mas diversos textos sobre o autor. Trata-se de *Humanismo e comunicação de massa* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro), coletânea organizada, apresentada e traduzida por Vamireh Chacon²⁴.

²⁴ À época da publicação da coletânea, Chacon já possuía vasta titulação acadêmica. Graduou-se em Direito (Universidade Federal de Pernambuco) e Filosofia (Universidade Católica de Pernambuco), no ano de 1956. Na mesma UFPE doutorou-se em Direito (1959) e realizou sua livre-docência (1961), após cursar pós-doutorado na University of Chicago (1960). Lecionava na UFPE (onde ficou até 1975) quando *Humanismo e comunicação de massa* foi publicado.

Na apresentação do livro, Chacon explica que o objetivo ali é apresentar a posição de Adorno diante da oposição entre Cultura e Civilização, afirmando que não é o momento de tratar da filosofia do autor, e que sua estética já fora “muito bem” explicada por José Guilherme Merquior (Chacon, 1970, p. 32). Esta menção a Merquior não é por acaso: além de ser a única obra disponível em português que tratava do pensamento de Adorno (além de Marcuse e Benjamin), ela foi publicada pela mesma editora que a de Chacon – Tempo Brasileiro, conforme visto anteriormente, o espaço de articulação de certa visão conservadora, no campo intelectual mais amplo, e também no adorniano, em formação.

A apresentação de *Humanismo e comunicação de massa* intitula-se “A Tragédia de Frankfurt: da Sociologia à Filosofia da Cultura, numa Sociedade Massificada”. Aqui, o termo “tragédia” aparece com a sua conotação literária, e pretende ser uma metáfora da trajetória do Instituto de Pesquisas Sociais, ou, antes, daqueles que Chacon coloca como seus principais representantes, Walter Benjamin, Max Horkheimer e Theodor Adorno. Em consonância com a metáfora trágica, Chacon designou para cada autor paralelos na mitologia grega. Benjamin foi equiparado a Tirésias, o mais importante adivinho grego. Embora cego, recebeu da deusa Atena o dom da adivinhação e um bastão que o guiasse infalivelmente. Aparentemente, o paralelo se deve à figura de Benjamin como uma espécie de antecessor clarividente dos frankfurtianos (especialmente Adorno), que o autor chama de “inquietos profetas” (Chacon, 1970, p. 15). Os paralelos mitológicos continuam através dos gêmeos Castor e Pólux, chamados Dióscuros. Chacon invoca uma espécie de tradição de “fraternidade espiritual” na cultura alemã, que inclui “os irmãos Grimm, Schlegel e Mann, a Goethe e Schiller, e não só Marx e Engels” (Chacon, 1970, p. 18). A tradição dos “gêmeos” continua com Horkheimer e Adorno.

Para Adorno especificamente, Chacon atribui outra figura mitológica: Proteu. Divindade marinha, Proteu tinha duas habilidades especiais: o dom da adivinhação e a capacidade de se transformar em qualquer animal ou elemento da natureza. Esta última habilidade era particularmente importante, pois permitia a Proteu disfarçar-se e assim esquivar das constantes tentativas de ser consultado sobre o futuro: “não gostava de responder aos mortais que o procuravam” (Guimarães, 1983, p. 266). O Adorno de Vamireh Chacon aparece, assim, como uma figura capaz de apontar o futuro, como Benjamin, mas que se negava a fazê-lo, ao contrário deste. Essa caracterização evoca algo de um intelectual recluso, imagem derivada de certa forma das próprias concepções

de Adorno – que defendia o “não comprometimento” (*nicht Mitmachen*) dos intelectuais. Esta postura de distanciamento possuirá certo paralelismo em alguns agentes do campo adorniano, uma espécie de afinidade eletiva com o autor de Frankfurt.

A apresentação de Chacon aponta diversos elementos importantes para compreender a formação do campo adorniano no Brasil. Além das metáforas mitológicas, que já são de certa forma tomadas de posição, o autor também se coloca frente algumas questões que se faziam presentes no incipiente campo. A primeira a ser tratada aqui é a forma como é possível localizar o pensamento frankfurtiano no interior de tradições anteriores. Chacon afirma que definições como “marxista”, “neo-hegeliana de esquerda”, ou os dois “paradoxalmente”, foram algumas das formas de rotular este conjunto de autores. No entanto, para Chacon trata-se de um “Hegelianismo quase anárquico, mais descendentes de Schopenhauer e Nietzsche do que dos jovens hegelianos, atacados por Marx n’A *Sagrada Família*. Nisto residem a grandeza e a miséria de Frankfurt” (Chacon, 1970, p. 14). Apesar dessa aproximação com Hegel, Chacon afirma que Horkheimer o considerava “insuficientemente desmistificante”, também sendo repellido por Adorno. O texto de Chacon associa estes autores muito mais à Schopenhauer (caso de Horkheimer) e Nietzsche (caso de Adorno) do que à dialética hegeliana ou mesmo marxista.

A tragédia de Frankfurt consiste, segundo Chacon, em uma contradição entre ansiar por um futuro utópico e contemplar a miséria do presente – referenciados respectivamente, na tradição hegeliana e no pensamento de Schopenhauer e Nietzsche – , entre criar uma alternativa diante de sua impossibilidade (Chacon, 1970, p. 22). A tragédia também se faz presente na postura dos intelectuais que pretendem criticar a sociedade na qual vivem: “Eis a maior contradição não só de Adorno e Horkheimer, quanto de toda a escola” (Chacon, 1970, p. 31). Chacon, no entanto, encontra mérito nessa situação, especialmente em Adorno, pois ela “aprofunda as raízes da tragédia” ao reconhecer (particularmente na *Minima Moralia*) as limitações do intelectual diante do mundo que tenta compreender (e modificar). Diante disso, Adorno teria rumado para certa forma de utopia através da música. Mas, no espírito trágico frankfurtiano, não deixa de apontar os limites do processo que ele próprio indicaria como redentor. Essa postura, “Para alguns puristas da Sociologia da Arte [...], significava tornar ainda mais vulnerável a Música, ao denunciar as investidas contra ela, sem apontar, como sempre, o remédio” (Chacon, 1970, p. 32). Apesar de se distinguir deste juízo, Chacon, com sua noção da escola de Frankfurt como uma tragédia, não está distante da construção que

vinha sendo feita no campo adorniano sobre o caráter “pessimista” de alguns destes autores. Não é à toa, por exemplo, que mencione as críticas a Adorno como autor “que não aponta o remédio”, enquanto define Benjamin como portador de um “otimismo anárquico” (Chacon, 1970, p. 17). Na própria metáfora mitológica discutida acima já se encontram esses elementos: a Benjamin equipara-se o mais conhecido adivinho grego; a Adorno, aquele que se nega a revelar o futuro. Como se vê, a oposição Benjamin-otimista e Adorno-pessimista presente desde José Guilherme Merquior ganhava cada vez mais respaldo no campo adorniano.

Vamireh Chacon, como outros tradutores, também entende *Aufklärung* como “Iluminismo”, e define o termo, conforme empregado na *Dialektik der Aufklärung*, como “Racionalismo antimítico”. O autor fornece pistas para compreendermos o porquê desta escolha de tradução, ao afirmar que, segundo a obra dos “Dióscuros” frankfurtianos, o Iluminismo teria caído em um “suicídio totalitário”, particularmente a partir do século XVII e da “filosofia da Ilustração” (Chacon, 1970, p. 26). Aqui encontra-se uma distinção entre “Iluminismo” enquanto o processo mais amplo, e a “Ilustração”, como a corrente filosófica que emerge no século XVIII, embora esta faça parte daquele. É possível que tal concepção já se encontrasse nos outros autores e tradutores que entenderam *Aufklärung* como “Iluminismo”, embora até 1970 seja apenas aqui que ela é formulada mais claramente.

Outra obra mencionada por Chacon, ainda que mais brevemente, importante à nossa análise, é a *Authoritarian Personality*. O autor mostra uma espécie de fio condutor que liga os *Studies in Prejudice*, realizados por Adorno e Horkheimer nos Estados Unidos, à *Authoritarian Personality*, organizada por Adorno. Tratando do primeiro livro, Chacon elogia a “aproximação diante da síntese ideal” entre métodos sociométricos e qualitativos de pesquisa. Nesta obra, “Horkheimer definira o tipo autoritário como uma nova espécie antropológica”, tipologia a qual Adorno desenvolveu na *Authoritarian Personality*. Esta, Chacon define como “ainda hoje um clássico não só de sociologia integrada (empírica-qualitativa), como também de Psicologia Social no mesmo sentido” (Chacon, 1970, p. 29). Aparentemente Chacon estava em sintonia com alguns dos professores da sociologia da USP sobre o significado da obra organizada por Adorno como referencial metodológico de ciências sociais.

Humanismo e Comunicação de Massa é composto, além da apresentação de Chacon, por alguns textos que, à exceção do de Walter Benjamin e o de Adorno e Horkheimer, tratam da vida e obra de Adorno. O capítulo deste autor, intitulado

“Excertos”, consiste na seleção de algumas das “Notas e esboços”, último capítulo da *Dialektik der Aufklärung* (o texto foi traduzido a partir da primeira edição da *Dialektik der Aufklärung*, Amsterdã: Querido Verlag, 1947). São, ao todo, oito das vinte e quatro que compõem o capítulo da obra original (sem contar os “Adendos” de algumas). Os excertos selecionados por Chacon podem ser compreendidos como situando-se no espaço entre os dois elementos que compõem o título da obra, “humanismo” e “comunicação de massa”. São textos de filosofia social, cujos temas oscilam entre a barbárie fascista e a indústria cultural (aliás, pouco distintas, para Adorno). Com isso fica claro o título do livro, que visa apresentar ao leitor certo panorama do pensamento de Adorno, através de textos seus e de outros autores (como Habermas). A coletânea de Chacon pode ser considerada a primeira obra exclusivamente (ou majoritariamente) voltada para a obra de Adorno.

1.3.6. Comunicação e indústria cultural (1971)

Anteriormente foi dito que Gabriel Cohn seria um dos principais agentes do campo adorniano no Brasil. Até aqui, as únicas menções feitas à sua atuação foram com relação à docência na sociologia da USP, e a organização de um livro contendo textos de Adorno. Cabe agora tratarmos mais detalhadamente desta última questão.

Em 1971 é publicado o livro *Comunicação e Indústria Cultural. Leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e “cultura de massa” nessa sociedade* (São Paulo: Editora Companhia Nacional; Editora da Universidade de São Paulo). A obra faz parte da série “Biblioteca Universitária”, dirigida por Florestan Fernandes. O objetivo do livro, segundo a “Introdução Geral” de Gabriel Cohn, é fornecer uma visão global do tema da comunicação e ao mesmo tempo oferecer um complemento bibliográfico ao que já vinha sendo publicado nesta área, no Brasil.

Já no subtítulo do livro é possível perceber o que entendemos como uma influência do pensamento de Adorno: a expressão “cultura de massa” entre aspas, em contraste com Indústria Cultural – sem aspas, ao lado de “Comunicação”, no título – corroboram a perspectiva de Adorno, presente no texto “A indústria cultural”, que se encontra na parte quatro do livro. No texto, definido por Cohn na “Introdução Geral” como “um clássico” (Cohn, 1971, p. 17), Adorno explica que ele e Horkheimer formularam a expressão *indústria cultural* exatamente com o objetivo de se contrapor à noção de “cultura de massas” – que definiria as manifestações culturais

espontaneamente surgidas nas massas populares. Com *indústria cultural*, Adorno e Horkheimer buscavam mostrar que se tratava do oposto: existe uma fabricação de bens culturais que é imposta à massa, e que se utiliza de um suposto gosto desta – na verdade, já pré-fabricado pela própria indústria cultural – como argumento para sua existência (Adorno, 1971, p. 287). A presença de indústria cultural no título confere ao conceito um maior peso, enquanto “cultura de massas” entre aspas no subtítulo, transmite a ideia de que se trata de algo a ser levado em conta apenas enquanto parte dos debates sobre comunicação.

Este texto de Adorno foi traduzido diretamente do alemão, em confronto com uma edição francesa. A tradução ficou a cargo de Amélia Cohn. Graduada em ciências sociais (1967) pela Universidade de São Paulo, à época da publicação de “A indústria cultural”, Amélia Cohn realizava seu mestrado na mesma universidade, sob orientação de Luiz Pereira (concluído em 1972). Novamente temos aqui a presença do professor da sociologia da USP Luiz Pereira ligado a agentes do campo adorniano no Brasil. O outro texto de Adorno presente na coletânea é “Televisão, consciência e indústria cultural”, traduzido do alemão por Gabriel Cohn. É importante ressaltar aqui que Gabriel Cohn é o primeiro autor especializado na obra de Adorno a traduzir textos dele. Este procedimento se tornaria rotineiro com o desenvolvimento do campo (o próprio Cohn voltaria a fazê-lo), a ponto de se tornar hegemônico.

No texto “A indústria cultural”, observamos mais um exemplo de uma opção de tradução que vinha sendo adotada no campo adorniano no Brasil:

O efeito de conjunto da indústria cultural é o de uma antidesmistificação, a de um antiiluminismo (anti-*Aufklärung*); nela, como Horkheimer e eu dissemos, a desmistificação, a *Aufklärung*, a saber a dominação técnica progressiva, se transforma em engodo das massas, isto é, em meio de tolher a sua consciência (Adorno, 1971, p. 295).

Trata-se da já diversas vezes mencionada opção por traduzir *Aufklärung* como “iluminismo”. Mas neste trecho de Adorno, além desta opção por tradução, há outra que podemos considerar que se torna um espaço de disputa por capital simbólico quando da tradução da obra integral, em 1985. A tradutora Amélia Cohn, e o organizador Gabriel Cohn, por extensão, adotam a expressão “engodo das massas” para traduzir o original *Massenbetrug*. Esse é o termo que consta no título do capítulo original que introduz o conceito de indústria cultural na *Dialektik der Aufklärung*. O título completo do capítulo é “Kulturindustrie – Aufklärung als Massenbetrug”. Como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo, a opção adotada pelo tradutor Guido Antonio de

Almeida foi “A Indústria Cultural: o Esclarecimento como Mistificação das Massas”. Até 1971, ano da publicação de *Comunicação e Indústria Cultural*, no entanto, estas diferentes interpretações ainda não existiam. Havia uma espécie de consenso silencioso nas traduções.

1.3.7. *Notas de Literatura* (1973)

Se 1970 é a data de publicação de um livro centrado em Adorno (a obra de Vamireh Chacon, analisada anteriormente), 1973 é o ano em que é publicado um que contém traduções de textos somente deste autor. Trata-se de *Notas de Literatura* (Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro). O livro é composto de cinco capítulos, em cujas traduções se revezaram Celeste Aida Galeão²⁵ e Idalina Azevedo da Silva²⁶. A tradução é baseada no original em alemão *Noten zur Literatur III* (Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1965), embora não corresponda integralmente a esta obra. As *Noten zur Literatur III* são compostas por nove capítulos. Na apresentação do livro em português (ver adiante) afirma-se de que se trata de uma “seleção de ensaios”.

O livro faz parte de uma coleção intitulada “Biblioteca Tempo Universitário”, que tem como mote “A coletânea reclamada pelas necessidades atuais da universidade brasileira”. Este dado é importante, pois nos mostra como o mercado editorial estava atento ao processo de introdução dos frankfurtianos no Brasil, a ponto de incluí-los em suas opções de publicação. Dentre os diversos autores presentes na coleção estão Heidegger, Foucault, Sartre, Lévi-Strauss, Marcuse, além de José Guilherme Merquior com sua obra sobre Marcuse, Adorno e Benjamin. No caso específico de *Notas de Literatura*, no entanto, detectamos a sua menção em bibliografias das disciplinas da FFLCH, somente no ano de 1975 (em Estética I, disciplina do curso de Filosofia), em uma versão em espanhol.

Além da coleção “Biblioteca Tempo Universitário”, *Notas de Literatura* também faz parte da série *Estudos Alemães* da editora Tempo Brasileiro. São vários os coordenadores desta série. Dentre eles, Vamireh Chacon, já envolvido

²⁵ Sobre Celeste Aída Galeão não foi possível obter muitas informações. Sabe-se apenas que era, à época, professora da Universidade Federal da Bahia, e havia traduzido *Conceitos fundamentais da poética* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969) de Emil Steiger.

²⁶ Idalina Azevedo da Silva licenciou-se (1964) e bacharelou-se (1966) em Letras Anglo Germânicas pela Universidade Federal da Bahia. À época da publicação de *Notas de Literatura*, cursava o mestrado em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro sob orientação de Eduardo Portella (concluído em 1975). Desde 1971 é professora da UFRJ.

bibliograficamente com Adorno, e Eduardo Portella²⁷ (que também dirige a coleção “Biblioteca Tempo Universitário”). Vale ressaltar que a editora Tempo Brasileiro representava o pólo direitista do campo adorniano, em seus momentos iniciais.

Notas de Literatura tem uma apresentação do autor e da obra intitulada “Adorno, arte e sociedade” na orelha do livro. Não há qualquer menção à autoria da apresentação. Nela, lemos que “Theodor W. Adorno é dos mais prestigiosos representantes da chamada Escola neo-hegeliana de Frankfurt, cujas teses e textos foram lançados pioneiramente no Brasil por *Tempo Brasileiro*” (Adorno, 1973, orelha). Considerando o anonimato do autor e o formato da apresentação, é difícil distinguir até que ponto a menção à mesma expressão utilizada por Merquior para representar os frankfurtianos (“Escola neo-hegeliana”) é um reforço à tese deste ou mera propaganda da editora – de qualquer forma, acaba-se tendo as duas como consequência. No parágrafo seguinte aparece outra expressão utilizada por Merquior em seu livro, “pensamento negativo”.

Outro termo que aparece na apresentação e que reforça certa tradição presente no campo adorniano, é a tradução de *Aufklärung* como iluminismo. A expressão aparece tanto na tradução do título do livro (“Dialética do iluminismo”), quanto no momento em que se diz que a crítica de Adorno se baseia, além do “pensamento negativo”, no trabalho “com a ferramenta *iluminista*” (Adorno, 1973, orelha).

1.3.8. Temas básicos de sociologia (1973)

Anteriormente, quando da discussão sobre algumas obras de Adorno utilizadas nos cursos de Sociologia da USP na década de 1970, vimos que a obra *Soziologische Exkurse*, organizada por Horkheimer e Adorno, recebeu uma tradução no Brasil, ainda na mesma década. Em 1973, uma parceria entre a editora Cultrix e a editora da Universidade de São Paulo publica *Temas básicos da sociologia*, traduzida diretamente do original alemão (*Soziologische Exkurse – Nach Vortragen und Diskussionen*. Frankfurt: Europäische Verlagsanstalt, 1956) por Álvaro Cabral²⁸. A participação da

²⁷ Portella tem graduação em Ciências Jurídicas e Ciências Sociais (1955) pela Universidade Federal de Pernambuco, e doutorado em Letras (1970) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desde 1962 é diretor da revista Tempo Brasileiro.

²⁸ Nascido em Lisboa, graduou-se em Ciências Históricas e Filosóficas pela Universidade Clássica de Lisboa. Posteriormente realizou pós graduações nas universidades de Londres e Heidelberg. No Brasil, atuou como tradutor de dezenas de obras, abordando temas como filosofia, psicologia, psicanálise e literatura. Alguns exemplos de obras traduzidas antes desta edição de Adorno e Horkheimer são *Psicopatologia da vida cotidiana* de Freud (Rio de Janeiro: Zahar, 1964); *A crise da psicanálise*, de Erich Fromm (Rio de Janeiro: Zahar, 1971); *A sociologia do romance*, de Lucien Goldmann (Rio de Janeiro:

editora da USP nesta publicação parece indicar que havia a necessidade de atender certas demandas bibliográficas dos cursos da universidade.

Temas básicos de sociologia, conforme Horkheimer e Adorno explicam no prefácio do livro, é fruto de um trabalho coletivo realizado pelos membros do Instituto de Pesquisas Sociais, no início dos anos 1950. Os textos são baseados em manuscritos redigidos para diversos fins, desde conferências de rádio até publicações do Instituto (Horkheimer; Adorno, 1973, p.7-9). Apesar de evidenciarem o trabalho coletivo do Instituto na obra, Horkheimer e Adorno assinam-na como organizadores. Com relação ao conteúdo, o livro está dividido em duas partes, sendo a primeira uma exposição de alguns conceitos importantes à sociologia (sociedade, indivíduo, grupo, massa, civilização e cultura, além da própria ideia de sociologia), enquanto a segunda apresenta algumas possibilidades de pesquisa concreta (sociologia da arte e da música; da família; preconceito; etc.), todos temas ligados a projetos do Instituto de Pesquisas Sociais.

A orelha do livro não apresenta autoria, mas possui comentários a serem levados em conta na nossa análise.

Quem tenha alguma familiaridade com as linhas de força do pensamento contemporâneo, notadamente na área das ciências sociais e da filosofia, não desconhece o papel de relevo desempenhado pela chamada “escola de Frankfurt” no sentido de recuperar a vitalidade dialética de uma visão crítica que os fazedores de dogmas quase haviam condenado ao imobilismo (Horkheimer; Adorno, 1973, orelha).

Chamam atenção neste trecho, duas questões. A primeira é, em 1973, uma publicação envolvendo autores da escola de Frankfurt tratá-los com tamanha magnitude. Embora não houvesse um volume tão grande de publicações destes autores no Brasil (traduções ou livros sobre seu pensamento), já existia a tendência de enxergar a sua importância no âmbito das ciências humanas. Considerando a raridade dos escritos até então, é de se supor que os autores já circulavam a mais tempo (vimos que, no caso de Adorno, desde os anos 1950), para terem um papel tão destacado atribuído já nos primeiros anos de 1970.

O segundo ponto importante deste trecho é aquilo que compreendemos como uma menção indireta ao marxismo, na frase “recuperar a vitalidade dialética de uma visão crítica que os fazedores de dogmas quase haviam condenado ao imobilismo”. Aparentemente trata-se de uma crítica velada a certo marxismo, então hegemônico, não só no Brasil como no mundo, ligado aos partidos comunistas e à União Soviética. A

Paz e Terra, 1967); *Eros e civilização*, de Herbert Marcuse (Rio de Janeiro: Zahar, 1968), para ficarmos apenas em algumas obras mais próximas do trabalho dos frankfurtianos.

referência indireta pode dever-se às circunstâncias políticas da época – as intervenções da ditadura militar na universidade –, embora, clara o suficiente para os envolvidos nos debates sobre o marxismo. O esforço de “recuperar a vitalidade dialética” deste pensamento coincidia, como dito anteriormente, com o projeto mais amplo de recepção de vários autores do país, dentre os quais, os da escola de Frankfurt.

1.3.9. *Filosofia da Nova Música (1974)*

Conforme visto até aqui, as leituras de Adorno realizadas no Brasil centravam-se basicamente nas temáticas da arte e da comunicação. No entanto, a maior parte do que fora produzido entre os anos 1960 e 1970 com ou sobre Adorno na questão da arte, voltava-se para a literatura. De fato, este era um tema sobre o qual Adorno escreveu muito (basta considerar, por exemplo, os quatro volumes das *Notas de Literatura*). No entanto, a dedicação de Adorno com relação à música foi maior. Como se sabe, Adorno foi muito próximo dos compositores da vanguarda vienense do início do século XX, centrados em torno de Arnold Schoenberg, sendo, inclusive, aluno de um dos seus principais discípulos, Alban Berg. Embora tenha abandonado a carreira como compositor (não deixando, contudo, de compor) em direção à filosofia e sociologia, Adorno jamais abandonou a relação com a música, pelo contrário. Boa parte da sua produção centra-se em compreendê-la em relação com a filosofia e a sociologia. Nesse sentido, Adorno escreveu a obra *Filosofia da nova música*, definida por ele mesmo como “uma digressão à *Dialektik der Aufklaerung*” (Adorno, 2009, p.11).

No Brasil, como vimos, já havia sido traduzido o texto “Moda sem tempo: sobre o jazz”, em duas ocasiões, texto que expunha muitas das concepções de Adorno com relação àquilo que se convencionou chamar “música popular” (ou “música ligeira”, como preferia Adorno). Embora a “música popular” tenha sido tema sobre o qual Adorno tratou diversas vezes, também não são poucos os trabalhos do autor com relação à “música erudita” (ou “música séria”, segundo o autor). No Brasil, a primeira tradução do frankfurtiano tratando deste tema é de 1974, e consiste justamente na supracitada *Filosofia da nova música* (São Paulo: Perspectiva). Esta também é a primeira tradução integral de um livro de Adorno no Brasil (se considerarmos que *Notas de Literatura III* consiste em uma seleção dentre os capítulos do original).

Filosofia da nova música é um estudo que contrapõe, desde os títulos dos capítulos, os compositores Arnold Schoenberg e Igor Stravinski, respectivamente remetidos à “progresso” e “restauração”. Em suma, a obra trata dos debates no interior

da “música séria”, ainda vividos sobre o impacto do modernismo das primeiras décadas do século XX.

A tradução da versão brasileira ficou a cargo de Magda França. Não foram encontradas informações sobre a tradutora anteriores à publicação de *Filosofia da nova música* – posteriormente, Magda França aparece como tradutora de diversas obras – o que nos leva a concluir que este foi um de seus primeiros trabalhos na área. A obra foi traduzida diretamente do alemão (*Philosophie der neuen Musik*, Frankfurt: Europäische Verlagsanstalt GmbH, 1958). A opção utilizada como tradução do título difere daquela mencionada na apresentação ao texto “Moda sem tempo: sobre o jazz”, da Revista Civilização Brasileira: “Filosofia da música moderna”. Embora o tema de Adorno seja, de fato, a música “moderna” (ou “modernista”), a opção “nova música” corresponde mais diretamente ao alemão “*neuen Musik*”. Além disso, nesta edição de *Filosofia da nova música* adotou-se o procedimento de não traduzir certos termos – polêmicos – de Adorno. Assim, em diversos momentos do livro aparece a expressão *Aufklaerung*, em alemão, utilizada por Adorno no sentido pretendido na *Dialektik der Aufklärung*.

Conforme dito anteriormente, o processo inicial de recepção de Adorno no Brasil não se concentrou nos debates do autor com relação à música. No entanto, com o tempo foi-se avolumando a produção nacional em torno dessa questão. Atesta-se, nesse sentido, os diversos artigos publicados nos jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo, a partir de 1976, por Nogueira Moutinho, João Marcos Coelho e Enio Squeff que mencionam Adorno nos debates sobre música erudita. A proximidade das datas da publicação de *Filosofia da nova música* e do início da menção de Adorno nestes artigos parece apontar para uma importância da obra na apresentação de Adorno a autores nacionais. Uma análise mais detida da presença de Adorno nestes debates, contudo, é tema que extrapola esta dissertação.

1.3.10. Os Pensadores (1975)

É possível perceber o crescimento da importância de Adorno e dos autores da escola de Frankfurt como um todo, entre outras maneiras, conforme o volume de traduções vai aumentando. Desde as primeiras – textos incluídos entre outros em coletâneas – até as primeiras traduções de obras completas, nota-se uma intensificação da presença frankfurtiana nas linhas editoriais. Nesse sentido é possível compreender a publicação, em 1975, de um volume da coleção “Os Pensadores” dedicado exclusivamente à escola de Frankfurt.

Iniciativa da editora Abril Cultural, os livros da coleção “Os Pensadores” são até hoje obras de referência, utilizadas continuamente como bibliografia de cursos universitários, por exemplo. As primeiras edições da coleção continham vários textos em um mesmo volume, fossem de um único autor ou de autores diferentes. Quando da publicação do volume voltado para a escola de Frankfurt, a coleção já contava com textos de Platão, Xenofonte e Aristófanes; Thomas More e Erasmo de Roterdã; Michel de Montaigne; Voltaire; Espinoza; Sartre e Heidegger; Descartes; Comte; Weber, entre diversos outros, publicados desde 1972.

O volume da escola de Frankfurt publicado em 1975 inclui escritos de Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor Adorno e Jürgen Habermas. De Adorno, são três textos exclusivamente seus (“O fetichismo na música e a regressão da audição”; “Conferência sobre lírica e sociedade” e “Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã”), mais um escrito em parceria com Horkheimer (“Conceito de Iluminismo”). Esta edição de “Os Pensadores” mobilizou uma grande quantidade de intelectuais. Para alguns esta foi uma das poucas participações no campo adorniano; para outros foi apenas o início de uma longa atuação nele.

A seleção dos textos ficou a cargo de Željko Loparić²⁹ (textos de Horkheimer, Adorno e Habermas) e Otília B. Fiori Arantes³⁰ (Benjamin e textos de Adorno sobre estética). As edições de “Os Pensadores” possuem introduções que apresentam a vida e a obra dos autores que compõem os volumes. No caso da edição da escola de Frankfurt, o consultor da introdução foi Paulo Eduardo Arantes³¹.

²⁹ Željko Loparić nasceu na Croácia e se transferiu ao Brasil no final dos anos 1960. Graduou-se em Filologia na Universidade de Zagreb (1962), em Filosofia e Teologia na Universidade de Louvain, onde também realizou seu mestrado em Filosofia (concluído em 1965). Também estudou Filosofia na Universidade de Freiburg (1966), e na Universidade de Heidelberg (1969). No Brasil, graduou-se em Matemática na Universidade Federal da Paraíba (1972), onde lecionou entre 1969 e 1973. À época da publicação do volume de “Os Pensadores” sobre os frankfurtianos, Loparić era professor da Universidade de São Paulo (onde ficou até 1977, transferindo-se, nesse ano, para a Universidade Estadual de Campinas).

³⁰ Otília Beatriz Fiori Arantes graduou-se em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1961), onde também realizou especialização em licenciatura na mesma área (1962). Em 1964 concluiu especialização em Estética e Ciência da Arte na Universidade Paris 1 Pantheon-Sorbonne. Na Universidade de São Paulo realizou mestrado em Filosofia (concluído em 1968) com orientação de Gilda de Mello e Souza. De volta à Paris 1, doutorou-se em Filosofia, em 1972. Entre 1966 e 1970 foi professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Desde 1967 é professora da USP.

³¹ Graduado em Filosofia pela USP (1967) e com doutorado na Universidade Paris X, Nanterre (1971), Paulo Arantes é professor da USP desde 1968. Sua tese de doutorado *Hegel: a ordem do tempo* (publicada em São Paulo: Polis, 1981), tornou-se rapidamente referência sobre o tema, aparecendo nos programas de disciplinas do curso de Filosofia da FFLCH-USP ainda na década de 1970 (como veremos no próximo capítulo).

Através da formação acadêmica dos responsáveis pela edição de “Os Pensadores” da escola de Frankfurt, podemos observar o início da consolidação de um fenômeno que se tornará cada vez mais recorrente no campo adorniano: o predomínio de filósofos. Embora haja formados em Filosofia dentre os primeiros intelectuais envolvidos na publicação dos primeiros textos de Adorno (como Merquior e Chacon), esta ainda não era uma área na qual os frankfurtianos eram plenamente associados, no Brasil. Conforme vimos até aqui, as publicações de e sobre Adorno tratavam principalmente de questões sobre comunicação (na sociologia) e estética (especialmente literatura). Ao longo da década de 1970 cresce a participação de filósofos no campo adorniano, e a edição de “Os Pensadores” é um marco nesse sentido.

Mas esta presença de filósofos não se restringe à organização dos textos e da introdução. Também as traduções foram realizadas exclusivamente por intelectuais com formação filosófica. E todas as traduções foram realizadas diretamente a partir dos textos originais em alemão.

“O fetichismo na música e a regressão da audição” foi traduzido por Luiz João Baraúna³² e revisto por João Marcos Coelho³³. Os textos “Conferência sobre lírica e sociedade” e “Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã” foram traduzidos por Wolfgang Leo Maar³⁴. Maar começa sua atuação no campo adorniano com esta tradução, e será figura marcante nele, como veremos nos próximos capítulos. Por fim, o último texto, “Conceito de Iluminismo”, foi traduzido pelo organizador Željko Loparić e por Andréa Maria Altino de Campos Loparić³⁵.

Analisando os textos de Adorno, observamos que esta edição realiza uma certa inflexão no movimento que suas traduções vinham tomando. A ênfase é filosofia e estética. Não há, por exemplo, nenhum texto sobre comunicação ou tema correlato. Isso

³² Sobre Luiz João Baraúna não foi possível obter muitas informações, exceto que graduou-se em Filosofia em 1951, e foi tradutor de diversos textos da coleção “Os Pensadores” (Isaac Newton, Leibniz, Adam Smith, Jeremy Bentham e Stuart Mill, entre outros).

³³ João Marcos Coelho é jornalista (não se obteve informações sobre o(s) local(is) de sua formação), tendo escrito artigos sobre crítica musical nos jornais Folha e Estado de São Paulo, além da Revista Veja, entre as décadas de 1970 e 1980. Como vimos na análise de *Filosofia da nova música*, em alguns destes artigos Coelho dialoga com as perspectivas musicais de Adorno. Por fim, João Marcos Coelho também atuou como tradutor em outras edições de “Os Pensadores” (como a de Jeremy Bentham e Stuart Mill), em parceria com Luiz João Baraúna.

³⁴ Graduado em Filosofia (1971) pela Universidade de São Paulo, à época da tradução de Adorno para a coleção “Os Pensadores”, Maar realizava seu mestrado também em Filosofia (concluído em 1979) pela mesma universidade, com dissertação sobre Lukács, sob a orientação de Paulo Arantes.

³⁵ Formada em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (1961), Andréa Loparić continuou os estudos na mesma área na Universidade Católica de Louvain (1963), onde também realizou seu mestrado (1964). Entre 1969 e 1972 foi professora da Universidade Federal da Paraíba; entre 1973 e 1975, da Universidade de São Paulo; e de 1975 até 1988, na UNICAMP (posteriormente regressaria à USP, tendo passado também pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

pode se dever a algumas possibilidades. Primeiro, o fato de estarem inseridos em uma coleção voltada majoritariamente para a Filosofia. Segundo, por terem sido escolhidos e traduzidos por filósofos. E, terceiro, mas não menos importante, por refletirem um movimento no interior do campo adorniano em que o olhar filosófico sobre a obra do autor começa a ganhar mais peso. Conforme dito anteriormente, esse direcionamento de Adorno no Brasil rumo à filosofia, ou, em outras palavras, a concepção sobre o autor como um filósofo, é um movimento que estava de alguma forma presente no campo, mas que começa a se concretizar em meados dos anos 1970 e vai ganhando força ao longo da década seguinte.

Por fim, cabe ressaltar o fato de que estamos diante de outro texto de Adorno que opta por traduzir *Aufklärung* como “Iluminismo”. “O conceito de Iluminismo” (*Begriff der Aufklärung*) é o primeiro capítulo da *Dialektik der Aufklärung*, aquele que mostra como o “Iluminismo” surge a partir dos mitos, mas se volta contra eles e, logo, contra a natureza e os próprios seres humanos. Com esta tradução já havia dois capítulos do livro traduzidos no Brasil (“O conceito de Iluminismo” e “A indústria Cultural”), além da seleção de excertos realizada por Vamireh Chacon. Levariam ainda exatos dez anos para que a obra integral fosse traduzida.

1.3.11. Benjamin & Adorno: confrontos (1975)

O ano de 1975 também marca o campo adorniano por ser o momento da finalização da primeira tese de doutorado sobre o autor. Trata-se de *Benjamin & Adorno: confrontos*, de Flávio René Kothe³⁶. A tese foi publicada pela editora Ática, de São Paulo, em 1978.

Questionado sobre o processo que levou à realização da tese, Flávio Kothe comentou sua trajetória como aluno na Alemanha:

No instituto de comparatística da Universidade Livre de Berlim, onde estudei [entre 1970 e 1972], todo aluno novo passava um ano em silêncio, pois se não conhecesse Adorno, Benjamin, Kant, Hegel, Freud e Derrida não teria o que dizer. Eu tive uma longa conversa pessoal com Gershom Scholem³⁷, quando ele esteve lá conosco. Eu percebia como o pensamento de Benjamin tinha sido vital para que Adorno desenvolvesse suas teses. Quando Szondi se

³⁶ Flávio Kothe graduou-se em Português Inglês Língua e Literatura, Ciências Sociais, e Direito e Ciência Política na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1968. Em 1972 concluiu seu mestrado em Teoria Literária na Universidade Livre de Berlim, sob orientação de Peter Szondi (amigo pessoal de Adorno), reconhecido como mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Em 1975 realizou a tese de doutorado que aqui tratamos, na Universidade de São Paulo, sob orientação de Antonio Candido de Mello e Souza.

³⁷ Estudiosos do judaísmo, amigo de Walter Benjamin e, durante anos, próximo ao círculo de Frankfurt.

suicidou, vimos que tínhamos de tocar adiante um legado. A Alemanha lamentavelmente cortou a minha bolsa no segundo ano, sem nenhuma explicação, e só tive tempo de concluir um mestrado sobre as influências estrangeiras no concretismo brasileiro, que, no parecer dado lá, foi considerada uma dissertação com nível de doutorado. Tive de fazer provas de literatura em cinco línguas: alemão, inglês, francês, espanhol e português.³⁸

A importância da relação entre Adorno e Benjamin para o desenvolvimento das ideias de ambos foi notada por diversos autores, e se tornou base de muitos estudos importantes, como a obra de Susan Buck-Morss, *The Origin of Negative Dialectics*, publicada em 1977.

A tese de Kothe é uma profunda análise das obras de Walter Benjamin e Theodor Adorno. Na apresentação, o autor se preocupa em mostrar que não se trata de um trabalho que visa investigar as influências de um no outro, o que geraria um efeito hierárquico entre ambos. A metáfora que Kothe recorre para explicar seu texto é a de um jogo de xadrez, em que cada peça representa um texto de cada autor e que, conforme o jogo acontece, vão se entretecendo. Daí, provavelmente o “&” do título. Esta metáfora também é importante, pois, na comparação com as duas principais peças do xadrez, o rei e a rainha, Kothe coloca a *Teoria Estética* e a *Dialética Negativa* cumprindo essa função para Adorno (Kothe, 1978, p. 17-19). À época da redação da tese, ambas as obras permaneciam sem tradução e pouco comentadas no Brasil.

Toda a bibliografia dos autores utilizada por Kothe foi lida no original, em alemão. Não há qualquer menção a traduções de Benjamin ou Adorno, em qualquer língua. Assim, Kothe traduz alguns termos, dos quais o famigerado *Aufklärung* – que também aparece aqui como “iluminismo” (Kothe, 1978, p. 128). A única referência brasileira que se faz presente no texto é José Guilherme Merquior, com quem Kothe polemiza em diversos momentos.

Kothe discorda da aproximação que Merquior realiza entre Benjamin e Heidegger (Kothe, 1978, p. 126). Também afirma que a natureza, para Adorno, não é apenas “representação nostálgica de uma felicidade frustrada pela história” como inferia Merquior, “mas é também assustadora e aterrorizante” (Kothe, 1978, p. 128). Nega a comparação que este autor faz entre “pensamento negativo” dos frankfurtianos e o negativo da fotografia, dizendo que “A dialética destes autores é muito mais sutil, nuançada e complexa do que Merquior supunha” (Kothe, 1978, p. 137). Kothe não concorda, inclusive, com a própria definição de “pensamento negativo” (Kothe, 1978, p. 185).

³⁸ Entrevista concedida ao autor desta dissertação, por e-mail, em 30 de maio de 2017.

Mas o maior contraste entre Merquior e Kothe é, provavelmente, a forma como encaram Benjamin e Adorno. Se, como vimos, Merquior formula uma oposição entre o primeiro como “otimista” e o segundo como “pessimista”, Kothe borra a linha divisória, mostrando que a interpenetração do pensamento de ambos os autores não permite tal categorização. Assim, embora haja uma simpatia maior com o pensamento de Benjamin (simpatia que ele próprio vê em Merquior; Kothe, 1978, p. 126), Kothe escreve passagens que dão conta de fundamentar as estratégias de ambos os autores, como “Não basta ser o mero provador quando a situação não é favorável; o espírito contestatório, a pura negação satânica não basta”, o que poderia ser uma crítica a Adorno, “Mas quando a situação política é desfavorável às ‘forças progressistas’, esta negatividade imanente deve ser valorizada:” abrindo o caminho para Benjamin, “ela precisa às vezes disfarçar-se numa linguagem teológica para conseguir expressar-se dentro das relações de produção vigentes numa época” (Kothe, 1978, p. 84).

Esse cuidado em evitar as rotulações do passado não torna Kothe um apologista acríptico de Adorno.

Surge aqui, porém, uma contradição em Adorno: por um lado, toma a ideologia a sério, pois ela não seria falsa em si, e ele a volta contra a sociedade da qual ela surge e com a qual pretende coincidir (e só neste segundo momento é que ela se torna ideologia); por outro lado, ele adota o ‘Bilderverbot’ (a proibição de imagens), nega-se a expressar aquilo que deveria ser, pois crê que estaria necessariamente impregnado pela negatividade do existente. Mas o duplo caráter da ideologia não é bem explorado em sua bi-dimensionalidade. A sociedade se postula hoje, segundo ele, como se já fosse a utopia concretizada. Adorno volta a ideologia formulada pela sociedade contra a própria realidade existente, mas não dá qualquer passo para além desta, exceto a própria formulação verbal. Este é, talvez, o significado básico de seu método imanente. Aparenta ir além, mas está completamente emaranhado nas teias do que existiu e existe. Coloca um ‘Bilderverbot’ em relação ao socialismo já existente e ao por existir, pensando defender deste modo a liberdade de seu próprio espírito, mas sem realmente reconhecer que possa estar sendo um instrumento bastante dócil e sutil de determinadas forças sociais que pretende combater (Kothe, 1978, p. 151).

Neste trecho Kothe sintetiza parte do pensamento que interpreta Adorno como um autor que conduz ao imobilismo da ação política. Mais à frente, define-o como “conformista”, e diz que “Enquanto a visão crítica da sociedade levou Adorno a uma negação puramente metafísica, Brecht – e com ele também Walter Benjamin – respondeu com uma politização da arte e da teoria” (Kothe, 1978, p. 182). Formulações como essa, embora busquem uma compreensão maior dos autores a partir de suas próprias obras, de certa forma confluem para uma polarização entre Adorno e Benjamin, praticamente fundada por Merquior.

Com o tempo, a relação de Flávio Kothe com a obra dos frankfurtianos e, por consequência, com a sua própria pesquisa de doutorado, mudou. Em depoimento sobre a elaboração da tese e a relação com seu orientador, Antonio Candido, Kothe afirma que:

Creio hoje que foi um trágico engano de ambas as partes, mas eu não tinha alternativas. Eu gostava de Cândido e o respeitava muito. Ele tolerou que eu desenvolvesse uma tese sobre Benjamin e Adorno, algo que não estava no perfil dominante na teoria literária da USP. Já em 1969 eu havia dito a Cândido que a teoria literária deveria ser baseada nos clássicos da literatura mundial e nos grandes filósofos, o que não acontecia na USP, toda centrada na canonização do cânone literário brasileiro. Ele tinha uma abertura para a literatura mundial e sua obra tem sido mal usada, dogmatizando esse cânone nas escolas. Nos meus quatro livros sobre o cânone eu dou uma resposta crítica ao que o *stablishment* pensa. Eu não acho que somente a literatura brasileira nos expressa, aliás isso não vale nem para os negros e os índios, os imigrantes italianos, alemães ou japoneses. Cândido até sugeriu que eu fosse orientado pela esposa dele, a professora Gilda, com quem eu me dava bem, mas eu disse que preferia continuar na teoria literária, o que foi um engano: não que eu estivesse errado, mas o que eu estava propondo não existe até hoje em nenhuma universidade brasileira. Quando tentei conversar com Cândido sobre os temas da tese, tive pouca resposta; ele me sugeriu que eu contatasse um intelectual judeu que vivia em São Paulo, mas este se recusou, dizendo que eu devia entender mais que ele. Sugeri uma vez a Cândido que, em vez de pesquisar a influência de Benjamin em Adorno, seria melhor aprofundar a discussão de temas como aura, alegoria, modernidade, comparatismo, mas ele não aceitou, quis que eu mantivesse a proposta historicista. Obedeci, anos depois retomei esses pontos. Na tese pesquisei sozinho e depois escrevi o texto em três meses. Eu tinha escrito um texto contínuo, sem capítulos, e Cândido me disse que tivera bastante trabalho para descobrir a estrutura do texto: eu tinha posto ela numa folha separada, nossas anotações coincidiam. Entreguei a tese pronta em julho de 1974, mas só me deixaram defender quase um ano depois: ignoro as verdadeiras razões disso. Cândido me deu a nota 10, como quase toda a banca, e levou pessoalmente a tese para a Ática, para que a publicassem, o que demorou uns cinco anos.³⁹

Apesar de ter sido pioneiro no campo adorniano brasileiro, com o tempo Flávio Kothe se distancia deste autor. Questionado sobre uma possível influência do modo como os alemães liam Adorno sobre a recepção dele no Brasil, Kothe afirma que

A geração de 68 na Alemanha tinha um problema concreto a enfrentar: o passado nazista ou de convivência com o nazismo que haviam sido praticados pelos pais. Fez uma revisão antiautoritária. O instituto em que estudei em Berlim era então marcado por uma direção judaica e para ela tudo girava em torno de Auschwitz. Isso não era um problema principal no Brasil. Aqui serviu para descartar um conterrâneo mais profundo e amplo do que Adorno, ou seja, Heidegger. Embora Adorno fizesse também a ponte com Nietzsche, não há nele propriamente a desconstrução da metafísica. Ele ia no máximo a uma radicalização da dialética, com a dialética negativa. Szondi era adepto disso e não aceitou que disséssemos que era preciso encontrar alternativas positivas, viáveis, outros horizontes em vez de ficar apenas na

³⁹ Entrevista concedida ao autor desta dissertação, por e-mail, em 30 de maio de 2017.

negação da negação em círculo fechado. Ele se matou, o que foi algo consequente dentro disso.⁴⁰

A perspectiva dura com que Kothe narra sua relação com a obra de Adorno já estava de alguma forma presente no momento de produção de sua tese de doutorado: “Quando eu lia Adorno para a minha tese, a primeira na América Latina sobre o tema, eu passei a adivinhar o que ele iria argumentar ao longo do ensaio. Ele não me surpreendia mais, embora fosse estimulante”⁴¹. Este processo de afastamento aprofundou-se com o tempo:

Nos últimos anos tenho me dedicado mais a pensadores que considero mais relevantes que ele, como Platão, Aristóteles, Descartes, Nietzsche e Heidegger. Ficar a vida toda preso a um autor europeu é adotar uma perspectiva colonizada, parasitária. Exceto por Cândido e Florestan, eu nunca fui estimulado no Brasil a me dedicar à escola de Frankfurt. Mesmo que tenhamos algo novo a dizer sobre ela, os europeus não estão dispostos a nos escutar. São autossuficientes. Adorno foi a má consciência dos alemães, ele descarregou sua raiva sobre eles; a geração de 68 achava que mereciam ser xingados, ele serviu para se afastarem do passado nazista e fascista. No Brasil, ele era uma alternativa à ditadura. Ele achava que o ódio é a lente que permite ver melhor. Talvez ela também deforme. Isso passou. Ele precisa ser reavaliado. Por exemplo, a teoria estética dele é toda baseada no conceito de mimese, numa redução sociológica, ele chega a achar que a arte abstrata reflete o caráter abstrato das relações sociais nas metrópoles; a *Filosofia da Nova Música* é injusta tanto com Strawinsky quanto com Schoenberg, mas ao menos coloca problemas que estão acima do cotidiano das “ciências humanas” correntes no Brasil. Aprendi muito com ele e não teria feito a minha ensaística sem ele.⁴²

Embora Kothe tenha se afastado, aparentemente de forma definitiva, da obra de Adorno, não deixa de reconhecer ali um momento importante de seu desenvolvimento intelectual. O caso de Kothe, enquanto autor pioneiro que depois se distancia de Adorno, é provavelmente único no campo adorniano.

1.3.12. Roberto Schwarz

Mencionado anteriormente, Roberto Schwarz é uma presença importante no campo adorniano já no seu período inicial. Isso se deve ao fato de que este autor tenha, desde meados da década de 1960, publicado trabalhos sob inspiração de Adorno, e também de Walter Benjamin. Roberto Schwarz está em uma parte específica nesta dissertação, pois a sua produção não se enquadra exatamente no procedimento ao qual viemos trabalhando até agora nas publicações que envolviam Adorno. Os trabalhos de Schwarz não são nem “de” (traduções) nem “sobre” Adorno (análises), mas “com” ele.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

Schwarz é provavelmente o primeiro autor brasileiro a incorporar as ideias dos frankfurtianos em sua própria obra. E seus trabalhos nesse sentido antecedem todos os mencionados até aqui.

Roberto Schwarz graduou-se em ciências sociais na USP no ano de 1960. A seguir, realizou o mestrado em Teoria Literária na Universidade de Yale, EUA (1963). No mesmo ano, de volta à USP, torna-se assistente de Antonio Candido e leciona na cadeira de Teoria Literária, onde fica até 1968, quando se exila em razão do recrudescimento da ditadura militar, que culminaria no Ato Institucional N° 5. Outro episódio de relevo em sua trajetória acadêmica é a participação no “grupo d’O Capital” (ou “seminário Marx”), encontros periódicos realizados entre o final dos anos 1950 e início dos 1960 para discutir a famosa obra de Karl Marx. Desses seminários participaram pessoas que se tornaram intelectuais de destaque no Brasil, como José Arthur Gianotti, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Novais, Ruy Fausto, Bento Prado Jr., Paul Singer, além do próprio Schwarz.

Segundo entrevista concedida à pesquisadora Jacira Silva de França, Schwarz teve contato com Adorno na década de 1960. Em um primeiro momento, a *Dialektik der Aufklärung* no ano de 1960, depois as *Notas de literatura* e, em 1967, a *Authoritarian Personality* (França, 2015, p. 92, 93). Esse acesso direto, sem mediações, permitiu a Schwarz uma formulação peculiar e paralela àquelas que vinham sendo desenvolvidas no Brasil. Acrescente-se a isso a sua orientação com relação à teoria literária, o que o diferenciava, por exemplo, do que vinha sendo pensado a partir de Adorno na sociologia da USP.

A datação mencionada acima ajuda a localizar-nos no momento em que Adorno começa a aparecer na obra de Schwarz. Se nos ensaios reunidos em *A Sereia e o Desconfiado* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981), que datam entre 1961 e 1964, não há menções explícitas a Adorno, a epígrafe do primeiro texto de *O pai de família e outros estudos* (“Sobre *O Amanuense Belmiro*”, escrito em 1964) é uma citação do frankfurtiano. Considerando que o contato de Schwarz com a obra de Adorno se inicia em 1960, é significativo que textos de meados da década passem a incorporá-lo. Dos ensaios reunidos no volume *O pai de família e outros estudos* (São Paulo: Companhia das Letras, 2008), datados entre 1964 e 1978, vários tem algo de Adorno explícita ou implicitamente, em um período anterior às primeiras traduções ou textos sobre o pensamento do autor.

A atuação de Roberto Schwarz no campo adorniano voltará a ser discutida ao longo desta dissertação.

1.4. Gabriel Cohn e o “Grupo da USP”

No início da década de 1970, Gabriel Cohn já figurava como agente ativo da construção do que entendemos como um campo adorniano no Brasil, tendo atuado como professor (utilizando Adorno como tema de curso) e organizador de coletânea que incluía textos do frankfurtiano (um dos quais foi tradutor). Além da docência e do trabalho editorial, Cohn foi, em grande medida, responsável pela institucionalização de Adorno na sociologia da USP, uma vez que foi professor orientador de diversas pesquisas de mestrado que utilizavam o pensamento deste autor como referencial. Este conjunto de orientandos de Gabriel Cohn, Jacira Silva de França define como “Grupo da USP” (França, 2015).

Em 1971 Gabriel Cohn conclui o seu doutorado em ciências sociais na Universidade de São Paulo sob a orientação de Luiz Pereira. O título da tese é *Comunicação e cultura de massa: teoria e ideologia*. Dois anos depois ela seria publicada com o título *Sociologia da comunicação: teoria e ideologia* (São Paulo: Editora Pioneira, 1973), que Cohn define como “uma versão, consideravelmente adaptada e modificada” de sua tese (Cohn, 1973, p. 10). A obra é algo como um estudo sociológico da sociologia da comunicação. Em outras palavras, Cohn se dedica a analisar sociologicamente os fundamentos e usos dos conceitos ligados à comunicação, como “massa” e “público” (França, 2015, p. 102, 103).

Nas “obras citadas” do livro, há sete referências de Adorno. A única com tradução brasileira, no entanto, é aquela presente na coletânea que o próprio Gabriel Cohn organizou (e traduziu): “A indústria cultural” (presente em *Comunicação e Indústria Cultural*). Das outras obras citadas, apenas *Prismen. Kulturkritik und Gesellschaft* e *Soziologische Exkurse* possuíam traduções (no caso da primeira, o texto “Moda sem tempo: sobre o jazz”; no da segunda, a tradução integral, publicada no mesmo ano de 1973, *Temas básicos de sociologia*). Embora não houvesse uma produção bibliográfica volumosa em português, é significativo que a única que Cohn cita seja a da sua coletânea. Além destes textos, Cohn utiliza também um capítulo (“Kultur und Verwaltung”) do livro *Sociologica, II*, citado na bibliografia de disciplinas

de ciências sociais da USP (em sua versão em espanhol: *Sociologica*, Madrid: Taurus Ediciones, 1969).

Em *Sociologia da comunicação* Cohn passa por diversos conceitos e autores, terminando por contrapô-los às análises de Adorno e Horkheimer, mas principalmente do primeiro. Para Cohn, noções como “massa” ocultam o verdadeiro caráter que está implícito nos processos de comunicação, a ideia de dominação de classe (França, 2015, p. 107). Partindo de Adorno, portanto, Cohn remete à questão das classes sociais como elemento fundamental na compreensão de fenômenos da contemporaneidade, vale dizer, em aproximação com o pensamento marxista. Esta linha interpretativa irá marcar os trabalhos de seus orientandos, o “Grupo da USP” (França, 2015, p. 108).

Em sua tese de doutorado sobre a recepção de Adorno no Brasil, Jacira Silva de França mostra o peso de Gabriel Cohn na formação de um campo de estudos sobre comunicação na sociologia da USP. Entre 1971 e 1979 foram produzidas onze dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. Esta última é a de Gabriel Cohn. E das onze dissertações, cinco foram orientadas por ele, entre 1975 e 1979 (França, 2016, p. 68, 69). Estes números mostram que, embora Cohn não seja propriamente quem tenha dado início a esse campo de estudos, sem dúvida contribuiu para o seu desenvolvimento. Além disso, foi em larga medida o responsável por colocar Adorno como figura destacada nesta área.

As pesquisas orientadas por Cohn foram: *Tio Patinhas e o mito da comunicação*, de Orlando Pinto Miranda, concluída em 1975; *Acorde na Aurora – música sertaneja e indústria cultural*, de Waldenyr Caldas, concluída em 1976; *A embalagem do sistema (estudo sobre a publicidade no capitalismo monopolista retardatário)*, de Maria Arminda Arruda do Nascimento, concluída em 1979; *O mito da civilização Atlântica – Glauber Rocha e o Cinema Novo – cinema e sociedade*, de Raquel Gerber, concluída em 1979; e *Do jornalismo político à indústria cultural*, de Gisela Taschner, concluída em 1979.

1.5. Momentos iniciais da recepção de Adorno no Brasil

Os primeiros contatos da intelectualidade brasileira com a obra de Theodor Adorno se deram por diferentes vias. Na USP, entre as décadas de 1950 e 1960, a obra *Authoritarian Personality* era uma referência em métodos de pesquisa nas ciências sociais. Nos anos 1960, os textos de Roberto Schwarz trouxeram à luz o Adorno da

crítica literária. As primeiras traduções, no Rio de Janeiro, seguiram as linhas da arte (com o texto sobre jazz) e da comunicação. No início da década de 1970, as ciências sociais se voltaram para o estudo da comunicação, onde Adorno acabou se tornando um autor influente, muito, em parte, pela atuação de Gabriel Cohn. Métodos de pesquisa sociológica; crítica literária; estética; comunicação. Estes são os eixos temáticos nos quais Adorno é introduzido no Brasil. Enquanto algumas leituras de Adorno vão perdendo força, outras vão se estabelecendo, definitivamente. É o caso, por exemplo, da Filosofia, a qual Adorno passa a ser associado ainda na década de 1970, para não mais deixar de sê-lo. Este processo será aprofundado no próximo capítulo.

Desde os momentos iniciais de formação do campo, é possível observar o movimento da recepção, considerando os diferentes espaços em que seus agentes se encontram. Embora Adorno já fosse conhecido por setores da intelectualidade de São Paulo (especialmente da USP), as primeiras traduções do autor não foram realizadas ali. As quatro primeiras traduções (“Moda sem tempo: Jazz”; “A Indústria Cultural. O Iluminismo como Mistificação da Massa”; “Moda sem tempo. Sobre o ‘Jazz’”; e “Excertos”) foram publicadas no Rio de Janeiro. Apenas em 1971 há uma tradução de Adorno em São Paulo (os textos da coletânea *Comunicação e Indústria Cultural*. Até 1975 há mais uma tradução no Rio de Janeiro (*Notas de literatura*) e mais três em São Paulo (*Temas básicos de sociologia; Filosofia da Nova Música*; coleção “Os Pensadores”).

Assim, entre 1968 e 1975, há cinco publicações de textos de Adorno realizadas no Rio de Janeiro e quatro em São Paulo. Esta regionalização não se restringe às editoras, mas também aos sujeitos envolvidos no processo: os responsáveis pelas edições publicadas em cada cidade geralmente atuam em universidades da mesma. A primeira tese que tem a obra de Adorno como tema central foi realizada em São Paulo (*Benjamin & Adorno: confrontos*, de Flávio Kothe). Mas nela o único brasileiro com o qual Kothe debate é José Guilherme Merquior, cujo livro foi publicado no Rio de Janeiro. A editora que o fez, Tempo Brasileiro, somando-se traduções e o livro de Merquior, possuía, à época três publicações envolvendo Adorno, seguida pela Editora da Universidade de São Paulo, que, em parceria com outras editoras, publicou duas obras.

Com este quadro montado a partir do ponto de vista editorial poderia-se chegar à conclusão que Adorno recebia maior atenção na intelectualidade do Rio de Janeiro do que da de São Paulo. No entanto, considerando o fato de que alguns agentes do campo

adorniano atuantes no Rio de Janeiro passaram por São Paulo (mais especificamente na USP) em sua formação acadêmica (como Luiz Costa Lima e Gilberto Velho), nota-se que o campo adorniano constitui-se em um processo de trânsito intelectual entre as duas cidades. Com o tempo, o esforço de publicação de Adorno no Brasil se concentrará em São Paulo (especialmente com a coleção *Adorno* da editora da UNESP), mas, mesmo assim, será contraposto à publicação de importantes obras (como a *Dialética do Esclarecimento* e a *Dialética Negativa*) no Rio de Janeiro.

Devido ao fato de Adorno ser um autor ainda por estabelecer-se nestas duas primeiras décadas de sua recepção no Brasil, é difícil pensarmos na disputa do capital simbólico, pelo menos no que diz respeito à área do conhecimento que trata do autor. Em outras palavras, não há ainda uma concorrência em torno de sua obra que oponha sujeitos envolvidos com interpretações diferentes. Isso se deve, inclusive, pela pouca quantidade de textos que comentem a obra. A única oposição observada foram as objeções de Flávio Kothe à obra de José Guilherme Merquior.

Ainda nesse sentido, há que se ressaltar as construções que foram realizadas sobre o autor. Desde as primeiras publicações envolvendo Adorno, foi-se formando a ideia de que se trata de um “pessimista”, muitas vezes em oposição a Walter Benjamin (“otimista”). A própria oposição entre ambos já é um sintoma de construção intelectual sobre a sua obra. A imagem que se forma, em um primeiro momento do campo, é a de Adorno contra Benjamin e em aliança com Horkheimer. O papel deste, contudo, é pouco destacado nas obras do campo adorniano no Brasil, quando não é colocado, de certa forma, como figura “anexa” a Adorno, como na metáfora de Chacon sobre os Dióscuros. Aqui, apesar de “gêmeos”, Horkheimer aparenta ter apenas sedimentado o caminho sobre o qual Adorno passou quando, na verdade, sabe-se que não foi assim. Para ficar em um exemplo, a grande obra que redigiram juntos, a *Dialektik der Aufklärung*, foi uma iniciativa de Horkheimer, que propôs a parceria a Adorno (Jay, 2008).

Desde as primeiras publicações de Adorno no Brasil, o termo *Aufklärung* sempre foi traduzido como “Iluminismo”. Além das traduções, também foi assim que ele apareceu nas obras de Merquior e Kothe, por exemplo. Chamar atenção para este fato é importante, pois apesar de ele não constituir um problema no período analisado até aqui, ele o será a partir da década de 1980, quando a obra *Dialektik der Aufklärung* será integralmente traduzida. A partir de então a tradução deste termo será uma das

principais polêmicas do campo adorniano, constituindo um espaço privilegiado de disputa por capital simbólico no interior dele.

Embora se perceba uma influência do campo do poder (golpe de Estado, ditadura) no campo intelectual e no campo adorniano em formação, é possível notar que já existe certa tendência a se desenvolverem processos específicos deste campo. É como se, desde os momentos iniciais do campo adorniano, o “índice de refração” de que nos fala Bourdieu já estivesse presente, ainda que discretamente. Assim, se a busca inicial por autores marxistas “heterodoxos” esteve ligada ao impacto do golpe de 1964 – o que teria conduzido à leitura dos frankfurtianos, entre outros autores do chamado “marxismo ocidental” – o trabalho com Adorno, nas diferentes áreas em que foi recebido, já apresenta dinâmicas próprias. Se a iniciativa que move a busca por esses autores está diretamente ligada a eventos do campo do poder, o mesmo não pode ser dito conforme o campo adorniano vai se desenvolvendo. A tradução de *Temas básicos de sociologia*, visando atender uma demanda surgida nas aulas da Faculdade de Filosofia da USP, é fenômeno circunscrito a este campo.

No entanto, parte significativa das leituras da obra de Adorno tem como objetivo acrescentar um novo ângulo interpretativo sobre a realidade brasileira. Em sua avaliação desse processo de recepção dos frankfurtianos visando compreender o Brasil, Ortiz introduz uma questão importante: existe um descompasso analítico, na medida em que a questão a ser compreendida no período não era apenas a da consolidação de uma indústria cultural, mas a consolidação de tal indústria *no Brasil*. Em outras palavras, Ortiz questiona a possibilidade de uso dos autores da Escola de Frankfurt para compreender o contexto nacional: “Como adequar a ideia de uma ‘consciência unidimensional’ ou o pessimismo de Adorno a uma realidade de censura que atingia em cheio os meios de comunicação e a sociedade como um todo?” (Ortiz, 1991, p. 16). A teoria da indústria cultural poderia ajudar a entender parte da questão – o aspecto sócio-econômico, talvez – mas não a sua integralidade, que deveria incluir o momento político (ditadura, censura).

Como contraponto ao “pessimismo” de Adorno, a intelectualidade brasileira encontrou maior contemplação nas ideias de outro marxista, Antonio Gramsci (Ortiz, 1991, p. 16). A teoria de Gramsci permitia à intelectualidade brasileira um maior campo de ação, através, inclusive, da possibilidade de atuação por dentro do Estado. No entanto se Gramsci oferece opções de ação política, não fornece subsídios para se

pensar a questão da cultura da época, da indústria cultural – que Gramsci não chegou a conhecer. Ao final é como se cada opção adotada pela intelectualidade, Frankfurt ou Gramsci, fosse parcial, cobrisse apenas um aspecto de uma situação, no mínimo, dúbia.

Apesar de algumas formulações bastante duras (“Esquece-se desta forma, a presença de uma realidade sócio-econômica, que a meu ver reestrutura na década de 70 os parâmetros do panorama cultural: a consolidação de um mercado de bens culturais”; “Se é verdade que ocorre este silêncio em relação ao advento de uma cultura popular de massa no Brasil (...)”); ORTIZ, 1991, p. 16) que dão a entender que não houve tentativa alguma de compreender esta indústria cultural no Brasil da época, é contundente o argumento de Ortiz de que não se combinou política e estrutura sócio-econômica nas análises do período. As primeiras obras e trabalhos orientados por Gabriel Cohn mostram que houve a preocupação de entender a indústria cultural no Brasil. No entanto, é interessante buscar os porquês destas obras não se deterem na questão política.

Ortiz afirma que a Sociologia da USP foi erguida a partir das concepções de Florestan Fernandes, que buscava uma ciência que rompesse com o discurso meramente ideológico.

A Sociologia, particularmente em São Paulo (USP e Escola de Sociologia e Política), ao se definir com uma esfera de bens restritos, marcada por uma “ideologia acadêmica”, se afasta do destino que o pensamento sociológico teve no Rio de Janeiro com uma escola politicamente engajada como o ISEB. É, portanto, nos anos 40 que ela se torna propriamente científica, saber racional que se volta para a interpretação e a pesquisa da sociedade, distanciando-se da forma ensaística que a havia caracterizado no passado e nas demandas políticas que lhe eram exigidas pelo presente (ORTIZ, 1991, p. 27).

Nesse sentido, compreendemos por que os textos de Gabriel Cohn (que trabalhou estreitamente com Florestan Fernandes) bem como os de seus orientandos (o “grupo da USP”), voltem-se mais para a análise do funcionamento destes bens culturais do que da eventual atuação do Estado sobre eles. Além disso, é importante ressaltar que as obras do próprio Adorno, referência para Cohn e seus orientandos, adotam uma perspectiva, digamos, estrutural e não conjuntural, política. Isso não significa, no entanto, que a mobilização do instrumental teórico adorniano no Brasil de então não tivesse relação com o momento político vivido no país. A própria constituição de uma indústria cultural – comparável com a descrita por Adorno – era paralela à existência do Estado autoritário.

Capítulo II – Rotinização (1980 – 1990)

Conforme visto no capítulo anterior, a década de 1970 é o momento em que o campo adorniano começa a se ampliar, incluindo outras áreas do conhecimento acadêmico. Esta expansão conduzirá ao fenômeno que denominamos “rotinização” do autor, ou seja, ele passará a figurar cada vez mais no ambiente acadêmico, a ponto de tornar-se um autor plenamente integrado no rol daqueles considerados básicos (especialmente nos cursos de Filosofia e Ciências Sociais).

Se as primeiras décadas da recepção do autor foram marcadas pela ênfase nos métodos de pesquisa e teoria sociológica, sociologia da comunicação e artes, ao longo da década de 1970 observa-se um movimento de apropriação de Adorno por intelectuais da Filosofia. Não é à toa, por exemplo, que a edição de *Os Pensadores* voltada à escola de Frankfurt (publicada em 1975) é resultado da atuação de diversos filósofos no processo de seleção, tradução e apresentação dos textos. Este envolvimento de filósofos com a obra de Adorno no Brasil se intensificará nas décadas seguintes (a ponto de constituir uma virtual hegemonia sobre o autor).

Mas, antes de seguirmos em direção às produções bibliográficas da década de 1980 – momentos que definirão não apenas as leituras realizadas sobre Adorno, mas também as áreas nas quais ele é associado até o presente – devemos realizar uma incursão nas disciplinas do curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Assim como fizemos no capítulo anterior com relação às Ciências Sociais, nos programas das disciplinas da Filosofia da USP é possível perceber o crescimento do interesse pela obra de Adorno.

2.1. Adorno na Filosofia da USP

Conforme havíamos observado com relação às disciplinas dos cursos de Ciências Sociais da USP, somente os programas da década de 1970 em diante possuem bibliografia. Assim, não foram encontrados recursos documentais que atestem a leitura de Adorno na Filosofia da USP antes dos anos 1970. Além disso, os programas de Filosofia – diferente dos de Ciências Sociais – apresentam outro problema à pesquisa aqui desenvolvida: não constam os nomes dos professores que lecionaram as disciplinas. Não foi possível obter outros meios para se chegar a estas informações. Logo, a análise dos programas das disciplinas da Filosofia da USP entre as décadas de

1970 e 1980 será feita considerando apenas os conteúdos dos programas, ignorando os professores que os elaboraram.

Há, no entanto, uma única exceção. O programa da disciplina FLF 200, Estética I (1971) leva o nome da docente da disciplina: Gilda Rocha de Mello e Souza. Graduada em Filosofia pela USP (1940), Gilda de Mello e Souza foi professora assistente de Roger Bastide (cadeira de Sociologia I) de 1942 até 1954. Nesse ano, transferiu-se para a Filosofia a convite de João Cruz Costa, a fim de atuar na cadeira de Estética (que lecionou até sua aposentadoria, em 1973). Em 1950 doutorou-se em Ciências Sociais (sob orientação de Roger Bastide) com a tese *A moda no século XIX*.

Como vimos anteriormente, Gilda de Mello e Souza foi orientadora do mestrado de Otília Beatriz Fiori Arantes, também envolvida no campo adoriano. Além disso, Gilda foi casada com Antonio Candido de Mello e Souza, que orientou os doutorados de Luiz Costa Lima e Flávio René Kothe. Com essa rede de ligações não é de estranhar que o primeiro programa que figure Adorno na Filosofia seja o de Gilda de Mello e Souza.

Na disciplina Estética I constam dois textos do autor, *Dissonance* (Milão: Feltrinelli, 1969) e *Prismas* (Barcelona: Ed. Ariel, 1962). O primeiro consiste em uma tradução para o italiano de *Dissonanzen: Musik in der verwalteten Welt* (“Dissonâncias: música no mundo administrado”), obra que reúne diversos escritos musicais de Adorno, publicada em 1956. O segundo é uma tradução espanhola de *Prismas: crítica cultural e sociedade* (*Prismen: Kulturkritik und Gesellschaft*, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1955).

O título da disciplina da professora Gilda de Mello e Souza é “Problemas da Arte Contemporânea”, e no programa aparecem diversos temas familiares ao debate frankfurtiano sobre a arte: “A obra de arte e a reprodução mecânica”; “Adequação da arte à técnica (primeiros esforços)”; “Cultura de Massa”. Embora noções como “reprodução mecânica” ou “arte e técnica” remetam a textos de Walter Benjamin (especialmente “A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica”), o único autor da “escola de Frankfurt” mencionado na bibliografia é Adorno. De qualquer forma, o programa denota certa familiaridade com os temas da “escola”, demonstrando como as questões de estética debatidas pelos intelectuais brasileiros desde os anos 1960 são incorporadas à reflexão filosófica na academia. Esta incorporação ficará mais clara conforme analisarmos os demais programas dos anos 1970.

É importante ressaltar que, conforme vimos no capítulo anterior, havia disciplinas de introdução à Sociologia, com textos de Adorno, voltadas para alunos do curso de Filosofia. Assim, o contato destes com o autor não se dava exclusivamente via disciplinas do seu curso – embora os temas abordados fossem significativamente diferentes. Dessa maneira, os alunos do curso de Filosofia da USP tinham acesso a Adorno por uma via dupla: Sociologia e Filosofia. Não foram encontradas disciplinas fazendo o caminho inverso, da Filosofia para a Sociologia, embora haja disciplinas do próprio departamento de Filosofia a abordarem o autor em chave sociológica.

Diferente das disciplinas da Sociologia, a presença de Adorno nos programas da Filosofia não é tão constante como nos da Sociologia, praticamente anual. Depois do programa de Estética da professora Gilda de Mello e Souza, datado de 1971, somente em 1973 haverá outras referências ao frankfurtiano, nos cursos “Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência II” e “Estética”.

A disciplina FLF 362, “Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência II”, tem como título “Teoria da Ciência em Max Weber”. O curso propõe uma incursão no pensamento weberiano, passando por Kant, neo-kantianos, Husserl, para entrar em Weber e depois debatê-lo à luz de Hegel e Marx. Na bibliografia constam dois textos de Adorno, *Max Weber e la Sociologia Oggi* (Milão: Jaca Book, 1967), e “Sobre el concepto de la razon” (in. *Sociologica*, Madri: Taurus, 1971). Este texto já foi mencionado no capítulo anterior: trata-se da tradução em espanhol de *Sociologica, II*, redigido em conjunto com Horkheimer. Já *Max Weber e la Sociologia Oggi* é um livro italiano que congrega textos transcritos do 15º Congresso de Sociologia Alemã, que discutiu a obra de Weber. No livro figuram textos de Talcott Parsons, Raymond Aron, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Jurgen Habermas, além de Theodor Adorno (“Dal discorso al ricevimento ufficiale al castello di Heidelberg”; “Do discurso ao recebimento oficial no castelo de Heidelberg”).

Este programa reforça o que foi dito acima com relação à via de mão dupla pela qual os alunos da Filosofia acessavam Theodor Adorno. Debate-se, em uma disciplina da Filosofia, a noção de ciência de um sociólogo, frente a outros autores, filósofos ou não. Na bibliografia do curso, além dos textos de Adorno, constam Immanuel Kant, Heinrich Rickert, Georg Simmel, Weber, Hegel, Marx, Habermas, Lukács e Marcuse. O curso situa-se, portanto, em uma área interdisciplinar entre Filosofia e Sociologia – aliás, bem característico da obra do próprio Adorno.

O outro curso de 1973 é a disciplina FLF 211, “Estética”. É muito provável que esta disciplina não fosse mais lecionada por Gilda de Mello e Souza, considerando as datas (a professora aposentou-se em 1973) e alguns elementos do próprio programa. Mudam o código (de FLF 200 para FLF 211) e o nome (“Estética I” para “Estética”). Alguns dos temas do curso são comuns, embora apresentados de maneira diferente. Considerando tanto a semelhança quanto as diferenças entre as duas disciplinas, tem-se a impressão de que há uma continuação entre ambas. Isto leva a pensar que quem passou a lecionar Estética foi um/a aluno/a da professora Gilda de Mello e Souza. Provavelmente, esta disciplina de 1973 teve como responsável Otilia Fiori Arantes, em cujo Currículo Lattes consta a informação de que lecionou “Estética” no curso de Filosofia da USP, na graduação entre 1967 e 1993 e na pós-graduação entre 1973 e 1993. Esta atuação de Otilia Arantes com a estética frankfurtiana no início dos anos 1970 explicaria a sua participação, anos depois, na coletânea *Os Pensadores* (de 1975) como selecionadora dos textos desta área.

O título da disciplina de 1973 é “O a priori tecnológico da arte moderna”, e toca em questões como “Revolução industrial e incorporação na arte do modelo tecnológico” e “O fim do mecenato e a ‘cultura de massa’”, que remetem à “escola de Frankfurt”. A bibliografia do curso inclui Benjamin (“A obra de arte na era da sua reprodução técnica”⁴³; “Pequena história da fotografia”) e Marcuse (*One dimensional man*), mas não Adorno. Ele aparece no programa, no item “B) Seminários”, que indica “Textos de Lukacs, Adorno, W. Benjamin, P. Macherey e Lyotard”, sem, no entanto, indicar quais seriam. Dos autores da “escola de Frankfurt” o que possui maior presença no programa é Walter Benjamin. Apesar disso não deixa de ser significativa a presença de Adorno, ainda que a referência seja apenas a seu nome e não aos textos de sua autoria.

Estas duas disciplinas, “Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência II” e “Estética”, aparecem sem modificações nos programas de 1974. A primeira continua, também sem mudanças, em 1975. Neste ano, no entanto, há duas disciplinas de estética: FLF 211, “Estética”, reestruturada; e FLF 311, “Estética II”. Além delas, há outra disciplina que menciona Adorno, “Filosofia geral e metafísica”.

A disciplina FLF 492, “Filosofia geral e metafísica” dividia-se em duas partes: A, “Alguns aspectos da dissolução da teoria tradicional”; e B, “Imaginação e razão no idealismo alemão”. Cada parte do curso possui sua própria bibliografia. Naquela

⁴³ Tradução diferente da versão de “Os Pensadores” (Abril, 1975).

correspondente à parte A, há a referência “Seminários sobre textos de Heidegger. Textos de apoio:” e então procede-se à lista composta por dois de Lukács e dois de Adorno. Deste, os textos são “Jargão da autenticidade” e “Dialética Negativa (primeira parte)”, não por acaso, textos que contém severas críticas ao pensamento de Heidegger, particularmente o primeiro (Netto, 2002). Ambos aparecem sem referência bibliográfica (idioma, editora, data, etc.). Naquele momento, nenhum dos dois textos estava traduzido no Brasil. Cabe ressaltar que esta é a referência documental mais antiga sobre a *Dialética Negativa*, além dos comentários acerca dela presentes na tese de doutorado de Flávio Kothe (publicada em 1975, mesmo ano da disciplina aqui tratada). A obra escrita em 1966, discutida no Brasil a partir de 1975, ganharia tradução neste país somente em 2009. Uma possível explicação para isso será feita no próximo capítulo, ao tratarmos da tradução.

A disciplina FLF 211, “Estética” (primeiro semestre de 1975), difere daquela apresentada em 1973. Dois anos depois, o tema do curso é “Modernidade e Vanguarda”. Os temas abordados se distanciam das análises da “escola de Frankfurt” sobre estética, centrando-se mais no fenômeno das vanguardas artísticas do início do século XX. Na bibliografia constam dois textos de Walter Benjamin (“A modernidade”, Revista Tempo Brasileiro, 26/27; e “A obra de arte na era sua reprodutibilidade técnica”, in *Teoria da Cultura de Massa*, Editora Saga, 1969) e um de Adorno, “A indústria cultural”, também da coletânea *Teoria da Cultura de Massa*, organizada por Luis Costa Lima. As traduções brasileiras dos frankfurtianos começam a ser utilizadas pelos professores da Universidade de São Paulo.

Para o segundo semestre de 1975 consta a disciplina FLF 311, “Estética II” (que tem, inclusive, FLF 211, “Estética”, como pré-requisito). O curso se intitula “Arte e realidade”, e propõe reflexões em torno da aproximação entre arte e sociedade (ideologia, realismo). Como no programa de “Estética” de 1973, há o item “B) Seminários”, que indica “Textos de Lukacs, Adorno, W. Benjamin, P. Macherey”, mas Badiou no lugar de Lyotard. Diferente daquele programa que não colocava Adorno na bibliografia, neste figura *Notas de Literatura* (Barcelona: Ariel, 1962). A menção aqui é, provavelmente, ao primeiro volume deste conjunto de livros que Adorno escreveu especificamente sobre literatura. À época do programa, já havia uma tradução brasileira de *Notas de Literatura* (discutida no capítulo anterior), mas relativa ao terceiro volume.

As disciplinas do ano de 1976 sobre estética aparecem com os mesmos códigos e nomes, embora com programas diferentes. FLF 211, Estética I, propõe um curso

centrado em torno da ideia de modernidade artística, e possui tonalidades adornianas em seu item “I – Objetivos”:

A compreensão da arte moderna não pode advir de um simples estudo comparativo entre as diferentes formas que o fenômeno artístico assume ao longo da história, como se esta fosse um continuum sem falhas e como se tudo já estivesse lá desde o início, a se desdobrar numa monótona repetição onde as diferenças fossem apenas rugas da superfície. O nosso intento é, pois, de destacar o que há de novo aí – apesar das dificuldades postas por um conceito tão geral e abstrato como o de Modernidade – *que deve ser entendido muito mais como negação daquilo que atualmente não deve existir do que como proposta positiva* [grifo nosso].

A menção à arte moderna como proposta negativa soa como algo muito próximo ao pensamento de Adorno a respeito. Vai nesse sentido o último elemento do item “II – Conteúdo”: “5. Negatividade da arte moderna: negatividade e utopia”.

Na bibliografia há dois textos de Adorno, *Schriften VII* (Frankfurt: Surkhamp, 1970) e *Théorie Esthétique* (Paris, 1974). Trata-se, na verdade, de edições diferentes de um mesmo texto – respectivamente, original em alemão e tradução para o francês –, pois o volume sete das obras completas de Adorno consiste na própria *Teoria Estética*. Este livro é uma das grandes obras do autor, e permaneceu inacabado com a sua morte em 1969. Como o próprio nome indica, trata-se de um volumoso tratado sobre estética, incorporado relativamente rápido ao *corpus* adorniano tratado no Brasil, se considerarmos os poucos anos que separam sua publicação e sua inclusão no programa de “Estética I” de 1976. Curiosamente, no entanto, o livro nunca foi traduzido no Brasil – em 1982 a editora Martins Fontes publicou a edição portuguesa da obra.

O curso FLF 311, “Estética II”, coloca mais claramente sua intenção em debater “uma teoria histórico-social da arte”, embora possua diferenças com relação à sua versão de 1975. Há, por exemplo, a inclusão de um tema específico, no “Conteúdo”, o item “8. Elementos de crítica: Brecht, Benjamin e Adorno”. A bibliografia, no entanto é a mesma: Adorno continua presente com *Notas de Literatura* (Barcelona: Ariel, 1962).

Ainda no mesmo ano aparece uma nova disciplina que menciona Adorno. Trata-se de FLF 361, “Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência I”, lecionada no primeiro e segundo semestres de 1976. Como o próprio nome indica, o curso propõe uma reflexão em torno da ciência, tratando de epistemologia, linguagem, leis, teorias. Na bibliografia, além de autores diretamente ligados à questão da ciência (como Karl Popper, Thomas Kuhn e Albert Einstein), há a menção a “Volumes da Coleção Os Pensadores, Abril, dedicados a Galileo [sic], Newton, Leibniz, Schlick, Carnap, Popper, Russel, Horkleimer [sic], Adorno, Habermas”. Não há a menção direta aos textos destes

autores. Mas é importante ressaltar a continuação de algo mencionado anteriormente: as traduções brasileiras dos frankfurtianos começam a ser acatadas pelos professores da USP.

Os programas das disciplinas de 1977 que mencionam Adorno passam por várias mudanças, se comparados aos dos anos anteriores. Há também novidades, das quais é importante ressaltar FLF 475, “Teoria das Ciências Humanas III”, uma disciplina optativa completamente voltada para a “escola de Frankfurt”. Vale a pena reproduzir integralmente seus dois primeiros itens:

I – OBJETIVOS

O curso visa rastrear o conceito de Razão no interior da *Kritische Theorie*, partindo de sua inserção no elan revolucionário da República de Weimar [sic] até sua queda na *Barbarie* moderna, pois a mesma Razão que rege a Ciência e o Mercado, rege a Política. A unidade da crítica filosófica e científica se faz pela concepção de “verdade”, segundo a qual a Idéia da Sociedade Justa e que motiva todo o empreendimento Crítico-posto que “a idéia da vida verdadeira é uma ciência esquecida”. (Adorno)

II – CONTEÚDO

As Vítimas da Razão Instrumental:

- 1) A Escola de Frankfurt: Marxismo e Revolução:
 - a) A escola diante de Korsch e Lukács.
 - b) A escola de Frankfurt diante da Contra-revolução.
- 2) A Escola de Frankfurt: a Travessia.
 - a) A *verwaltete Gesellschaft* e o destino do Indivíduo.
 - b) Teoria Crítica da Sociedade ou Teoria Social da Razão.

Embora no programa a menção seja sempre ao projeto coletivo (“escola de Frankfurt”, “Teoria Crítica”), os temas apontados remetem muito à obra de Horkheimer e de Adorno, particularmente este último. A forma como a “Razão” é colocada remonta às discussões da *Dialektik der Aufklärung*, além do livro de Horkheimer *Eclipse da Razão*, que dá continuação a ela. Com relação a Adorno, as menções são ainda mais diretas: além da citação em “Objetivos” (provavelmente extraída da *Minima Moralia*), a expressão “*verwaltete Gesellschaft*” (“sociedade administrada”) foi amplamente utilizada pelo autor. A bibliografia atesta estas afirmações: o único texto frankfurtiano indicado é “M. Horkheimer, T. Adorno – *Dialéctica del Iluminismo*, Ed. SUR, B.A.”, sem data⁴⁴. Os outros textos da bibliografia são de Marx, Korsch, Lukács e Trotsky.

⁴⁴ É importante ressaltar, no entanto, que este programa se encontra naquele formato, mencionado no capítulo anterior, em que os programas são compilados e publicados em uma brochura pela própria Faculdade de Filosofia da USP. Nesta versão, há uma alteração importante nas bibliografias dos cursos. Na publicação dos programas de 1979 há ao final do volume a seguinte mensagem: “NOTA IMPORTANTE: A Bibliografia aqui apresentada se refere apenas aos 5 (cinco) primeiros livros indicados na relação original apresentada pelos respectivos professores responsáveis”. Embora datada de 1979, esta

É importante ressaltar aqui o fato de a *Dialektik der Aufklärung* ser citada em sua versão integral na bibliografia. Até então, as traduções da obra eram sempre de partes do livro (como vimos no item 1.3 desta dissertação): entre 1969 e 1975 são publicados três capítulos, de forma independente (as coletâneas de Luiz Costa Lima, de Vamireh Chacon e a edição de Os Pensadores). Aqui, em 1977 temos uma disciplina que menciona a obra inteira, além de tratar, como indicam os “Objetivos” do curso, dos temas presentes nela. Mas esta não é a única disciplina de 1977 a mencionar tal obra. Aparentemente o interesse pela *Dialektik der Aufklärung* crescia no interior do campo adorniano. Esse interesse possivelmente ajuda a explicar a tradução do livro completo, na década seguinte.

A disciplina FLF 104, “Filosofia Geral” é outra a citar a obra em questão. O curso se propõe a discutir a relação entre “verdade” e “evidência” desde o século XVIII (iluminismo) até o XX, passando por diversos autores (Hegel, Merleau-Ponty, Cassirer). Na bibliografia do curso, “Adorno e Horkheimer, Dialética do Iluminismo”. A indicação aparece sem qualquer referência de publicação.

A outra disciplina de 1977 que faz menção à *Dialektik der Aufklärung* é FLF 457, “Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência IV”. Nela, pretende-se abordar a relação entre “saber” e “ação”, “em dois contextos filosóficos: o aristotélico e o do século XVII”. Na bibliografia, item “B – Estudos recentes”, consta “Adorno e Horkheimer, O Conceito de Iluminismo, Abril”. Novamente, recorre-se à tradução brasileira do texto. A edição de Os Pensadores vinha se tornando influente, em um breve período de tempo.

Além destes três programas, há ainda outras disciplinas a incluir Adorno no seu rol de discussões, focando em outros temas que não os da *Dialektik der Aufklärung*. A disciplina FLF 213, “Estética I” tem como título “Problemas da estética contemporânea”, apresentando alguns temas tratados pelos autores de Frankfurt. Assim, os dois primeiros nomes da bibliografia são Adorno e Benjamin. Daquele, o texto é “Théorie Esthétique” (Klincksieck, 1974). Trata-se de edição francesa da *Teoria Estética*, mencionada anteriormente.

A disciplina FLF 270, “Teoria das Ciências Humanas I” trata da relação entre ideologia e outros fenômenos sociais, como o conhecimento (ciências sociais, filosofia) e a cultura. A menção de Adorno na bibliografia remonta à interdisciplinaridade com a

afirmação vale para programas de anos anteriores. Diante dessa condição, fica registrada aqui a sorte de estudarmos a recepção de um autor cujo sobrenome começa pela letra “A”.

Sociologia, ao indicar como referência o texto escrito em parceria com Horkheimer, *Sociológica* (Taurus, 1966), conforme visto, amplamente utilizado nos cursos daquela área.

A última disciplina de 1977 a mencionar Adorno é FLF 438, “História da Filosofia Contemporânea IV”, optativa. Nos “Objetivos” da disciplina pretende-se:

Examinar dois momentos mais significativos de crítica contemporânea da teoria tradicional, notadamente na sua primeira versão, a dos anos 1920. A partir dessa primeira coincidência temática, proceder ao confronto metódico das divergências, inclusive as de cunho aparentemente extra-filosófico. – Os trabalhos de Seminário pretendem estudar um novo período dessa liquidação da filosofia tradicional. [grifo no original]

Os “dois momentos” da crítica à teoria tradicional nos anos 1920 ficam claros no item “II – Conteúdo: Lukács e Heidegger”. O curso é pautado, portanto, nestes dois filósofos, recorrendo-se eventualmente a outros autores. Na bibliografia do curso constam Lukács, Heidegger, Husserl, L. Goldmann e Adorno. O “novo período” da crítica aparece nas referências dos seminários: Foucault, Althusser, Derrida e Lyotard.

Os textos de Adorno mencionados na bibliografia são “Dialectica Negativa (1ª parte), Einaudi, Torino, 1970” e “La Ideología como lenguaje [sic], Taurus, Madrid, 1971”. Já havíamos observado anteriormente o uso da *Dialética Negativa* em uma disciplina tratando de Heidegger (em 1975, FLF 491, “Filosofia geral e metafísica”). Aqui aparentemente trata-se de algo similar, uma vez que o curso é centrado em Lukács e Heidegger e, além da *Dialética Negativa*, apareça “A ideologia como linguagem”, outro texto no qual Adorno desenvolverá críticas àquele filósofo.

O ano de 1977 foi um ápice da presença de Adorno nos programas das disciplinas da Filosofia da USP, com sete disciplinas abordando o autor. Este fenômeno não voltará a se repetir. No ano seguinte quatro disciplinas incluem o autor, algumas sendo retomadas de anos anteriores. É o caso de FLF 104, “Filosofia Geral” (cujo texto de Adorno é a “Dialética do Iluminismo”), FLF 213, “Estética II” (texto: *Théorie Esthétique*, Klincksieck, 1974) e FLF 270, “Teoria das Ciências Humanas I” (texto: *Sociológica*, Taurus, 1966). Todas estas disciplinas continuam, idênticas, no ano de 1979⁴⁵. Em 1980, apenas uma disciplina apresenta Adorno: FLF 475, “Teoria das Ciências Humanas III”, a mesma de 1977 (com o texto “Dialética Del Iluminismo, Ed.

⁴⁵ Tanto em 1978 quanto em 1979 há a disciplina FLF 106, “Filosofia Geral I”, optativa. Apesar de não possuir referência explícita a Adorno, a disciplina que pretende abordar a relação entre “a reflexão e a experiência social e política” tem entre seus temas o item “2) Reflexão em torno do Nazismo: A Escola de Frankfurt”.

SUR, B.A.”). A partir de 1981 a situação muda. As disciplinas ampliam o leque de referências a Adorno, incluindo textos até então não mencionados.

A disciplina FLF 212, “Estética I” é amplamente baseada na “escola de Frankfurt”, principalmente em Walter Benjamin e Adorno:

I – Objetivos:

O curso será baseado em seminários, centrados na problemática contemporânea referente ao problema da arte frente à sociedade de consumo e da indústria cultural, passando por alguns autores significativos para situar e discutir essa problemática.

II – Conteúdo:

1. A noção de obra de arte. 2. A passagem da obra para a reprodutibilidade técnica. 3. A noção de Indústria Cultural. 4. Problemas e limites da vanguarda. 5. Arte e criatividade.

Na bibliografia, diversas referências a Adorno: *Teatro* [sic – na verdade, “Teoria”] *da Cultura de Massa*, coletânea de Luiz Costa Lima da editora Saga (“Textos de: W. Benjamin, Edoardo Sanguinetti, Marcuse, Adorno e Horkheimer”); *Théorie Esthétique*, Klincksieck – Cap. XII (§ 1 a 20); *A* [sic] *fetichismo na música*, Ed. Abril [coleção “Os Pensadores”]; *Conferência sobre Lírica e Sociedade* [idem]. É importante ressaltar que, com exceção da *Teoria Estética*, todas as outras referências são traduções brasileiras de Adorno.

No mesmo ano, 1981, outra disciplina a tratar de Adorno é digna de uma atenção especial. FLF 160, “Filosofia” é matéria optativa, destinada ao curso de Psicologia. Esta disciplina está ligada a um fenômeno a ser abordado mais adiante neste capítulo, a expansão de Adorno para outras áreas do conhecimento acadêmico para além da Sociologia e Filosofia. Conforme exposto no capítulo anterior, havia disciplinas de Sociologia para o curso de Psicologia da USP que possuíam Adorno como referência. Aqui, em 1981, esta disciplina da Filosofia realiza o mesmo processo com uma diferença: o tema dela é nada menos que a “escola de Frankfurt”. Tanto é assim que na bibliografia do curso há a primeira grande história da “escola”, o livro *The Dialectical Imagination*, de Martin Jay. Além dele, obras de Horkheimer, Benjamin e Adorno. Deste último, *Dialektik der Aufklärung* [sic], sem referência, e *Minima Moralia*, Ed. Einaudi (obra em italiano). O oferecimento de disciplinas externas à grade da Psicologia que abordavam Adorno começa a se refinar no início dos anos 1980.

Mas também para a própria Filosofia. Como vimos, já havia disciplinas cujo tema central era a “escola de Frankfurt”. Em 1981 este procedimento continua com a

optativa FLF 475, “Teoria das Ciências Humanas III”, que tem um programa reformulado comparativamente ao de 1980. O programa de 1981 é idêntico à disciplina mencionada acima, FLF 160, “Filosofia” para Psicologia. É digno de nota alunos da Filosofia e da Psicologia receberem o mesmo curso sobre a “escola de Frankfurt”.

Ainda em 1981, outra disciplina que deve ser abordada é FLF 476, “Teoria das Ciências Humanas IV”, optativa. Os seus objetivos são “Examinar os fundamentos teóricos de alguns dos conceitos amplamente utilizados no pensamento político moderno”. Segundo o “Conteúdo” da disciplina, estes conceitos são “Liberdade e igualdade”. Na bibliografia o primeiro nome é Adorno, que aparece sozinho como autor de *La Dialectique de La Raison* (Paris, Gallimard, 1974), tradução francesa da *Dialektik der Aufklärung*.

No ano de 1982 as disciplinas FLF 475, “Teoria das Ciências Humanas III” e FLF 476, “Teoria das Ciências Humanas IV”, permanecem sem alterações. Já FLF 160, “Filosofia”, optativa para o curso de Psicologia, é modificada. Aqui, ela parece em uma versão igual à disciplina FLF 475, “Teoria das Ciências Humanas III” (aquela de 1977 e 1980). A diferença é que nesta versão da ementa do curso a bibliografia é mais extensa⁴⁶. Nela, além da *Dialética del Iluminismo* (mencionada nas versões anteriores da disciplina), aparecem também *Dialética [sic] Negativa* (Ed. Taurus, Espanha) e *PRISMI* (Ed. Einaudi, Torino), além de textos de Horkheimer, Marcuse e Benjamin. Continuava o esforço de abordar a “escola de Frankfurt” no curso de Psicologia.

De 1983 para 1984 há programas idênticos. Neles, permanecem sem mudanças as disciplinas FLF 475, “Teoria das Ciências Humanas III” e FLF 476, “Teoria das Ciências Humanas IV”. A disciplina FLF 160, “Filosofia” para Psicologia tem como única alteração no programa o retorno à bibliografia com apenas cinco títulos (sendo a única menção de Adorno a *Dialética del Iluminismo*, Ed. Sur, B.A.). A única novidade é o retorno da disciplina FLF 457, “Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência IV”, com programa igual ao apresentado em 1977. Aqui, o texto de Adorno é, novamente, “O Conceito do [sic] Iluminismo”, Abril (coleção “Os Pensadores”).

⁴⁶ Nos programas de 1977 e 1980 a bibliografia estava alterada, possuindo apenas os cinco primeiros títulos, conforme dito anteriormente. Nesta edição, de 1982, há outras obras. Talvez esta fosse a bibliografia inteira, também presente nos cursos de 1977 e 1980, mas editada em função do formato da publicação da FFLCH.

A partir de 1984⁴⁷, no entanto, há uma inflexão importante. Embora continuem existindo programas sobre temas diversos que incorporem Adorno no debate (especialmente os cursos de Estética), neste ano com a integração da professora Olgária Chaim Féres Matos⁴⁸ ao corpo docente, haverá uma presença quase constante de Adorno nos cursos da Filosofia da USP.

Assim, em 1984 há a disciplina FLF 272, “Teoria das Ciências Humanas”, ministrada pela professora Matos, cujo objetivo é discutir uma das “teorias da história” dos frankfurtianos, no que tange à relação entre progresso e violência. Na bibliografia consta a edição de *Os Pensadores* voltada aos frankfurtianos, além de textos de Horkheimer, Benjamin, Marcuse e Adorno (*Dialectica Negativa*, Ed. Taurus, s/d).

Em 1985 também aparece a disciplina FLF 272, “Teoria das Ciências Humanas”, embora não tenha sido possível acessar o programa dela. Para 1986 há duas disciplinas ministradas por Olgária Matos com tema sobre os frankfurtianos: FLF 272, “Teoria das Ciências Humanas” e FLF 437, “História da Filosofia Contemporânea III”.

Assim, na segunda metade da década de 1980 e por toda a de 1990, haverá disciplinas ligadas à “escola de Frankfurt”. Boa parte delas foi ministrada por Olgária Matos (particularmente sob o nome “Teoria das Ciências Humanas”, e focadas especialmente em Adorno e Benjamin), embora haja outras ministradas por Otilia Arantes (FLF 214, “Estética”, em 1984), Vera Lúcia Felício⁴⁹ (FLF 214, “Estética”, em 1987 e 1988), Ricardo Ribeiro Terra⁵⁰ (FLF, 272, “Teoria das Ciências Humanas” com o título “Introdução à Teoria Crítica e à filosofia de J. Habermas”, ministrada em 1996, 1997, 1999). Ao longo da década de 1990 percebe-se uma aproximação de Olgária Matos com relação a temas da filosofia antiga, o que a leva a dividir sua atenção entre esta área e a “escola de Frankfurt” nas disciplinas que leciona.

⁴⁷ A partir daqui, as referências aos programas do curso de Filosofia da USP são as cópias digitalizadas dos mesmos, disponíveis na página do Departamento de Filosofia da USP na internet. A grande diferença destes programas digitalizados, é que nestas versões constam os nomes dos professores de cada disciplina. No entanto, há um lapso: não aparecem os programas entre os anos 1991 e 1994.

⁴⁸ Graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1970), mestre pela Universidade de Paris 1 Pantheon-Sorbonne (1974), doutora pela USP com tese sobre os frankfurtianos, sob orientação de Marilena Chauí (1985). Professora da USP desde 1979.

⁴⁹ Graduada (1971), mestre (sob orientação de Marilena Chauí, 1974) e doutora (novamente sob orientação de Chauí, 1980) em Filosofia pela USP.

⁵⁰ Graduado (1971) e doutor (1981, tese sobre Kant) pela USP.

2.2. Traduções

A década de 1980 é um ponto de inflexão importante nas publicações envolvendo Adorno no Brasil. A análise das disciplinas do curso de Filosofia da USP mostrou como o interesse pelo autor foi gradativamente aumentando. Este processo também será perceptível nas escolhas dos textos traduzidos e discutidos pela intelectualidade brasileira nas décadas de 1980 e 1990. Este é também o momento em que ocorre no campo aquilo que Bourdieu denomina “revolução”: uma mudança de paradigma, a partir de outra tradução para a palavra *Aufklärung*.

2.2.1. Os Pensadores (1980)

Em 1980 a editora Abril, de São Paulo, publica a segunda edição do volume da coleção “Os Pensadores” dedicado à “escola de Frankfurt”. Nela, há dois novos textos de Adorno, traduzidos por intelectuais que não estavam presentes na primeira edição do volume. Um dos textos inéditos é “Ideias para a Sociologia da Música” (retirado de *Klangfiguren*, Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1959), traduzido do alemão por Roberto Schwarz. Conforme discutido no capítulo anterior, Schwarz já era um autor consolidado no campo adorniano, uma vez que vinha trabalhando com a obra do frankfurtiano desde a década de 1960. Mais adiante retornaremos à obra de Schwarz.

O outro texto é “Posição do narrador no romance contemporâneo” (presente em *Noten zur Literatur I*, Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1958), traduzido também do alemão por Modesto Carone. Graduado em Direito e Letras pelas USP, Carone foi professor de literatura brasileira em Viena, entre 1965 e 1968. Foi ali que tomou contato com a obra da “escola de Frankfurt”, em 1966 (Carone, 2004). De volta ao Brasil, realiza seu doutorado em letras anglo-germânicas, concluído em 1973. Também em 1968 traduz o livro *Kafka: pró e contra*, de Günthe Anders, a convite de Anatol Rosenfeld. Ali se iniciou o contato com a obra do escritor Franz Kafka, cuja tradução se tornaria tarefa de Carone: entre 1983 e 2002 traduziu todas as suas obras (Carone, 2004). Diga-se que também Adorno dedicou atenção à obra de Kafka, especialmente no texto “Anotações sobre Kafka” (em *Prismas: crítica cultural e sociedade*). Pouco depois da publicação frankfurtiana de “Os Pensadores”, Carone começou a lecionar no Instituto de Letras da Universidade Estadual de Campinas, onde ficaria de 1981 a 1996. Neste período foi colega de Roberto Schwarz. Em um depoimento pessoal (Carone, 2004), Modesto Carone atesta a importância da leitura de Adorno como parte de seu

ofício de tradutor, não apenas com relação a Kafka, mas também aos comentários do frankfurtiano acerca da obra de Paul Celan, outro autor que traduziu.

É importante notarmos que esta segunda edição de “Os Pensadores” dedicada aos autores da “escola de Frankfurt” inclui dois intelectuais que não eram filósofos de formação. Esta tinha sido a grande marca da primeira edição, hegemonizada por intelectuais da Filosofia, em todos os processos envolvendo a publicação (introdução, seleção, tradução). A inclusão na segunda edição de pessoas ligadas à Teoria Literária atesta um elemento importante do processo de consolidação do campo adorniano: o rigor nas traduções do alemão. Não se trata de incluir no processo de tradução “especialistas” em uma determinada área: embora o texto que Carone traduziu trate de literatura, o mesmo não ocorre com o de Schwarz, cujo tema é a sociologia da música. Aparentemente interessa mais o rigor dos tradutores com relação ao autor e a língua alemã do que a área acadêmica na qual atuam, lecionam, etc. Tradutores oriundos da área de Letras se tornarão cada vez mais raros. Este é o caminho que percorrerá o campo adorniano, conforme sua consolidação se efetiva: um espaço onde as traduções do autor serão hegemônicas por filósofos formados em uma tradição germanista, capazes, portanto, de traduzir um autor alemão cuja obra trafega por diferentes áreas.

2.2.2. Teoria Estética (1982)

Em 1982 a editora paulista Martins Fontes publicou uma tradução da obra *Teoria Estética*. A editora realizou algo até então inédito no campo adorniano brasileiro: publicar no país uma tradução estrangeira, uma vez que esta edição consiste em uma tradução realizada em Portugal. Assim, tem-se uma obra cuja posição no campo adorniano brasileiro é singular, considerando-se que, embora utilizada, não tenha sido obra de alguém deste campo.

A *Teoria Estética* é uma obra incompleta de Adorno, publicada em 1970 a partir de textos redigidos entre 1961 e 1969. O projeto foi interrompido pela sua morte, neste último ano. Segundo o tradutor português Artur Morão, Adorno tinha como objetivo escrever ainda outra obra sobre filosofia moral, a qual, em conjunto com a *Teoria Estética* e a *Dialética Negativa*, comporia um trio central à obra do autor.

É possível compreender a publicação de *Teoria Estética* no Brasil como forma de atender uma demanda que, conforme visto anteriormente, existia nos cursos de Filosofia voltados à estética, aproveitando-se da existência de uma tradução realizada em Portugal. Considerando que a questão da arte já estava presente no campo adorniano

desde a sua constituição, é possível considerar a publicação da *Teoria Estética* no Brasil em 1982 (mesmo ano da publicação em Portugal) como parte do processo de fortalecimento da Filosofia no campo.

Além disso, destaca-se da publicação desta obra uma outra questão para a compreensão do campo adorniano. Ao final do volume há um “Glossário de palavras não traduzidas no texto”, entre elas *Aufklärung*, que aparece descrita como “Iluminismo, ilustração; palavra central da Teoria Crítica na qual concentra a sua denúncia da razão tradicional puramente instrumental”. Esta tradução corrobora o sentido geral do termo que vinha sendo adotado no campo até então.

2.2.3. *Dialética do Esclarecimento* (1985)

Em 1985 a editora Jorge Zahar (Rio de Janeiro) publica a tradução de uma das principais obras de Adorno, a *Dialética do Esclarecimento*. Originalmente concebida por Horkheimer, e realizada a quatro mãos com Adorno, a obra é uma espécie de balanço crítico do desenvolvimento da razão ocidental. Embora já existissem traduções de capítulos da obra (“A Indústria Cultural. O Iluminismo como Mistificação da Massa”, na coletânea *Teoria da cultura de massa*, de Luiz Costa Lima, 1969; “Excertos”, na coletânea *Humanismo e Comunicação de Massa*, de Vamireh Chacon, 1970; “Conceito de Iluminismo”, na coletânea sobre os autores de Frankfurt da coleção *Os Pensadores*, 1975), esta foi a primeira vez que ela foi integralmente traduzida no Brasil. Seguindo a tendência que se desenvolvia no campo adorniano, a tradução foi realizada por um filósofo: Guido Antonio de Almeida⁵¹.

Além da *Dialética do Esclarecimento*, Guido A. de Almeida também esteve envolvido no processo de tradução da *Minima Moralia* (que será discutido adiante). Como atesta a sua trajetória profissional, temos aqui um caso de um filósofo tradutor de Adorno que não se debruça sobre este autor em sua própria produção acadêmica. A maior aproximação com Adorno ou a escola de Frankfurt são seus trabalhos sobre Habermas e a ação comunicativa.

⁵¹ Graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais (1960), mestre pela Fordham University, EUA (1962), doutor em filosofia pela Universidade de Freiburg (com tese sobre Husserl; 1970) e professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (desde 1983). Pouco depois da tradução da *Dialética do Esclarecimento*, realizaria seu pós-doutorado pela Freie Universität Berlin (concluído em 1987). A maior parte da sua produção acadêmica orienta-se para o pensamento de Kant, com incursões sobre outros autores como Husserl, Wittgenstein e Habermas. O mesmo vale para as orientações de mestrado e doutorado que realizou.

Apesar de inicialmente se encontrar em uma posição de *outsider* do campo adorniano, as traduções empreendidas por Guido A. de Almeida tornar-se-ão incontornáveis para aqueles interessados na obra de Adorno. Primeiro por serem as primeiras traduções brasileiras integrais da *Dialética do Esclarecimento* e da *Minima Moralia* (esta receberá outra tradução por Gabriel Cohn). Segundo, pelas *escolhas* que o tradutor realizou. Este é o momento de adentrar o debate até agora apenas mencionado nesta dissertação: a opção de Guido A. de Almeida pelo termo “esclarecimento”, em detrimento do tradicional “iluminismo”, como tradução portuguesa da palavra alemã *Aufklärung*.

O tradutor da *Dialética do Esclarecimento* elenca basicamente quatro motivos para o emprego deste último termo. Primeiro, o uso coloquial que a palavra *Aufklärung* possui na língua alemã, designando o mesmo que o termo “esclarecimento” na língua portuguesa, ou seja, “o processo pelo qual uma pessoa vence as trevas da ignorância e do preconceito em questões de ordem prática (religiosas, políticas, sexuais, etc.)” (Almeida, 2006, p. 7). A este uso coloquial soma-se o significado filosófico, utilizado, por exemplo, no célebre texto de Immanuel Kant sobre a *Aufklärung*.

O segundo motivo é de ordem teórica. Para Guido A. de Almeida, o termo *Aufklärung* é usado por Adorno e Horkheimer para definir o processo de “desencantamento do mundo”. Aqui é claramente invocada a figura do sociólogo Max Weber. O termo, portanto, não se refere a um momento do passado, definido e circunscrito – o movimento intelectual do século XVIII chamado Iluminismo –, mas a todo o processo histórico de racionalização, de desmitologização frente a natureza.

O terceiro motivo pela opção por “esclarecimento” é que as palavras “iluminar”, “iluminado” não se refeririam a um processo de racionalização, mas antes estariam ligadas às luzes divinas (o sujeito iluminado é aquele, de alguma forma, tocado por Deus), enquanto “ilustrado” e “ilustração” se refeririam a um conhecimento obtido a partir da leitura, e não da reflexão e da crítica. Por fim, Guido A. de Almeida apóia-se em outras traduções nacionais que optaram pelo mesmo termo, mencionando o texto de Kant traduzido como “Resposta à pergunta: ‘Que é esclarecimento?’” (tradução de F. de Souza Fernandes, in: Immanuel Kant, *Textos seletos*, Vozes, 1974).

Guido A. de Almeida mostra, assim, como sua opção por “esclarecimento” parte de noções profundamente refletidas, que envolvem tanto aspectos teóricos (da sociologia, da filosofia) quanto técnicos, da língua alemã. Esta tradução, no entanto,

despertou reações, importantes para avançarmos na compreensão dos processos que envolvem a constituição do campo adorniano no Brasil.

No dia 28 de setembro de 1985, o jornal Folha de São Paulo publicou uma matéria tratando da publicação da *Dialética do Esclarecimento*. Escrito por Marcos Augusto Gonçalves e intitulada “O esclarecimento que veio para confundir”, o artigo expõe os fundamentos lançados por Guido A. de Almeida para a tradução e explica que existe uma polêmica com relação a ela. A seguir, convoca diferentes agentes do campo adorniano para deporem sobre o assunto, mostrando as posições distintas com relação à tradução de *Aufklärung*.

Em acordo com a escolha de Guido Antonio de Almeida está um aliado de peso no campo adorniano, Roberto Schwarz, que é categórico: "esclarecimento" é a "melhor opção em relação ao que o livro estuda". Continua, ironicamente: "Não sei se é a melhor opção em termos de mercado editorial, mas como tradução acho muito boa". O apoio de Schwarz ao termo “esclarecimento” é interessante pois transfere um capital simbólico muito importante para Guido A. de Almeida. Este já havia conquistado um lugar de destaque no campo pelo fato de ter traduzido obra tão aclamada de Adorno; a adesão de Schwarz à sua opção de tradução é reforço significativo dessa posição.

No entanto, há também críticas à tradução. A matéria traz duas. A primeira vem de Olgária Chaim Féres Matos, que, no mesmo ano da publicação da *Dialética do Esclarecimento*, concluía seu doutorado pela USP com tese sobre os frankfurtianos (será discutido mais adiante). Com o tempo Olgária Matos tornou-se uma das maiores especialistas do Brasil sobre escola de Frankfurt e Walter Benjamin em particular. Este prestígio aparece já no fato de ser convocada pela Folha de São Paulo a se posicionar com relação à tradução de *Aufklärung*, opção à qual se opõe:

Aufklärung é uma palavra que comporta diversas noções, como explicação, esclarecimento, aclaramento, iluminismo. O que me parece é que a opção por esclarecimento corre o risco de se confundir com os usos que a palavra tem no senso comum.

Nesse trecho, Olgária Matos se opõe ao primeiro dos quatro motivos que Guido A. de Almeida utiliza para sustentar sua tradução: o uso coloquial do termo “esclarecimento”, tanto em alemão quanto em português. Além disso, continua a matéria,

Olgária acredita que a primeira opção [iluminismo] seria mais adequada ao projeto da obra, que faria uma "utilização 'trans-histórica' do conceito de iluminismo". "Seria uma escolha mais abrangente, porque iluminismo, além de se referir ao movimento propriamente alemão da 'Filosofia das Luzes',

abarca também o movimento filosófico, o movimento político e o movimento das ideias em geral".

A posição de Olgária Matos será próxima da de outros agentes do campo adorniano, qual seja, a tendência a colocar foco sobre o movimento intelectual do século XVIII que, em língua portuguesa, costuma-se denominar como "Iluminismo". Outro autor que em certa medida compartilha deste ponto de vista é outro agente importantíssimo do campo adorniano, Gabriel Cohn. Na matéria da Folha de São Paulo, Cohn afirma que "O livro mostra como o momento histórico singular das 'Luzes' tem uma dialética a ser trazida à tona, nos remetendo a um processo maior". Assim, o movimento do século XVIII teria que ser observado como um ponto de partida que remete a algo maior. Gabriel Cohn diz que "o 'Iluminismo' precisa ser refletido numa perspectiva histórica mais ampla e que não há o corte que se imaginava em relação às 'Luzes'".

Algo como uma terceira posição, entre a adesão e a crítica, se encontra na fala de Sergio Rouanet. Possuidor de variada formação acadêmica, que inclui Direito, Economia, Ciências Políticas (doutor pela USP, em 1979, sob orientação de Ruth Correa Leite Cardoso) e Filosofia, Rouanet atuou desde o final da década de 1950 como diplomata. Em 1975 publicou, em parceria com Bárbara Freitag, o texto "A Montanha Mágica e a dialética da inversão", que menciona vários autores da "escola de Frankfurt" como referência (França, 2015, p. 63). No mesmo ano da publicação da *Dialética do Esclarecimento*, a editora paulistana Brasiliense publicou *A origem do drama barroco alemão*, de Walter Benjamin, traduzido por Rouanet. Se Rouanet não ocupava uma posição central no campo adorniano – como Schwartz ou Cohn – não se pode dizer que era um autor alheio a ele.

Com relação à tradução da obra de Adorno e Horkheimer, afirma: "esclarecimento é uma tradução possível". E continua: "Eu acho que está legal assim, embora pudesse preferir uma terceira opção: ilustração";

Sua única restrição é em relação ao significado didático que a palavra "esclarecimento" contém - que remete à figura do professor, aquele que esclarece. "Mas tem o mesmo radical de clarão, está ligado à ideia de luz", considera. "Acho que o tradutor tem razão em seus argumentos, mas isto não impede outras traduções".

A matéria da Folha de São Paulo encontrou posicionamentos diferentes com relação à tradução de *Aufklärung*. Para os fins desta dissertação, interessa ressaltar que agentes centrais para o campo adorniano colocam-se em posições extremas quanto à tradução: Schwartz, a favor; Cohn, contra (com o apoio de Olgária Matos, que à época fortalecia

sua posição no campo). Em um meio termo, um agente relativamente externo ao campo adorniano, com passagens pontuais por ele.

A matéria também é importante porque registra as opiniões destes pesquisadores com relação às concepções sobre Theodor Adorno que vinham se desenvolvendo no Brasil. Quando questionados sobre a possível atualidade da *Dialética do Esclarecimento*, existe uma certa unanimidade em saudar o livro como fonte de reflexões para o momento histórico de então.

Rouanet afirma que "A história recente não parece ser mais promissora do que da época de Adorno", pois "[e]stamos vivendo à sombra de fanatismos, guerras religiosas e dos cogumelos nucleares". A matéria continua:

Mas, apesar disso, Rouanet alerta para o perigo de se congelar Adorno e Horkheimer com a noção de "pessimismo". Para Rouanet, o próprio projeto dos filósofos de Frankfurt "é iluminista". "Adorno", diz, "quer libertar o homem da tutela mítica".

Rouanet se distancia, assim, da visão construída desde os primórdios do campo – particularmente a partir da obra de José Guilherme Merquior sobre os frankfurtianos – de que Adorno seria um “pessimista”. É digno de nota o fato de que Rouanet possuía uma relação pessoal com Merquior, com quem publicou o livro *O Homem e o Discurso – Arqueologia de Michel Foucault* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971).

Olgária Matos prefere o termo “melancolia” à “pessimismo”, termo, aliás, presente no título de sua tese de doutoramento *Arcanos do inteiramente outro : a Escola de Frankfurt, a melancolia, a revolução*. Para Matos, Adorno e Horkheimer "se colocam, por atitude, contra o dogmatismo, e o pessimismo é um dogmatismo". A análise contida no livro tem como objetivo "barrar o irracional". A atualidade da obra está no fato de que "[é] preciso levar em consideração não apenas a barbárie, mas a progressão. A destrutividade não é o único aspecto da razão iluminista, embora a guerra não seja um epifenômeno em relação à razão". O juízo de Cohn é sucinto, mas não menos emblemático: "encontrariam no mundo de hoje elementos para a confirmação de suas teses"

Por fim, Roberto Schwarz afirma que "Este livro lançou a discussão moderna sobre os meios de massa". Sobre a atualidade do texto, apesar de afirmar que "[o] contexto mudou", ressalta que isso não invalida seus argumentos, que são "da maior importância para a atualidade". Com relação à definição de pessimismo: "É uma descrição onde não aparece saída, não porque eles não desejassem, mas porque não

viam a saída. O livro é um juízo da realidade. Se se quiser chamar isso de pessimismo...". Este argumento de Schwarz é interessante porque desloca a noção de “sem saída”, retirando-a de Adorno e Horkheimer e colocando-a para a sociedade que ambos analisam. “Sem saída”, portanto, seria o objeto da análise e não os sujeitos dela.

Como será exposto adiante, a polêmica em torno de *Aufklärung* arrefecerá ao longo do tempo. Isso não significará, no entanto, consenso absoluto em torno da “nova” tradução. Quando questionado sobre a tradução de *Aufklärung*, Flávio Kothe afirmou que

Esclarecimento é amplo demais; iluminismo, restrito a uma época, mas eu preferiria ainda falar em dialética do iluminismo. O Brasil é país de dominação católica, reacionário e contrário ao racionalismo crítico. Até hoje nas universidades não se dão cursos amplos sobre o século XVIII, os alunos do ensino médio e os universitários não estão lendo Diderot, Voltaire, d’Alembert, Kant, Lessing e assim por diante.⁵²

Em uma interpretação paralela à de Olgária Matos e Gabriel Cohn, por exemplo, Kothe foca o iluminismo, enquanto movimento filosófico, como questão. Distinto daqueles autores, no entanto, a explicação de Kothe baseia-se em uma perspectiva cultural: considerando a influência menor que a tradição racionalista do século das luzes possui no Brasil, atentar, na tradução de *Aufklärung*, para iluminismo, seria forma de colocar o projeto do racionalismo crítico em questão. Além desta, Kothe posicionou-se acerca de outra tradução importante:

Um erro básico na tradução é o conceito de “Kulturindustrie”, que é traduzido por “indústria cultural”, como se a indústria fosse cultural, quando quer dizer exatamente o contrário, a industrialização da cultura como traição à cultura.⁵³

Para Flávio Kothe, a opção “indústria cultural” não dá conta da ambiguidade presente no termo em alemão, que, ao afirmar o caráter industrial da cultura, nega-a. Não foi encontrada durante esta pesquisa nenhum comentário similar acerca da tradução de *Kulturindustrie*.

A tradução completa de *Dialética do Esclarecimento* constitui-se em um marco no campo adorniano por dar vazão a uma grande polêmica interpretativa acerca do autor. A tradução de um único termo será a ponta de um iceberg teórico, sobre o qual muitas páginas serão escritas nos anos imediatamente posteriores à publicação de 1985.

⁵² Entrevista concedida ao autor da dissertação, realizada por e-mail, em 30 de maio de 2017.

⁵³ Idem.

2.2.4. Adorno-Sociologia (1986)

Uma das principais reações à tradução “esclarecimento” aparece já no ano seguinte à publicação que deu origem à polêmica. O laconismo de Gabriel Cohn na matéria da Folha de São Paulo contrasta (e talvez, seja devido a) com a redação de um texto no qual o autor se posiciona de maneira clara com relação a vários temas então discutidos no campo adorniano. Trata-se da introdução a uma coletânea de textos de Adorno organizada por Cohn, parte da coleção “Sociologia”, da editora Ática⁵⁴. E, como não poderia deixar de ser, a *Dialética do Esclarecimento* é mencionada. Como “dialética do iluminismo”, no entanto.

Os textos que integram o livro foram selecionados por Gabriel Cohn e vertidos por diferentes tradutores. Dois deles, já conhecidos no campo adorniano: Flávio Kothe e Amélia Cohn. À época da publicação de *Theodor Adorno – Sociologia*, Amélia Cohn lecionava na USP (onde concluiu seu doutorado em sociologia, sob orientação de Luiz Pereira, em 1980). Sobre o outro tradutor, Aldo Onesti, não foi possível encontrar informações. Os textos foram retirados de obras diferentes de Adorno, e todos traduzidos a partir dos originais em alemão.

Em entrevista, Flávio Kothe descreveu o processo que levou à sua participação como tradutor da obra organizada por Cohn. Após passagens pela Universidade de Brasília (onde foi cassado pela ditadura, no final de 1977) e pela PUC-SP (onde teve conflitos entre sua linha teórica e a do programa de pós-graduação em Semiótica),

Ao ficar desempregado, conversei com a professora Gilda de Mello e Souza, que conversou com o marido. Cândido me sugeriu que eu procurasse o Florestan Fernandes, que havia sido meu colega na PUC e com quem eu me dava bem. Florestan me pediu uns livros que eu já havia publicado e daí me ajudou, dando-me a tarefa, na Ática, de fazer a tradução de textos de Marx, que ele organizou, um volume de Benjamin e depois a tradução de Adorno. Por volta de 1984, coleções inteiras como a dos Cientistas Sociais na Ática e a dos Pensadores e dos Economistas da Abril foram fechadas por pressão da ditadura. Na época, nós tínhamos de traduzir para sobreviver.

O depoimento de Kothe é importante, pois mostra como o campo acadêmico continuava a ser afetado pelo político, mesmo nos anos finais da ditadura, quando já se falava em abertura. De qualquer maneira, a participação de Kothe como tradutor na coletânea de Adorno (e nas outras que menciona), funcionava como uma agregação de seu capital

⁵⁴ Este livro de Adorno foi resenhado por Olgária Matos, no artigo “A teoria crítica de Adorno”, publicado no jornal Folha de São Paulo em 26 de outubro de 1986. A resenha não possui qualquer tom polêmico com relação à tradução ou seleção dos textos presentes no volume organizado por Gabriel Cohn. No entanto, é importante mencioná-la para mostrar a importância que Olgária Matos – doutora em 1985 com tese sobre a “escola de Frankfurt” – adquiria no campo adorniano.

simbólico, considerando a importância de sua tese de doutorado para os estudos sobre Adorno no Brasil naquele momento.

O livro *Adorno – Sociologia* abre com o texto “Adorno e a teoria crítica da sociedade”, uma apresentação geral do pensamento do autor, redigida por Gabriel Cohn. Nesta apresentação, Cohn aborda diversos elementos importantes para a compreensão de Adorno, como a noção de teoria crítica (expressão que dará unidade à “escola de Frankfurt”), a questão da ideologia, e obras como a *Dialética do Iluminismo* e a *Authoritarian Personality*. Logo no início do texto há menções à obra *Minima Moralia*, cara ao professor da USP (como veremos adiante).

Cohn explica que, embora tenha havido a preocupação de selecionar textos mais próximos de questões sociológicas (tema da coleção na qual o livro foi publicado), deve-se levar em conta que na produção de Adorno “o enfoque sociológico – mais precisamente, a teoria crítica da sociedade – está presente em toda a sua obra (se excetuarmos alguns trabalhos estritamente técnicos sobre música) e, não raro, com uma profundidade e de modo mais instigante em textos que escapam à catalogação formal na sociologia” (Cohn, 1986). No entanto, das diferentes áreas de interesse de Adorno incluídas no volume, “faltariam, talvez, mais referências à psicologia e, mais especificamente, à psicanálise” (idem, *ibidem*). Como veremos adiante, embora estas fossem áreas importantíssimas na obra de Adorno, elas ainda não haviam sido abordadas com profundidade no campo adorniano até então.

Gabriel Cohn afirma que “[a] tradução de Adorno é um problema à parte” (idem, *ibidem*), devido ao seu método de exposição de suas ideias, profundamente refletido, e não por algum traço negativo, como certo obscurantismo que por vezes lhe é atribuído. Com isso, Cohn abre o caminho para o debate das traduções de Adorno como problemas teóricos. Aprofundando o debate exposto na matéria da Folha de São Paulo, Cohn expõe seus argumentos contrários à tradução de *Aufklärung* como “esclarecimento”. Além de tratar o termo sempre como “iluminismo”, a análise de Cohn coloca o livro como uma reflexão crítica do pensamento burguês – derivado, portanto, do iluminismo setecentista – mencionando a relação da razão com o mito. Aqui ele retoma, portanto, a crítica que já havia feito anteriormente na matéria da Folha de São Paulo: enfatiza o contexto do iluminismo, indicando também que ele é ponto de partida para se pensar um processo mais amplo.

A discordância é ainda mais específica quando Cohn reproduz um trecho da introdução que Adorno e Horkheimer escreveram para o livro. A versão presente no

texto de Cohn é “Não temos dúvidas (...) de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento iluminista” (apud Cohn, 1986, p. 15), enquanto na tradução de Guido A. de Almeida temos “Não alimentamos dúvida nenhuma [...] de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor” (Adorno, Horkheimer, 1985, p. 13). Considerando que este Prefácio jamais havia sido traduzido antes da publicação do livro completo, supomos que a versão apresentada por Cohn é tradução dele próprio (considerando seu domínio da língua alemã, manifesto, por exemplo, nas traduções de Adorno em sua coletânea *Comunicação e Indústria Cultural*, de 1971).

Finalmente, é significativo da discordância sobre a tradução o fato de Gabriel Cohn colocá-la em discussão. Na última parte de seu texto introdutório, Cohn menciona as obras de e sobre Adorno disponíveis em diversas línguas, dentre as quais, o português. Aqui Cohn cita a tradução de Guido A. de Almeida dizendo que “[a]o optar por ‘esclarecimento’ como o melhor equivalente para *Aufklärung* nessa obra, abandonando soluções mais usuais como ‘iluminismo’ e ‘razão’, o tradutor despertou polêmica, e deixou claro o caráter refletido da sua tradução” (Cohn, 1986, p. 29). O juízo distante e respeitoso não nega a dimensão do problema posto por Guido A. de Almeida para os outros membros do campo adorniano.

Além da polêmica da tradução, Cohn também debate as definições que Adorno recebeu ao longo do tempo – no caso do campo adorniano, conforme visto, pelo menos desde a marcante obra de José Guilherme Merquior. Contra as acusações de “elitismo” e “pessimismo” lançadas sobre Adorno, Cohn afirma que

nas suas análises está sempre presente a especificação de *tendências sociais*, cujos traços são examinados não apenas como se manifestam aqui e agora, mas contra o pano de fundo das potencialidades da sua relação mais acabada. Para o leitor desavisado fica a impressão de que Adorno estaria traçando um quadro sombrio do que já está pronto e acabado, quando na realidade para ele só faz sentido a análise de processos históricos em curso, visando captar criticamente (isto é, sem aceitá-las sem mais) suas tendências intrínsecas. (idem, *ibidem*)

Neste trecho, a argumentação de Cohn aproxima-se daquela realizada por Roberto Schwarz na matéria da Folha de São Paulo acerca da *Dialética do Esclarecimento*. O suposto “pessimismo” do autor, fruto, na verdade, de leitura “desavisada”, se deve muito mais às tendências do processo social em curso, analisado por Adorno, do que por sua perspectiva acerca dele. O que Adorno faria, seria tornar visíveis as tendências sociais de um “fechamento” histórico. Algo distinto de resignar-se diante destas tendências.

Os dois principais nomes envolvidos no debate sobre a tradução de *Aufklärung* nos primeiros anos após a publicação da *Dialética do Esclarecimento* serão Guido A. de Almeida e Gabriel Cohn. O primeiro, vindo de fora do campo e propondo uma tradução muito distinta da usual; o segundo, já importante membro do campo, opondo-se a ela. A disputa entre estes dois autores transcenderá o espaço da tradução de *Aufklärung* espalhando-se para outra importante obra de Adorno, a *Minima Moralia*.

2.2.5. *Minima Moralia* (1992, 2008)

O tradutor da *Dialética do Esclarecimento*, Guido A. de Almeida, aparecerá novamente envolvido em um processo de tradução quando, em 1992, a editora Ática publica *Minima Moralia*. Esta obra de Adorno foi escrita entre 1944 e 1947 durante o exílio nos Estados Unidos, bem como durante o processo de redação da *Dialética do Esclarecimento*. Em *Minima Moralia*, cujo título ironiza os grandes compêndios de filosofia moral, Adorno desenvolve, ao longo de diversos aforismos, reflexões a partir da vida na sociedade que ele próprio denominou de diferentes formas – administrada, capitalismo tardio, etc. –, reflexões sobre uma vida, segundo o autor, danificada, lesada.

Minima Moralia é o único caso no Brasil de duas traduções diferentes para um mesmo livro de Adorno. Este fato é da maior importância para compreendermos o campo adorniano nacional, pois as duas traduções opõem figuras importantes nele. Na primeira edição, de 1992, o tradutor foi Luiz Eduardo Bicca, e o revisor Guido A. de Almeida; na segunda, a tradução foi feita por Gabriel Cohn. Ainda com a questão da *Aufklärung* em curso, na *Minima Moralia* as polêmicas retornam, mais profundas e mais abertas. Embora sejam publicadas em momentos distintos do campo adorniano, as duas edições serão discutidas em conjunto, por funcionarem como uma continuação do debate Almeida-Cohn.

Reflexo do processo de especialização no campo adorniano, a tradução da primeira edição da *Minima Moralia* no Brasil também foi feita por um filósofo. É nesta área que Luiz Eduardo Bicca realizou seu mestrado (pela PUC-Rio, sob a orientação de Olinto Pegoraro) e doutorado (Universidade de Tübingen, Alemanha, 1984; a tese foi publicada como *Marxismo e Liberdade*, pela editora Loyola em 1987). Bicca é professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro desde 1991. A tradução é sua única obra ligada à Adorno, diante de uma produção variada, cujo autor mais próximo ao pensador de Frankfurt é Hegel.

A tradução de *Minima Moralia* recebeu a supervisão de Guido A. de Almeida. Anos depois da sua tradução da *Dialética do Esclarecimento*, Almeida já havia se tornado um nome relevante no campo adorniano; sua inclusão no processo de tradução da *Minima Moralia* agregava o capital simbólico ao seu nome. Mas também trazia consigo os ares de polêmica em torno da *Aufklärung*.

A primeira edição de *Minima Moralia* não possui comentários dos tradutores. Mas a segunda sim. Publicada em 2008 pela editora Beco do Azougue (Rio de Janeiro), a nova versão desta obra de Adorno foi traduzida por Gabriel Cohn. Nela está incluído um texto de Cohn intitulado “Alguns problemas de leitura e tradução de *Minima Moralia*”, que explicitam ao leitor os motivos que levaram a esta nova tradução:

Por que uma nova tradução de *Minima Moralia*, quando desde 1992 já existia uma de reconhecida qualidade, por Luiz Eduardo Bicca com revisão técnica de Guido de Almeida? Ainda mais quando entre os que reconhecem o mérito daquele trabalho está o autor da presente tradução? Dúvidas como essas foram cuidadosamente consideradas antes de se empreender a tarefa. Acabou, não obstante, prevalecendo a ideia de que um texto dessa ordem oferece tantos desafios que se justificam os esforços de tradução, cada um deles animado por um modo específico de aproximação da obra e do seu autor. (Cohn, 2008, p. 248)

Apesar do tom respeitoso dedicado à tradução anterior de *Minima Moralia* – presente também no balanço sobre a tradução da *Dialética do Esclarecimento*, assinalado anteriormente – fica claro neste texto que Gabriel Cohn realizou uma nova tradução da obra por opor-se a diversas opções adotadas por Bicca e Almeida.

Ao começar a mencionar os motivos que levaram a uma nova tradução, Cohn afirma que já havia feito certas ressalvas à época da publicação do livro, em resenha escrita para o caderno *Mais!* do jornal Folha de São Paulo (22 de novembro de 1992) – texto citado quase integralmente em “Alguns problemas de leitura e tradução de *Minima Moralia*”. Assim, embora a nova tradução de Cohn tenha sido escrita dezesseis anos após a tradução de Bicca e Almeida, as críticas sustentadas por Cohn já estavam presentes à época da publicação desta, em 1992. Referindo-se a seu artigo de 1992, Cohn afirma que “[e]sse comentário da uma ideia das dúvidas que já estavam presentes quando da primeira edição brasileira da obra. De lá para cá, elas só aumentaram” (Cohn, 2008, p. 250).

A principal crítica apresentada na resenha de 1992 se referia à inclusão de notas de rodapé em *Minima Moralia*. Para Cohn, as inúmeras referências de Adorno, sejam diretas (como ao Hays Office) ou indiretas (como a menção a “um dialético”, referindo-se a Lukács), pretendem causar um efeito de cumplicidade com o leitor. Isso é possível,

também, mantendo-se certo ritmo textual (característico do estilo ensaístico de Adorno). Pois bem, segundo Cohn, a inclusão de notas de rodapé cortam ambos os efeitos, ao buscarem explicar ao leitor de que se tratam as tais referências. Com isso, busca-se controlar um texto que tem como uma das principais características a rebeldia (Cohn, 2008, p. 249).

Além das notas de rodapé, haveria uma série de problemas de tradução. O próprio Cohn afirma que ao traduzir Adorno inevitavelmente algo se perde – declaração que pode ser uma forma de aliviar, em parte, a responsabilidade dos tradutores. Isso não impede Cohn, no entanto, de debater as suas escolhas.

Um exemplo significativo está no subtítulo do livro. A versão de Bicca e Almeida aparece como “Reflexões sobre a vida danificada”, enquanto a de Cohn, “Reflexões a partir da vida lesada”. Primeiro, Cohn aponta a diferença entre “sobre” e “a partir”:

A diferença é grande. Uma coisa é tomar a vida danificada como objeto de estudo, e refletir sobre ela. Outra é tomá-la como a referência vivida, a condição substancial que dá o enquadramento no qual a reflexão se move. A segunda posição, que é a de Adorno, erige a vida danificada (ou lesada, se adotarmos a minha tradução) em perspectiva a partir da qual se reflete, não diretamente sobre ela enquanto objeto dado, mas sobre os seus fundamentos materiais e sobre os seus efeitos naqueles que a experimentam. (Cohn, 2008, p. 250).

Apesar do mencionado tom respeitoso dedicado à tradução anterior, Cohn não a poupa de críticas. E severas. Ressalte-se o trecho “a segunda posição [a de Cohn], que é a de Adorno”, que traz para si o mérito de uma maior compreensão sobre os sentidos que Adorno pretende com seu texto. A disputa pelo capital simbólico do autor adquire contornos mais nítidos.

Ainda sobre o subtítulo, encontra-se também a diferença entre vida “danificada” e “lesada”. Cohn denomina a primeira opção como portando “conotações um tanto mecânicas”:

É que a escolha desse termo para caracterizar o estado corrente da vida do qual trata *Minima Moralia* torna-se questionável ao sugerir, contra todas as intenções de Adorno, que algo antes incólume sofreu dano. Nesse sentido me parece mais flexível o termo “lesada”, que remete também ao prejudicado, no sentido de fraudado, obstado na realização de intento próprio. (Cohn, 2008, p. 253)

Novamente, ao dizer “contra todas as intenções de Adorno”, Cohn diminui a escolha dos tradutores anteriores, por não corresponderem ao que tencionava originalmente o frankfurtiano – o que a tradução dele, Cohn, seria capaz de fazer.

Aqui é possível notar ainda que o comentário de Cohn sobre as dúvidas à primeira tradução de *Minima Moralia* terem aumentado com o tempo possui fundamento, uma vez que na introdução “Adorno e a teoria crítica da sociedade” (discutida anteriormente), a opção de tradução não é “vida lesada”, mas “vida prejudicada” (Cohn, 1986, p. 7, 23). Essa diferença mostra o processo de busca pela tradução considerada mais adequada a certos termos.

Outro exemplo que nos parece importante para detectarmos as sutis disputas intelectuais envolvidas nos processos de tradução, é o uso da expressão “vida reta”, na tradução de Bicca e Almeida. Esta expressão aparece quando Adorno, no início de *Minima Moralia*, fala sobre a doutrina da vida que pretende retomar – utilizando o termo *richtig*, que segundo Cohn, possuiria um correlato no inglês *right*. Cohn menciona que “vida reta” foi a solução encontrada na primeira tradução de *Minima Moralia* para outro idioma (em italiano, 1954), indicando a filiação da escolha de Bicca e Almeida. Mas não concorda com ela, pois é “difícil dissociar essa expressão de uma concepção ética centrada nos deveres impostos a sujeitos morais de impoluta racionalidade e deliberação” (Cohn, 2008, p. 251), o que, segundo ele, Adorno contesta.

Mas Cohn prossegue na polêmica sobre qual termo adotar. Explica que, por um jogo de oposições realizado por Adorno entre *richtig* (o termo em questão) e *falsch* (falso), e *wahr* (verdadeiro) e *unwahr* (não-verdadeiro), não pode adotar a solução “vida verdadeira”. Considera outra alternativa, “vida boa”, amparado por um comentador estadunidense (J.M. Bernstein), que utiliza *right life* e *good life* como equivalentes de *richtiges Leben*. Mas aqui também há um problema.

Se antes a expressão “vida reta” nos colocava no campo da ética da conduta obediente a imperativos morais últimos, agora nos vemos no campo da ética da excelência das virtudes e do equilíbrio entre elas. Corremos o risco de sair de Kant para cair em Aristóteles – exatamente os dois pólos que Adorno evita. (Cohn, 2008, p. 252)

Para além da escolha final de Cohn (“vida certa”⁵⁵, que por sua vez se relaciona com a opção por “lesada”), interessa-nos aqui a menção a outros filósofos, especialmente Kant. Recordemos que Guido A. de Almeida justificou sua opção pela tradução de *Aufklärung* como “esclarecimento”, dentre outros motivos, por ser esta a adotada em

⁵⁵ Uma terceira posição, ignorada no debate, foi exposta por Vamireh Chacon em seu *Humanismo e comunicação de massa* (1970): “vida correta”. No texto (Chacon, 1970, p. 69), Chacon cita uma passagem de um texto de Jurgen Habermas, “Odyssee der Vernunft in die Natur” (“Odisseia da razão na natureza”), onde se lê, no original, “In der Einleitung zu den „Minima Moralia“, die sich ohne Ironie als Lehre des richtigen Lebens verstehen [...]”. A tradução de Chacon para esse trecho é: “Na introdução ao livro *Minima Moralia*, que se entende, sem ironia, enquanto doutrina da vida correta [...]”.

traduções de Kant. Quando Cohn diz que a perspectiva kantiana é um dos “pólos que Adorno evita”, parece-nos estar, novamente, afastando este autor das justificativas para tradução que tendem a aproximá-lo daquele. Aqui, novamente, Cohn afirma sua interpretação de Adorno sobre a de Guido A. de Almeida.

Os processos de distinção interna do campo, ou seja, as disputas em torno de capital simbólico, geralmente se valem de relações. Em outros termos, uma das formas de garantir para si a validação no campo sobre aquilo que se discute, é invocar figuras que possam referendar as escolhas em questão. Como exemplo podemos citar o procedimento que o próprio Gabriel Cohn realiza quando aproxima a tradução de “vida reta”, feita por Bicca e Almeida, à edição italiana de *Minima Moralia*. Aqui, no entanto, ele o faz para questionar a validação, e não garanti-la.

Isso ele realiza em outro momento. Ainda no mesmo texto que comenta a tradução de *Minima Moralia*, Cohn coloca em questão as dificuldades de tradução do termo alemão *aufhebung* – que significa, ao mesmo tempo, abolir, elevar e conservar –, “pesadelo máximo que nos foi legado por Hegel” (Cohn, 2008, p. 255). Ao justificar a sua escolha na tradução, Cohn remete-se a Leandro Konder, que deu ao complicado termo hegeliano, a tradução “suspender”. Esta opção aparece, por exemplo, no livro de Konder *O que é dialética?* (editora Brasiliense, 1981). Assim, Cohn agrega a si o capital simbólico de outro autor relevante no campo intelectual brasileiro, autor, inclusive, com trabalhos e orientações de pesquisa sobre Adorno.

Além de Konder, Cohn menciona outros autores do campo acadêmico nacional. Mas aqui em um movimento inverso, atribuindo-lhes importância. Trata-se de Jorge de Almeida e Leopoldo Waizbort⁵⁶, a “dupla de referência” de Cohn sobre crítica musical, segundo suas próprias palavras. Aqui Cohn cita o “belo livro sobre crítica musical em Adorno”⁵⁷ de Jorge de Almeida, onde reencontrou a tradução de *aufhebung* proposta por Konder. As teses de Waizbort e Almeida serão discutidas mais adiante nesta dissertação.

⁵⁶ Leopoldo Waizbort, realizou mestrado (com dissertação sobre a *Filosofia da Nova Música*, de Adorno, sob orientação de José Carlos Bruni) e doutorado (com tese sobre Simmel, com o mesmo orientador) em ciências sociais, bem como livre-docência, na Universidade de São Paulo (2003). É professor da mesma universidade desde 1997. Waizbort esteve, inclusive, na banca de doutoramento de Jorge de Almeida.

⁵⁷ Trata-se provavelmente de *Crítica dialética em Theodor Adorno. Música e verdade nos anos vinte* (editora Ateliê, 2007), publicação baseada na tese de doutorado em filosofia *Música e verdade. A estética negativa de Theodor Adorno*, defendida na Universidade de São Paulo em 2000, sob a orientação de Paulo Eduardo Arantes.

A menção a ambos os autores no texto que comenta a tradução de *Minima Moralia* aparece como uma validação enquanto figuras relevantes no campo adorniano brasileiro. A referência de Cohn sobre ter reencontrado no livro de Jorge de Almeida a forma de Konder traduzir *aufhebung*, não acrescenta nenhuma informação à tradução de *Minima Moralia*, é quase anedótica. No entanto, no contexto em que aparece, a menção soa como uma transmissão de capital simbólico a uma nova geração de estudiosos de Adorno, em contraste com a postura adotada em relação a Guido A. de Almeida e Luiz Eduardo Bicca.

Um último motivo possível para explicar a opção de Cohn por traduzir novamente a *Minima Moralia* não é dito diretamente, mas pode-se inferir com base em algumas referências. É provável que Gabriel Cohn considere esta a principal obra de Adorno. A resenha publicada em 1992 – e reproduzida nos comentários sobre a sua tradução do livro – começa com “[n]ão falta quem considere este conjunto de não-máximas não-edificantes a obra-prima de Adorno. E faz sentido” (Cohn, 2008, p. 248). Ao final do livro, no item “Sobre o autor”, que trata da vida e obra de Theodor Adorno, uma breve lista sobre os títulos do autor termina com “[...] além desta obra-prima que é *Minima Moralia*, publicado originalmente em 1951” (Adorno, 2008, p.263).

Acrescente-se a essas observações as críticas que foram feitas à época da primeira tradução, o trabalho em realizar uma segunda – repita-se, algo inédito na bibliografia de Adorno no Brasil – e, também, o fato desta segunda versão de *Minima Moralia* ser a obra com a maior preocupação em termos de acabamento, de todas do autor publicadas no Brasil. Salvo a edição de *Os Pensadores* da editora Nova Cultural (publicada de 1996 em diante), que é uma coletânea de textos, a *Minima Moralia* é o único livro completo de Adorno publicado com capa dura no Brasil.

Uma última questão sobre a *Minima Moralia* digna de nota para esta dissertação é o fato de que considerando ambas as edições aparece uma relação geográfica inversa entre os tradutores e a editoras. Enquanto a tradução de 1992 foi realizada por dois filósofos cujos vínculos institucionais se encontravam no Rio de Janeiro, mas publicada por uma editora de São Paulo, na tradução de 2008 ocorre exatamente o inverso. Para além do meramente pitoresco, este fato é importante por mostrar, primeiro, o fluxo intelectual realizado entre as duas cidades e, segundo, a hegemonia que ambas possuem neste campo acadêmico em questão, tanto em suas figuras proeminentes quanto nas editoras que viabilizaram as traduções de Adorno.

2.2.6. *Educação e Emancipação* (1995)

Conforme o campo adorniano se desenvolvia, algumas concepções sobre o autor eram estabelecidas. Se, nos primeiros anos de sua recepção, Adorno era lido como um sociólogo da comunicação, ou como um intérprete da cultura, da estética, com o tempo a leitura filosófica começou a ganhar peso. Além disso, noções como a de um autor “pessimista”, ou mesmo “obscuro” circulavam entre seus intérpretes – conforme visto no texto de Gabriel Cohn (1986). Tendo em vista estas perspectivas, é possível afirmar que a tradução de *Educação e emancipação* (editora Paz e Terra, 1995) apresenta ao público brasileiro Theodor Adorno em algumas chaves novas que vão, se não negar as interpretações mencionadas acima, ao menos relativizá-las, torná-las mais complexas.

O livro é uma tradução integral de *Erziehung zur Mündigkeit, Vorträge und Gespräche mit Hellmut Becker, 1959-69, herausgegeben von Gerd Kadelbach* (Frankfurt; Suhrkamp Verlag, 1971), “Educação para emancipação, palestras e discussões com Hellmut Becker, 1959-1969, editado por Gerd Kadelbach”. O tradutor, Wolfgang Leo Maar, não discute a opção por “Educação e emancipação” ao invés de “para emancipação”. No entanto, é possível compreender este “e emancipação” como uma consequência de “educação”, criando efeito similar ao causado com a palavra “para”. Por outro lado, perde-se o sentido de uma educação cuja finalidade última é conduzir à emancipação.

A obra consiste em um conjunto de textos⁵⁸ nos quais Adorno se debruça sobre um tema que aparentemente não está entre seus principais focos. Aparentemente. Pois, para Adorno, a questão da educação está intimamente associada à de formação – que nos remete a uma palavra cara à tradição filosófica alemã, *Bildung*, que passa por nomes como Goethe, Hegel e diversos outros. Educação, portanto, é algo muito mais significativo do que a transmissão de conhecimentos.

A íntima vinculação entre a questão educacional e formativa e a reflexão teórica social, política e filosófica constitui a manifestação mais direta do núcleo temático essencial ao conjunto da chamada Escola de Frankfurt: a relação entre teoria e prática. Em Adorno a teoria social é na realidade uma abordagem formativa e a reflexão educacional constitui uma focalização político-social. Uma educação política. (Maar, 2010, p. 14, 15)

⁵⁸ Dentre eles apenas um já havia recebido tradução anterior. Trata-se de “Educação após Auschwitz”, publicado na coletânea *Adorno – Sociologia*, organizada por Gabriel Cohn.

Se por um lado Adorno trata do assunto da maneira social e filosófica que lhe é usual, por outro lidar com educação não deixa de ser uma autorreflexão, devido à sua própria condição de professor universitário.

Além disso, ao tratar da prática educacional enquanto formação, como vimos na citação acima de Wolfgang Leo Maar, sujeita a contingências do todo social, Adorno adentra uma questão destoante no conjunto de sua obra: como agir socialmente? No entanto, este agir não é tomado como algo dado em si, mas pensado a partir de determinados porquês que o guiam. Logo, há questões chave que norteiam o pensamento de Adorno neste modo de ação. Podemos resumi-las em *como agir para evitar a barbárie*? Esta questão vai amparar toda a concepção de educação formativa de Adorno.

Assim, diante da linha interpretativa que via Adorno como o autor do “sistema sem saída” os textos de *Educação e emancipação* mostram um autor propositivo, que oferece sugestões para que os sujeitos percebam a falsidade do mundo em que vivem. Buscar explicações para esta diferença de postura – que pode estar na forma da exposição (que discutiremos adiante), ou mesmo na distância temporal entre os escritos sobre indústria cultural (anos 1940) e as conferências radiofônicas (anos 1960) – é questão instigante, mas que extrapola os objetivos desta dissertação. Cabe, no entanto, apontar esta faceta de Adorno, até então pouco conhecida do público brasileiro.

Para além dos motivos que levam a esta diferença, fato é que *Educação e emancipação* mostra Adorno em um estilo de exposição distinto do usual. Isso pode estar relacionado à forma como estas apresentações foram realizadas: conferências radiofônicas e palestras. Diferentes formas, diferentes conteúdos. Embora mantenha sempre traços que lhe são particulares – passagens enigmáticas, elípticas – os textos possuem, em geral, um caráter mais fluído (por vezes até coloquial) do que suas exposições filosóficas, por exemplo. Essa diferença era clara para Adorno, relutante frente ao registro da exposição falada – que via como um sintoma da sociedade administrada (Adorno, “Para combater o anti-semitismo hoje”, apud Maar, 1995, p. 8) – , mas que, apesar disso, buscou apresentar a um público mais amplo, através especialmente do rádio, suas perspectivas críticas. Assim, esta obra expõe Adorno não apenas como um propositor de práticas sociais, mas como um praticante delas.

A tradução do livro ficou a cargo de Wolfgang Leo Maar. Quando da publicação de *Educação e emancipação*, o tradutor já havia concluído seu doutorado (1988) sobre *História e consciência de classe* de Lukács, também na USP, com o mesmo orientador

de seu mestrado (Paulo Eduardo Arantes), bem como pós-doutorado na Universidade de Kassel, Alemanha (1992). Desde 1979 era professor da Universidade Federal de São Carlos.

Educação e emancipação foi sua segunda tradução de Adorno, em um momento em que já havia traduzido outros autores (Schopenhauer, *Wolfdietrich Schmied Kowarzik*, Robert Kurz) e publicado diversos textos, especialmente sobre Lukács. É possível dizer que à época da publicação de *Educação e emancipação* Wolfgang Leo Maar encontrava-se a caminho de consolidação no campo adorniano brasileiro. Somente após esta segunda tradução de Adorno é que Maar passa a publicar sobre ele.

Foi mencionado anteriormente o fato de que uma tarefa importante no intento de consolidação em determinado campo é a associação com certos autores – e também a dissociação a outros. O texto “À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa”, escrito por Maar como introdução à *Educação e emancipação* tem esse efeito. Diversas passagens do texto remetem a outros já discutidos neste trabalho. Com o exame destas passagens é possível detectar a forma como Wolfgang Leo Maar se localiza no campo adorniano.

“Após Auschwitz, é preciso elaborar o passado e criticar o presente prejudicado, evitando que este perdure e, assim, que aquele se repita” (Maar, 1995, p. 11). Nesta frase detectamos uma menção à forma como Gabriel Cohn comentava a *Minima Moralia*. Conforme visto, no texto que servia de introdução à coletânea *Adorno-Sociologia*, Cohn se referia à vida descrita por Adorno no capitalismo como “prejudicada” (Cohn, 1986, p. 7, 23) – opção posteriormente revista em sua própria tradução da *Minima Moralia*. Esta referência de Maar a Cohn é significativa, pois, além de aproximar-se dele, distancia-se da tradução da *Minima Moralia* empreendida por Luiz Eduardo Bicca e Guido A. de Almeida. A opção destes últimos foi “vida danificada”.

Este procedimento prossegue ao longo do texto, e ainda no mesmo parágrafo da citação anterior. Em um determinado momento Maar utiliza o termo “esclarecimento” entre aspas (“[...] adverte contra os efeitos negativos de um processo educacional pautado meramente numa estratégia de ‘esclarecimento’ da consciência [...]”, 1995, p. 11), provavelmente um alerta de que não se refere à *Aufklärung*. Esta inferência é feita com base em outro trecho, mais adiante:

O desenvolvimento da sociedade a partir da Ilustração, em que cabe importante papel à educação e formação cultural, conduziu inexoravelmente

à barbárie. Ou, para dizer o mesmo pelo reverso: o próprio processo que impõe a barbárie aos homens ao mesmo tempo constitui a base de sua sobrevivência. (Maar, 1995, p. 11, 12)

Trata-se claramente de uma referência ao processo descrito por Adorno e Horkheimer como sendo a dialética da *Aufklärung*. Mas salta à vista o uso do termo “Ilustração”. Aparentemente estamos diante de outra oposição a Guido A. de Almeida: “esclarecimento” versus “iluminismo”. Antes de nos apressarmos às conclusões com base nesta passagem, levantemos mais evidências importantes à análise.

Há outros momentos do texto em que Maar faz uso dos termos “esclarecimento” ou “esclarecido”: “O problema maior é julgar-se esclarecido sem sê-lo, sem dar-se conta da falsidade de sua própria condição” (p. 15);

O poder das relações sociais é decisivo, sofrendo ainda os efeitos das pulsões instintivas: para os frankfurtianos, Marx e Freud desvendaram os determinantes da limitação do esclarecimento, da experiência do insucesso da humanização do mundo, da generalização da alienação e da dissolução da experiência formativa (p. 19);

O esclarecimento como consciência de si, como autoconscientização, já vimos anteriormente, é condicionado culturalmente e, nos termos da indústria cultural, limita-se a uma “semiformação”, a uma falsa experiência restrita ao caráter afirmativo, ao que resulta da satisfação provocada pelo consumo dos bens culturais (p. 23).

Nas duas primeiras passagens os termos “esclarecido” e “esclarecimento” possuem a mesma conotação exposta na terceira: consciência de si. Esta conotação está incluída no que Adorno e Horkheimer pretendiam com sua exposição na obra clássica de 1944: o processo de racionalização que, a partir de uma consciência de si (seres humanos) e do mundo (natureza), torna-se dominação, de si e do mundo. Bastaria a menção à dialética deste processo e o uso do termo estaria adequado, conforme a lição dos frankfurtianos.

Mas o problema é de outra natureza. Em um determinado momento do texto, Wolfgang Leo Maar lança-se a uma explicação detalhada mostrando que a polêmica de tradução entre os dois termos é na verdade um profundo problema filosófico:

A *Dialética do esclarecimento* constitui a expressão da subjetividade ameaçada, a “semiformação”, e das forças anônimas que ameaçam a subjetividade, a “indústria cultural”. Adorno não abdicara da vinculação, necessária embora não automática, entre esclarecimento e liberdade, entre razão e emancipação. Automática parecia antes ser a ruptura dessa vinculação. Ela não se deve à ignorância, ao que seria o oposto da ciência e da cultura. Deve à “cumplicidade” – feliz caracterização de Gabriel Cohn, introdutor da sociologia de Adorno no Brasil – entre o próprio desenvolvimento da ciência e da cultura, as formas socialmente objetivadas da subjetividade, e a estrutura da dominação conservadora da formação social. Esta cumplicidade seria refletida no conceito de “indústria cultural” como caracterização social objetiva da perda da dimensão emancipatória

gerada inexoravelmente no movimento da razão. Por esta via, a “razão” também seria caracterizada em termos sociais objetivos, e não “teoricamente”, no plano da “consciência” ou do “esclarecimento”, ou seja, do conhecimento por oposição à ignorância etc. Daí as dificuldades em traduzir *Aufklärung* (a rigor: Ilustração) por “esclarecimento”, como se tornou praxe, destacando o momento subjetivo do conhecimento sem referir-se com igual destaque ao momento objetivo da subjetividade, ou à formação social como “sujeito”. (p. 20)

Neste trecho Maar deixa patente sua discordância frente à tradução de Guido A. de Almeida. A tradução de *Aufklärung* como “esclarecimento” evidenciaria apenas “o momento subjetivo de conhecimento”, sem mostrar que existe também uma objetividade que molda as subjetividades. Esta objetividade está na própria “formação social”, na sociedade – ou, mais especificamente, na indústria cultural, com seu ar de sociedade administrada. Assim, o termo “iluminismo” ou “ilustração” seria mais adequado, pois se referiria ao momento em que a objetividade (formação social) tornou a racionalidade parte do processo de constituição subjetiva.

Não é à toa que Gabriel Cohn é mencionado neste parágrafo. Quando Maar empreende tal explicação de *Aufklärung* não deixa de ecoar as palavras de Cohn sobre o mesmo processo, quando este diz que o termo “iluminismo” no título do livro de Adorno e Horkheimer

designa mais do que um momento da história do pensamento burguês. Refere-se ao “movimento real da sociedade burguesa como um todo sob o ângulo das ideias corporificadas em suas instituições e pessoas”. Está em causa a racionalidade burguesa na sua acepção mais ampla: não só aquela produzida pela sociedade burguesa mas a que a reproduz (Cohn, 1986, p. 14).

Esta interpretação da análise que Adorno realiza na *Dialektik der Aufklärung* se relaciona com a concepção exposta por Roberto Schwarz em seus depoimentos na resenha do livro, publicada em 1985 na Folha de São Paulo. Há que se remeter, no estudo da obra de Adorno, à especificidade dos momentos históricos os quais ele está interpretando. Em Schwarz, esta noção serve para explicar a forma como Adorno se coloca (o que muitos confundiram como sendo uma resignação diante do “fechamento” da sociedade); em Maar (e Cohn), ela funciona para explicar que, quando se trata de *Aufklärung*, a referência é, antes de mais nada, a formação social burguesa.

Ainda assim, ao fazer menção à obra de Adorno e Horkheimer, Maar escreve “Dialética do esclarecimento” (Maar, 1995, p. 13; p. 20; p.23). Apesar de alinhar-se à interpretação de Cohn, Wolfgang Leo Maar dá indícios de que concorda com a perspectiva de Guido de Almeida em certos aspectos. Quando, ainda em seu texto introdutório à Adorno, discute a possibilidade de se contemplar um horizonte de

emancipação diz que “Esta, porém, seria uma tarefa que diz respeito a características do objeto, da formação social em seu movimento, que são travadas pelo seu encantamento, pelo seu feitiço [...]” (Maar, 1995, p. 12). Provavelmente o termo “encantamento” aparece como uma menção à noção de “desencantamento” de Weber. Recordemos que, quando da explicação dos porquês de se traduzir *Aufklärung* como “esclarecimento”, Guido A. de Almeida diz que o termo é utilizado por Adorno e Horkheimer para se referir ao processo de “desencantamento do mundo”. Além disso, o termo “feitiço” pode ser uma dupla referência: à noção de “fetichismo da mercadoria” de Marx (o termo “fetichismo” vem do português “feitiço”), e, de novo, a Weber. O termo original que este autor usa é “Entzauberung der Welt”, geralmente traduzido como “desencantamento do mundo”. Mas a raiz de “Entzauberung” é “Zauber” que também significa feitiço, o que é bastante adequado em Weber, na medida, em que, para ele, o desencantamento do mundo é inicialmente obra da grande religião de salvação, que opera em oposição às práticas mágicas, ao feitiço, portanto. Postos de maneira próxima, quase como sinônimos, “encantamento” e “feitiço” parecem se referir a uma adesão irrefletida ao dado (aproximando-se, assim, de uma análise lukácsiana – tema, aliás, do doutorado de Wolfgang Leo Maar), obstáculo para criar formas de emancipação – o que vai ao encontro do pensamento de Adorno em *Educação e emancipação*.

No texto introdutório de Wolfgang Leo Maar à obra de Adorno sobre educação é possível perceber como o autor se posiciona em relação às questões de tradução então vigentes no campo adorniano brasileiro. Maar enfrenta diretamente a tradução de *Aufklärung*, colocando-se na senda interpretativa utilizada desde os primórdios do campo e defendida por grandes nomes dele, especialmente Gabriel Cohn. A tradução de *Educação e emancipação* consolida Wolfgang Leo Maar no campo adorniano. Além disso, ela se relaciona a um importante processo então curso no campo: a leitura de Adorno a partir de outras áreas. Este tema será tratado mais adiante nesta dissertação.

2.2.7. Palavras e sinais (1995)

Em 1995 é publicada no Brasil a tradução de *Palavras e sinais: modelos críticos 2* (Petrópolis: editora Vozes), fruto de uma dissertação de mestrado, caso singular no campo adorniano. A tradutora é Maria Helena Ruschel, que realizou este mestrado em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (concluído em 1993), sob orientação do professor Álvaro Valls. Esta dissertação é parte de um processo que se desenvolvia no campo adorniano: um “micro núcleo” de leituras de Adorno, na

Filosofia, realizadas em Porto Alegre – portanto, fora do eixo Rio-São Paulo, hegemônico até então –, particularmente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esta não é a primeira pesquisa sobre Adorno realizada nessa universidade: mais adiante será discutida a dissertação de mestrado de Ricardo Musse, *O duplo giro copernicano: Adorno e Kant*, defendida em 1991. E, ao apontarmos a existência deste espaço adorniano em Porto Alegre não estamos afirmando que houvesse de fato um grupo organizado em torno deste autor. A dissertação de Musse é realizada sob orientação de João Carlos Brum Torres; a de Maria Helena Ruschel, com Álvaro Valls (que também será orientador do doutorado de Marcia Tiburi). De qualquer forma é digno de nota que, na década de 1990, tenham se desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul pesquisas sobre Adorno – centradas principalmente na *Dialética Negativa*.

Palavras e sinais (originalmente *Stichworte: Kritische Modelle 2*, Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1969), segundo o prefácio do próprio Adorno, é a “segunda parte” de *Eingriffe: Neun kritische Modelle* (“Intervenções: nove modelos críticos”, publicado na Alemanha em 1963). Os textos que compõem a obra abordam temas variados: educação, indústria cultural, positivismo. Mas pelo menos quatro deles, segundo o prefácio de Adorno, giram em torno das temáticas expostas na *Dialética Negativa* (“Progresso”, “Glosa sobre personalidade” e os “Epilegômenos dialéticos”: “Sobre sujeito e objeto” e “Notas marginais sobre teoria e práxis”). Dois textos deste livro, “Tabus que pairam sobre a profissão de ensinar” e “Educação após Auschwitz”⁵⁹, também aparecem em *Educação e emancipação*, discutido acima, mas com traduções bastante distintas.⁶⁰

A tradução possui notas explicativas (tanto as de Adorno quanto da tradutora) e um glossário contendo conceitos importantes no pensamento adorniano. Para as temáticas desta dissertação, interessa destacar a forma como a tradutora interpreta o termo *Aufklärung*. Maria Helena Ruschel adota integralmente o ponto de vista do

⁵⁹ Esta é a terceira tradução de “Educação após Auschwitz”, também publicado em *Adorno-Sociologia* (1986).

⁶⁰ Para ficar em um exemplo, o primeiro dos dois textos intitula-se, no original, “Tabus über dem Lehrberuf”. Em nota, a tradutora Maria Helena Ruschel explica que a palavra “professor”, em português, dá conta de dois termos diferentes em alemão “Professor” e “Lehrer”, respectivamente utilizados para se referir ao docente do ensino superior e básico. O termo presente no título, “Lehrberuf”, refere-se, assim, à prática do ensino em nível básico. No título, e em alguns momentos do texto, Ruschel optou por “profissão de ensinar”, ainda que na nota explicativa afirme que “docência” ou “magistério” também são opções. Wolfgang Leo Maar, em sua tradução, adotou simplesmente “magistério”, no título e no corpo do texto.

tradutor Guido A. de Almeida de que a melhor opção é “esclarecimento”. Ela afirma que termos como “iluminismo” ou “ilustração” são associados ao “século das luzes”, enquanto a intenção de Adorno e Horkheimer na *Dialektik der Aufklärung* era dar conta de um processo mais amplo. Além disso, “esclarecimento” também dá conta de um processo “vivencial” – o sentido subjetivo de conhecer algo. Nesta linha Ruschel também invoca o referencial kantiano (na esteira do que já havia feito Guido A. de Almeida), ao indicar a *Aufklärung* como um processo de “emancipação intelectual” (Ruschel, 1995, p. 249). Por fim, novamente seguindo Guido A. de Almeida, a tradutora recorre ao pensamento weberiano, quando afirma que “[o] conceito [*Aufklärung*] é usado por Adorno e Horkheimer para designar o processo de desencantamento do mundo, pelo qual ocorre a *desmitologização* [...]” (idem, p. 248).

Aqui, Maria Helena Ruschel contesta um dos principais pontos nos quais os defensores da tradução “iluminismo” apontam: o fato de que, embora o termo se refira ao “século das luzes”, também indica um fenômeno mais amplo. Esta é, como vimos, a interpretação de Gabriel Cohn, Olgária Matos, Wolfgang Leo Maar. Mas para Guido A. de Almeida e Maria Helena Ruschel, “iluminismo” não consegue abarcar esse fenômeno, limitando-se somente ao contexto intelectual do século XVIII. Além disso, ao trazer para a questão Kant e Weber, Guido A. de Almeida e Maria Helena Ruschel apontam para um caminho diferente daquele interpretado por Cohn, Matos e Maar: a crítica frankfurtiana à *racionalidade burguesa*. A leitura de Guido A. de Almeida vai ganhando força no campo adorniano.

A tradução de *Palavras e sinais*, portanto, é parte do processo de expansão de Adorno para outras áreas (especialmente Filosofia, mas também Educação), integra um foco de leituras sobre o autor em Porto Alegre (mais especificamente na UFRGS), e, em suas opções, reforça a posição de Guido A. de Almeida no campo adorniano. Assim, ela ocupa uma posição interessante no campo: por um lado, ajuda na construção de certas hegemonias nele (como a leitura filosófica e a tradução “esclarecimento”); por outro, contesta outras, como o monopólio regional Rio-São Paulo, ao realizar-se em Porto Alegre. Este mesmo fato, no entanto, possui sua negação no fato de que o livro é publicado em outra cidade: Petrópolis, estado do Rio de Janeiro.

2.2.8. Prismas (1998)

Em 1998 a editora Ática, de São Paulo, publica o livro *Prismas. Crítica cultural e sociedade*. Conforme visto anteriormente, o livro aparece na bibliografia de cursos da

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP. Além disso, a tradução anterior de textos presentes neste livro indica que havia já há algum tempo uma demanda pela sua tradução integral.⁶¹ A obra centra-se na questão da cultura, tratando, como é de praxe na obra de Adorno, especialmente de música e literatura, além de algumas discussões com relação a sociologia.

A tradução ficou a cargo de Augustin Wernet⁶² e Jorge Mattos Brito de Almeida. Esta tradução é a primeira atividade de Jorge de Almeida no campo adorniano, onde terá influência crescente. Basta lembrar, por exemplo, que foi mencionado por Gabriel Cohn como sendo uma das suas referências sobre crítica musical (junto com Leopoldo Waizbord), como visto nos comentários sobre *Minima Moralia*, acima. Além disso, Jorge de Almeida será parte da comissão editorial responsável pela publicação da coleção de Theodor Adorno da editora UNESP (também abordada no próximo capítulo).

Com relação à tradução de *Prismas* chama atenção a relação que se estabeleceu com outras versões dos textos que compõem o livro. Em “Caracterização de Walter Benjamin”, há uma nota do editor dizendo

No caso desse texto, excepcionalmente, optamos, de comum acordo com os tradutores do livro, por reproduzir a tradução de Flávio R. Kothe, publicada em *Theodor W. Adorno*. Gabriel Cohn, org., Ática, 1986 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 54). (Adorno, 1998, p. 223)

No entanto, o mesmo não foi feito com outros textos já anteriormente publicados, como “Crítica cultural e sociedade” (presente na mesma coletânea de 1986, e também traduzida por Flávio Kothe) e “Moda intemporal – sobre o jazz”. De qualquer forma, é digno de nota de que o texto reproduzido foi publicado pela mesma editora, além de traduzido por outro agente do campo adorniano, diferente das duas edições de “Moda intemporal – sobre o jazz”.

Também é interessante o tratamento dado a “Anotações sobre Kafka”. Em nota, os tradutores explicam que, nele, “[a]s citações das obras de Kafka, com exceção de *O castelo*, são traduções de Modesto Carone” (idem, ibidem, p. 239). Aqui o reconhecimento do trabalho de outro germanista é tamanho que sequer se arrisca outra

⁶¹ Dentre estes textos, “Moda intemporal – sobre o jazz” (publicado em 1968, na revista *Civilização Brasileira*, e em 1969 na coletânea *Sociologia da arte, IV*), “Crítica cultural e sociedade” e “Caracterização de Walter Benjamin” (publicados em *Adorno – Sociologia*, editora Ática, 1986).

⁶² Wernet graduou-se em Filosofia, História e Latim na Albert-Universität, Alemanha (1959), em História pela FFLCH-USP (1970), onde também realizou seu doutorado (1973), pós-doutorado (1986) e livre-docência (1982). Foi professor da USP a partir de 1971. Sua produção consistiu principalmente em obras voltadas à história do Brasil. A tradução de *Prismas* é sua única participação no campo adorniano.

tradução. E, novamente, se recorre a um agente do campo adorniano: como vimos, Carone atuou na tradução de “Posição do narrador no romance contemporâneo”, presente na coletânea *Os Pensadores*. O campo torna-se, cada vez mais, autorreferente.

2.2.9. *Os Pensadores* (1999)

Ao longo do tempo a coleção “Os Pensadores” sofreu transformações editoriais. A principal delas foi a individualização das obras: se antes um único volume congregava diversos autores (caso dos frankfurtianos, cuja edição tinha textos de Horkheimer, Adorno, Benjamin e Habermas em um único livro), a partir da segunda edição (1979) cada livro conteria textos de apenas um autor. No caso de Adorno, o primeiro volume no qual ele figura sozinho data de 1999.

Conforme visto anteriormente, há poucas modificações entre a primeira (1975) e a segunda edição (1980) do volume de “Os Pensadores” dedicado à “escola de Frankfurt”. Tratando especificamente de Adorno, a mudança mais significativa foi a inclusão de dois novos textos. Já com relação à edição individual de Adorno (1999), as diferenças são maiores.

A versão original dos frankfurtianos na coleção *Os Pensadores* já tinha Paulo Arantes como consultor, opção que foi mantida na seguinte. Além disso, ocorre outra seleção de textos. Na edição de 1980 havia cinco textos de Adorno mais “Conceito de Iluminismo”, escrito em conjunto com Horkheimer. Na de 1999, além de “Conceito de Iluminismo”, constam apenas dois, “O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição” e “Introdução à Controvérsia sobre o Positivismo na Sociologia Alemã”. É digno de nota que na edição de 1999 são mencionados somente os tradutores destes dois últimos textos (respectivamente Luiz João Baraúna, com revisão de João Marcos Coelho, e Wolfgang Leo Maar). No entanto, a tradução de “Conceito de Iluminismo” do livro de 1999 é idêntica ao de 1980 (e 1975), realizada por Željko Loparić e Andréa Maria Altino de Campos Loparić.

A introdução do livro, “Vida e Obra”, é basicamente uma reprodução das edições anteriores a 1999, com modificações muito discretas que em nada alteram o conteúdo original. Assim, pode-se dizer que a edição de “Os Pensadores” dedicada a Adorno é praticamente uma reprodução literal das anteriores, voltadas a quatro autores da “escola de Frankfurt”. No entanto, este fato não é banal no campo adorniano. Pois, conforme visto, ele havia sido afetado por uma questão importantíssima a partir de 1985, com a tradução da *Dialektik der Aufklärung*. Neste ano adotou-se pela primeira

vez uma tradução alternativa (“esclarecimento”) à tradicional (“iluminismo”). E a manutenção, na edição de 1999, do texto de 1975, de “Os Pensadores” não deixa de ser uma tomada de posição no campo adorniano. Quatorze anos depois da tradução de Guido A. de Almeida da *Dialética do Esclarecimento* ter se realizado, a edição individual de Adorno da coleção “Os Pensadores” mantém a opção da original de traduzir *Aufklärung* como “iluminismo”.

Também é digno de nota que na edição de 1999 mantêm-se as referências bibliográficas das anteriores: os únicos textos de autores brasileiros citados são os livros *Comunicação e Indústria Cultural* (1971), organizado por Gabriel Cohn, e *Benjamin & Adorno: confrontos* (1978), de Flávio Kothe. A utilização do termo “Iluminismo”, bem como a ausência de comentários sobre a tradução do termo *Aufklärung* e da obra *Dialektik der Aufklärung*, atestam o posicionamento contrário à opção “esclarecimento”.

2.3. Sobre Adorno

Um indício importante da forma como o campo adorniano se desenvolvia na passagem da década de 1970 para 1980 é a quantidade de textos sobre Adorno que são publicados. Até então, havia textos esparsos, dos quais destacamos as obras de José Guilherme Merquior (publicada em 1969) e a tese de doutorado de Flávio Kothe (1975). Por volta de 1980 esse quadro começará a mudar e diversas obras – produzidas dentro e fora da academia – começarão a ganhar luz. A quantidade é tamanha que torna inviável uma análise detalhada de todas, dados os limites desta dissertação. Dessa forma, o que será feito neste subitem é abordar algumas obras cuja relevância se justifica em função de constituírem momentos importantes na trajetória de determinados agentes do campo adorniano, bem como do próprio campo em si.

2.3.1. Psicanálise e Teoria Crítica (1983)

A primeira obra a cumprir ambos requisitos é *Teoria Crítica e Psicanálise*, de Sérgio Paulo Rouanet (publicada em 1983 em uma parceria entre a editora Tempo Brasileiro, do Rio de Janeiro, e Edições da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – observa-se aqui a expansão territorial do campo adorniano para além do eixo Rio-São Paulo). Conforme visto anteriormente, Rouanet era um autor relativamente externo ao

campo adorniano (com uma publicação em 1975 ligada ao autor), mas cujo capital simbólico é relevante o suficiente para ser chamado pelo jornal Folha de São Paulo a comentar a tradução da *Dialética do Esclarecimento*, em 1985. O livro sobre psicanálise, publicado em 1983 (mas escrito em 1978, conforme o prefácio do mesmo, assinado em Zurique, Suíça), certamente contribuiu nesse processo.

O livro de Rouanet representa um momento importante do campo, por constituir-se na primeira obra cujo foco central é a questão da psicanálise no interior da “escola de Frankfurt”. O trabalho começa com uma discussão geral da relação entre psicanálise e teoria marxista, para então passar para dois nomes de peso do processo: Reich e Fromm (este último, diretamente ligado à “escola de Frankfurt”). A seguir, três capítulos são dedicados ao aprofundamento de autores específicos da “escola”: Adorno e Horkheimer (juntos), Marcuse e Habermas.

Das questões relevantes à análise aqui empreendida, ressalta-se o uso do termo “Iluminismo”. Na discussão sobre o pensamento de Adorno e Horkheimer, Rouanet fala em “nova etapa da razão Iluminista” (Rouanet, 1983, p. 72), “dialética do Iluminismo” (idem, p. 75), “*Dialética do Iluminismo*” (idem, p. 99), e, finalmente, em uma nota de rodapé: “*Dialektik der Aufklaerung*, (Dialética do Iluminismo)” (idem, p. 118, nota 1). Todas as citações de Rouanet são tomadas dos textos originais, em alemão. Ressalte-se, portanto, que, entre 1978 e 1983 (redação e publicação da obra, respectivamente), Rouanet aderiria à tradução hegemônica no campo adorniano para *Aufklärung*: Iluminismo. Conforme visto anteriormente, no entanto, quando da publicação da obra em 1985, ele irá repensar esta tradução – embora fazendo a ressalva de que também poderia se traduzir como “Ilustração”. É interessante notar este processo de mudança de perspectiva de um agente relativamente importante do campo, como também foi o caso de Roberto Schwarz, entusiasta da opção “Esclarecimento”.

Por fim, conforme enunciado acima, este livro de Rouanet é marcante por estabelecer de maneira direta a relação entre psicanálise e teoria crítica. Esta relação se desenvolverá no campo adorniano, a ponto de constituir um dos focos de pesquisa em torno da obra de Adorno. Fica registrado aqui, portanto, a importância da obra de Rouanet como parte deste processo.

2.3.2. Os arcanos do inteiramente outro (1985)

Outra agente importante do campo, já mencionada anteriormente, é Olgária Matos. Assim como, Rouanet, Matos foi uma das pessoas ouvidas pelo jornal Folha de

São Paulo, quando da publicação da *Dialética do Esclarecimento*. Naquele momento, 1985, a autora concluía sua tese de doutorado em filosofia na USP, intitulada *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução* – sob orientação de Marilena Chauí e com Paulo Arantes na banca examinadora –, publicada em 1989 pela editora Brasiliense, de São Paulo (esta será a edição utilizada nesta dissertação).

Em entrevista, Olgária Matos narra o percurso que a levou a desenvolver uma tese sobre os autores da “escola de Frankfurt”:

Depois de concluir o Mestrado sobre Rousseau e seu *Discurso sobre a Desigualdade* interessei-me pelo tema da dominação, porque Rousseau já diferenciava dominação e exploração, antecipando para nós o que só viria a ser traduzido para o português nos anos 1980, o *Discurso da Servidão Voluntária*. Assim, já em Paris nos anos 1973-1975, anos do pós 1968 e de grande fecundidade intelectual e política, em que se fazia a crítica ao automóvel, ao consumo, à televisão, ao Imperialismo, à vida cotidiana, ao nazismo, fascismo e totalitarismos, decidi estudar Reich e a *Psicologia de Massas do Fascismo*, a questão da democracia era ligada ao aprimoramento das relações eróticas, a priori da democracia. E, conversando com meu orientador Claude Lefort na *École Pratique des Hautes Études*, decidimos que Reich tinha uma parte extensa de sua obra voltada para a clínica e estudos de casos, e que no máximo eu poderia escrever um ensaio, já que a parte de consultório não seria estudada por falta de método e conhecimento prático. A Escola de Frankfurt começava a ser traduzida de maneira sistemática para a coleção *Critique du politique* da editora Payot sob coordenação de Miguel Abensour, e Lefort sugeriu que haveria nesses autores o mesmo tema da dominação e da emancipação que de alguma forma em Rousseau e Reich. Não havia naquela época monografias sobre cada autor, mas publicações sobre a escola em seu conjunto, como Horkheimer, Adorno, Benjamin, Marcuse, etc.⁶³

O livro está dividido em três capítulos. O primeiro trata de Walter Benjamin, o segundo de Adorno e Horkheimer, e o terceiro é um balanço da teoria crítica frente à tradição filosófica (especialmente Kant) e o chamado “marxismo ocidental”. A posição de Olgária Matos com relação às questões do campo adorniano é claramente abordada no segundo capítulo, não por um acaso intitulado “A História Iluminista”. Como visto na publicação da Folha de São Paulo em 1985, Matos se coloca favorável à manutenção da tradução de *Aufklärung* como “Iluminismo”. Anos depois, quando da publicação de sua tese, a autora mantém esta perspectiva:

Observa-se, portanto, que a noção de Iluminismo é polissêmica entre os frankfurtianos, referindo-se tanto a um período da história da filosofia e das ideias, quanto a uma atitude ou tendência epistemológica, ética e política anterior e posterior ao século XVIII. O conceito é trans-histórico e funda-se no exame da origem e das formas da dominação. Todavia, um terceiro sentido de Iluminismo também está presente na obra dos frankfurtianos. Com efeito, porque não são irracionistas, os frankfurtianos consideram possível

⁶³ Entrevista concedida ao autor da dissertação, realizada por e-mail, em 22 de junho de 2017.

um outro “iluminismo”, um esclarecimento que não vise à dominação, mas à verdadeira emancipação. A crítica da forma contemporânea do iluminismo – a razão instrumental – pretende redefinir a própria razão e contribuir para uma nova racionalidade que subjaz à odisséia da razão iluminista. (Matos, 1989, p. 135).

Assim, Matos retoma os argumentos apresentados na resenha de 1985 da Folha de São Paulo, apontando para a polissemia de *Aufklärung*: o momento histórico do “século das luzes” (XVIII) e uma “atitude ou tendência epistemológica” que o transcende. Aqui, no entanto, a autora acrescenta um terceiro sentido, não abordado na resenha de 1985: a adesão dos frankfurtianos a um projeto de esclarecimento emancipador.

Note-se que a todo momento o termo que Matos utiliza-se para se referir à *Aufklärung* é “Iluminismo”, indicando, conforme dito acima, a dupla acepção do “século das luzes” e uma determinada postura filosófica. O único momento em que utiliza a palavra “esclarecimento” – opção adotada por Guido A. de Almeida na tradução da obra completa – é para indicar exatamente aquilo que a autora menciona na resenha da Folha de São Paulo: o sentido do senso comum que a palavra possui.

Olgária Matos utilizou em sua tese as obras originais dos frankfurtianos, em alemão e inglês. No entanto, também consultou diversas traduções em espanhol, italiano e português – como a *Dialética do Esclarecimento* de Guido A. de Almeida. Isso mostra como o embate em torno da tradução era, no final da década de 1980, uma disputa em aberto, onde ainda não havia consenso formado. Também é digno de nota as menções bibliográficas às obras produzidas no campo adorniano: a tese de Flávio Kothe é citada, a de José Guilherme Merquior, não.

Os arcanos do inteiramente outro é uma obra importante, pois situa definitivamente Olgária Matos no campo adorniano. Conforme visto anteriormente, em 1986, ano posterior ao da conclusão da tese, ela será a responsável por escrever resenha sobre o livro *Adorno – Sociologia*, editado por Gabriel Cohn. Olgária Matos continuará produzindo sobre os frankfurtianos nos anos subsequentes, incluindo um livro de caráter paradigmático, intitulado *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo* (editora Moderna, 1993).

Este pequeno livro consiste em uma apresentação geral da trajetória e do pensamento da escola de Frankfurt, incluindo trechos de obras de Horkheimer, Adorno, Marcuse e Benjamin. Estas citações chamam atenção pois a autora não as referencia à tradução de Guido A. de Almeida nem aos originais em alemão: todas as citações são extraídas da coleção *Os Pensadores*. Este fato demonstra como na década de 1990 a

polêmica em torno de *Aufklärung* continuava aberta, uma vez que Olgária Matos recorre às traduções de 1975, que utilizam “Iluminismo”, ao invés da realizada por Guido A. de Almeida.

2.3.3. *A Teoria Crítica: ontem e hoje (1986)*

Se o campo adorniano foi marcado logo no seu início por uma obra de síntese do pensamento de Adorno e colegas (o livro de José Guilherme Merquior), quase vinte anos depois veio à luz outra, que descrevia não apenas o pensamento dos autores de Frankfurt, mas seus prolongamentos. Trata-se de *A Teoria Crítica: ontem e hoje* (São Paulo: Brasiliense, 1986), de Bárbara Freitag⁶⁴.

A Teoria Crítica: ontem e hoje é, apesar de seu tamanho reduzido (menos de 200 páginas), uma obra de fôlego no que tange à abrangência dos assuntos abordados. A partir de três eixos básicos (a dialética da razão iluminista e a crítica da ciência; a dupla face da cultura e a discussão da indústria cultural; a questão do Estado e suas formas de legitimação) a autora percorre a trajetória da “escola de Frankfurt”, desde sua formação no Instituto de Pesquisas Sociais, até as reverberações de suas teses à época da redação do livro (início dos anos 1980). Nele há a menção de que a autora foi aluna de Horkheimer e Adorno.

Como o próprio título indica, o foco central do livro é o conjunto dos autores que compõem a Teoria Crítica, e não apenas Adorno. No entanto, as posições defendidas por Freitag na obra dialogam diretamente com o desenvolvimento do campo adorniano, do qual ela era, sem dúvidas, partícipe.⁶⁵

Ao longo da obra é possível perceber que Freitag utiliza como tradução de *Aufklärung* tanto “iluminismo” como “esclarecimento”, dependendo da circunstância⁶⁶. No entanto, apesar dessa oscilação, toda vez em que a obra *Dialektik der Aufklärung* é mencionada, seu título é “Dialética do Esclarecimento”. Apesar de não citar a tradução de Guido A. de Almeida na bibliografia comentada, a autora segue a mesma linha de raciocínio presente ali para justificar a opção por “esclarecimento”: as traduções de

⁶⁴ Graduada (1967) e mestre (1968) em Sociologia pela Universidade Livre de Berlim, doutora em Ciências Humanas (1972) pela Technische Universität Berlin. Professora da Universidade de Brasília de 1976 a 2008.

⁶⁵ Considere-se, a título de exemplo, a já mencionada redação em conjunto com Sérgio Paulo Rouanet do artigo “‘A Montanha Mágica’ e a dialética da inversão”, publicado em 1975 e que continha referências aos frankfurtianos.

⁶⁶ Na página 34, por exemplo, coloca-os como sinônimos.

Kant. Assim, é possível perceber uma proximidade das posições de Freitag e Almeida no campo adorniano.

Outro elemento que reforça essa proximidade parte do segundo trecho: “Nesse sentido Habermas inclui Adorno, Horkheimer e Marcuse no malogro teórico de um Weber, com sua tese do desencantamento e a racionalização do mundo, ou de um Lukács, com sua diagnose da alienação geral” (Freitag, 1986, p. 85). Aqui a autora explica, na verdade, a linhagem teórica que deu origem à tradução de “esclarecimento”: o juízo de Habermas, que aproxima Adorno e Horkheimer de Weber, está presente na explicação de Guido A. de Almeida sobre o porquê desta tradução. A consequência disso é que a tradução completa da *Dialektik der Aufklärung* no Brasil é influenciada pela linha interpretativa sobre Adorno e Horkheimer que parte de Habermas. E, ao que *A Teoria Crítica: ontem e hoje* indica, a própria Freitag não está distante desta perspectiva: ao longo de todo o livro, a obra de Habermas é bastante ressaltada e utilizada como lente de interpretação dos autores anteriores.

Além disso, a posição de Freitag no campo adorniano fica ainda mais clara quando trata da recepção da “escola de Frankfurt” no Brasil. Apoiada no texto de Carlos Nelson Coutinho “A Escola de Frankfurt e a Cultura Brasileira” (Presença: Política e Cultura, nº 7, mar. 1986), identifica dois momentos na recepção dos frankfurtianos no Brasil: o primeiro, nos anos 1960, via Marcuse; o segundo, no final da década de 1970, capitaneada principalmente por Sérgio Paulo Rouanet. Esta distinção leva em conta que o primeiro momento, influenciado por Marcuse, teria assumido tonalidades irracionistas, enquanto o segundo buscaria “recuperar na teoria crítica seu elemento iluminista original” (Freitag, 1986, p. 139). Ora, esta posição não está distante da de Habermas, à época (1985) em disputa com o que entendia como diferentes manifestações de irracionismo, presentes nas distintas correntes pós-modernas (Freitag, 1986, p. 123-124).

Todos estes elementos permitem perceber a configuração de um espaço no campo adorniano brasileiro influenciado por Habermas, onde se agrupam Sérgio Paulo Rouanet, Bárbara Freitag e o tradutor Guido A. de Almeida. Este espaço também está em diálogo com José Guilherme Merquior: já foi assinalada anteriormente a relação entre este e Rouanet. Além disso, Freitag tece diversos elogios à obra de Merquior (idem, p. 137, 179). Desde 1980 a autora é integrante do corpo editorial da revista *Tempo Brasileiro*, publicada por editora homônima que, conforme visto anteriormente, publicou os livros de Merquior e de Rouanet. Freitag, ao frisar as observações de

Coutinho sobre a importância de Rouanet na recepção da “escola de Frankfurt” no Brasil, além de citar várias das obras deste, coloca-o no centro desse processo de recepção, em detrimento de outras figuras como Roberto Schwarz e Gabriel Cohn, aos quais ela faz referências de passagem e comenta poucas obras (do primeiro, não há comentários). Demonstração de que a clivagem das origens torna-se nítida na década de 1980, configurando agrupamentos distintos no campo adorniano.

2.3.4. O duplo giro copernicano – Adorno e Kant (1991)

A primeira obra acadêmica produzida fora do eixo universitário Rio-São Paulo a que iremos nos referir é *O duplo giro copernicano – Adorno e Kant*, dissertação de mestrado de Ricardo Musse, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação de João Carlos Brum Torres, em 1991. Nos “Agradecimentos”, o autor menciona a leitura e sugestões por parte de Olgária Matos e Paulo Arantes. Segundo a apresentação do texto, a obra é parte de um projeto mais amplo de análise da crítica de Adorno ao idealismo alemão. Nela, pretende-se confrontar Adorno e Kant.

Esta dissertação apresenta um procedimento até então pouco peculiar ao campo: ainda na apresentação do texto, Musse afirma que utilizou

com raras exceções, apenas os textos [de Adorno] publicados após 1956. Este recorte surge naturalmente do próprio tema da dissertação: o ajuste de contas de Adorno com a ‘teoria do conhecimento’ do idealismo alemão deu-se, sem dúvida, somente após esta data. (Musse, 1991, p. 6)

Com este recorte, o autor se coloca como agente importante do processo que vimos descrevendo como sendo o crescimento da perspectiva da Filosofia na obra de Adorno. A dissertação de Musse põe de lado temas comuns no campo adorniano, como a questão da indústria cultural, para deter-se em outros aspectos até então pouco explorados. O recorte temporal estabelecido entre as obras de Adorno é sintomático nesse sentido.

Assim, é digno de nota que as questões de *O duplo giro copernicano* passem ao largo dos debates em torno da *Dialektik der Aufklärung*. As poucas menções a esta obra o atestam. Há, no entanto, dois dados relevantes a esse respeito. Primeiro, quando o autor cita a obra de Adorno e Horkheimer, utiliza a tradução *Dialética do Esclarecimento*, de Guido A. de Almeida. Segundo, e contrariamente ao que se poderia esperar em termos de posicionamento, considerando o uso da tradução de 1985, no corpo do texto Musse utiliza o termo “Aufklärung” (idem, p. 121). Mais à frente, no entanto, diz “A análise do sujeito transcendental também conduz à reflexão acerca do impasse do projeto iluminista” (idem, p. 264, nota 38), citando a seguir trecho da obra,

que se refere ao processo da *Aufklärung* no seu sentido mais amplo (e não ao “século das luzes”). Não há, portanto, indícios de um debate em torno do sentido desta palavra alemã, o que coloca Musse em uma posição ambígua no campo adorniano com relação à sua tradução. Mas este não é, conforme já dito, o foco do texto. As obras de Adorno mais citadas no texto são *Dialética Negativa* e *Stichworte* (traduzida no Brasil, como visto anteriormente, como *Palavras e Sinais*), esta última ligada em muitos temas à primeira.

A dissertação de Ricardo Musse tem importância para compreendermos a formação do campo adorniano no Brasil por diversos motivos. Foi dito acima que ela se insere no processo de consolidação de Adorno na Filosofia. Além disso, a dissertação realiza uma inflexão neste processo, ao direcionar seu foco para temas de Adorno até então pouco discutidos, particularmente aqueles presentes na *Dialética Negativa*. Este fato estará ligado a outro já indicado anteriormente, quando foi abordada a tradução de *Stichworte*: forma-se, na década de 1990, uma espécie de “micro-núcleo” adorniano em Porto Alegre, particularmente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nela foram realizados o mestrado de Musse (em 1991) assim como a tradução de *Stichworte* (mestrado de Maria Helena Ruschel, em 1993) e o doutorado de Marcia Tiburi (*Dialética Negativa: superação negativa e a transformação da filosofia em Theodor W. Adorno*, 1999), estes dois últimos trabalhos sob orientação do mesmo professor, Álvaro Valls.

Em suma, a dissertação de Ricardo Musse contribui para o processo de consolidação de Adorno na Filosofia, ao mesmo tempo em que cria uma inflexão nele, apontando os temas da *Dialética Negativa*, e situa-se nos primórdios de um interesse, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em torno desta obra. Com o tempo, Musse se tornará um importante agente do campo adorniano, tendo lecionado na Universidade Federal de Goiás (1985-1986), na UNESP (1993-1999), na UNICAMP (2000) e na USP (a partir de 2000), onde se encontra até o presente, ministrando disciplinas diretamente ligadas ao campo adorniano, como “Teoria Crítica da Sociedade” e “Aspectos da Dialética do esclarecimento”.

Em 2003 o jornal Folha de São Paulo publicou uma edição especial do caderno “Mais!” dedicada a Adorno (contava-se 100 anos de seu nascimento – este fato terá implicações maiores, abordadas adiante nesta dissertação). Ricardo Musse ficou a cargo de elaborar pequenos textos explicativos acerca de conceitos centrais para a obra do autor (“Teoria Crítica”, “Esclarecimento”, “Dialética negativa”, “Forma: ensaio” e

“Indústria Cultural”). Dentre estes textos, o que trata do “Esclarecimento” é digno de atenção, uma vez que é esse o termo que Musse utiliza para traduzir *Aufklärung*. Se em sua dissertação de mestrado havia ainda um impasse com relação a esta questão, dez anos depois Musse acata a tradução de Guido A. de Almeida – um atestado da hegemonia que o termo “esclarecimento” ganhou no campo adorniano.

Em 2012, em dossiê da revista *Cult* (volume 15, número 4) dedicado a Adorno, Musse escreveu “Cultura S.A.”, texto que descreve o pensamento de Adorno com relação à cultura, mas que sai do impasse – reproduzido no campo adorniano – do autor que pensa a sociedade como um “sistema fechado”, ao mencionar o texto “Tempo Livre”, em que Adorno afirma que, apesar do peso que a Indústria Cultural possui, há uma desconfiança das pessoas com relação a ela. A presença de Ricardo Musse nestes veículos editoriais externos ao universo acadêmico denotam sua importância no presente do campo adorniano.

2.3.5. *Aufklärung musical* (1992)

O autor da dissertação de mestrado *Aufklärung musical. Consideração sobre a sociologia da arte de T.W. Adorno na Philosophie der neuen Musik*, realizada na Universidade de São Paulo, é o já anteriormente referido Leopoldo Waizbort. Conforme dito, Waizbort foi mencionado por Cohn como sendo uma de suas referências musicais em Adorno (ao lado de Jorge de Almeida); o caminho que o levou a este patamar do campo adorniano começa com a dissertação ora analisada.

Aufklärung musical pretende estudar a obra *Filosofia da Nova Música* em sua relação com a *Dialética do Esclarecimento*, relação que o próprio Adorno estabeleceu no prefácio daquela ao denominá-la uma “digressão” desta (Adorno, 1970, p. 11). Waizbort trata esta questão como uma primeira hipótese de sua dissertação “é imperativa uma leitura da *Philosophie...* que leve em conta a *Dialetik der Aufklärung*, sob pena de uma leitura equivocada” (Waizort, 1991, resumo). Esta obra é o substrato daquela.

A segunda hipótese do texto adentra o domínio da teoria musical, elegendo o “‘temperamento igual’ como um momento central e uma categoria fundante da música moderna”. A questão indicada no título, da “*Aufklärung musical*” consiste em uma dominação da natureza musical, ao mesmo tempo em que ela continua sendo possível. Considerando que o tema do material musical é central na *Filosofia da Nova Música*,

estabelece-se o paralelo entre esta e a *Dialética do Esclarecimento* ao tratar da dialética do material musical.

Outro elemento importante do texto, indicado por Waizbort como “hipótese acessória”, é a relação entre a sociologia da música de Adorno com a de Max Weber.

O desencantamento do mundo, desde cedo projeto da *Aufklärung*, não permaneceu aquém da esfera estética, e o processo de racionalização que lhe é correlato encontrou na música domínio privilegiado (idem, *ibidem*, p. 2).

Neste trecho Waizbort estabelece a relação do processo descrito por Adorno como *Aufklärung* com o “desencantamento do mundo” de Weber, de maneira similar àquela realizada por Guido de Almeida na tradução da *Dialética do Esclarecimento*. Mais adiante, prossegue:

Quando Adorno elabora sua *Philosophie der neuen Musik*, sob um certo ponto de vista ele nada mais faz do que reescrever a sociologia da música weberiana, inserindo aquilo que era para Weber somente “processo de racionalização” em um “contexto” mais amplo: na dialética da *Aufklärung* (idem, *ibidem*, p. 2).

A aproximação entre Adorno e Weber no intuito de compreender a *Aufklärung* (no caso, como “desencantamento”) defendida aqui por Waizbort, vai de encontro à posição de Gabriel Cohn (que, como visto, advogou em prol de “iluminismo”). Apesar desta diferença, Cohn não deixou de reconhecer o valor da pesquisa sobre música em Adorno de Waizbort, ainda que a interpretação quanto a Weber seja um aspecto importante da dissertação.

Apesar desta possível aproximação com a perspectiva de Guido de Almeida sobre a *Aufklärung*, Waizbort não utiliza a tradução da obra de Adorno sem mais. As referências à *Filosofia da Nova Música* e da *Dialética do Esclarecimento* são todas a partir das originais em alemão. Em nota de rodapé, Waizbort diz que “As traduções brasileiras [...] foram sempre consultadas, embora nem sempre seguidas” (idem, *ibidem*, p. 1, nota 3). Além disso, todas as menções a estas duas obras de Adorno são feitas com os títulos em alemão, e o termo *Aufklärung* sempre aparece desta forma, sem tradução. Assim, Waizbort não toma posicionamento na polêmica (ainda recente) entre “iluminismo” ou “esclarecimento”.

Na bibliografia, além das obras em alemão, são mencionadas algumas traduções, como as da *Filosofia da Nova Música* (Perspectiva, 1971), *Dialética do Esclarecimento* (Zahar, 1985), *Temas básicos de sociologia* (Cultrix, 1970), a coletânea *Adorno* (Ática, 1986) e um texto (“Ideias para a sociologia da música”) da coleção *Os Pensadores*

(Abril, 1980). Os únicos autores brasileiros citados são Gabriel Cohn (“Difícil reconciliação. Adorno e a dialética da cultura”, revista Lua Nova, nº 20, maio de 1990) e José Guilherme Merquior (*Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*).

A dissertação de mestrado de Leopoldo Waizbort coloca-o como agente do campo adorniano, fato que será reconhecido nos anos futuros, além da continuidade da sua produção acadêmica, na suas participações em bancas de avaliação de pós-graduação. Uma delas, a de Jorge de Almeida.

2.3.6. *Mímesis e Racionalidade* (1993)

A obra *Mímesis e racionalidade: a concepção de domínio da natureza em Theodor Adorno* (São Paulo: Loyola, 1993) é uma versão da tese de doutorado de Rodrigo Duarte⁶⁷, defendida em 1990 na Universität Gesamthochschule Kassel, Alemanha. Duarte será um dos membros da comissão editorial que, a partir do final dos anos 2010, editará a coleção de obras de Adorno na editora UNESP. A sua trajetória é importante pois, além de ser parte do crescimento dos estudos filosóficos sobre a obra de Adorno, simboliza o que será um terceiro momento da recepção do autor no Brasil: intelectuais cada vez mais especializados na Teoria Crítica, e cuja formação se deu no exterior, especialmente a Alemanha. Este processo será abordado com mais detalhes no próximo capítulo.

A tese de Rodrigo Duarte centra-se, como o próprio sub-título indica, no conceito de domínio da natureza em Adorno. O autor, na introdução do livro, menciona que esse tema poderia “ser considerado demasiadamente óbvio”, considerando que é uma das questões centrais presentes logo no primeiro capítulo da *Dialektik der Aufklärung*. No entanto, Duarte justifica seu intento de pesquisa a partir de dois eixos: primeiro, que esta aparente “obviedade” pode ter feito com que algumas questões importantes no pensamento de Adorno tenham sido deixados de lado; e, segundo, o tema do domínio da natureza gera diversas novas questões, tanto na obra de Adorno quanto em sua relação com outros filósofos.

A obra de Duarte apresenta muitos dos temas discutidos nesta dissertação, que trataremos adiante. De saída, é importante notar a questão da tradução: todos os textos de Adorno na bibliografia são citados em alemão, o que significa que o autor não

⁶⁷ Graduado (1982) e mestre (1985) em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Sua pesquisa de mestrado foi sobre o conceito de natureza na obra *O Capital*, de Marx, sob orientação de Ivan Domingues. Desde 1990 Rodrigo Duarte é professor da UFMG.

utilizou nenhuma tradução do português (ou qualquer outro idioma). Isso explica a tradução própria que o autor realizou (no item “Abreviaturas”, p. 11) para obras como *Noten zur Literatur*, traduzida como “Notas sobre a Literatura” e *Stichworte*, traduzida como “Palavras-Chave”. Recorde-se que uma primeira edição das *Notas de Literatura* foi traduzida com esse nome ainda em 1973 e que *Stichworte* recebeu o título “Palavras e Sinais”, mas apenas em 1992, depois da tese de Duarte. No entanto, a *Dialektik der Aufklärung* aparece no livro o tempo todo como *Dialética do Esclarecimento*, o que indica a adesão de Duarte à tradução proposta por Guido A. de Almeida.

E, assim, como Almeida havia feito – inclusive para justificar sua tradução – Duarte aproxima de Adorno o pensamento de Max Weber:

No que concerne à exposição do conteúdo da dialética do esclarecimento, poder-se-ia aqui começar exatamente onde Adorno e Horkheimer o fizeram, i. é com uma menção à concepção weberiana de *desencantamento do mundo*: entretanto, ela aplica-se aqui, diferentemente de Max Weber – não apenas ao processo de esclarecimento nas grandes religiões, mas é estendida a toda a cultura ocidental, enquanto seu princípio de explicação. (Duarte, 1993, p. 59)

Duarte, nesse trecho, parece inclinar-se à perspectiva de que a *Aufklärung* deve ser traduzida como “esclarecimento” por fazer menção a um processo mais amplo, que não se limitaria ao contexto intelectual iluminista. Aqui se observa como autores que se tornarão centrais ao campo adorniano (haja vista a já mencionada participação de Duarte na comissão editorial da coleção Adorno da UNESP) afastam-se da outrora hegemônica tradução por “iluminismo”, aderindo à “esclarecimento”.

Além da questão da *Aufklärung*, citada acima, é possível entrever um certo posicionamento no campo – e aqui, talvez não só o brasileiro – com relação à forma como é encarada o conjunto da obra de Adorno. Similarmente ao que fez Ricardo Musse, Duarte também realiza uma espécie de corte na obra de Adorno a partir da década de 1950. Embora por motivos diferentes dos de Musse, Duarte afirma que, neste momento, “a filosofia de Adorno apresenta traços que permitiriam chamá-la, *cum grano salis*, ‘Teoria Estética’” (idem, p. 16). Conforme visto anteriormente, Musse havia feito distinção temporal semelhante na obra de Adorno, embora enfatizando o momento pós-1950 como o de acerto de contas entre o frankfurtiano e o idealismo alemão. Acerto de contas e teoria estética – momentos paralelos, talvez.

Outra questão relativa à posição no campo é o momento em que Duarte trata de certas perspectivas sobre a obra de Adorno. Duarte recorre a Martin Jay para afirmar certo eurocentrismo presente em Adorno (perceptível, por exemplo, em suas análises

sobre o jazz e seus comentários sobre o “Terceiro Mundo”; idem, p. 190). A seguir, realiza um contraponto com este autor a partir dos posicionamentos de Marcuse, que, apesar de uma fase “pessimista”, “não descarta de uma vez por todas a possibilidade de um ‘indigenous progress’” (idem, p. 191). Esta polarização entre Adorno e Marcuse evoca algo das polêmicas em torno dos diferentes posicionamentos que ambos autores adotaram diante do movimento estudantil, no final dos anos 1960 (Lima, Santos, 2016), mantendo, de certa forma, a visão criada naquele momento.

A seguir, Duarte menciona que esta circunscrição da Teoria Crítica ao universo europeu e estadunidense tinha sido captada por José Guilherme Merquior, em seu livro de 1969. Apesar disso, Duarte recusa uma adesão maior ao pensamento deste, primeiro pelo que considerou a falta de nuances em sua leitura de Adorno e Horkheimer, e segundo, porque seu pensamento, de matriz liberal, não reconheceria a necessidade de uma transformação radical na sociedade para que ela se desenvolvesse (idem, p. 191, 192). Não à toa, anos depois Duarte produziria uma análise específica da obra de Merquior (Duarte, 2009), criticando severamente as posições deste.

O livro de Rodrigo Duarte apresenta as marcas de seu tempo. Além de integrar o momento de consolidação das leituras filosóficas no campo adorniano brasileiro, não esconde o seu momento histórico ao dizer que um dos objetivos do trabalho é

investigar em que medida a filosofia de Adorno pode contribuir para a abordagem teórica de problemas, cuja solução, entretanto, não depende da teoria, como por exemplo, a destruição do meio ambiente natural, que avança em todo o mundo, ao lado das formas milenares da exploração, repressão e perseguição do humano pelo humano. (idem, p. 17)

No início dos anos 1990 crescia a preocupação com relação à questão ecológica. Duarte, neste trecho, aproxima a leitura de Adorno desta questão, enfatizando a questão da racionalidade instrumental como mecanismo de dominação do homem *sobre a natureza*, e não apenas sobre si mesmo.

2.3.7. A Dialética Negativa de Theodor Adorno (1998)

Conforme dito anteriormente, o processo de desenvolvimento da leitura filosófica sobre a obra de Adorno no Brasil conduziu a uma atenção maior do campo adorniano a um texto até então pouco explorado entre os intelectuais do país: a *Dialética Negativa*. Na década de 1990, no entanto, começa a haver uma atenção maior a esta obra, importantíssima para o conjunto do pensamento de Adorno.

É neste movimento que se insere o livro *A Dialética Negativa de Theodor Adorno. A ontologia do estado falso* (São Paulo: Iluminuras, 1998), originalmente, tese de doutoramento de Marcos Severino Nobre⁶⁸. Assim como Rodrigo Duarte, Marcos Nobre realizou parte de seus estudos na Alemanha (onde chegou a estudar com Axel Honneth, autor da chamada “segunda geração” da “escola de Frankfurt”). O contato do campo adorniano com o universo intelectual efetivamente germânico – presente desde o início do campo – torna-se cada vez mais forte.

Isso aparece inclusive na bibliografia utilizada por Nobre: os textos de Adorno, bem como de seus comentadores, são, em sua maioria, originais em alemão. As poucas traduções utilizadas são *Minima Moralia* (editora Ática, 1992) e *Adorno – sociologia* (editora Ática, 1986). Dos também poucos autores brasileiros citados, os mais diretamente ligados ao campo adorniano são Jeanne-Marie Gagnebin e Ricardo Terra, além do próprio Marcos Nobre. Apesar de não citar a obra, todas as vezes em que Nobre se refere à *Dialektik der Aufklärung*, traduz este último termo como “esclarecimento”. Esta opção tornava-se a regra no campo adorniano. Também é interessante notar que na epígrafe do livro, uma frase da *Minima Moralia* (“Não há vida correta na falsa”), o autor adota a tradução de *richtiges Leben* proposta por Vamireh Chacon (“vida correta”) sendo que a tradução do livro realizada por Guido A. de Almeida utilizava “vida reta”.

Segundo Nobre, o objetivo de seu livro “é o de estabelecer em suas grandes linhas o *sentido* do percurso intelectual de Theodor W. Adorno. O que significa entre outros designar o *lugar* que ocupa a *Dialética Negativa* nesse percurso [...]” (Nobre, 1998, p.13), sendo o “fio condutor” de tal percurso, “o motivo adorniano da ‘ontologia do estado falso’” (idem, *ibidem*). O livro de Nobre apresenta muitos procedimentos comuns no campo adorniano ao estabelecer as relações do pensamento de Adorno com Walter Benjamin, Kant, Hegel e Marx. No entanto, também o faz com Jürgen Habermas, o que mostra o fortalecimento das leituras deste paralelamente às questões do campo adorniano.

Uma interessante questão levantada por Nobre ajuda a compreender processos em curso no campo. Quando analisadas as obras de Ricardo Musse e Rodrigo Duarte, ficou clara a percepção de que se desenvolvia no interior do campo uma tendência de realizar um corte no conjunto da obra adorniana. Em outras palavras, os autores

⁶⁸ Graduado (1986), mestre (1991) e doutor (1997) em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Foi orientando de Ricardo Terra tanto no mestrado (no qual discutiu o conceito de reificação em Lukács) quanto no doutorado. Professor da Universidade Estadual de Campinas desde 1990.

estabelecem uma espécie de ruptura com certas leituras tradicionalmente feitas sobre Adorno, concentradas basicamente nos desdobramentos da *Dialética do Esclarecimento*. Nobre designa esse fenômeno como “paradigma da *Dialética do Esclarecimento*”, ou seja,

aquele procedimento corriqueiro e automático na bibliografia sobre Adorno de se socorrer imediatamente da *Dialética do esclarecimento* todas as vezes em que há dificuldades para explicar textos da *Dialética negativa* ou mesmo da *Teoria estética* [...]” (idem, p. 15).

Citando um artigo de sua própria autoria, Nobre prossegue na explicação sobre o tal “paradigma”:

essa posição privilegiada da *Dialética do esclarecimento* corre por conta de seu pretense caráter de ‘fundamento histórico-filosófico: não obstante as duas décadas que a separam das últimas obras de Adorno, ela permanecerá a chave para a compreensão do nosso autor (idem, p. 15, 16).

Com esta noção, Marcos Nobre dá conta de explicar a preponderância da *Dialética do Esclarecimento* também no campo adorniano brasileiro, como texto que ilumina os outros, e situa conscientemente a sua própria obra na contracorrente desta tendência, assim como já haviam feito outros como Ricardo Musse e Rodrigo Duarte. Dessa forma, a maior atenção que os autores passam a ter sobre a *Dialética Negativa* representa também ruptura com certa tradição do campo adorniano.

Ainda assim, Nobre afirma que o seu procedimento no livro é o de

pensar *juntos* os dois momentos, o da ruptura e o da continuidade relativamente à obra de 1947, um modelo de análise que tomei de empréstimo mais uma vez às investigações de Ricardo Terra sobre o pensamento político kantiano [...] (idem, p. 17).

Ricardo Terra também foi orientador de Ricardo Musse, outro autor do campo adorniano a romper com o “paradigma da *Dialética do Esclarecimento*”. Assim, é de se supor que esta nova leitura esteja relacionada com a postura intelectual de Terra (que, conforme será exposto no próximo capítulo, lecionou sobre Adorno e Teoria Crítica no curso de Filosofia da Universidade de São Paulo).

A tese de Nobre situa-o como agente do campo adorniano e também da formação de uma determinada tendência no interior deste, reforçando o peso da Filosofia, além do direcionamento rumo à compreensão da *Dialética Negativa*.

2.3.8. Ainda sobre a polêmica com *Aufklärung*

Os autores mencionados até aqui são todos integrantes de departamentos universitários nos quais a “escola de Frankfurt” tem relevância no ensino e na pesquisa, tenham suas obras mais orientadas a Adorno ou não. Para continuarmos mensurando o impacto da nova tradução empregada por Guido A. de Almeida, adentraremos agora em algumas traduções de textos estrangeiros sobre Adorno. Este processo é importante, pois nos mostra a forma como especialistas estrangeiros foram traduzidos à luz da leitura da obra de Adorno feita no Brasil.

O primeiro caso que utilizaremos é a tradução brasileira de um texto de Martin Jay, originalmente intitulado apenas *Adorno*, uma introdução ao pensamento do autor, publicada em 1984 (pouco mais de dez anos depois da publicação do livro que colocou Jay como uma figura relevante nos estudos da escola de Frankfurt, *The Dialectical Imagination*). A tradução brasileira data de 1988, tendo edições posteriores, e faz parte de uma coleção da editora Cultrix (em parceria com a Editora da Universidade de São Paulo) sobre o pensamento de diversos autores. Os títulos eram “As ideias de”, e nesta coleção figuram apresentações sobre a vida e obra de Weber, Lukács, Freud, Einstein, Gandhi entre outros.

O tradutor brasileiro foi Adail Ubirajara Sobral, à época da publicação, graduado em letras pela Universidade Federal da Bahia e pós-graduado em linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Não consta na produção do autor qualquer outra atividade ligada a Adorno ou à escola de Frankfurt além desta tradução.

O livro aparece como uma tradução integral do texto original de Martin Jay, sem qualquer referência sobre opções do tradutor brasileiro. Para os fins que pretendemos ao trazer esta obra à reflexão, chamamos atenção ao fato de que as menções ao título da obra de Adorno e Horkheimer aparecem em inglês, *Dialectic of Enlightenment*, sem tradução do texto original de Jay. No entanto, nas traduções da palavra *enlightenment* (que carrega, como em *Aufklärung*, o sentido dúbio de iluminismo e esclarecimento) foi adotada a opção “iluminismo”. Em passagens nas quais Jay faz menção ao processo dialético descrito por Adorno e Horkheimer, a tradução é “dialética do Iluminismo” (Jay, 1988, p. 37).

Publicada em 1988, portanto três anos após a tradução de Guido A. de Almeida, esta tradução do livro de Martin Jay opta por manter a tradição que havia no campo

adorniano brasileiro de ler *Aufklärung* como iluminismo. Esta opção, no entanto, será abandonada ao longo dos anos.

Foi o caso da tradução brasileira de *Late Marxism. Adorno or the Persistence of dialectic*, de Fredric Jameson (editora Verso, 1990). Jameson é um dos autores associados à chamada Nova Esquerda inglesa, que incluiu E.P. Thompson, Stuart Hall, Perry Anderson, Eric Hobsbawm e outros, dos quais alguns foram editores da revista *New Left Review*. O livro consiste em uma análise da obra de Adorno, centrada no que Jameson considera suas três grandes obras, a *Dialética Negativa*, a *Dialética do Esclarecimento*, e a *Teoria Estética*. (Ironicamente, o livro é dedicado a Perry Anderson, que criticou severamente os frankfurtianos – particularmente Adorno – em *Considerações sobre o marxismo ocidental*.)

A versão brasileira, *O marxismo tardio: Adorno ou a persistência da dialética* foi publicada em uma parceria entre a Editora da UNESP e a Editora Boitempo, em 1997. A tradução ficou a cargo de Luiz Paulo Rouanet, graduado, mestre (com dissertação sobre Kant sob orientação de Franklin Leopoldo e Silva) e, à época da tradução, cursando doutorado (com tese sobre Erasmo e Rawls, com o mesmo orientador) em filosofia pela Universidade de São Paulo (concluído em 1999).

No livro consta uma “Nota sobre a tradução brasileira”, na qual Luiz Paulo Rouanet afirma ter se preocupado em cotejar as citações que Jameson faz (dos originais em alemão) com as traduções de Adorno existentes em português, mencionando, nesta lista, a *Minima Moralia* (editora Ática, 1993), a *Filosofia da nova música* (Perspectiva, 1999), a *Teoria estética* (Martins Fontes, 1982), e a *Dialética do esclarecimento* (Zahar, 1985). Rouanet afirma que, com exceção da *Teoria estética*, as demais traduções são “inteiramente confiáveis”, e ressalta a qualidade das traduções de *Minima Moralia* e *Dialética do esclarecimento* (Rouanet, 1997, p. 13) – ambas traduzidas por Guido A. de Almeida. Em outro momento, em nota de rodapé, o tradutor afirma “[t]raduziremos *enlightenment*, de modo geral, como ‘esclarecimento’, seguindo a lição do tradutor de *Dialektik der Aufklärung*, Guido A. de Almeida, embora em certos contextos prefiramos ‘iluminismo’” (Jameson, 1997, p. 31, nota 1).

Rouanet afirma claramente sua adesão às opções de tradução de Guido A. de Almeida. Dois autores inicialmente *outsiders* no campo adorniano; dois autores cuja

produção acadêmica em algum momento focou a obra de Kant⁶⁹. A posição de Rouanet com relação a tradução de *Aufklärung* relaciona-o a outro autor com similaridades na trajetória acadêmica. Rouanet posiciona-se no campo ao lado de Guido A. de Almeida, contra a tradição.

O terceiro e último exemplo de tradução utilizado para verificarmos a trajetória da disputa “esclarecimento” versus “iluminismo” no campo acadêmico brasileiro é a obra de Martin Jay, *A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*, publicada em 1973, baseada em sua tese de doutorado em Harvard. O texto narra a trajetória do Instituto desde sua fundação, passando pela migração aos EUA, até o retorno à Alemanha nos anos 1950.

A tradução brasileira foi realizada por Vera Ribeiro – que possui diversas traduções sobre variados assuntos (incluindo sociologia, filosofia, etc.) pela editora Contraponto –, com revisão de César Benjamin, editor da mesma. O livro de Jay foi publicado, por conseguinte, pela editora Contraponto, em 2008.

O oitavo capítulo do livro intitula-se, originalmente, “Toward a Philosophy of History: The Critique of Enlightenment”. Seus tradutores optaram por tornar “enlightenment” em “iluminismo”⁷⁰. No entanto, há uma epígrafe de Horkheimer no início do capítulo que também utiliza o termo “enlightenment”. E aqui a tradução adotada foi “esclarecimento”. Há no entanto, uma nota dos tradutores que diz

O termo *Aufklärung* pode traduzir-se por Iluminismo, esclarecimento, racionalismo ou explicação. *Dialética do esclarecimento*, porém, não se refere apenas a um período histórico específico, como o século XVIII, o chamado Século das Luzes, mas designa o processo pelo qual o ser humano se liberta das forças míticas da natureza no decorrer da história – o racionalismo que passa a prevalecer na filosofia e na ciência. (Jay, 2008, p. 317, nota da tradutora)

A opção de tradução utilizada na obra de Martin Jay aproxima-se muito, em termos de critérios, daquela empregada por Guido A. de Almeida: esclarecimento como

⁶⁹ É digno de nota que Rouanet estará envolvido em outra tradução do texto de Kant, *Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?*. Brasília: Casa das Musas, 2008, reafirmando a opção adotada anteriormente para a tradução de *Aufklärung*.

⁷⁰ Em outra tradução de Vera Ribeiro com revisão de César Benjamin, para outro livro da editora Contraponto, reaparece a opção de traduzir *enlightenment* como *esclarecimento*. Trata-se da obra *Um mapa da ideologia*, organizado por Slavoj Žižek (Contraponto, 1996; originalmente *Mapping Ideology*, Verso, 1994). Nela constam diversos textos de autores posicionados de maneira diferente com relação à questão da ideologia, como Lacan, Althusser, Terry Eagleton, Pierre Bourdieu, entre outros, dos quais, Adorno. Mas nesse caso não é o texto dele que nos interessa, mas o comentário de Seyla Benhabib acerca da obra do frankfurtiano, intitulado “A crítica da razão instrumental”. Na tradução deste texto, todas as menções à obra *Dialectic of Enlightenment*, bem como ao termo isolado *enlightenment*, foram traduzidas como “esclarecimento”.

um processo histórico mais amplo que o iluminismo setecentista. Embora não haja uma referência direta à tradução de Guido A. de Almeida, a similaridade da justificativa do uso de “esclarecimento”, bem como a utilização da própria expressão “Dialética do esclarecimento” (em itálico, fazendo referência à obra de Adorno e Horkheimer), colocam esta tradução de Martin Jay na linha interpretativa inaugurada por aquele tradutor no campo adorniano. O que não explica o porquê da utilização de “iluminismo” no título do capítulo oito de *A imaginação dialética*.

Com base nestes exemplos é possível notar como, apesar de uma certa resistência inicial de agentes mais antigos no campo adorniano, a tradução para “esclarecimento” vai se tornando hegemônica. Nas discussões seguintes, sobre as demais traduções das obras de Adorno, voltaremos a esta questão.

2.4. A expansão de Adorno para outras áreas (1980, 1990)

Conforme visto anteriormente, a década de 1980 é o momento em que a leitura e o comentário de Adorno no Brasil passam a ser predominantemente protagonizados no âmbito da Filosofia. Embora a leitura do autor a partir dessa área ocorresse desde a década de 1970, é possível afirmar que sua consolidação nela se daria apenas na década seguinte. A publicação da *Dialética do Esclarecimento* em 1985 é um marco importante, assim como os primeiros trabalhos acadêmicos que abordam a *Dialética Negativa*.

O momento de transição em que o país vivia, saindo de uma ditadura militar de vinte anos rumo à democracia, ajuda a compreender este movimento do campo adorniano. A aparente euforia com a abertura, no entanto, contrasta com a situação real. A anistia, “ampla, geral e irrestrita”, lema dos críticos da ditadura, terminou por isentar os próprios militares de suas responsabilidades políticas. Algo como a *Aufklärung* que prometia libertar os homens e terminou por aprisioná-los.

Os intelectuais do campo adorniano localizavam-se majoritariamente no espectro político da esquerda. Foi assim desde os primórdios do campo, com raras exceções; o movimento de busca por teorias à esquerda alternativas às hegemonicamente discutidas na época foi parte do impulso inicial que levou à tradução de Adorno. Anos depois, o cenário no campo não era diferente. No entanto, se a esquerda dos anos 1960 havia sofrido um duro baque em 1964, a dos anos 1980

alimentava esperanças de um futuro mais promissor, motivada pelo ressurgimento dos movimentos estudantil e operário, principalmente. A reorganização dos partidos políticos brasileiros é fruto desse processo: a esquerda parecia capaz de se constituir como uma alternativa eleitoral possível – e a partir daí realizar mudanças estruturais no país. Mas assim como havia acontecido com a anistia, a derrota da esquerda nos sucessivos processos eleitorais – bem como a adequação ideológica de setores dela para atender às demandas eleitorais –, ou, dito de outro modo, a manutenção do *status quo* brasileiro no pós-ditadura, representou a sensação de imutabilidade que há tempos os setores críticos da sociedade sentiam.

No plano internacional, a proclamada vitória do capitalismo contra o socialismo foi parte de processo similar. Embora a própria possibilidade de um enfrentamento aberto entre as potências que encarnavam ambas as ideologias já acalentasse medo suficiente – como deixou claro Sérgio Rouanet, em sua declaração ao jornal Folha de São Paulo, na resenha sobre a *Dialética do Esclarecimento*.

Nesse contexto, faz sentido pensar em uma vida “prejudicada” ou “danificada”, como escreveu Adorno. Com o risco do exagero, talvez seja possível pensar que as sucessivas frustrações da segunda metade do século XX no Brasil – e que, de certa forma, levam à leitura de Adorno – contém algo daquela mesma frustração cujo peso se fez sentir na formação da “escola de Frankfurt”.

Em suma, se nos anos 1960 a introdução de autores, dentre eles Adorno, que refletiam sobre arte, pode ser encarado como parte daquele momento histórico em que o engajamento artístico era questão latente, talvez possamos dizer que os anos 1980, de intensas transformações no Brasil e no mundo, legaram a questão do que fazer frente os possíveis rumos da civilização ocidental. A crítica que Adorno e Horkheimer realizam do processo de desenvolvimento da razão nascida nesta civilização – que se reverte em barbárie – assume surpreendente atualidade diante do quadro histórico da tradução da *Dialética do Esclarecimento*. Esta logo se torna uma espécie de obra central de Adorno no Brasil, sendo objeto de inúmeras teses e dissertações, inclusive por funcionar como um elemento catalisador das diversas áreas que Adorno toca: arte, cultura, sociologia, filosofia, etc.

No entanto, apesar desse impulso à dimensão propriamente filosófica de Adorno, mais dez anos serão necessários para surgirem as primeiras traduções de textos ligados diretamente aos temas da *Dialética Negativa* (*Palavras e sinais, modelos*

críticos 2), e doze para a primeira tese de doutorado sobre ela (*A ontologia do estado falso: a dialética negativa de Theodor W Adorno*, de Marcos Nobre).

Embora a temática do “pensamento negativo” – conforme enunciado por Merquior em 1969 –, que permeia toda a obra de Adorno, já aparecesse ocasionalmente nas traduções e comentários sobre o autor, é apenas na década de 1990 que o interesse por aquela que é a principal obra metodológica de Adorno, surge. Se na década anterior a leitura da *Dialética do Esclarecimento* é animada por uma revisão crítica do chamado “progresso histórico”, os anos 1990 marcam o período em que “não há alternativas”. Nesse momento de “esgotamento das utopias”, como querem alguns, o pensamento negativo aparece como uma possibilidade de, apesar de tudo, continuar refletindo criticamente. Nesse espírito é possível compreender o enunciado de Fredric Jameson que, no seu livro sobre Adorno (*O marxismo tardio*), pergunta se ele, não sendo o filósofo das décadas anteriores, poderia ser justamente o “da nossa época”.

A teoria do “pensamento negativo” continua relativamente marginal no campo acadêmico formado em torno da obra de Adorno, até a tradução, em 2009, da *Dialética Negativa* (não por acaso pela mesma editora que traduziu a *Dialética do Esclarecimento*). A partir de então começam a surgir dissertações e teses tendo esta obra como referência (o que, inclusive, atesta a importância da tradução para a difusão de determinadas obras).

Entretanto, esse movimento do campo adorniano rumo à Filosofia não é o único que se processa nesse período. Na década de 1980 também cresce o interesse pelo autor em outras áreas: Educação e Psicologia. Esse interesse possivelmente também está relacionado com o momento político vivido no país

Ainda na década de 1960 começa um processo de crítica às correntes dominantes na Psicologia até então, paralelamente à efervescência política de então. Este processo vai se aprofundando ao longo das décadas de 1970 e 1980 (Câmara, 2016, p. 539), e é nesta última que ocorre o encontro da crítica psicológica no Brasil com a Teoria Crítica e, principalmente, Adorno.

Figura importante nesse processo é Iray Carone⁷¹, que em 1985 já desenvolvia projeto de pesquisa sobre Teoria Crítica e Psicologia Social e, desde a década de 1990, publica textos sobre o assunto. Dos seus focos de pesquisa destacam-se aqueles ligados

⁷¹ Graduada em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências Letras de Sorocaba (1963), doutora em Filosofia pela PUC-SP, sob orientação de Ruy Affonso da Costa Nunes (1975). Pós-doutora em diversas instituições dos Estados Unidos e da Espanha. De 1969 a 1987 foi professora da PUC-SP; de 1987 até o presente, da USP; de 1998 a 2008, da Universidade Paulista (UNIP).

à *Authoritarian Personality* e o *Princeton Radio Research Project* (1938-1941), pesquisa que Adorno realizou sobre o conteúdo musical veiculado pelas rádios estadunidenses.

A leitura de Adorno na Educação surge em processo similar. As iniciativas educacionais alternativas – também animadas pelo momento político dos anos 1960 – vão sendo paulatinamente eliminados pela ditadura, que dá vazão a projeto escolar conservador e nacionalista (expresso no currículo escolar em disciplinas como Educação Moral e Cívica). Com o fim da ditadura, ressurgem as possibilidades objetivas de uma reestruturação no campo educacional, e não parece coincidência a publicação de “Educação após Auschwitz” na coletânea *Adorno-Sociologia* no ano seguinte ao fim da ditadura.

Este interesse pelas traduções de Adorno acerca da Educação prossegue com a publicação de *Educação e emancipação* que, conforme discutido anteriormente, foi importante por apresentar ao público leitor de Adorno o autor em duas chaves inéditas em termos de forma e conteúdo. Forma devido à maneira como o texto foi constituído: transcrições de palestras e debates via rádio; conteúdo, pois a área sobre a qual o autor centra suas reflexões neste livro é a Educação.

Há evidências, portanto, de que nos anos 1980 Adorno já era lido através das lentes da Educação. Mas é na década seguinte que essa tendência se consolidará. E, nesse processo, dois agentes importante são Bruno Pucci⁷² e José Leon Crochík⁷³.

No início da década de 1990 Pucci, formado teólogo, volta-se para o estudo da relação entre Adorno e a Educação, tendo publicado diversos artigos e livros, participado de eventos e coordenado um grupo de pesquisa em torno desta temática. Intitulado “Teoria Crítica e Educação”, o grupo foi formado em 1991 na UFSCAR e, a partir de 1997, passou a incluir a UNIMEP. O objetivo do grupo é “conhecer mais a fundo as contribuições teóricas e metodológicas da Teoria Crítica e, a partir desses elementos, desvendar-lhes sua potencialidade pedagógica”, segundo o Curriculum

⁷² Graduado em Teologia (Pontifícia Universidade de San Tomás de Aquino, Itália, 1966), Filosofia (Organização Mogiana de Ensino e Cultura, OMEC, 1970), Letras (Universidade Metodista de Piracicaba, UNIMEP, 1974), mestre (Universidade Metodista de Piracicaba, 1976) e doutor em Educação (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1982), Bruno Pucci foi professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) de 1986 a 1996, e da UNIMEP entre 1973 e 1985. Em 1996 regressou à esta última universidade, onde permanece até hoje.

⁷³ Graduado (1979), mestre em Psicologia Social (1985, sob orientação de Maria Margarida Jorge de Carvalho), doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (1990, sob a orientação de José Fernando Locômaco) e livre-docente (1999) pela Universidade de São Paulo. Professor da USP de 1991 até o presente e da PUC-SP de 1997 até 2007.

Lattes de Pucci. Em 1994, publicou *Teoria Crítica e Educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt* (Rio de Janeiro: Editora Vozes, EdUFSCAR), obra pioneira sobre a Educação segundo os frankfurtianos.

A aproximação de Crochík com o tema da Educação na Teoria Crítica é, ao que tudo indica, paralela à de Pucci. Em 1992 Crochík publica "Apontamentos sobre o texto 'Educação após Auschwitz' de T. W. Adorno" (na revista *Educação e Sociedade*). No entanto, a leitura de Crochík sobre Educação em Adorno é em estreita relação com a Psicologia. Assim, em 1996, publica "Notas sobre a psicologia social de T. W. Adorno" (revista *Psicologia e Sociedade*). Desde 1998 Crochík dirige projetos de pesquisa baseados na Teoria Crítica, principalmente no pensamento de Adorno (Pucci, 2009, p. 161).

Ao final da década de 1990, Adorno é um autor cujos intérpretes estão distribuídos por diferentes áreas do conhecimento, Sociologia, Filosofia, Psicologia, Educação, sem mencionar temas que abarcam mais de uma dessas e outras áreas, como a crítica musical e literária. No espaço entre as décadas de 1980 e 1990 configura-se uma segunda geração de intelectuais do campo adorniano, herdeiros principalmente da tradição de leitura legada por Gabriel Cohn e Roberto Schwarz. Esta segunda geração terá diversos protagonistas, que constituirão o terceiro e último momento do processo de recepção de Adorno no Brasil: o momento em que se formam autores especializados, cuja produção acadêmica se desenvolverá basicamente em torno da obra do autor.

Capítulo III – Especialização (2000-2015)

No presente capítulo serão apresentadas as últimas décadas do campo adorniano no Brasil. Neste momento, situado entre as décadas de 2000 e 2010, Adorno é um autor consolidado no campo acadêmico, a ponto de haver uma geração de intelectuais cuja produção bibliográfica gira em torno de sua obra. Pode-se falar, portanto, em autores *especialistas* em Adorno.

Embora em momentos anteriores da trajetória do campo adorniano já houvesse intelectuais focados na obra do autor (como Rodrigo Duarte ou Ricardo Musse), entre os anos 1990 e 2000 este fenômeno se tornará comum no campo. Esse novo momento está relacionado com alguns fatores diferentes. Primeiro, a própria autonomia que o campo adquiriu no decorrer da sua história. Conforme visto nos capítulos anteriores, há questões centrais debatidas pelos agentes do campo, que concernem exclusivamente a ele, como as polêmicas de tradução.

Relacionado a isso, um segundo fator que explica o processo de especialização em Adorno, é o peso cada vez maior que se dá no campo ao domínio da língua alemã. Ao longo da história do campo adorniano no Brasil, sempre houve autores que dominavam este idioma e eram capazes de ler os textos em suas versões originais (como Roberto Schwarz e Gabriel Cohn). No entanto, com o passar dos anos e o surgimento de polêmicas em torno da tradução, a exigência da língua alemã torna-se uma espécie de filtro, um procedimento seletivo para o acesso ao campo. É cada vez mais frequente a defesa de dissertações e teses que citam os textos originais do autor.

Por fim, outro fator que explica a especialização no campo é a hegemonia que a área da Filosofia passará a exercer sobre o estudo do autor. Embora a recepção de Adorno na Filosofia tenha sido relativamente tardia, se comparada a outras disciplinas, esta será a área acadêmica que passará a concentrar os esforços de publicação de Adorno no Brasil. Embora continue havendo pesquisas em outras áreas (Sociologia, Psicologia, Educação), as traduções de Adorno no Brasil, por exemplo, serão virtualmente monopolizadas por filósofos neste último momento da trajetória do campo.

Como uma espécie de sintoma deste processo de especialização há a consolidação de disciplinas ministradas na universidade cujo tema é o pensamento de Theodor Adorno. Novamente, seguindo o percurso desta dissertação, recorreremos a disciplinas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para observar este processo.

3.1. Adorno nas disciplinas da USP

No capítulo anterior foi dito que, na década de 1990, as disciplinas sobre “escola de Frankfurt” na Filosofia da USP eram lecionadas principalmente por Olgária Matos. Ainda nesta década, Ricardo Terra também ministra disciplinas sobre o assunto, enfocando o pensamento de Jürgen Habermas.

Nos anos 2000, Terra continua lecionando a disciplina FLF 272, “Teoria das Ciências Humanas”, com o título “Introdução à Teoria Crítica e à filosofia de J. Habermas”. O curso realiza uma apresentação da Teoria Crítica, passando por autores como Weber, Lukács, temas como a dialética do esclarecimento e a razão instrumental, e concluindo em Habermas. Na bibliografia o único texto de Adorno é a *Dialética do Esclarecimento* (em sua versão traduzida por Guido de Almeida).

Em 2001 o curso continua o mesmo. Em 2002 ele é alterado, tendo como título “Introdução à Filosofia de J. Habermas” (o código e o nome da disciplina também mudam para FLF 278 e “Teoria das Ciências Humanas I”). A partir de então o curso passa a centrar-se mais em Habermas, embora ainda discuta a dialética do esclarecimento.

Em 2003 Olgária Matos volta a ministrar uma disciplina voltada para a “escola de Frankfurt”. FLF 278, “Teoria das Ciências Humanas I”, tem como título “História iluminista/história barroca: a Escola de Frankfurt e o Moderno”. O curso pretendia debater a “crítica da razão crítica”, empreendida pela “escola de Frankfurt”, na ciência, na política e na história. Salta à vista aqui o uso da palavra “iluminismo”, tanto no título da disciplina quanto no texto de Adorno e Horkheimer “O Conceito de Iluminismo” citado na bibliografia, quase vinte anos após a publicação da *Dialética do Esclarecimento*.

No mesmo ano, Ricardo Terra leciona “Democracia, redistribuição e reconhecimento” (FLF 462, “Teoria das Ciências Humanas III”), curso que se centra nas temáticas do pensamento habermasiano. No ano seguinte, 2004, Terra ministra “Introdução à Teoria Crítica” (FLF 278, “Teoria das Ciências Humanas I”), curso que mescla os temas presentes nos três anteriormente mencionados, “Introdução à Teoria Crítica e à filosofia de J. Habermas”, “Introdução à Filosofia de J. Habermas” e “Democracia, redistribuição e reconhecimento”. Nesta “Introdução à Teoria Crítica” a dialética do esclarecimento volta a estar presente. Este curso também é importante pois,

além de Habermas, Axel Honneth está presente nas discussões, outro autor da chamada “segunda geração” da “escola de Frankfurt”.

No segundo semestre de 2004, Terra leciona “Introdução à Teoria Crítica” (FLF 116, “Filosofia Geral I”). Este curso trata das relações entre o pensamento de Marx e a Teoria Crítica e, embora não haja menções diretas a Adorno ou aos temas concernentes a este autor sequer na bibliografia, nela aparece o livro *A Dialética Negativa de Theodor Adorno: ontologia do estado falso*, tese de doutorado de Marcos Nobre, orientada pelo próprio Terra (discutida no capítulo anterior).

Ainda em 2004 um novo professor começa a lecionar disciplinas envolvendo os temas da “escola de Frankfurt”, especialmente Adorno. Trata-se de Vladimir Pinheiro Safatle⁷⁴. Embora tenha ingressado como professor da USP em 2003 é somente no ano seguinte que começa a tratar de Adorno em sala de aula. Neste ano, a disciplina “Formas musicais e estruturas de racionalidade no século XX – os casos Weber e Adorno” (FLF 441, “Filosofia Geral III”), como o próprio nome indica, trata do pensamento de Weber e Adorno com relação à música. Na bibliografia constam, de Adorno, “O fetichismo na música e a regressão da audição” (*Os pensadores*), “Filosofia da nova música” (Perspectiva, 1970), “Idéias para a sociologia da música” (*Os pensadores*), *Mahler: eine musikalische physiognomik* (Surkhamp, 1969), *Musikalische Schriften* (Surkhamp, 2003), *Quasi una fantasia* (Surkhamp Verlag, 1963) e *Teoria estética* (Assírio e Alvim, 1978). Safatle será um dos principais agentes do campo adorniano em sua fase de especialização. Esta disciplina já representa uma tendência importante deste momento: um aprofundamento dos temas musicais da obra de Adorno (também presente na produção de Jorge de Almeida e Leopoldo Waizbord).

Em 2005 Safatle leciona “Introdução à Fenomenologia do Espírito” (FLF 278, “Teoria das Ciências Humanas I”). Embora tenha a obra de Hegel como tema central, aborda também a relação que Habermas e Adorno têm com ela. Na bibliografia constam, deste último, *Drei Studien zu Hegel* (Frankfurt, Suhrkamp, 1963) e *Negative Dialektik* (Frankfurt, Suhrkamp, 1975). No semestre seguinte a disciplina FLF 279, “Teoria das Ciências Humanas II” dá continuidade aos temas precedentes. Esta disciplina volta a ser lecionada em 2007.

⁷⁴ Graduado (1994) e mestre (1997, tendo por tema Lacan, sob orientação de Bento Prado Júnior) em Filosofia pela USP. Doutor (2002) pela Universidade de Paris VIII, com tese sobre Lacan.

Em 2006 Eduardo Brandão⁷⁵ ministra “Pensamento e Ação em Heidegger” (FLF 248, “História da Filosofia Contemporânea I”). De maneira similar ao que ocorreu com a disciplina de Vladimir Safatle sobre Hegel, esta de Eduardo Brandão se propõe a abordar a obra de Heidegger, mas incorporando aos temas de discussão a crítica adorniana a ele. O último tema do curso é “Considerações sobre Adorno, leitor de Heidegger” e na bibliografia o único texto que não é de Heidegger é *Gesammelte Schriften. Vol. 6: Negativ Dialektik* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985). Não é objetivo desta dissertação reconstituir a leitura feita no Brasil sobre a relação de Adorno com Heidegger⁷⁶, mas, com base nesta disciplina, fica registrada a possibilidade de que as interpretações deste estejam em contato com as do autor frankfurtiano.

Também em 2006, Ricardo Terra volta a lecionar “Introdução à Teoria Crítica” (FLF 278, “Teoria das Ciências Humanas I”). Embora o programa do curso seja praticamente idêntico ao anterior, no item “Seminários” passam a estar incluídos na lista de autores Horkheimer e Nancy Fraser (esta última da chamada “terceira geração” de frankfurtianos).

No mesmo ano Vladimir Safatle leciona disciplina sobre Freud (FLF 462, “Teoria das Ciências Humanas III” – “Freud como teórico da modernidade e de seus processos de racionalização”) que tem três textos de Adorno na bibliografia: *Freudian theory and the patterns of fascist propaganda* (Gesammelte Schriften, Digitale Bibliothek, 1999), *Zum Verhältnis von Soziologie und Psychologie* (Gesammelte Schriften, Digitale Bibliothek, 1999) e “Elementos de anti-semitismo” (*Dialética do esclarecimento*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985). O foco de Adorno na psicologia e psicanálise será explorado na produção acadêmica de Vladimir Safatle.

Em 2007, Eduardo Brandão oferece curso intitulado “Nietzsche e a crítica da civilização na *Dialética do esclarecimento*” (FLF 248, “História da Filosofia Contemporânea I”). Nos objetivos do curso, Brandão afirma que “[d]entre as várias referências da *Dialética do esclarecimento* de Horkheimer e Adorno, Nietzsche é uma das mais importantes”. Essa presença nietzscheana na obra de Horkheimer e Adorno era tema pouco explorado no campo adorniano até então, mas se constituirá como um dos tópicos do debate. A disciplina de Brandão possui enfoque maior na obra de

⁷⁵ Graduado (1991), mestre (1997) e doutor (2002) em Filosofia pela USP. Professor desta mesma universidade desde 2004.

⁷⁶ Iniciada, provavelmente, pela dissertação de mestrado de Luigi Bordin, *O pensar em Heidegger e Adorno: ontologia e dialética em confronto*, defendida em 1979 na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação de Olinto Pegoraro.

Horkheimer, mas é digno de nota que lance este olhar, partindo de Nietzsche, sobre a *Dialética do Esclarecimento* e, conseqüentemente, em Adorno.

Também em 2007, Ricardo Terra leciona novamente “Introdução à Teoria Crítica” (FLF 278, “Teoria das Ciências Humanas I”). Aqui, temas como feminismo e racismo aparecem entre aqueles a serem discutidos, assim como a autora Iris Young (como Nancy Fraser, também compreendida como “terceira geração” de Frankfurt) enquanto Adorno e Marcuse não estão mais presentes.

No ano de 2008 aparece a primeira disciplina tendo Adorno como foco central. Trata-se de “A filosofia de Theodor Adorno como programa interdisciplinar” (FLF 278, “Teoria das Ciências Humanas I”), ministrada por Vladimir Safatle. O curso propõe fazer o percurso de formação intelectual de Adorno, partindo de seus textos sobre música nos anos 1930 até três obras consideradas centrais para o seu pensamento de maturidade (*Dialética do Esclarecimento*, *Filosofia da Nova Música e Personalidade Autoritária*). Na bibliografia, os únicos comentadores brasileiros mencionados são Jorge de Almeida e Leopoldo Waizbort, além do próprio Safatle. É a nova geração do campo adorniano em processo de autoafirmação. Esta disciplina ecoa, de certa forma, a outra sobre Adorno lecionada por Safatle, ao manter a sua atenção sobre a sessão musical da obra do frankfurtiano.

Neste mesmo ano Ricardo Terra volta a lecionar a disciplina de Teoria Crítica (em FLF 116, “Filosofia Geral I”) que inclui autores das gerações subsequentes à de Adorno (Habermas, Honneth, Fraser, Young). No programa, ele coloca como objetivo do curso “Introdução à Teoria Crítica atual com ênfase nos conceitos de emancipação e reconhecimento, levando em conta raça e gênero”. Com é possível observar, a ênfase dos cursos de Ricardo Terra sobre Teoria Crítica foi variando com o tempo. Neste momento se consolida o projeto de lecionar sobre a chamada “terceira geração” de Frankfurt. Novamente, o único texto de Adorno presente é a *Dialética do Esclarecimento*.

Também em 2008, o professor Ricardo Nascimento Fabbrini⁷⁷ lecionou a disciplina “Pós-modernidade: a crítica da cultura moderna” (FLF 218, “Estética I”). O curso se inicia com a crítica cultural desenvolvida na “escola de Frankfurt”, tendo um momento de atenção especial à perspectiva de Adorno (“a questão da emancipação: arte e negatividade (a dialética negativa como sinônimo de revolta cultural”). Na bibliografia

⁷⁷ Graduado (1986), mestre (1991, sob orientação de Otilia Arantes) e doutor (1998, sob orientação de Leon Kossovitch) em Filosofia pela USP.

estão presentes a *Teoria Estética* (Martins Fontes, 1970) e a *Dialética do Esclarecimento* (Zahar, 1985).

Ainda no mesmo ano, Eduard Brandão leciona a disciplina sobre Heidegger que menciona Adorno.

Em 2009, Ricardo Terra reformula seu curso sobre Teoria Crítica. A disciplina volta a ter como título apenas “Introdução à Teoria Crítica” (FLF 278, “Teoria das Ciências Humanas I”), e tem seu conteúdo reestruturado. Os temas agora incluem as discussões de Friedrich Pollock, Marcuse e Franz Neumann, além de Horkheimer, Adorno e Habermas. No item “Seminários”, há a menção a textos de Horkheimer, Adorno, Marcuse, Habermas, Honneth, Fraser, além de capítulos do livro *Curso livre de Teoria Crítica*, organizado por Marcos Nobre (ex-aluno de Ricardo Terra). A *Dialética do Esclarecimento*, no entanto, mantém-se como único texto de Adorno na bibliografia.

Também em 2009, Ricardo Fabbrini leciona “Estética: do moderno ao contemporâneo” (FLF 114, “Filosofia Geral”). Nela aparece como tema “Autonomia da arte e indústria cultural em Adorno”, e, na bibliografia, a *Teoria Estética* (Martins Fontes, 1970) e o capítulo “Indústria Cultural”, da *Dialética do Esclarecimento* (Zahar, 1985).

Em 2010, Fabbrini leciona “Estética III” (FLF 465), tendo como tema “a reflexão teórica e a produção artística das últimas quatro décadas, ou seja, do período posterior às ‘vanguardas’ internacionais”. O curso é similar ao de 2008 (“Estética I”), embora se detenha menos nos debates sobre arte da “escola de Frankfurt”. Na bibliografia, o único texto de Adorno é *Prismas: crítica cultural e sociedade* (São Paulo, Ática, 1998).

Conforme dito anteriormente, Vladimir Safatle é um autor que explora o viés psicológico e psicanalítico da obra de Adorno. Na disciplina de 2010, “O estatuto epistemológico de categorias clínicas - arqueologia do conceito de paranóia” (FLF 477, “Epistemologia das Ciências Humanas”), o frankfurtiano é integrado às discussões. O programa do curso diz que “[u]ma atenção especial será dada à teoria psicanalítica da paranóia, assim como a importação da categoria para a análise de fenômenos sociais (Adorno e Horkheimer)” e, no conteúdo, “O uso da paranóia como explicação da econômica psíquica do fascismo: Adorno e Horkheimer”. O texto de Adorno na bibliografia é a *Dialética do Esclarecimento* (Zahar, 1985). Conforme visto no capítulo anterior, a relação de Adorno com psicologia e psicanálise começa a ser amplamente

discutida no Brasil a partir da década de 1990. Anos depois, Safatle integrará essa discussão ao pensamento filosófico nas aulas da Faculdade da Filosofia da USP.

Também em 2010, Ricardo Fabbrini em “Estética e modernidade artística” (FLF 114, “Filosofia Geral”) aparentemente retoma o programa de 2009 (“Estética: do moderno ao contemporâneo”). O programa é reduzido em comparação com o anterior, mas, na bibliografia, constam a *Teoria Estética* (Martins Fontes, 1970) e o capítulo “Indústria Cultural”, da *Dialética do Esclarecimento* (Zahar, 1985).

No mesmo ano, Ricardo Terra leciona uma “[i]ntrodução à Teoria Crítica atual com ênfase nos conceitos de gênero e no movimento feminista” (FLF 116, “Filosofia Geral I”), retomando temas da disciplina de 2008, mas desta vez, sem incluir Adorno ou a discussão sobre a dialética do esclarecimento.

Ainda em 2010, Vladimir Safatle volta a tratar de Hegel em sala de aula no curso “Introdução à leitura dos Princípios da filosofia do direito, de Hegel” (FLF 278, “Teoria das Ciências Humanas I”). Nele são abordados “alguns desdobramentos das temáticas hegelianas em leitores de sua Filosofia do direito, como Karl Marx, Theodor Adorno e Axel Honneth”. Na bibliografia do curso aparece a tradução brasileira da *Dialética Negativa* (Rio de Janeiro, Zahar, 2009), que será discutida adiante nesse capítulo.

Além desta disciplina, Safatle também leciona, no mesmo ano, outra cujo título é “Políticas da forma: estética musical e os desdobramentos da forma crítica” (FLF 464, “Filosofia da Arte”). O curso aborda a relação entre estética musical e sociedade (e crítica social), tendo Adorno como referência em muitos momentos. Na bibliografia constam, do autor, *Ästhetische Theorie* (Frankfurt: Suhrkamp, 1975), *Berg: o mestre da transição mínima* (São Paulo: UNESP, 2010), *Filosofia da nova música* (São Paulo: UNESP, 2010) e *Musikalische Schriften I-III* (Frankfurt: Suhrkamp, 2003). Diferente de outros professores, aparentemente Safatle não menciona a tradução da *Teoria Estética* para o português. Também é digno de nota a inclusão de livros publicados pela Coleção Adorno, da Editora UNESP, da qual Vladimir Safatle é membro do conselho editorial. Contudo, deve-se ressaltar que a editora não publicou a *Filosofia da Nova Música*, cuja tradução foi realizada no Brasil pela editora Perspectiva.

Em 2011, Ricardo Fabbrini leciona curso sobre estética (FLF 218, “Estética I”) similar ao dos anos anteriores: “[o] curso examinará a transição do imaginário moderno (ou das vanguardas artísticas) ao imaginário contemporâneo (a arte depois das vanguardas)”. Novamente as discussões da “escola de Frankfurt” estão presentes

(Adorno, Horkheimer, Benjamin e Habermas). Na bibliografia consta, de Adorno, apenas *Prismas* (editora Ática, 1998).

Continuando sua orientação de unir psicologia e filosofia, Safatle leciona em 2011 “Patologias do indivíduo: gênese e desdobramento de uma categoria central para a psicologia” (FLF 477, “Epistemologia das Ciências Humanas”). O curso tem como tema central a questão do indivíduo na psicologia. Adorno aparece no item

Críticas psicanalíticas à noção de indivíduo: Freud e a teoria psicanalítica de formação do indivíduo neurótico. Lacan, socialização como alienação e o Eu como sintoma. Sofrer por ser apenas um Eu: Paranóia e narcisismo como patologias do Eu. Adorno e a noção de “personalidade autoritária”.

Na bibliografia, o único texto de Adorno é, justamente, *The authoritarian personality* (Stanford University Press, 1987).

Em 2012, Ricardo Fabbrini retoma o curso “Estética e arte contemporânea” (FLF 218, “Estética I”) cujo programa é idêntico à disciplina sobre estética do ano anterior. Novamente a “escola de Frankfurt” aparece como tema e o livro *Prismas* na bibliografia.

No mesmo ano, Safatle volta a abordar a música em “Razão e forma: estética musical, estruturas de racionalidade e forma crítica” (FLF 464, “Filosofia da Arte”). Neste curso, o foco é a relação entre razão e música (forma, estrutura musical). Adorno aparece no item “Mimesis e imagem. O problema da mimesis na filosofia da música de Theodor Adorno e sua leitura do uso de procedimentos miméticos em Alban Berg” (parte do “Terceiro módulo: em torno da autonomia”). Na bibliografia, constam *Berg: o mestre da transição mínima* (São Paulo: UNESP, 2008), *Filosofia da nova música* (São Paulo: UNESP, 2012 [sic]), *Introdução à sociologia da música* (São Paulo: UNESP, 2011), *Musikalische Schriften I-III* (Frankfurt: Suhrkamp, 2003).

Ainda em 2012, Fabbrini leciona também “Arte e vida na modernidade artística” (FLF 465, “Estética III”). O foco do curso está no imaginário da modernidade artística (que o professor situa entre o fim do século XIX e a década de 1970). Adorno aparece no item “II – O projeto das vanguardas históricas: 1900-1930”, seção “b) A caracterização da obra de arte de vanguarda: a relação entre obra de arte orgânica e obra de arte não orgânica (montagem): Gyorg Lukács; Theodor Adorno e Walter Benjamin”. Na bibliografia, os textos do autor são *Prismas: crítica cultural e sociedade* (São Paulo, Ática, 1998), *Teoria Estética* (Lisboa, Martins Fontes, 1970) e “Indústria Cultural” (In: *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985). No ano seguinte,

Fabbrini leciona “Estética e Arte Contemporânea (1970-2000)” que, embora mencione a “escola de Frankfurt” (Habermas, apenas) também tem o livro *Prismas* na bibliografia.

Em 2013, Vladimir Safatle volta a lecionar “A filosofia de Theodor Adorno como programa interdisciplinar” (FLF 462, “Teoria das Ciências Humanas III”) curso integralmente voltado ao pensamento de Adorno. O programa é idêntico ao da disciplina de 2008. A exceção está na bibliografia: a única referência de Adorno é *Gesammelte Schriften* (Frankfurt, Suhrkamp, 1999) com o aviso de que “[a]s traduções dos textos a ser trabalhados serão indicadas no decorrer do curso”. Novamente, os únicos autores brasileiros mencionados são Jorge de Almeida, Leopoldo Waizbort e Vladimir Safatle.

No mesmo ano, Safatle lecionou também “História, memória, sofrimento” (FLF 477, “Epistemologia das Ciências Humanas”). A disciplina realiza um longo percurso teórico (que inclui Comte, Condorcet, Hegel, Marx, Freud, Piaget, Nietzsche, Foucault, Lyotard) articulando os três temas. Adorno aparece apenas na bibliografia, com o texto “Progresso” (*Palavras e sinais: modelos críticos 2*, Petrópolis: Vozes, 2009).

Também em 2013, Fabbrini leciona “Estética e modernidade artística” (FLF 114, “Filosofia Geral”). Neste curso, Adorno aparece no item “2 – O projeto das vanguardas históricas: 1900-1930”, seção ”b) A caracterização da obra de arte de vanguarda: a relação entre obra de arte orgânica e obra de arte não orgânica (montagem): Gyorg Lukács; Theodor Adorno e Walter Benjamin”. Na bibliografia, *Teoria Estética* (Martins Fontes, 1970) e “Indústria Cultural” (in, *Dialética do Esclarecimento*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985).

No mesmo ano, Luiz Sérgio Repa⁷⁸ ministra a disciplina FLF 116, “Filosofia Geral I”, cujo tema é a obra de Jurgen Habermas *O discurso filosófico da modernidade*. Assim, o curso passa pelos temas abordados no livro, para concluir com as contribuições do próprio autor. Um dos temas da obra é a *Dialética do Esclarecimento* de Horkheimer e Adorno (aliás, única obra deste citada na bibliografia). Com o decorrer do tempo foi possível observar nas disciplinas da filosofia da USP o crescimento do interesse pela obra de Habermas no Brasil. Esta disciplina, centrada no pensamento do autor, é fruto desse processo que, conforme visto, tem início na década de 1980.

⁷⁸ Graduado (1995), mestre (2000) e doutor (2004) em Filosofia na USP. Foi orientando de Ricardo Terra no mestrado e doutorado, e em ambos realizou pesquisa sobre Jurgen Habermas. Professor da Universidade Federal do Paraná entre 2009 e 2013, e da USP desde 2013.

A atuação de Repa como professor da USP continua em 2014 com a disciplina FLF 278, “Teoria das Ciências Humanas I”. A disciplina é uma introdução à Teoria Crítica, nos moldes que havia feito em anos anteriores o orientador de Repa, Ricardo Terra. Assim, o programa passa por Marx, Weber, Lukács, para chegar aos autores da “escola de Frankfurt” (Horkheimer, Adorno, Marcuse, Habermas e Honneth). Concernente à Adorno é apenas a questão da dialética do esclarecimento, tema da única obra sua citada na bibliografia.

Repa também ministra, em 2014, curso sobre Hegel (FLF 279, “Teoria das Ciências Humanas II”) que cita Adorno na bibliografia (*Dialética Negativa*, Rio de Janeiro: Zahar, 2009 e *Três estudos sobre Hegel*, São Paulo: UNESP, 2013). Esta disciplina é interessante, pois permite supor certa competição, em termos de capital simbólico, entre professores que lecionam sobre a “escola de Frankfurt”. Tanto Safatle quanto Repa ministram disciplinas sobre Hegel; no entanto, embora ambos partam de distintos autores da chamada “escola de Frankfurt” em sua leitura deste autor: Repa mais próximo de Habermas e Safatle mais próximo de Adorno. Este processo é compreensível à luz do surgimento de uma “seção habermasiana” no campo adorniano, desde a década de 1980. Esta competição, no entanto, se limita ao âmbito teórico, das diferentes interpretações que os agentes do campo fazem acerca dos autores. A ausência de uma disciplina sobre Hegel lecionada por Safatle no ano de 2014 pode indicar uma divisão de tarefas no departamento de Filosofia.

Também em 2014, Fabbrini retoma “Estética e arte contemporânea (1970-2000)” (FLF 218, “Estética I”). O programa é similar ao dos anos 2011 e 2012. A “escola de Frankfurt” está presente na questão da “Teoria Crítica da Sociedade” e a menção a Adorno na bibliografia é, novamente, *Prismas* (Ed. Ática, 1998). Esta mesma disciplina será lecionada no ano seguinte.

Em 2015, Repa volta a lecionar a disciplina de introdução à Teoria Crítica (FLF 278, “Teoria das Ciências Humanas I”). Nesta disciplina há mais espaço para Adorno que, além da questão da dialética do esclarecimento, também aparece no debate sobre a indústria cultural. Esse aumento da importância do autor no curso também se manifesta no programa: constam, do autor, *Prismas. Crítica Cultural e sociedade* (São Paulo: Ática, 1998) e *Palavras e sinais* (Petrópolis: Vozes, 1995), além da *Dialética do Esclarecimento* (Zahar, 1985).

No mesmo ano, Vladimir Safatle ministra a disciplina de 2013, “História, memória, sofrimento” (FLF 477, “Epistemologia das Ciências Humanas”). O programa

é idêntico ao anterior, inclusive o texto de Adorno indicado (“Progresso”, In: *Palavras e sinais: modelos críticos 2*, Petrópolis: Vozes, 2009).

Também em 2015, Safatle leciona “Políticas da forma: estética musical como setor de reconstrução das noções de crítica e experiência” (FLF 464, “Filosofia da Arte”). A disciplina retoma algumas questões daquela de 2012 (“Razão e forma: estética musical, estruturas de racionalidade e forma crítica”), ao discutir a relação entre música e racionalidade. No entanto, desta vez o foco se dará em quatro eixos: autonomia musical, o sublime, a função crítica da categoria de sujeito e a ironia. Adorno aparece no primeiro deles:

Theodor Adorno e o problema da função social da autonomia da obra de arte. Do equívoco de compreender a arte autônoma como estratégia compensatória para a decepção relativa às promessas de transformação social.

Nesta última frase, Safatle polemiza com aqueles que afirmam ser o projeto estético de Adorno uma alternativa do autor à falência das tentativas de transformação social. Na bibliografia, aparecem, de Adorno, *Berg: o mestre da transição mínima* (São Paulo: UNESP, 2008), *Filosofia da nova música* (São Paulo: UNESP, 2012 [sic]), *Teoria Estética* (Lisboa: Edições 70, 1990) e *Musikalische Schriften I-III* (Frankfurt: Suhrkamp, 2003).

Examinando as disciplinas do departamento de Filosofia da USP é importante notar como da década de 2000 em diante há, em todos os anos, ao menos uma disciplina que tenha Adorno como tema, ainda que entre outros. Além disso, também é digno de nota o enfoque estético que a teoria de Adorno passa a receber, ao lado do já bastante discutido tema da dialética do esclarecimento. Várias disciplinas abordam a faceta estética da sua obra e, nas ministradas por Vladimir Safatle, principalmente a vertente musical dela. Por outro lado, não se nota nas disciplinas da USP a tendência, desenvolvida na década de 1990, de estudos sobre a *Dialética Negativa*.

Também é importante ressaltar o surgimento de uma leitura paralela da Teoria Crítica (Adorno incluído), com base em Jürgen Habermas. Professores como Luiz Repa passam a tratar das questões ligadas à “escola de Frankfurt” a partir da perspectiva habermasiana, que diverge em muitos pontos daquela sustentada por Adorno. Pode-se dizer que o departamento de Filosofia da USP abriga duas correntes de interpretação sobre a “escola de Frankfurt”, uma mais próxima de Adorno, com Vladimir Safatle, e outra de Habermas, com Luiz Repa.

3.2. Traduções

No início deste capítulo foi dito que, a partir da década de 2000, Adorno já é um autor consolidado no meio intelectual brasileiro, sobretudo na universidade. Um dos indícios que atesta este fato é o volume de traduções do autor publicadas neste período. Além de obras importantes – como *Notas de Literatura I*, a segunda tradução de *Minima Moralia* e, principalmente, *Dialética Negativa* – nele tem início a série de publicações da editora da UNESP, cujo objetivo é traduzir as obras completas de Theodor Adorno. Em termos de tradução, as duas últimas décadas da recepção do autor são as mais prolíficas.

3.2.1. *Notas de Literatura I* (2003)

Conforme dito no primeiro capítulo dessa dissertação, Adorno publicou uma série de livros intitulados *Notas de Literatura*. Uma seleção de capítulos do que corresponderia ao terceiro destes livros foi publicado no Brasil em 1973 pela editora Tempo Brasileiro. Trinta anos depois, ganha luz a tradução do primeiro livro, *Notas de Literatura I*.

O tradutor desse livro foi Jorge de Almeida⁷⁹, já mencionado anteriormente como referência de Gabriel Cohn para assuntos musicais em Adorno, segundo palavras do próprio Cohn. À época da publicação de *Notas de Literatura I* Jorge de Almeida já havia trabalhado como tradutor de Adorno (na obra *Prismas*, Editora Ática, 1998) e defendido sua tese sobre a estética musical do frankfurtiano, publicada em 2007 (será discutida mais adiante). Em 2002, Almeida havia organizado uma coletânea de Adorno intitulada *Indústria Cultural e Sociedade* (editora Paz e Terra), contendo textos já traduzidos em outras obras. Quando trabalhou na tradução de *Notas de Literatura I*, Almeida já era um agente de crescente importância no campo adorniano, o que provavelmente levou à sua integração na comissão da editora UNESP que pretende publicar as obras completas do autor.

Notas de Literatura I foi originalmente publicada na Alemanha em 1958. Trata-se do primeiro dos quatro volumes pretendidos por Adorno (o quarto foi publicado postumamente, 1974). Na orelha do livro, Jorge de Almeida explica que a palavra

⁷⁹ Graduado (1992) e doutor (2000, com a tese *Música e verdade. A estética negativa de Theodor Adorno*, sob a orientação de Paulo Eduardo Arantes) em Filosofia pela USP. Também realizou especialização no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), onde produziu a pesquisa *Arte e Filosofia na Estética de Theodor Adorno* (concluída em 1996) sob a orientação de Roberto Schwarz.

“notas” no título (*Noten*, no original em alemão) pretende funcionar também como referência à nota no sentido musical, indicando aí o modo como Adorno compreendia a relação entre as diferentes formas de arte. Um outro título pensado pelo autor seria “Palavras sem canções” (Almeida, 2003, orelha).

Em sua tradução de *Notas de Literatura I*, Jorge de Almeida redigiu uma “Nota do tradutor”, onde trata das sempre mencionadas dificuldades de se traduzir Adorno. Apesar de breve, esta nota apresenta alguns dados relevantes para a compreensão do campo adorniano brasileiro.

Almeida afirma que, para dar conta da fluência textual de Adorno – que evoca, ela própria, certa relação musical – é necessário realizar escolhas, como a de não incluir notas explicativas (idem, ibidem, p. 8). O tradutor explica que isso iria contra a própria intenção do autor. Mas, além dela, testemunha a favor de Almeida a crítica que Gabriel Cohn havia feito quando da publicação de *Minima Moralia*, em 1992, mencionada no capítulo anterior. Em artigo publicado na Folha de São Paulo⁸⁰, Gabriel Cohn censurava os tradutores da *Minima Moralia* pela inclusão de notas de rodapé que, para usarmos os termos de Almeida, cortavam o fluxo textual da obra. Conforme visto no capítulo anterior, Cohn retomou esta crítica quando da sua própria tradução da *Minima Moralia*. Conhecendo o campo adorniano, e Gabriel Cohn, particularmente, Jorge de Almeida não deixa de ecoar sua crítica e seu procedimento ao realizar a tradução de *Notas de Literatura I*.

Além de Cohn, outros agentes importantes mencionados por Almeida em sua nota introdutória são Modesto Carone e Rubens Rodrigues Torres Filho. Almeida os cita por terem sido responsáveis por traduzir textos de Adorno (retirados de *Notas de Literatura I*) para a edição dos frankfurtianos da coleção *Os Pensadores* (mais especificamente a segunda edição, publicada em 1980). Almeida elogia as traduções, afirmando apoiar-se nelas em diversos momentos, além de agradecer a compreensão destes que foram seus professores sobre a necessidade de outra tradução dos textos “em busca de uma dicção própria e da unidade do conjunto da obra [*Notas de Literatura I*]” (idem, ibidem, p. 9.). Além de Carone e Torres Filho, outro autor de relevo nos estudos adornianos invocado por Almeida é Roberto Schwarz, a quem o tradutor consultou “para a tradução de passagens difíceis do texto” (idem, ibidem, p. 9).

⁸⁰ “Theodor Adorno reflete sobre a vida danificada”, 22 de novembro de 1992

A “Nota do tradutor” de Jorge de Almeida tem uma dupla consequência: vincular-se à geração anterior de agentes do campo adorniano (ao adotar seus métodos e conselhos) e, ao mesmo tempo, marcar sua distinção com relação a ela (ao afirmar, por exemplo, a “busca de uma dicção própria”). O passo seguinte de Almeida no campo adorniano seria sua integração à comissão editorial da coleção Adorno da editora UNESP, colocando-se em um papel central no campo adorniano.

3.2.2. *Dialética Negativa* (2009)

No capítulo anterior foi discutido o surgimento de um processo no campo adorniano que dava maior atenção à leitura da obra *Dialética Negativa*. A partir da década de 1990, cresceu o volume de publicações dos estudiosos do pensamento de Adorno que se voltavam para este livro em especial. Atenta a esta situação, a editora Jorge Zahar (Rio de Janeiro) publica em 2009 a primeira tradução da obra no Brasil – assim como havia feito mais de vinte anos antes com outro título central para o pensamento adorniano, a *Dialética do Esclarecimento*. E, assim como havia ocorrido com aquela, a tradução da *Dialética Negativa* funciona como elemento catalisador de discussões no campo adorniano, como se verá adiante quando da discussão a respeito do colóquio de aniversário da obra ocorrido na USP em 2016.

A tradução brasileira da *Dialética Negativa* ficou a cargo de Marco Antonio Casanova⁸¹ com a revisão de Eduardo Soares Neves Silva⁸². De maneira similar ao que havia ocorrido com Guido Antonio de Almeida – filósofo externo ao campo adorniano, mas que ingressa nele com uma importante tradução do autor –, Marco Antonio Casanova tem sua produção intelectual orientada para Nietzsche e Heidegger (traduzindo-os, inclusive). Novamente, a editora Zahar coloca como tradutor de uma obra central de Adorno um filósofo cuja formação e especialização não incluem o autor da obra traduzida. No entanto, diferente do que havia ocorrido com a *Dialética do Esclarecimento*, na tradução da *Dialética Negativa* há um revisor cuja produção acadêmica tem Adorno como tema. Eduardo Neves Silva, inclusive, foi orientando de um importante agente do campo adorniano, Rodrigo Duarte.

⁸¹ Graduado em Letras (1990) e Filosofia (1991), mestre (1993, com dissertação sobre Platão e Nietzsche, sob orientação de Gilvan Luiz Fogel) e doutor (1999, com tese sobre Nietzsche, também sob orientação de Gilvan Luiz Fogel) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Realizou também pós-doutorado na Universidade de Freiburg, Alemanha (2006). Desde 1995 é professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

⁸² Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1994), doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006) com a tese *Filosofia e arte em Theodor W. Adorno: a categoria de constelação*, sob a orientação de Rodrigo Duarte. Professor da UFMG desde 2009.

Diferente do que ocorreu com a *Dialética do Esclarecimento*, a tradução de *Dialética Negativa* não despertou – ao menos imediatamente – grandes polêmicas no campo adorniano. Em artigo publicado na Folha de São Paulo⁸³, Gabriel Cohn saudou a tradução. O texto de Cohn consiste em uma exposição dos temas principais do livro, sem realizar nenhum comentário acerca da tradução. Mas um detalhe que não escapa a Cohn chama atenção pra um fenômeno importante do campo adorniano: “um pormenor expressivo: na capa, o autor é nomeado Adorno, sem mais”. A consolidação do autor nos meios intelectuais brasileiros torna desnecessária a inclusão de seu nome completo na capa de uma de suas principais obras.

Meses depois, novamente a *Dialética Negativa* é citada na Folha de São Paulo. Em uma página intitulada “Os melhores de 2009”⁸⁴, Vladimir Safatle é convidado a indicar as cinco principais obras publicadas naquele ano. Dentre elas, a *Dialética Negativa*. Aparentemente ocorre uma recepção positiva desta tradução no campo adorniano. A presença de um agente vinculado ao campo (Eduardo Soares Neves Silva, aluno de Rodrigo Duarte) pode funcionar como parte deste processo de aceitação, tanto no sentido teórico quanto social – um estudioso de Adorno, ligado ao campo, portanto, revisou a tradução.

3.2.3. Coleção Adorno (2008-2015)

Apesar das décadas que compõe a história do campo adorniano, é somente no período mais recente dela que passará a existir uma iniciativa de tradução das obras completas do autor. Apesar do impacto que possuem, na recepção de Adorno no Brasil, as primeiras traduções, e as edições nacionais de obras centrais ao pensamento do autor, como a *Dialética do Esclarecimento*, é inegável que a coleção *Adorno* da editora da Universidade Estadual Paulista tornou-se o principal espaço de tradução deste autor no Brasil. Essa importância se deve a diversos fatores.

Primeiro, inaugura-se um esforço sistemático de tradução da obra de Adorno, tanto em termos de volume, como de unidade da tradução. Desde 2008, lançamento do primeiro título da coleção (*As estrelas descem à Terra*), até 2015, foram traduzidos nove volumes diferentes. Estatisticamente, mais de um por ano. Nunca houve tamanha quantidade de traduções de Adorno em um espaço tão breve de tempo.

⁸³ “Recusa arrebatadora”, caderno Mais!, 13 de setembro de 2009.

⁸⁴ Caderno Mais!, 20 de dezembro de 2009.

Segundo, esta iniciativa consolida a editora da UNESP como o lugar que centraliza a tradução de Adorno no Brasil. Esta editora, até então marginal no campo adorniano (havia publicado, por exemplo, o livro de Fredric Jameson *O marxismo tardio – Adorno ou a persistência da dialética*, em 1997), passa a ter uma posição central nele. E, como consequência de sua localização geográfica (centro de São Paulo), este surgimento de um núcleo central de traduções do autor consolida a cidade de São Paulo como um espaço de referência do autor.

Este feito, no entanto, só possível devido a uma comissão editorial cuja atuação transcende os limites da cidade e mesmo do estado de São Paulo. Ela é formada por autores que, embora não se limitem à obra de Adorno, podem ser considerados especialistas nela. A comissão é composta por Jorge de Almeida (professor pela USP desde 2001), Ricardo Barbosa⁸⁵ (professor da UERJ desde 1994), Rodrigo Duarte (professor da UFMG desde 1990) e Vladimir Safatle (professor da USP desde 2003). À exceção de Ricardo Barbosa, que não havia sido mencionado até aqui, todos os autores já haviam aparecido anteriormente nesta dissertação como agentes de relevo no campo adorniano. Barbosa não fica atrás, considerando os temas que nortearam a sua formação acadêmica.

O terceiro motivo, portanto, da importância da coleção UNESP, é a consolidação de uma nova geração de adornianos, todos formados entre as décadas de 1980 e 1990. Dos quatro membros da comissão apenas um foi aluno de professores importantes do campo adorniano (Jorge de Almeida, orientado por Roberto Schwarz, no CEBRAP, e por Paulo Arantes, na USP). No entanto, isso atesta, ao mesmo tempo, a independência desta nova geração frente às pregressas e a existência de um vínculo entre elas.

Há, portanto, na coleção UNESP, também o gesto simbólico da transmissão geracional. Essa transmissão, além da situação direta de Jorge de Almeida, também se realiza no próprio processo de produção das obras de Adorno, na medida em que as apresentações dos textos são escritas por autores de diferentes momentos da recepção do autor no Brasil. Em outras palavras, a coleção UNESP realiza um encontro de gerações ao ter como comissão editorial uma equipe de “novos” adornianos, e, em algumas apresentações e traduções dos textos, contar com o trabalho de “antigos” autores ligados à Adorno e a “escola de Frankfurt”, como Gabriel Cohn (apresentação de *Introdução à*

⁸⁵ Graduado (1982, Universidade Federal de Juiz de Fora), mestre (1986 pela PUC-Rio, com dissertação sobre Max Weber e a “escola de Frankfurt”, sob orientação de Eduardo Jardim de Moraes) e doutor em Filosofia (1992, PUC-Rio, com tese sobre crítica estética em Lukács, com o mesmo orientador).

sociologia), Wolfgang Leo Maar (tradução de *Introdução à sociologia*) e Olgária Matos (apresentação de *Correspondência 1928 - 1940 Adorno-Benjamin*).

Outro elemento que atesta a importância de tal coleção é o fato de que, apesar de centrar-se na editora de uma única universidade, a Coleção Adorno se realiza através do trabalho de autores pertencentes às mais diversas instituições de ensino superior do país. Além da comissão editorial formada por professores da USP, UFMG e UERJ, há a participação, como tradutor ou apresentador, de professores da UNIRIO (Pedro Rocha de Oliveira), UFSCAR (Wolfgang Leo Maar), Unisinos (Alvaro L.M. Valls), UNESP (Mario Videira), UFCE (Fernando R. de Moraes Barros) e UFSC (Ulisses Vaccari). Esta pluralidade é indicativa da difusão da obra de Adorno para além do eixo Rio-São Paulo, onde foi realizada a maior parte da produção do autor e sobre ele, mas por outras universidades de outras regiões do país.

Além da pluralidade de instituições representadas, também há diversidade das áreas nas quais os profissionais envolvidos na coleção atuam. Nos capítulos anteriores desta dissertação, foi exposto o processo pelo qual o campo adorniano se expande através de diferentes áreas do conhecimento. A Coleção Adorno é indicativa da consolidação desta expansão, ao incluir autores ligados à Filosofia, Sociologia, Crítica Literária, Psicologia e Música.

Todos os volumes da coleção possuem uma introdução redigida pela comissão editorial apresentando Adorno e o projeto de tradução de suas obras pela editora UNESP. Nesta introdução, a comissão editorial afirma que “o conjunto limitado de traduções das obras de Adorno, assim como a inexistência de uma padronização capaz de fornecer aparatos críticos indispensáveis para textos desta complexidade” manteve uma distância entre Adorno e o público brasileiro, que a coleção pretende resolver (Almeida, et. All. 2008, p. 8). A coleção é integralmente baseada no *Gesammelte Schriften*, obras completas de Adorno – e traduzida, portanto, dos originais em alemão ou inglês.

Um ponto importante com relação à tradução é a posição da comissão organizadora com relação a notas.

Em todos os volumes serão inseridas apenas notas de contextualização, evitando-se ao máximo a introdução de notas de comentário e explicação. Trata-se de uma convenção que se impõe devido à recusa em interferir no texto adorniano e em projetar chaves de interpretação.

Conforme visto anteriormente, esta cautela no uso de notas sobre o texto aparece na tradução realizada por um dos membros da comissão editorial (*Notas de Literatura I*, de Jorge de Almeida), e tem sua referência no comentário de Gabriel Cohn quando da publicação da primeira tradução de *Minima Moralia*, em 1992. Assim, o novo pólo de traduções de Adorno no Brasil reverbera o procedimento adotado por um de seus principais agentes.

Nesta introdução, a comissão editorial afirma haver quatro focos temáticos principais na coleção: música, sociologia, indústria cultural e psicologia. Sabe-se que todos estes temas são comuns no conjunto da obra de Adorno, mas a comissão editorial faz questão de ressaltar que, no caso dos dois últimos, visam atender a uma demanda de leitura proveniente, respectivamente, dos cursos universitários de Comunicação e Psicologia. A comissão organizadora, enquanto membros do campo adorniano, bem como o mercado editorial, estão cientes das áreas nas quais Adorno é lido.

A primeira obra de Adorno publicada na coleção da editora UNESP foi *As estrelas descem à Terra: a coluna de astrologia do Los Angeles Times: um estudo sobre superstição secundária*, em 2008. A tradução foi realizada por Pedro Rocha de Oliveira⁸⁶ e a “Apresentação à edição brasileira” redigida por um dos membros da comissão editorial, Rodrigo Duarte. O livro foi escrito por Adorno durante o período que esteve nos Estados Unidos, e consiste em uma análise que transita entre a sociologia e a psicologia, tendo como material três meses da coluna de astrologia do jornal *Los Angeles Times*.

Rodrigo Duarte localiza a obra como sendo um ponto fora da curva na sociologia da época, tanto a praticada nos Estados Unidos quanto na Alemanha. Para Duarte, o procedimento de Adorno nesta pesquisa aproxima-se à sociologia alemã do início do século XX, especialmente a de Georg Simmel, ao debruçar-se sobre um tema heterodoxo. Além disso, a obra está profundamente ligada aos temas da *Dialética do Esclarecimento*, particularmente no que tange à relação entre racionalidade e irracionalidade, presente na crença na astrologia na década de 1950 (e, como ressalta Duarte [2008, p. 12], ainda hoje).

⁸⁶ Graduado (2002, UERJ), mestre (2005, PUC-Rio, com dissertação sobre a *Dialética Negativa*, sob a orientação de Edgard José Jorge Filho) e doutor (2009, PUC-Rio, com a tese *Estetização da realidade: ideologia e arte sob o capitalismo tardio*, sob orientação de Katia Rodrigues Muricy) em Filosofia. Realizou doutorado sanduíche na Universidade de Manchester sob orientação de Terry Eagleton. Professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) desde 2013.

A relação com a *Dialética do Esclarecimento* também se encontra na questão da dominação, tema que articula o fetichismo dos *gadgets* incentivado pela coluna com toda a estrutura social do capitalismo tardio (ao qual Adorno denominou “mundo administrado”). Em um determinado momento do texto, Duarte afirma que

[...] Adorno chama atenção para uma espécie de fetichização dos eletrodomésticos e eletroportáteis, como se eles fossem a salvação das vidas prejudicadas dos leitores típicos da coluna. (idem, *ibidem*, p. 22)

Aqui o termo “vidas prejudicadas” remete ao subtítulo da *Minima Moralia* (“Reflexões sobre a vida prejudicada”), e adota a tradução empregada por Gabriel Cohn no comentário da obra presente no texto “Adorno e a teoria crítica da sociedade” (Cohn, 1986, p. 7, 23), mas não na sua própria tradução da obra, onde utilizou “vida lesada” (Adorno, 2008b).

As estrelas descem à Terra coloca no campo adorniano brasileiro um estudo monográfico de Adorno que articula diversos temas de seu pensamento (indústria cultural, dominação, racionalidade/irracionalidade) e as áreas nas quais ele transita (aqui, especialmente Sociologia e Psicologia).

O jornal Folha de São Paulo reproduziu trechos do livro em sua edição de 10 de agosto de 2008 (caderno Mais!). No dia 12 de outubro do mesmo ano, o jornal Estado de São Paulo publica “Sob as estrelas, o desconhecido”, artigo de Olgária Matos que resenha os temas principais de *As estrelas descem à Terra* mas sem adentrar nas questões da tradução.

No mesmo ano de *A estrelas descem à Terra* a editora UNESP publica outro volume da mesma coleção: trata-se de *Introdução à sociologia*, livro criado a partir da transcrição do curso de mesmo nome oferecido por Adorno no Instituto de Pesquisas Sociais, em 1968. Os responsáveis por, respectivamente, introduzir e traduzir o livro foram Gabriel Cohn e Wolfgang Leo Maar, duas figuras de grande importância no campo adorniano, literalmente há décadas.

Wolfgang Leo Maar já havia trabalhado como traduções em momentos importantes do campo adorniano, como na edição de *Os Pensadores*, em 1975, e *Educação e emancipação*, vinte anos depois. Existe inclusive uma vinculação entre este livro e *Introdução à sociologia* que talvez explique a atuação de Maar como tradutor: ambos são baseados em transcrições da fala de Adorno. Embora os momentos sejam distintos (em *Educação e emancipação* as conferências e debates pelo rádio; em *Introdução à sociologia*, um curso universitário), o procedimento similar de transformar

a palavra dita em escrita é comentado por Maar – a partir de, como não podia deixar de ser, uma formulação do próprio Adorno sobre o tema – na “Breve nota à tradução brasileira” de *Introdução à sociologia*. Tentou-se na tradução, segundo Maar, “corresponder ao estilo da fala expositiva de Adorno”, “sem oferecer dificuldades à compreensão para além da intenção do autor” (Maar, 2007, p. 35). A ambiguidade desta formulação não deixa de conter certa ironia, considerando o “obscurantismo” que tantos abjetam em Adorno.

Além de um tradutor de sólida trajetória no campo adorniano, a apresentação de *Introdução à sociologia* foi realizada por um dos maiores nomes do campo, já em seus primórdios. Gabriel Cohn foi, ao longo da trajetória do campo, um defensor de Adorno contra as críticas de “elitismo”, “pessimismo” e outras. Conforme visto no capítulo anterior, a formulação de uma resposta a estas críticas já aparece na introdução à coletânea *Adorno – Sociologia* publicada em 1986 pela editora Ática, e organizada pelo próprio Cohn. Mas, se ali a intenção maior era uma apresentação geral do pensamento do autor, no texto que antecede a *Introdução à sociologia* Cohn aprofunda a forma como Adorno compreende esta disciplina em específico, sem, no entanto, deixar de rebater as críticas que lhe foram direcionadas.

No texto, Gabriel Cohn adentra a questão que é provavelmente uma das maiores em torno da sociologia de Adorno: a polêmica com o positivismo. Este é um tema da maior importância nos debates travados por Adorno, pois aqui também se manifestam outras questões, como a da – também suposta – preferência adorniana (ou mesmo frankfurtiana) por teoria, em detrimento da pesquisa empírica. Cohn rebate esta falsa noção sobre Adorno ao referir-se, primeiro, ao envolvimento direto deste no projeto da *Authoritarian Personality*, fruto, nada menos, de uma volumosa pesquisa empírica. E, segundo, à defesa que Adorno realizou desta quando, no seu regresso à Alemanha, combateu “uma vertente especulativa de análise social de forte cunho conservador” (idem, ibidem, p. 23). De uma maneira geral, a formulação de Cohn é a de que Adorno não era, de forma alguma, contra a pesquisa empírica; acreditava, no entanto, que ela, sozinha, não era suficiente para explicar fenômenos sociais que existiam para além do meramente classificativo (ou conceitual).

A sociologia, para Adorno, deveria ter como foco as questões essenciais da sociedade, compreendendo-as não como aspectos imutáveis do real, mas, antes como manifestações histórico-sociais. Acerca destas questões “essenciais”, afirma Cohn, citando Adorno, “[t]rata-se daquelas dotadas de ‘significado essencial para a

sobrevivência e para a liberdade da espécie humana” (idem, ibidem, p. 24). Cohn fundamenta a sociologia de Adorno em uma busca por, nada menos, que a *liberdade* humana. Diametralmente oposto daqueles que apontava Adorno como o autor “pessimista”, mero expositor do sistema “sem saída”. Mais à frente, Cohn menciona um dos “*aparentes* becos sem saída aos quais o pensamento de Adorno costuma conduzir” (idem, ibidem, p. 31, grifo nosso). O tema do pensamento preso em um “beco sem saída” começa a aparecer no campo adorniano a partir das leituras sobre o autor realizadas através do pensamento de Habermas, crítico da concepção de “dialética do esclarecimento”, conforme exposto em seu *O discurso filosófico da modernidade*. Conforme visto, estas leituras habermasianas de Adorno tomam corpo na década de 1980, e possivelmente contra elas Cohn está se insurgindo no texto aqui comentado.

Uma última importante questão abordada por Cohn é a forma como Adorno abordava a sociologia em termos de circunscrição disciplinar. Em outra resposta aos críticos, Cohn afirma que “[u]ma Sociologia concebida desta forma dificilmente poderia satisfazer à exigência de alguns, de constituir um corpo íntegro e fechado no sistema das ciências, com segura pureza conceitual e metodológica” (idem, ibidem, p. 33). Aqui fica clara a referência ao título do texto, acerca do projeto adorniano de uma ciência “impura”, nas palavras de Cohn, “intimamente mesclada a outras” (idem, ibidem), não como uma mera interdisciplinariedade, mas como outra manifestação do pensamento dialético do autor, onde as disciplinas estariam constantemente em relação entre si.

Mais uma vez, Gabriel Cohn se manifesta no campo adorniano em defesa de Adorno contra seus críticos, desta vez aprofundando questões específicas do saber sociológico. Dos autores brasileiros citados na bibliografia de seu texto, além do próprio Cohn, há Marcos Nobre com seu livro sobre a *Dialética Negativa*, gesto simbólico de aprovação no campo por uma figura de destaque.

No capítulo anterior desta dissertação, foi mencionada a existência de um núcleo adorniano no Rio Grande do Sul, cujo foco concentrou-se na *Dialética Negativa*. Uma das obras resultantes desta experiência foi a tradução de *Palavras e Sinais*, mestrado realizado por Maria Helena Ruschel sob orientação de Álvaro Valls. O próprio Valls possui mestrado sobre Adorno⁸⁷ e, além de orientador de Maria Helena Ruschel e

⁸⁷ “O surgimento do conceito de coisificação em Adorno, 1924-1938”, realizado na Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, Alemanha, em 1977 sob orientação de Michael Theunissen.

Marcia Tiburi, também atuou no campo adorniano como tradutor da obra *Kierkegaard: Construção do estético*, publicado pela editora UNESP na *Coleção Adorno*, em 2010.

A atuação de Valls nesta obra de Adorno não se dá apenas pelo seu mestrado sobre o autor; Valls defendeu uma tese de doutorado⁸⁸ que tem como tema justamente Kierkegaard. Assim, o tradutor possui domínio sobre o autor e o tema do livro que traduziu. Além de tradutor, Valls também redigiu a “Apresentação à edição brasileira” da obra, onde aponta a importância do livro sobre Kierkegaard no conjunto do pensamento adorniano, algo que não costuma ser ressaltado (Valls, 2010, p. 11).

Valls descreve como temas centrais em Adorno já estavam de alguma forma presentes nesta que é sua tese de habilitação e que lhe garantiu o ingresso no mundo acadêmico como professor (redigida em 1930 e publicada em 1933). O próprio Adorno estava consciente do fato de que muitos temas sobre os quais trabalharia ao longo de sua vida (por exemplo, a razão dominadora da natureza e sua crítica) faziam-se notar no seu livro sobre Kierkegaard, e o comenta em 1966 (idem, *ibidem*, p. 12). Valls menciona este fato, ressaltando a presença destes elementos, por exemplo, na *Dialética Negativa*. Neste momento, não deixa de ressaltar a existência da tradução dela, em português, realizada por Marco Antonio Casanova. Esta menção não parece ocasional, considerando-se a importância desta obra nos estudos sobre Adorno orientados por Valls – que parece aprovar a tradução.

Enquanto especialista nas obras dos dois autores, Valls realiza uma explanação acerca da questão da tradução, uma vez que Adorno utilizou para suas leituras as traduções de Kierkegaard, dinamarquês, para o alemão. A tarefa de Valls foi comparar as traduções citadas por Adorno com os originais de Kierkegaard para então traduzi-las ao português. O grau de exigência dessa tarefa exigiria mais um especialista em Kierkegaard, do que um em Adorno. A tradução de *Kierkegaard* pela editora UNESP conta com um filósofo que realiza os dois papéis.

Em 2010 é publicado mais um título da *coleção Adorno: Berg: o mestre da transição mínima*. Este livro apresenta alguns traços interessantes frente ao campo adorniano. Primeiro, por ser uma tradução de Adorno publicada no Brasil cuja apresentação foi escrita por um autor estrangeiro, Jean-Paul Olive⁸⁹. A “Introdução à

⁸⁸ “O conceito de história nos escritos de Soeren Kierkegaard”, obtido em 1981, também na Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, Alemanha, e também sob orientação de Michael Theunissen.

⁸⁹ Professor da Universidade de Paris 8, especializado no estudo da música. Publicou diversos textos sobre Adorno.

coleção”, texto que acompanha todos os volumes da *coleção Adorno*, já deixava claro, quando da publicação do primeiro livro da coleção, que haveria a colaboração de autores estrangeiros. Esse fato é extremamente significativo, pois indica que o campo adorniano brasileiro passa a estar vinculado a algo como um campo adorniano internacional. É fato normal no campo adorniano brasileiro, desde seus primeiros anos, a circulação de seus agentes em campos estrangeiros, particularmente europeus: aqui, no entanto, esse vínculo aprofunda-se com uma colaboração direta de um professor francês a uma tradução brasileira.

Este estreitamento de relações internacionais também aparece nas trajetórias de outros dois colaboradores do livro sobre Berg. O tradutor do livro Mario Videira⁹⁰ realizou parte de seu doutorado na Alemanha, assim como Eduardo Socha⁹¹, tradutor da apresentação redigida por Olive. Também é importante ressaltar que Socha foi aluno de mestrado e doutorado de Vladimir Safatle, o que nos indica o surgimento, nos anos mais recentes, de uma “quarta geração” no campo adorniano.

Na apresentação ao livro, Jean-Paul Olive explica que se trata do último que Adorno publicou, e que o próprio autor afirma ser uma obra encomendada – curiosamente como ocorreu com a última obra de Berg, o *Concerto para violino*. Para o livro, Adorno selecionou uma série de textos previamente publicados, embora não tenha inserido todos os que havia escrito sobre Berg. Como se sabe, Adorno foi aluno de Alban Berg, e o livro é fruto de décadas de contato com a obra do compositor, além de sua relação pessoal com ele.

Jean-Paul Olive elenca três motivos pelos quais este livro tem grande importância – muitas vezes subestimada – no conjunto da obra adorniana. Primeiro, pelo fato de Adorno ter em mente que havia uma profunda relação entre música e filosofia, relação que marcou o seu pensamento de tal forma que isso se manifesta inclusive nos textos em que não tratou sobre música. Algo como uma “filosofia musical”. Essa afinidade era, para ele, particularmente significativa no que relacionava a chamada Nova Música com a Teoria Crítica.

⁹⁰ Graduado (2001) e mestre em Música (2004, com dissertação sobre Hanslick sob orientação de Lia Vera Tomás) pela Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP. Graduado (2008) e doutor (2009, com tese sobre romantismo alemão sob orientação de Marco Aurélio Werle) em Filosofia pela mesma universidade. Desde 2010 é professor da ECA-USP.

⁹¹ Graduado (2006), mestre (2009, com dissertação sobre Bergson e Debussy, sob orientação de Vladimir Safatle) e doutor (2015, com tese sobre tempo musical em Adorno, com o mesmo orientador) em Filosofia pela USP. Seu orientador de doutorado sanduíche na Universidade de Berlim, Alemanha, George Bertram, esteve no Brasil para o evento sobre a *Dialética Negativa*, realizado em 2016 na USP.

Segundo, pela afinidade entre Berg e o próprio Adorno. Este via na música daquele uma linguagem dialética, além da atenção aos pequenos detalhes (como indicado no subtítulo do livro), homóloga à percepção de Adorno em ver nos mais insuspeitos fenômenos da vida social, manifestações de processos mais amplos.

Terceiro, e por fim, o método utilizado por Adorno,

que de longe ultrapassa aqueles da musicologia tradicional, aliando, em um só movimento, o rigor técnico da análise musical e a busca do conteúdo histórico de verdade por meio de uma reflexão secundária (Olive, 2010, p. 24, 25).

Embora sempre tenha existido no campo adorniano brasileiro a consciência de que a música era elemento central no pensamento do autor, boa parte daquilo que foi traduzido ou escrito sobre Adorno concentrou-se nos debates sobre a indústria cultural e a música popular (jazz, por exemplo). O livro sobre *Berg* é indicativo de um processo de inflexão no campo, que já vinha se desenrolando pelo menos desde a década de 1990, quando da produção de teses sobre música em Adorno (como a de Leopoldo Waizbort, discutida no capítulo anterior), abordando aquilo que o próprio autor designava como “música séria”. O fato de haver entre a comissão editorial que dirige a *Coleção Adorno* um autor cujo doutorado é sobre música em Adorno (Jorge de Almeida) e outro que chegou a lecionar o tema em sala de aula (Vladimir Safatle) é significativo.

Berg: o mestre da transição mínima é importante, portanto, pois simboliza diversas transformações no campo adorniano: a aproximação maior com os estudiosos de Adorno em outros países, o surgimento de uma nova geração de autores e um redimensionamento da posição da música no interior das preocupações do campo.

Em consonância com essa tendência em chamar atenção para os textos musicais de Adorno está a publicação seguinte da coleção da UNESP: *Introdução à Sociologia da música: doze preleções teóricas* (publicado em 2011). Conforme o próprio Adorno explica no prólogo do livro, trata-se de palestras realizadas na Universidade de Frankfurt, entre 1961-62. Posteriormente, elas foram transcritas e publicadas (com o mesmo título utilizado pela editora UNESP) como parte da Enciclopédia Rowohlt. As características do texto (transcrição e maior acessibilidade frente à normalmente complexa escrita de Adorno) são comentadas pelo autor em prefácios de 1962 e 1968.

A tradução da obra foi realizada por Fernando R. de Moraes Barros⁹² e a apresentação por Flo Menezes⁹³. Apesar da trajetória acadêmica de Barros basear-se em estudos sobre a obra de Nietzsche, no doutorado o tradutor de *Introdução à Sociologia da música* estudou justamente o pensamento musical nietzscheano. O envolvimento de Barros com a obra de Adorno – aos menos em termos de produção acadêmica – provavelmente se inicia com a tradução do autor, uma vez que as apresentações que fez, os artigos que redigiu e as pesquisas que orientou ou avaliou tendo Adorno como tema, são todas a partir de 2012. A tradução na coleção da UNESP foi sua entrada no campo adorniano.

Flo Menezes integrou banca de avaliação de mestrado em 2008⁹⁴, ao lado de Vladimir Safatle, membro da comissão editorial da Coleção UNESP. Com ampla carreira de teoria e prática musical, Menezes redige a apresentação “Adorno e o paradoxo da música radical”. O texto está mais para uma reflexão *com* Adorno do que *sobre* o autor, uma vez que opera diversas categorias deste para tratar da questão da música, especialmente aquela que Adorno denominou Música Nova.

Menezes inicia com uma discussão sobre a relação entre música e mercado, mostrando como aquela não está de forma alguma alheia a este. Segundo a “lei” da oferta e procura, o grau de elaboração cultural está em uma relação inversa com a sua aceitação popular (Menezes, 2011, p. 17). Atestada essa relação, Menezes indica a fertilidade dos “tipos de ouvinte” elaborados por Adorno nesta *Introdução à Sociologia da música*. Fertilidade parcial: apenas quatro dos oito tipos são considerados por Menezes como “de uma impressionante atualidade” (idem, *ibidem*, p. 18). As discussões sobre o “ouvinte *expert*”, o “bom ouvinte”, o “consumidor cultural”⁹⁵ e o “ouvinte de entretenimento”, Menezes explora a relação entre a elaboração do material musical frente a sociedade capitalista (cuja divisão em classes e estruturação ideológica

⁹² Graduado (1999), mestre (2001) e doutor (2005) em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Realizou, desde a graduação até o doutorado, pesquisas sobre Nietzsche, sob orientação da professora Sacrett Zerbetto Marton. Desde 2009 é professor da Universidade Federal do Ceará.

⁹³ Graduado em música (1985, Bacharelado em Composição), mestre em Composição Eletrônica pela *Musikhochschule* de Colônia, Alemanha (1989) e doutor em Artes e Ciências da Música pela *Universite de l'Etat a Liege*, Bélgica (1992), além de livre-docente em 2007 pela UNESP, com tese sobre música eletroacústica. Desde 1993 professor da UNESP.

⁹⁴ Banca de Igor Tadeu Baggio da Silva: *Adorno Compositor*. Dissertação de Mestrado em Música (UNESP, 2008). No doutorado, continuando a pesquisa sobre música em Adorno, foi aluno de Vladimir Safatle na USP.

⁹⁵ Figura particularmente interessante é o “consumidor cultural”, mantenedor financeiro da “alta cultura musical”, ideologicamente reacionário, avesso tanto à cultura das classes populares quanto à Música Nova. Uma provável resposta de Adorno ao seu suposto elitismo cultural.

estaria relacionada com diferentes formas de recepção), preparando o terreno para as antinomias seguintes.

No item “*Homines nihil minus in potestate habere quam lingua*” (que o autor traduz como “Nada está menos em poder dos homens do que a sua língua”, citação de Espinoza) o autor inicia a reflexão (enunciada antes como uma “digressão espiralada”, “dialética propriamente *negativa*” [idem, *ibidem*, p. 25, grifo do autor]) sobre a contradição efetivamente dialética entre cultura e sociedade, no sentido de que aquela é e não é esta, ao mesmo tempo. A música, por exemplo, é resultado de relações sociais de uma época e manifestação específica, enquanto uma linguagem específica, movida por “leis” específicas.

A seguir, em “*Humani nihil a me alienum puto*” (“Nada que é humano me é estranho”, frase do pensador latino Terêncio) a dialética está – de certa forma, inversamente ao item anterior – entre esta linguagem musical específica e os seres concretos que a utilizam, portadores de ideologias e agentes destas relações sociais. Ou seja, a contradição aqui seria entre forma musical e artista, composição e compositor.

Ao indicar ambas as contradições como integrantes de uma dialética negativa, o autor já indica o desfecho de sua apresentação: não redundará em uma síntese. Ao contrário, nos momentos finais invoca (indiretamente) Adorno – e, diretamente, Goethe e Beethoven – ao falar em lançar uma “garrafa ao mar”⁹⁶ (idem, *ibidem*, p. 41), em que não se pretende um fechamento das questões aqui tratadas, mas apenas a sua enunciação. A *forma* da apresentação de Menezes se faz no espírito adorniano.

Certamente, um dos temas mais importantes para a bibliografia que tratou do pensamento de Adorno é como ele foi constituído na sua relação com a obra e a pessoa de Walter Benjamin. No Brasil, o diálogo entre os dois autores foi o tema da primeira tese de doutorado sobre Adorno do país, o já discutido livro de Flávio Kothe *Benjamin & Adorno: confrontos*, concluído em 1975. Ou seja, desde os primórdios do campo a relação entre os dois autores foi foco de atenção dos estudiosos de Adorno. Há, portanto, toda uma trajetória no campo que justifica a tradução da correspondência entre ambos.

⁹⁶ Segundo as “Fontes Bibliográficas” do livro *Um mapa da ideologia* (Slavoj Zizek, org. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996), que publicou o texto de Adorno “Mensagem numa garrafa”: “Extraído do original de *Minima Moralia*, porém omitido da publicação final. A tradução em língua inglesa foi publicada pela primeira vez em *New Left Review*, 200, jul./ago. 1993”.

Em 2012 a editora UNESP publica *Correspondência, 1928-1940*, livro que reúne a troca de cartas realizada entre Adorno e Benjamin no período mais intenso de seu diálogo intelectual, iniciado em 1923 quando se conheceram. O tradutor do livro foi José Marcos Mariani de Macedo⁹⁷. Já a apresentação ficou a cargo de uma das figuras mais importantes do campo adorniano no Brasil, Olgária Matos.

Ao longo de sua carreira – marcada pela tese sobre a “escola de Frankfurt”, *Os Arcanos do Inteiramente Outro*, 1985 –, Matos manteve uma sólida produção em torno da obra de Benjamin, além da de Adorno. Este domínio sobre a obra de ambos embasa o texto “Walter Benjamin e Theodor Adorno: o estupor da facticidade à meia-noite do século”, que apresenta a *Correspondência* destes autores.

No texto, Matos refaz o percurso intelectual dos dois, desde o impacto inicial do pensamento de Benjamin sobre Adorno, passando pelo momento de amizade e abertura intelectual entre ambos, até a fase final desta relação, marcada pelas duras críticas de Adorno à produção de Benjamin. Todo este processo é sustentado através da correspondência, onde a autora aponta momentos chave desta relação intelectual.

O texto desenvolve a trajetória do pensamento de ambos com certa interpenetração, até o momento de uma aguda oposição, embora não ruptura completa. De certa forma, similar ao procedimento adotado por Kothe em sua tese sobre os autores, o que indica que existe uma aceitação no campo de que as ideias de Adorno passam, necessariamente, pelas de Benjamin.

No entanto, a autora não deixa de indicar o que entende como uma incompreensão de Adorno sobre Benjamin, expressa na fatídica carta de 10 de novembro de 1938, quando aquele apresenta suas pesadas críticas ao texto *A Paris do segundo império em Baudelaire*. Além dela, segundo Matos, “Adorno não compreende a visão benjaminiana das *Passagens*” (Matos, 2012, p.37). Apesar dessa perspectiva, em nenhum momento do texto Olgária Matos recai naquela perspectiva, anteriormente apontada nessa dissertação, de colocar ambos os autores em pólos, “positivo” e “negativo”, um “otimista” e outro “pessimista”. O texto centra-se na análise dos argumentos a partir da correspondência, não dando margem a interpretações que apreendam os autores a partir de rótulos.

⁹⁷ Graduado em Direito (1992), mestre em Letras – Literatura e Língua Alemã (1997, com dissertação sobre a *Teoria do Romance* de Lukács, sob orientação de Irene Teodora Helena Aron) e doutor em Letras – Letras Clássicas (2007).

Outro fato a ser levado em conta, considerando a trajetória do campo adorniano, é o fato de que, neste texto, Olgária Matos se refere à *Dialektik der Aufklärung* como “Dialética do Esclarecimento”. Conforme visto anteriormente nesta dissertação, a autora foi uma das primeiras vozes do campo a levantar-se contra a opção “esclarecimento”, no momento da tradução do livro no Brasil. Décadas depois, Olgária Matos acata a tradução, sem comentá-la, no entanto. Talvez por convicção, talvez em nome da “padronização” preconizada pela comissão editorial da coleção.

A presença de Olgária Matos na *Coleção Adorno* da UNESP é sem dúvida mais um elemento que reforça o caráter central que esta iniciativa editorial possui no campo adorniano brasileiro. Além disso, o refinamento com que a autora trata a relação de Adorno com Benjamin, fundamental à formação intelectual daquele, contribui para que a tradição que os vê como opostos seja superada.

Não só a relação com Benjamin constituiu elemento importante na formação de Adorno. Vários outros autores poderiam ser apontados como parte desse processo. Mas, sem dúvida, um dos que possui maior importância é Hegel. Em 2013 a editora UNESP publica um livro de Adorno dedicado à obra deste autor: *Três estudos sobre Hegel*.

Na apresentação do livro, o membro da comissão editorial Vladimir Safatle define a importância da leitura de Hegel por Adorno: “[...] mais do que em qualquer outro de seus livros, é nas leituras sobre Hegel que Adorno define a configuração de sua própria tarefa filosófica” (Safatle, 2013, p. 16). Nesse sentido, publicar uma obra de Adorno inteiramente voltada a Hegel é fundamental para o campo adorniano brasileiro, e seus leitores filósofos em particular.

A tradução do livro foi realizada por Ulisses Razzante Vaccari⁹⁸ a partir do original em alemão, mas cotejada com traduções em inglês, francês e espanhol. O mesmo foi feito com as traduções das citações de Hegel, cotejadas com as versões disponíveis em português. Eduardo Socha (tradutor da apresentação brasileira ao livro sobre *Berg*) realizou a revisão desta tradução.

A apresentação a *Três estudos sobre Hegel* ficou a cabo, conforme dito acima, de Vladimir Safatle, membro da comissão editorial que dirige a *Coleção Adorno*. Safatle, agente importante do campo adorniano, lecionou disciplinas cujo tema eram o pensamento de Hegel, na Faculdade de Filosofia da USP (discutidas anteriormente). É

⁹⁸ Graduado (2004, UNESP), mestre (2008, UFSCAR) e doutor (2012, USP) em Filosofia. Desde 2015 é professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

sintomático, nesse sentido, que logo no início do texto Safatle faça uma referência a Paulo Arantes (*Ressentimento da dialética*, São Paulo: Paz e Terra, 1996), outra figura importante do campo adorniano, em seus momentos iniciais, e cujo trabalho de doutorado, citado com frequência no campo adorniano, foi justamente sobre Hegel.

No texto “Os deslocamentos da dialética”, Safatle apresenta não o livro, mas o modo como o pensamento de Adorno se relaciona com o de Hegel. O texto apresenta várias questões interessantes para a compreensão do campo adorniano brasileiro.

Primeiro, a questão da tradução. Em todos os momentos a *Dialektik der Aufklärung* é traduzida como “Dialética do Esclarecimento” e a edição citada é aquela traduzida por Guido de Almeida em 1985. A *Coleção UNESP* oficializa o triunfo daquela tradução. Além dela, praticamente todas as menções de Safatle a textos de Adorno que possuem traduções no Brasil são feitas a partir deles (como a *Dialética Negativa* e *Palavras e sinais*), com exceção de *Spätkapitalismus oder Industriegesellschaft?* (traduzido como “Capitalismo tardio ou sociedade industrial?”, na coletânea *Adorno – Sociologia*, da editora Ática, organizada por Gabriel Cohn) e *Ästhetische Theorie* que, conforme visto anteriormente, embora não tivesse uma tradução propriamente brasileira, foi publicada no Brasil, em português. Além disso, chama atenção o fato de que a edição de *Minima Moralia* citada seja a traduzida por Luiz Eduardo Bicca e revisada por Guido de Almeida (Ática, 1992), e não a traduzida por Gabriel Cohn (publicada em 2008). Não há indícios, no entanto, para levantar hipóteses sobre este fato.

Segundo, Safatle estabelece uma periodização na obra de Adorno que se aproxima daquela feita, anos antes, por Ricardo Musse e Rodrigo Duarte em suas respectivas pesquisas. “[...] é no final dos anos 1950 e durante a década de 1960 que o debate adorniano a respeito da dialética hegeliana toma corpo” (idem, *ibidem*, p. 16). Os textos redigidos neste espaço temporal tornam-se, cada vez mais frequentemente, o foco central de estudiosos de Adorno, superando o “paradigma da *Dialética do Esclarecimento*”, conforme definido por Marcos Nobre.

Terceiro, o texto escapa completamente de simplificações acerca da relação de Adorno com Hegel. Desde os primórdios do campo (em José Guilherme Merquior, que definiu a “escola de Frankfurt” como “neohegeliana”) havia uma percepção da dialética adorniana como mera continuação do trabalho de Hegel. A apresentação de Safatle visa mostrar como esta relação é muito mais complexa, apontando momentos de acordo e desacordo de Adorno com Hegel, mas, mais do que isso, indicando como o pensamento

daquele se constitui em uma *relação dialética* com o deste. É significativo neste sentido, por exemplo, o fato de que Adorno se negava a enunciar conceitos hegelianos, não por discordar deles, mas considerando que deviam estar pressupostos, pois “[...] Adorno sabe que, em certas situações, por um conceito de maneira direta é a melhor forma de anulá-lo” (idem, *ibidem*, p. 22).

Quarto e último ponto, todo o texto de Safatle é permeado pelo enfrentamento com perspectivas sobre Adorno presentes não somente nos meios intelectuais brasileiros, mas também nos de outros países (ao supor por menções a autores estrangeiros). Com frequência Safatle nega explicitamente um suposto caráter “nihilista” de Adorno, atribuição que casa perfeitamente com a ideia do autor “pessimista”, do “sistema sem saída”: “[...] a recusa do Estado justo não é, em Adorno, sintoma de um nihilismo político desenfreado, mas condição para um outro pensamento político, estruturalmente distinto do pensamento hegeliano” (idem, *ibidem*, p. 42)⁹⁹. A defesa de Adorno contra estas pechas ecoa, de certa forma, o texto escrito por Cohn em 1986 (como introdução à coletânea da editora Ática), que já se posicionava criticamente contra essas reduções de Adorno.

Considerando a importância de Safatle no campo adorniano brasileiro, é significativo o fato de que ainda se deva confrontar com certas caracterizações acerca da obra de Adorno. Um dos membros da comissão editorial do principal projeto de tradução de Adorno no Brasil se enfrenta abertamente com perspectivas que datam aproximando de quatro décadas, presentes desde os primórdios do campo adorniano. Por outro lado, justamente pelo papel de Safatle e desta coleção no campo, é significativo que a crítica às pechas de Adorno deixou de ser uma posição marginal e passa a estar instalada no núcleo central do campo.

No capítulo anterior desta dissertação foi discutido o surgimento e o desenvolvimento no interior do campo adorniano de uma leitura do autor orientada pelo viés da psicologia e psicanálise. Essa tendência se manifesta na *Coleção Adorno* com a publicação, em 2015, de *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*.

⁹⁹ Esta última citação é particularmente significativa no caso de Safatle. Desde 2012, o filósofo assina uma coluna no jornal Folha de São Paulo, onde intervém publicamente como intelectual nos debates políticos do país. Esta característica estará presente de certa forma em outros intelectuais do campo adorniano da geração de Safatle, como Rodrigo Duarte e Ricardo Musse.

O tradutor da obra foi Verlaine Freitas¹⁰⁰, aluno de Rodrigo Duarte, um dos membros da comissão editorial da coleção. A apresentação foi redigida por Christian Ingo Lenz Dunker¹⁰¹, que coordena, desde 2005, o Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP, em conjunto com Vladimir Safatle e Nelson da Silva Jr.

No texto, Dunker afirma que há confusões a serem desfeitas com relação à recepção brasileira das obras psicológicas de Adorno. Ele aponta apenas a primeira, que seria a de imaginar que Adorno se opunha à psicanálise; longe disso, a trajetória do autor com esta área do saber é longa, e marcada, muitas vezes, pela defesa de Freud contra seus seguidores.

Assim, o texto de Dunker vai se constituindo como uma história de Adorno frente às diferentes correntes da psicologia e psicanálise que vão surgindo ao longo do século XX. A posição crítica de Adorno a muito do produzido por estas correntes leva-o a contribuições, exaltadas por Dunker, que por vezes antecipam grandes nomes da área, como Lacan (Dunker, 2015, p. 21). Destas contribuições, Dunker destaca, por exemplo, as ligadas ao método (idem, ibidem, p. 29) e à apreensão crítica de objetos (idem, ibidem, p. 34).

Dunker denomina “paradigmática” a *Personalidade Autoritária*, acrescentando que “[o]s famosos nove traços que caracterizam a personalidade autoritária fundam verdadeiras áreas de pesquisa em psicologia social” (idem, ibidem, p. 31). No entanto, apesar do patamar em que a obra é colocada, ela poucas vezes é mencionada no texto. Isso se deva, talvez, ao fato de que geralmente esta obra é apresentada como o exemplo do viés psicológico adorniano, quando da apresentação de sua obra. O texto de Dunker foge desta noção.

Praticamente todas as citações de Adorno são extraídas dos textos que compõe o volume apresentado, sendo a única exceção a própria *Authoritarian Personality*. Com relação ao campo brasileiro, são citados apenas Vladimir Safatle, José Leon Crochík (como visto no capítulo anterior, importante agente do campo adorniano na psicologia) e Inara Luisa Marin¹⁰² (que atua desde 2000 em grupos de pesquisa ligados à Teoria Crítica, principalmente à de Jürgen Habermas).

¹⁰⁰ Graduado (1994), mestre (1996) e doutor (2001) em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Realizou pesquisa sobre Adorno no mestrado e doutorado, sob orientação de Rodrigo Duarte. Desde 2003 é professor da UFMG.

¹⁰¹ Graduado (1989), mestre (1991) e doutor (1996) em Psicologia e livre-docente (2007) pela USP. Desde 2004 é professor desta universidade.

¹⁰² Graduada (1995) em Filosofia pela UNICAMP, mestra (1999) em Filosofia pela USP, doutora (2009) em Psicanálise e Psicopatologia pela Universidade Paris 7, França. Publicou o capítulo “Psicanálise e

Ensaaios sobre psicologia social e psicanálise é uma tradução que coloca no centro do principal projeto editorial de Adorno no Brasil a relação deste autor com a psicologia e a psicanálise. É sinal de que a temática ganha força no interior do campo.

O último livro publicado pela *Coleção Adorno* da UNESP a ser aqui tratado é *Para a metacrítica da teoria do conhecimento: estudos sobre Husserl e as antinomias fenomenológicas*. Ele foi traduzido por Marco Antonio dos Santos Casanova, com revisão técnica de Eduardo Socha, que já havia atuado anteriormente na Coleção. A apresentação à edição brasileira ficou a cargo de Eduardo Soares Neves Silva. Casanova e Silva foram responsáveis, respectivamente, pela tradução e revisão da *Dialética Negativa*.

Na apresentação ao livro, Eduardo Soares Neves Silva expõe o que seria o processo de recepção das obras de Adorno, para então situar *Para a metacrítica da teoria do conhecimento* nelas. Silva distingue alguns momentos dessa recepção: teoria crítica, indústria cultural (ambos calcados na *Dialética do Esclarecimento*), *Teoria Estética*. Localizadamente, textos sociológicos e sobre educação, a *Minima Moralia* e a *Dialética Negativa*. Silva afirma que este percurso não é específico da recepção brasileira de Adorno, distinguindo-se pouco do que ocorreu em outros lugares. A imagem do autor que surge desse processo é entendida por Eduardo Soares Neves Silva como uma redução, que não dá conta da multiplicidade do pensamento de Adorno (Silva, 2015, p. 15).

A seguir, Silva sugere que alguns temas presentes em Adorno foram tomados por uma “tradição interpretativa mais afinada” (Idem, ibidem, p. 18), em oposição às reduções realizadas na leitura de sua obra. Destes temas, Silva menciona “[d]ialética entre forma e conteúdo, pensamento constelatório, ensaio materialista, campo de forças conceitual, impulso sistemático e antissistema” (Idem, ibidem, p. 18).

A partir de duas destas noções, pensamento constelatório e campo de forças conceitual, Eduardo Soares Neves Silva relativiza as questões que são comumente postas quando da reflexão sobre o conjunto da obra de um autor, a saber, as questões relativas à hierarquia entre os textos deste autor: quais são mais ou menos importantes, centrais ou periféricos? Sob a perspectiva constelatória esse tipo de questionamento

emancipação na Teoria Crítica” (citado no texto de Dunker) no livro Curso Livre de Teoria Crítica (Campinas: Papyrus, 2008), organizado por Marcos Nobre.

perde o sentido, uma vez que o campo conceitual constituído na relação entre os textos é que sustenta o pensamento.

Mas, diante da possibilidade de se colocar *Para a metacrítica da teoria do conhecimento* dentre os textos menores de Adorno, Eduardo Soares Neves Silva cita o próprio autor para sustentar a importância do texto. Em pelo menos duas ocasiões (idem, ibidem, p. 20), Adorno colocou este livro como um dos seus principais, por motivos diferentes. Além disso, a obra consiste em uma ponte entre os diferentes momentos de Adorno: os capítulos I, II e IV sendo provenientes da tese de habilitação redigida em 1924; a Introdução e o capítulo III escritos para a publicação da obra em 1956.

Apesar do reconhecimento do próprio Adorno sobre a importância desta obra, Silva chama atenção para o fato de que muitos dos temas apontados como centrais no pensamento adorniano não estão presentes no livro sobre Husserl. Ao contrário, Adorno se vale muito da linguagem deste autor para realizar o que Silva entende não como um comentário, mas como uma crítica da fenomenologia. Eduardo Soares Neves Silva acessou arquivos contendo manuscritos de Adorno, bem como os livros de sua biblioteca, e com base nessa pesquisa atesta a importância das leituras de Husserl para Adorno. Valer-se da linguagem daquele para realizar uma crítica dela é um bom exemplo do procedimento imanente adotado por Adorno, e sempre ressaltado pelos seus intérpretes.

Para além de todo o conteúdo aqui discutido presente nas apresentações dos livros – ou seja, um volumoso corpo de textos de comentários à obra de Adorno – a *Coleção Adorno* é marcante uma vez que inaugura um pólo de traduções de Adorno no Brasil. Este pólo hegemoniza as traduções do autor, recriando as formas de distribuição de capital simbólico no campo, que, se por um lado passa a se concentrar nesta editora e nas mãos da comissão editorial da coleção, por outro, é por elas distribuído de maneira ampla, transferindo-o para agentes com destaque local. As formas de concentração deste capital simbólico não incluem apenas a hegemonia das traduções e a consolidação de uma comissão editorial, mas também a inclusão no esforço editorial de personagens marcantes na construção do campo adorniano no Brasil. O capital simbólico de figuras como Roberto Schwartz, Paulo Arantes, Gabriel Cohn, Olgária Matos, por meios diversos (orientação acadêmica, participação na produção editorial) é transmitido à coleção e sua comissão editorial, que, consolidada, o redistribui a uma nova geração.

3.3. Sobre Adorno

3.3.1. *A paixão do negativo* (2006)

A paixão do negativo: Lacan e a dialética (UNESP, 2006) é a versão publicada do doutorado de Vladimir Safatle, realizado na Universidade de Paris VIII (concluído em 2002). O autor agradece a alguns professores pelas discussões que colaboraram para a tese, notadamente Ruy Fausto, Bento Prado Jr. (orientador do mestrado de Safatle) e Paulo Eduardo Arantes. Com essas menções nota-se a inserção de Safatle no meio acadêmico brasileiro, inclusive o campo adorniano.

Conforme o próprio título da obra indica, trata-se de uma análise do pensamento do psicanalista Jacques Lacan em sua relação com a tradição dialética hegeliana. O tema que guia a tese de Safatle é colocado como sendo “A lógica em operação na práxis analítica lacaniana, até o final de análise, é de natureza dialética?” (Safatle, 2006, p. 23).

Distanciando-se de certas perspectivas que observam a obra de Lacan a partir de “rupturas” epistemológicas, que definiriam diferentes momentos da obra do autor, Safatle propõe-se a discutir como esta obra se configura em relação aos “impasses da tradição crítica do racionalismo moderno aberta pela dialética hegeliana” (idem, p. 24). Trata-se, portanto, de ler Lacan como um autor que dialoga com as questões postas pelo pensamento hegeliano.

Embora coloque-se este percurso, a obra de Safatle conduzirá a outro momento, relevante para as questões desta dissertação. O autor nota uma afinidade entre o pensamento de Lacan e de Theodor Adorno, a partir de Hegel:

Lacan teria aceito o diagnóstico hegeliano a respeito da decomposição da razão moderna, da centralização da negação na estrutura do pensamento, das dicotomias produzidas pelo princípio de identidade, da irreducibilidade ontológica de um conceito não substancial de sujeito e da possibilidade de pensar um regime de identificação entre o sujeito e o objeto não baseado na assimilação simples do segundo pelo primeiro. Ele teria aceito também o encaminhamento hegeliano: partir do princípio de subjetividade a fim de alcançar uma experiência do Real que não se submeteria mais ao regime de verdade como adequação reflexiva entre o idêntico e o não idêntico e de reconhecimento entre o sujeito e o Outro. Lacan, porém, teria tomado distância dos dispositivos de totalização sistêmica presentes em Hegel. Tal estratégia lhe teria permitido demonstrar a existência de um gênero de *dialética negativa* como pano de fundo da práxis analítica. (idem, p. 25).

Apesar desta afinidade intelectual – cuja elucidação, indica Safatle, é de natureza historiográfica (idem, p. 39) – o autor deixa claro que esta não é uma obra que trata da relação entre Lacan e Adorno. Este tema é abordado no último capítulo, “como um horizonte possível de desdobramentos de questões que dizem respeito aos regimes

possíveis de relação entre psicanálise e dialética” (idem, p. 31). O tema central é Lacan e a dialética.

Este encontro entre psicanálise e dialética, fundamentado nesta tese aqui tratada, pode ser visto como uma espécie de programa intelectual de Vladimir Safatle.

Sobre a necessidade de tal aproximação, digamos que é bem possível que exista um conjunto de questões ligadas à determinação do sujeito e à estrutura da racionalidade que só possam ser tratadas atualmente mediante o estabelecimento de um discurso capaz de operar no ponto de tensão entre clínica da subjetividade e reflexão filosófica (Idem, p. 31) .

Este enunciado é significativo para compreendermos a trajetória de Safatle como professor e intelectual público. Conforme visto anteriormente, este trabalho de aproximação da psicanálise com a filosofia está presente em muitas das disciplinas lecionadas pelo autor no departamento de Filosofia da USP, além de ser tema de diversas das suas colunas publicadas no Jornal Folha de São Paulo.

Dando continuidade ao tema do mestrado, Safatle desenvolve sua pesquisa de doutorado com base em Lacan. No entanto, o mero fato de estudar um psicanalista na Filosofia é indicativo do seu programa intelectual que busca mesclar ambas experiências. Ao incluir Adorno em suas discussões, Safatle dialoga com tendências já presentes no campo, em estudar o autor à luz de sua formação psicanalítica. Esta tese representa também o primeiro passo de Safatle rumo ao campo adorniano, onde, nos anos subsequentes à realização dela, ocupará lugar de destaque.

3.3.2. Crítica dialética em Theodor Adorno (2007)

Apesar de ter defendido sua tese de doutoramento em 2000, apenas em 2007 é publicado o livro de Jorge de Almeida, *Crítica dialética em Theodor Adorno: música e verdade nos anos vinte* (Ateliê editorial). Na apresentação do livro, o autor afirma que foram poucas as modificações realizadas com relação à tese original, intitulada “Música e Verdade: a Estética Negativa de Theodor Adorno”.

Pode-se dizer, retrospectivamente, que esta tese é importante, pois articula diversos agentes importantes do passado, do presente e do futuro do campo adorniano. Conforme dito anteriormente, Jorge de Almeida havia sido orientando de Roberto Schwarz quando de seu curso no CEBRAP – ali também teve contato com José Arthur Gianotti, participante do famoso “Seminário Marx”, ao lado de Schwarz, entre outros. Já no doutorado, Almeida foi orientado por Paulo Arantes, e estiveram presentes na banca de avaliação Leopoldo Waizbort (cujo mestrado, discutido nesta dissertação,

versava sobre música em Adorno) e o próprio Roberto Schwarz (que escreveu a orelha da versão publicada da tese). Em suma, momentos diferentes da trajetória do campo se encontram no processo de avaliação do doutoramento de Jorge de Almeida, que se tornaria nos anos seguintes tradutor da obra de Adorno e membro da comissão editorial da coleção publicada pela UNESP.

A sua tese de doutorado também é significativa pois se insere em uma tendência do campo adorniano que já estava presente pelo menos desde a década de 1990. Quando da análise das obras de mestrado e doutorado de Ricardo Musse e Rodrigo Duarte, foi observado que houve um deslocamento do espaço temporal abordado entre as obras de Adorno. Com Marcos Nobre foi possível definir uma quebra da hegemonia do “paradigma da Dialética do Esclarecimento”. No entanto, se Musse e Duarte se concentraram nas obras de Adorno a partir dos anos 50, Jorge de Almeida faz um processo diferente: sua pesquisa centra-se nas décadas de 1910 e 1920. O campo adorniano passa cada vez mais a tornar relevantes outros momentos e outras obras de Adorno que não a *Dialética do Esclarecimento*.

A tese de Jorge de Almeida trata do período de formação do pensamento adorniano com relação à música em seu contato direto com as vanguardas artísticas das décadas de 1910 e 1920. A intenção de Almeida é observar a constituição do pensamento de Adorno com relação à arte a partir de sua inserção nos debates artísticos do início do século, ao contrário de alguns comentadores que buscaram fazê-lo de maneira desligada deste cenário artístico. Para Almeida, esse processo analítico é fiel ao princípio de análise imanente de Adorno (Almeida, 2007, p. 22-24).

Com isto, a tese de Jorge de Almeida contribui para outra tendência do campo adorniano: a leitura de suas obras musicais ligadas ao que o autor chamava de “música séria”, (em contraponto à “música ligeira”). Durante um bom tempo, o estudo do pensamento musical de Adorno no campo brasileiro restringiu-se aos temas relativos à indústria cultural – mesmo com a publicação, na década de 1970, da *Filosofia da Nova Música*. Textos como a tese de Jorge de Almeida e a dissertação de mestrado de Leopoldo Waizbort contribuíram para o alargamento da análise musical em Adorno. Não à toa, são estes dois autores os eleitos por Gabriel Cohn como referências em assuntos musicais.

Por fim, cabe ressaltar que na tese de Jorge de Almeida todas as citações de Adorno são feitas dos originais em alemão (a partir das obras completas *Gesammelte Schriften*). Ocasionalmente há, além destas, menções às versões traduzidas (como *Notas*

de Literatura, traduzida pelo próprio Almeida), mas nunca apenas elas. Os únicos autores brasileiros mencionados na bibliografia da tese são Rodrigo Duarte (*Adornos*. Belo Horizonte: UFMG, 1997), Marcos Nobre (*A ontologia do estado falso*) e Leopoldo Waizbort (*Aufklärung musical*). Os membros mais recentes do campo adorniano passam a referenciar-se mais do que aos de momentos anteriores.

3.4. Eventos

Esta dissertação deteve-se, até o momento, em elementos documentais nos quais é possível localizar os elementos que compõe a trajetória de um campo intelectual. No entanto, além das ementas de cursos e das diversas publicações (acadêmicas ou na imprensa), uma outra categoria importante para a compreensão do campo são os eventos acadêmicos. Em suas diversas formas (seminários, encontros, debates, simpósios, colóquios, nacionais ou internacionais) os eventos funcionam como pólos que expõe o momento do campo em questão. Nestes espaços é possível perceber tanto a situação dos agentes consolidados (aqueles que estarão nas mesas de abertura, fechamento, que realizarão conferências e palestras) como daqueles que ingressam nele (geralmente estudantes de graduação e pós-graduação).

Apesar dos eventos possibilitarem este acréscimos nas análises, eles serão abordados como último item desta dissertação pois, seguindo o esquema cronológico dela, é apenas nas últimas décadas do campo adorniano que começam a ocorrer eventos acadêmicos ligados ao autor da “escola de Frankfurt”. A pesquisa sobre eventos que tivessem Adorno (ou a “escola de Frankfurt”) como tema, levou à circunscrição de um espaço temporal que se inicia no final da década de 1990 e continua até o presente (década de 2010). O início e desenvolvimento dos eventos acadêmicos dedicados a Adorno apenas nesse período – ou seja, nas últimas décadas da história do campo adorniano – é outro fator que indica ser este justamente o momento de sua efetiva rotinização como tema nas universidades.

Conforme havia ocorrido em outras circunstâncias, o material documental que atesta a realização de eventos acadêmicos é fragmentário. Há eventos que constam em diferentes fontes, enquanto outros se restringem a apenas uma. Tentou-se verificar qualquer ocorrência de eventos ligados à obra de Adorno na maior quantidade possível de fontes, embora nem sempre tenha sido possível. Há eventos, por exemplo, que

aparecem apenas no currículo Lattes de um único pesquisador, enquanto outros aparecem em vários, além de possuírem páginas de internet próprias e terem sido noticiados pela imprensa especializada. De qualquer forma, nenhuma informação foi negligenciada.

Um estudo pormenorizado de todos os temas abordados em um evento acadêmico, bem com da trajetória de todos os participantes, exigiria um trabalho próprio, algo que está muito além dos limites desta dissertação. Assim, na análise sobre os eventos do campo adorniano foram levados em conta os responsáveis pela sua organização, além dos participantes das principais etapas que os compõem (conferências, abertura, encerramento, debates, etc.). Considerando o espaço temporal no qual começam a ocorrer eventos do campo adorniano, foi possível observar a atuação de agentes consolidados ou em vias de se consolidar nele, além do processo de inclusão de novos agentes.

Conforme dito acima, na década de 1990 começam a aparecer as primeiras menções a eventos acadêmicos centrados em Theodor Adorno. No currículo Lattes de Jorge de Almeida consta um seminário ocorrido em 1995 cujo título era “A Teoria Estética de Theodor Adorno – 25 anos”¹⁰³. Não foi possível obter mais informações acerca deste evento, onde ocorreu, quem organizou e participou, o que indica (além do fato de estar anotado no currículo de Almeida como um “seminário”) que tenha sido um evento de pequeno porte. Em 1995 Jorge de Almeida realizava sua especialização no CEBRAP, e iniciava seu ingresso no campo adorniano.

Outro evento com características similares foi “Os 50 anos da Dialética do Esclarecimento” (realizado em 1997). A fonte aqui é o currículo Lattes de Gabriel Cohn (que apresentou o tema “Esclarecimento e ofuscação: Adorno e Horkheimer hoje”). Assim como o evento dos 25 anos da *Teoria Estética*, não foi possível precisar as condições nas quais este sobre a *Dialética do Esclarecimento* ocorreu. De qualquer maneira são significativos os fatos de que um dos primeiros eventos sobre Adorno no Brasil trate da *Dialética do Esclarecimento* (indicando a força desta obra no campo adorniano), e que ele tenha a participação de Gabriel Cohn, um dos principais nomes do campo.

Já no ano seguinte, no entanto, os eventos acadêmicos sobre Adorno passarão a se consolidar, principalmente através da iniciativa do Grupo de Estudos e Pesquisas

¹⁰³ É comum a realização de eventos a partir de marcos temporais. No campo adorniano, como se verá, há vários.

“Teoria Crítica e Educação”¹⁰⁴, criado sob a iniciativa de Bruno Pucci (conforme mencionado no capítulo anterior). Desde 1998 o grupo realiza eventos acadêmicos a cada dois anos sobre Teoria Crítica e, principalmente, a obra de Theodor Adorno.

O primeiro destes eventos ocorreu em junho de 1998 na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Seu título era Colóquio Nacional “O Ético, o Estético, Adorno”. Os conferencistas foram Newton Ramos de Oliveira¹⁰⁵, Rodrigo Duarte, Ramon Peña Castro¹⁰⁶, Jeanne Marie Gagnebin¹⁰⁷ e Oswaldo Giacoia Junior¹⁰⁸. Destes, apenas Rodrigo Duarte e Jeanne Marie Gagnebin encontram-se mais diretamente envolvidos com o campo adorniano, o que atesta o momento inicial dos eventos organizados pelo grupo Teoria Crítica e Educação.

Iniciando a regularidade dos eventos do grupo, dois anos depois ocorre o II Colóquio Nacional "Dialética Negativa, Estética e Educação", novamente na UNIMEP, em março de 2000. Chama atenção o tema do colóquio, a *Dialética Negativa*, mostrando o fortalecimento das leituras em torno desta obra no campo adorniano. As conferências tiveram novamente a participação de Rodrigo Duarte, Jeanne Marie Gagnebin e Oswaldo Giacoia Junior, além de Christian Hamm¹⁰⁹ e Renato Bueno Franco¹¹⁰. Além das conferências, neste evento ocorreram os painéis, com diferentes temas, reunindo em cada um pelo menos três expositores. Dentre eles os já mencionados Bruno Pucci e José Leon Crochík.

¹⁰⁴ Segundo a página do grupo na internet (<http://www.UNIMEP.br/teoriacritica/index.php?fid=116&ct=2621>), ele foi fundado em 1991, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), e com o tempo foi integrando novos participantes de diferentes universidades. Atualmente o grupo conta com sedes na UFSCAR, UNIMEP, UNESP-Araraquara, UNICAMP, UFSC, UFES, UFLA, além de integrantes de outras universidades.

¹⁰⁵ Graduado em Letras Anglo-Germânicas (1960) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, em Pedagogia (1977) pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), em Ciências Jurídicas (1981) pela Faculdade de Direito de São Carlos. Mestre (1989) e doutor (1993) em Educação pela UFSCAR. No doutorado realizou pesquisa sob a orientação de Bruno Pucci tendo a Teoria Crítica como referencial teórico. Desde 1999 é professor das Faculdades Integradas de São Carlos (FADISC).

¹⁰⁶ Graduado (1963) e doutor (1973) em Economia pela Universidade Lomonosov de Moscou, Rússia. Pós-doutor pela Universidad Autónoma de Madrid, Espanha.

¹⁰⁷ Graduada (1973, Université de Genève, Suíça) e doutora (1978, Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, Alemanha, com tese sobre Walter Benjamin) em Filosofia. Desde 1979 é professora da PUC-SP e desde 1984 da UNICAMP. Jeanne Marie Gagnebin tem extensa produção sobre a "escola de Frankfurt", principalmente sobre Walter Benjamin, sendo uma das maiores especialistas do país no autor.

¹⁰⁸ Graduado em Direito (1976) pela USP e em Filosofia (1976) pela PUC-SP. Mestre (1983, PUC-SP, sob orientação de Bento Prado Júnior) e doutor (1988, Universidade Livre de Berlim, Alemanha, com tese sobre Nietzsche) em Filosofia. Desde 1994 é professor da UNICAMP.

¹⁰⁹ Graduado (1973), mestre (1975) e doutor (1980) em Filosofia e Germanística pela Universidade de Hamburgo, Alemanha. Desde 1984 é professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

¹¹⁰ Graduado em Filosofia (1972, USP), mestre em Teoria e História Literária (1992, UNICAMP, sob orientação de Modesto Carone) e doutor em Estudos Literários (1997, UNESP, sob orientação de Maria Celia Leonel). Desde 1985 é professor da UNESP Araraquara.

Um indício de que os eventos do grupo Teoria Crítica e Educação se consolidavam como importante pólo do campo adorniano são os conferencistas do III Colóquio Nacional “Tecnologia, Cultura e Formação... ainda Auschwitz”. Realizado em Maio de 2002, na UNIMEP, o evento contou com a participação de diversos agentes importantes do campo adorniano. As conferências foram realizadas por Gabriel Cohn, Paulo Arantes, José Leon Crochík, Iray Carone, além de Oswaldo Giacoia Junior. Trata-se de pesquisadores importantes no campo adorniano brasileiro, particularmente os dois primeiros. Além destes, nos painéis ocorreram exposições de Wolfgang Leo Maar, Jorge de Almeida, Jeanne Marie Gagnebin, Marcia Tiburi, Isabel Loureiro¹¹¹, entre outros.

O ano seguinte, 2003, é um marco entre os eventos do campo adorniano. Neste ano completava-se o centenário do nascimento de Adorno, o que inspirou a realização de diversas atividades acadêmicas sobre o autor. Segundo as fontes consultadas, apenas neste ano ocorreram seis eventos diferentes com base nos cem anos do autor.

Segundo o currículo Lattes de Jorge de Almeida, o então doutor em Filosofia pela USP realizou a apresentação “Cultura e política em Theodor Adorno” no congresso “Cem anos de Theodor Adorno”. Não foram encontradas mais informações sobre este evento.

Em junho de 2003, o Grupo de Estudos e Pesquisa Teoria Crítica: Tecnologia, Cultura e Formação¹¹² organiza o III SINCE - Simpósio Indústria Cultural e Educação, "O centenário de Adorno"¹¹³, ocorrido na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP (FCL), campus de Araraquara. A comissão organizadora do evento era composta por Bruno Pucci, Renato Franco e Natalia Morato Fernandes¹¹⁴. A abertura foi realizada por Iray Carone, e as conferências por Anita Simis¹¹⁵, Mônica do Amaral¹¹⁶ e Luiz Antonio C. Nabuco Lastória¹¹⁷.

¹¹¹ Graduada (1974, Universidade Federal do Paraná), mestra (1984, USP, sob orientação de Marilena Chauí) e doutora (1992, USP, com tese sobre Rosa Luxemburgo, sob orientação de Marilena Chauí) em Filosofia. Professora da UNESP entre 1981 e 2004, professora da UNICAMP desde 2005.

¹¹² Fundado em 1999, derivado do grupo Teoria Crítica e Educação. http://portal.fclar.UNESP.br/grupos/Gep_TeoriaCritica/Gep_TeoriaCritica.htm, acesso em 30 de maio de 2017.

¹¹³ <http://www.UNESP.br/proex/informativo/edicao33jun2003/materias/fclsimposio.htm>, acesso em 30 de maio de 2017.

¹¹⁴ Graduada em Ciências Sociais (1997), mestra (2001, sob orientação de Renato Bueno Franco) e doutora (2006, sob orientação de Renato Bueno Franco) em Sociologia pela UNESP. Desde 2009 é professora da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

¹¹⁵ Graduada em Ciências Sociais (1979) e doutora em Ciência Política (1992) pela USP. Livre docente pela UNESP (2010). Desde 1994 professora da UNESP.

No I Seminário Internacional sobre Filosofia e Educação¹¹⁸, realizado na Universidade de Passo Fundo, ocorreu a conferência “Civilização e Barbárie: Homenagem ao Centenário de Nascimento de Theodor Adorno” (setembro de 2003). Dela participou Wolfgang Leo Maar¹¹⁹, apresentando “Educação, Sujeição e Crítica em Adorno”.

Também em setembro ocorreu o Congresso Internacional Teoria Estética, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais¹²⁰. A comissão organizadora era composta por Rodrigo Duarte, Imaculada Maria Guimarães Kangussu¹²¹, Verlaine Freitas (que, em 2015, traduziria *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*, na *Coleção Adorno*, da UNESP), Rita de Cássia Lucena Velloso¹²². Este evento foi um dos primeiros a contar com a participação de intelectuais estrangeiros. As palestras foram realizadas por Rodrigo Duarte, Christoph Türcke (HGB - Leipzig), Gerhard Schweppenhäuser (Fachhochschule Würzburg), Eduardo Subirats (New York University), Mário Vieira de Carvalho (Universidade Nova de Lisboa), Marc Jimenez (Paris I - Panthéon- Sorbonne) e Jeanne Marie Gagnebin. Este estreitamento com intelectuais adornianos estrangeiros é indício da internacionalização do campo. Cada vez mais membros dele irão realizar seus estudos no exterior. E cada vez mais intelectuais estrangeiros participarão das atividades do campo no Brasil.

Entre agosto e novembro de 2003 realizou-se no Instituto Goethe de São Paulo o “Ciclo de Debates Adorno Hoje”¹²³. O evento foi organizado pelo Departamento de Sociologia da USP, e contou com a participação de professores desta universidade, da

¹¹⁶ Graduada (1980) e mestra (1988) em Psicologia pela PUC-SP; Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP (1995, com pesquisa sobre narcisismo, envolvendo Adorno, sob orientação de Iray Carone). Livre docente pela Faculdade de Educação da USP (2010). De 1989 a 2004 foi professora da UNESP, desde 2004 é professora da USP.

¹¹⁷ Graduado (1986, UNIMEP) e mestre (1992, PUC-SP, sob orientação de Salvador Sandoval) em Psicologia. Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP (1999, sob orientação de Iray Carone). Livre-docente pela UNESP (2015). Professor da UNIMEP de 1987 a 2009; professor da UNESP desde 2009.

¹¹⁸ <http://seminariofil.upf.br/index.php/edicao-2003>, acessado em 30 de maio de 2017.

¹¹⁹ Segundo currículo Lattes do mesmo.

¹²⁰ http://agencia.fapesp.br/os_100_anos_de_adorno/542/, acessado em 30 de maio de 2017.

¹²¹ Graduada em Arquitetura e Urbanismo (1980, Universidade Gama Filho), mestra (1996, com pesquisa sobre Walter Benjamin, sob orientação de Rodrigo Duarte) e doutora (2000, com tese sobre Marcuse, sob orientação de Rodrigo Duarte) em Filosofia pela UFMG. Desde 1998 é professora da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

¹²² Graduada em Arquitetura (1989), mestra (1996) e doutora (2007) em Filosofia pela UFMG. Desde 1996 professora da PUC-MG, e desde 2013 da UFMG.

¹²³ http://agencia.fapesp.br/os_100_anos_de_adorno/542/, acessado em 30 de maio de 2017.

UNESP e da UNICAMP. Dentre eles, Leopoldo Waizbort, Jorge de Almeida, Carlos Eduardo Jordão Machado¹²⁴, Marcos Nobre, Isabel Loureiro e Modesto Carone.

Por fim, em novembro de 2003 no campus de Marília da UNESP ocorreu o Colóquio Adorno 100 Anos¹²⁵. A comissão organizadora era composta por Sinésio Ferraz Bueno¹²⁶, Isabel Loureiro e Ricardo Monteagudo¹²⁷. As conferências foram realizadas por Isabel Loureiro, Pedro Angelo Pagni¹²⁸, Sinésio Ferraz Bueno, Paulo Eduardo Arantes, Ricardo Monteagudo, Carlos Eduardo Jordão Machado, Iná Camargo Costa¹²⁹, Jorge de Almeida e Renato Franco.

Apesar da quantidade atípica de eventos realizados em um único ano, é possível perceber que ao longo do tempo eles vão se tornando mais frequentes. É indício da consolidação do autor nas universidades brasileiras. Além do colóquio regularmente realizado pelo grupo de estudos Teoria Crítica e Educação, outras iniciativas vão ocorrendo com o passar dos anos.

Mantendo a tradição, em 2004 ocorre o IV Colóquio Internacional “Teoria Crítica e Educação” (na Universidade Metodista de Piracicaba), cujo tema é homônimo ao grupo que o organiza. Diferente dos colóquios de anos anteriores, este se torna internacional. Dentre os conferencistas, além de Oswaldo Giacoia Junior, encontram-se Andreas Gruschka (Universität J. W. Goethe, Frankfurt) e Ilan Gur-Ze’ev (Universidade de Haifa, Israel). Além disso, se a edição anterior do evento havia contado com a presença de Gabriel Cohn e Paulo Arantes, na edição de 2004 outro importante agente do campo adorniano está presente como conferencista: Roberto Schwarz. Além dos conferencistas, constam nas mesas-redondas do evento Alexandre Fernandez Vaz¹³⁰,

¹²⁴ Graduado em Artes Plásticas (1978, Escola de Música e Belas Artes do Paraná, EMBAP), mestre (1991, USP, com pesquisa sobre expressionismo, sob orientação de Paulo Arantes) e doutor (1997, Gesamthochschule Universität Paderborn, Alemanha, com tese sobre Lukács) em Filosofia. Professor da UNESP desde 1987.

¹²⁵ <http://www.marilia.UNESP.br/#!/eventos/2003/coloquio-adorno--100-anos/>, acessado em 30 de maio de 2017.

¹²⁶ Graduado em História (1989), mestre (1994) e doutor (2000) em História e Filosofia da Educação pela USP. Desde 2003 professor da UNESP.

¹²⁷ Graduado (1989), mestre (1998) e doutor (2003) em Filosofia pela USP. Professor da UNESP desde 1999.

¹²⁸ Graduado em Educação Física (1987, UNESP), Mestre (1994, PUC-SP) e doutor (1999, UNESP) em Educação. Desde 1989 professor da UNESP.

¹²⁹ Graduada (1979), mestra (1988, sob orientação de Otília Arantes) e doutora (1993, com a mesma orientadora) em Filosofia pela USP. Livre-docente pela mesma universidade em 2000. Desde 1989 é professora da USP.

¹³⁰ Graduado em Educação Física (1989, Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC), mestre em Educação (1995, Universidade Federal de Santa Catarina) e doutor em Ciências Humanas e Sociais (2002, Gottfried Wilhelm Leibniz Universität Hannover, Alemanha; com tese sobre esporte em Adorno, Horkheimer, Elias e DaMatta). Professor da UFSC desde 1994.

Newton Ramos de Oliveira, Bruno Pucci, Vladimir Pinheiro Safatle, Antônio Álvaro Soares Zuin¹³¹, Mônica do Amaral, Luiz Antônio Calmon Nabuco Lastória, Marcus Vinicius Mazzari¹³², Jeanne-Marie Gagnebin, Jorge de Almeida, Belarmino César Guimarães da Costa¹³³, Isabel Loureiro e Renato Bueno Franco. Se a edição anterior do evento havia consolidando-o como um pólo importante ao incluir agentes centrais do campo adorniano, nesta edição, além de reforçar essa importância, abre-se o canal para o(s) campo(s) adorniano(s) do exterior.

O caráter internacional do evento continua em agosto e setembro de 2006, quando da realização do V Congresso Internacional “Indústria Cultural Hoje” (na UNIMEP). O congresso contou com conferências de Rodrigo Duarte, Andreas Gruschka e Christoph Türcke (Universidade de Leipzig). Nas mesas redondas estiveram Antônio Álvaro Soares Zuin, Conrado Ramos¹³⁴, Osvaldo Giacóia, Alexandre Fernandez Vaz, Cláudio Dalbosco¹³⁵, Fabio Durão¹³⁶, Newton Ramos de Oliveira e Jorge de Almeida.

No final do mesmo ano, o Instituto Goethe de São Paulo sedia outro evento que trata da “escola de Frankfurt”. Organizado por Marcos Nobre, o Curso Livre de Teoria Crítica contou principalmente com a participação de nomes recentes no campo de estudos sobre a “escola de Frankfurt”, abordando diversos autores, dentre os quais, Theodor Adorno (que foi abordado na exposição de Luciano Gatti¹³⁷). Além de Nobre, o evento teve a participação de Ricardo Terra, orientador daquele. O curso redundou na

¹³¹ Graduado em Psicologia (1989, USP), mestre (1998, Ufsc, com pesquisa sobre indústria cultural, sob orientação de Bruno Pucci) e doutor (1998, UNICAMP, com tese sobre indústria cultural e educação, sob orientação de Pedro Laudinor Goergen) em Educação. Professor da UFSCAR desde 1993.

¹³² Graduado em Letras-Alemão (1981, USP), mestre em Letras-Língua e Literatura Alemã (1988, sob orientação de Willi Bolle) e doutor em germanística (1994, Universidade Livre de Berlim, Alemanha). Professor da USP desde 1996.

¹³³ Graduado em Comunicação Social (1993, UNIMEP), mestre (1993, sob orientação de Bruno Pucci) e doutor (1999, sob orientação de Pedro Laudinor Goergen) em Educação. Professor da UNIMEP desde 1993.

¹³⁴ Graduado em Psicologia (1991, USP), mestre (1997, USP, com pesquisa sobre Adorno e Lacan, sob orientação de José Leon Crochík) e doutor (2002, USP, com tese sobre Adorno, com o mesmo orientador do mestrado) em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Professor da Universidade Paulista (UNIP) desde 1998.

¹³⁵ Graduado (1990, Universidade de Passo Fundo), mestre (1996, PUC-RS, com dissertação sobre Kant, sob orientação de Hans-Georg Flickinger), doutor (2001, Universität Kassel, Alemanha) em Filosofia. Professor da Universidade de Passo Fundo (UPF).

¹³⁶ Graduado em Português-Inglês (1994, UFRJ), mestre em Teoria e História Literária (1997, UNICAMP) e doutor em Literatura (Duke University, Estados Unidos, sob orientação de Frank Lentricchia e Fredric Jamenson). Professor da UNICAMP desde 2006.

¹³⁷ Graduado (2003), mestre (2002, UNICAMP, com pesquisa sobre Benjamin sob orientação de Jeanne Marie Gagnebin) e doutor (2008, UNICAMP, com tese sobre a correspondência entre Adorno e Benjamin, com a mesma orientadora) em Filosofia. Desde 2010 professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp-Guarulhos).

produção de um livro, homônimo ao evento, publicado em 2008 pela editora Papirus de Campinas (Nobre, 2008).

No ano seguinte, 2007, novamente ocorre um evento lembrando o ano de lançamento de uma das principais obras de Adorno. O Simpósio Internacional Dialética do Esclarecimento: 60 anos, foi organizado por Jorge de Almeida, Leopoldo Waizbord, Marcos Nobre e Márcio Seligmann-Silva, e realizado na FFLCH-USP no final de agosto. Dentre os participantes do evento, além dos organizadores, estão Gabriel Cohn (responsável pela conferência de abertura), Vladimir Safatle, Jorge Grespan¹³⁸, além dos convidados internacionais Olivier Voirol (Université de Lausanne, Suíça), Jaeho Kang (The New School, Nova York, Estados Unidos) e Gunzelin Schmid Noerr (Hochschule Niederrhein, Alemanha). Este Simpósio foi notícia do jornal Folha de São Paulo na matéria “Simpósio revê ‘Dialética’ de Adorno e Horkheimer”¹³⁹.

Em 2008 o evento organizado pelo grupo Teoria Crítica e Educação completa dez anos. Realizado em setembro, na Universidade Federal de São Carlos (pela primeira vez fora da UNIMEP), o VI Congresso Internacional Teoria Crítica e Inconformismo: Tradições e Perspectivas teve como participantes, nas conferências, Wolfgang Leo Maar, Jose Antonio Zamora (CSIC/ Madrid, Espanha), Neil Larsen (Universidade da Califórnia) e Jeanne Marie Gagnebin. Nas mesas-redondas, Bruno Pucci, Pedro Goergen¹⁴⁰, Antônio Zuin, Luiz A. Calmon Nabuco Lastória, Fabio Durão, Silvia Lopez (Carleton College, USA), Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos¹⁴¹, Renato Franco e Olgária Matos. Nos dez anos de realização do congresso, ele funcionou como um mecanismo importante de ingresso no campo adorniano, como pode-se notar através dos nomes que vão surgindo e se consolidando como participantes. Isso só possível, evidentemente, através da posição que o evento conquistou enquanto pólo de articulação do campo adorniano.

O evento seguinte do grupo Teoria Crítica e Educação realizou-se em setembro de 2010, em Campinas. Ele começava a tornar-se itinerante. O VII Congresso

¹³⁸ Graduado em Economia (1980) e História (1982) pela USP. Doutor em Filosofia (1994) pela UNICAMP com tese sobre crise em Marx, sob orientação de Marcos Lutz Müller. Desde 1985 é professor da USP.

¹³⁹ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac2808200702.htm>. Acesso em 5 de junho de 2017.

¹⁴⁰ Graduado (1968, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora Imaculada Conceição) e doutor (1975, Ludwig Maximilians Universität München, Alemanha) em Filosofia. Professor da UNICAMP entre 1975 e 2004, e desde 2005 da Universidade de Sorocaba.

¹⁴¹ Graduada (1975), mestra (1984) e doutora (1991) em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela USP. Professora desta universidade desde 1984.

Internacional de Teoria Crítica: Natureza, Sociedade: Crises, contou com as conferências de Olgária Matos, Alex Demirovi (Technische Universität Berlin), Mateu Cabot (Universitat de les Illes Balears, Espanha), Christoph Türcke (Universität de Leipzig); Gerhard Richter (Universidade da Califórnia). Nas mesas redondas estiveram Neil Larsen (University of California, EUA), Silvia Lopez (Carleton College, EUA), Torsten Pflugmacher (Universidade de Frankfurt/Universidade de Mainz/Alemanha), Rita Amélia Teixeira¹⁴², Wolfgang Leo Maar, Osvaldo Giacoia Junior, Alícia Entel (Universidad de Buenos Aires), Anita Simis, Jeanne Marie Gagnebin, Rachel Price (Princeton) e Márcio Seligmann-Silva. É interessante notar como a participação de intelectuais estrangeiros também se torna regular ao longo do tempo (como Christoph Türcke, que havia participado do evento de 2006).

Dois anos depois, em setembro de 2012, desta vez no campus de Araraquara da UNESP, realiza-se o VIII Congresso Internacional de Teoria Crítica: Desafios na Era Digital. Nas conferências participaram Mateu Cabot, Osvaldo Giacóia Junior, Willi Bolle¹⁴³, Andreas Gruschka, Wolfgang Fritz Bock (Bauhaus-Universität Weimar/UNIRIO). Nas mesas redondas estiveram Margarita Rosa Sgró (UNICEN/Argentina), Sieglinde Jornitz (Univ. J. W. Goethe –Frankfurt), Claudio Dalbosco, Miguel Veda (UBA, Argentina), Carlos Eduardo Jordão Machado, Renato Franco, Vânia Zuin¹⁴⁴, Ari Fernando Maia¹⁴⁵, Belarmino César G. da Costa, Marion Pollmanns (Univ. J. W. Goethe – Frankfurt), Robson Loureiro¹⁴⁶, José Pedro Antunes¹⁴⁷.

O evento de 2014 do grupo Teoria Crítica e Educação voltou a realizar-se na UNIMEP. O IX Congresso Internacional de Teoria Crítica: Gênese, Desdobramentos, Apropriações, teve como participantes das conferências Paulo Arantes, Andreas

¹⁴² Graduada em Pedagogia (1972, UFMG), mestra em Educação (1976, FGV), doutora em Ciências da Educação (1985, Universität Frankfurt am Main, Alemanha). Professora da PUC-MG desde 1998.

¹⁴³ Stefan Wilhelm Bolle é graduado em Letras Neolatinas, Português e Francês pela USP, e doutor em Literatura Brasileira pela Universität Bochum, Alemanha. Livre-docente pela USP em 1984 com trabalho sobre Walter Benjamin e a República de Weimar. Professor desta mesma universidade desde 1977.

¹⁴⁴ Graduada (1993, USP), mestra (1997, USP) e doutora (2001, USP) em Química. Doutora em Educação pela USP em 2010. Professora da UFSCAR desde 2004.

¹⁴⁵ Graduated em Psicologia (1990, UNESP), mestre em Psicologia Social (1996, PUC-SP, com pesquisa sobre Adorno, sob orientação de Odair Sass) e doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (2002, USP, com tese sobre indústria cultural, sob orientação de Iray Carone). Professor da UNESP desde 1994.

¹⁴⁶ Graduated em Educação Física (1993) e Filosofia (2002) pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestre (1996, UNIMEP) e doutor (2006, Universidade Federal de Santa Catarina, com tese sobre Adorno e o Cinema de Kluge, sob orientação de Maria Célia Marcondes de Moraes) em Educação. Professor da UFES desde 1997.

¹⁴⁷ Graduated em Letras (1972, UNESP), mestre (1989) e doutor (2001) em Teoria Literária pela UNICAMP. Professor da UNESP desde 1985.

Gruschka, Miguel Vedita (Universidad de Buenos Aires/Conicet) e Christoph Türcke. Nas mesas-redondas estiveram Verlaine Freitas, Vladimir Safatle, Luiz A. Calmon Nabuco Lastória, Antônio A. Soares Zuin, Daniel Mill¹⁴⁸, Bruno Pucci, Ricardo Timm de Souza¹⁴⁹, Douglas Garcia Alves Júnior¹⁵⁰, Rita Amélia Teixeira Vilela, Eduardo Soares Neves Silva (revisor da tradução da *Dialética Negativa*) e Renato Bueno Franco.

Como visto, somente nas últimas décadas do campo adorniano realizaram-se eventos de grande porte acerca do pensamento do autor e de seus colegas de “escola de Frankfurt”. Este fato é indício de que apenas neste momento Adorno torna-se um autor rotineiro nas discussões acadêmicas do Brasil. E, neste espaço de possíveis da rotinização, o congresso realizado regularmente pelo grupo Teoria Crítica e Educação configura-se em um pólo importante de articulação do campo, envolvendo antigos e novos agentes dele, além de realizar a integração do campo nacional com o(s) estrangeiro(s), não só na Europa mas também na América do Sul.

O último evento acadêmico a ser aqui discutido transcende o espaço temporal estipulado nesta dissertação, mas vale a pena ser incluído devido ao seu caráter simbólico. O Colóquio Internacional Adorno - Reinvenção da Dialética: 50 anos de *Dialética Negativa*, de Theodor Adorno realizou-se em agosto de 2016, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. A comissão organizadora do evento era composta por Jorge de Almeida, Vladimir Safatle, Eduardo Socha, Yasmin Afshar, Felipe Catalani e Gabriel Bichir. Os três últimos estão atualmente sendo orientados por Vladimir Safatle em seus mestrados, assim como ocorreu com o mestrado e o doutorado de Socha.

O evento contou com exposições de Georg Bertram (FU Berlin - Alemanha), Jorge de Almeida, Vladimir Safatle, Rubens Machado¹⁵¹, Ricardo Fabbrini, Fabian Freyenhagen (Essex, Inglaterra), Deborah Antunes¹⁵², Marília Pisani¹⁵³, Rodrigo

¹⁴⁸ Graduado em Pedagogia (1997, Universidade Federal de Viçosa), Mestre em Educação (2002, UFMG), doutor em Educação (2006, UFMG). Professor da UFSCAR desde 2006.

¹⁴⁹ Graduado em Estudos Sociais (1985) e Filosofia (1987) pela PUC-RS. Mestre (1991, PUC-RS) e doutor (1994, Universität Freiburg, Alemanha) em Filosofia. Professor da PUC-RS desde 1998.

¹⁵⁰ Graduado em Psicologia (1989, USP), mestre (1998, UFMG, com pesquisa sobre antissemitismo em Adorno, sob orientação de Rodrigo Duarte) e doutor (2003, UFMG, com tese sobre moral em Adorno, com o mesmo orientador) em Filosofia. Professor da Universidade Federal de Ouro Preto, desde 2007.

¹⁵¹ Graduado em Arquitetura e Urbanismo (1982), mestre (1989) e doutor (1997) em Cinema, Tv e Rádio, pela USP. Professor desta universidade desde 1999.

¹⁵² Graduada em Psicologia (2005, UNESP), mestra em Educação (2008, UFSCAR, com pesquisa sobre razão instrumental e bullying, sob orientação de Antônio Álvaro Soares Zuin) e doutora em Filosofia (2012, UFSCAR, com tese sobre a Authoritarian Personality, sob orientação de Wolfgang Leo Maar e período sanduíche na University of California Berkeley, EUA, sob orientação de Martin Jay). Professora da Universidade Federal do Ceará (UFC) desde 2013.

Duarte, Eduardo Soares Neves, Silvio Rosa Filho¹⁵⁴, Ricardo Musse, Francisco Corrêa¹⁵⁵, Manfred Posani (Scuola Normale Superiori di Pisa), Giovanni Zanotti (Universidade de Pisa). O encerramento foi realizado por Gabriel Cohn, tendo como debatedor Paulo Arantes.

A USP sempre foi um espaço importante do campo adorniano, desde os primórdios deste. Assim, realiza-se neste local um evento organizado por dois professores da universidade, professores que integram o principal projeto de tradução de Adorno no país. Além destes, fazem parte da organização do evento orientandos de um deles, uma nova geração de agentes do campo adorniano em formação. O evento trata do aniversário de uma obra de Adorno que só passa a ser foco de atenção a partir da década de 1990 – ou seja, trata-se de um ponto de inflexão no campo, lembrando que o último evento sobre Adorno ocorrido na USP tinha como tema os 60 anos da *Dialética do Esclarecimento*. As diversas apresentações relativas à *Dialética Negativa* são fruto das pesquisas realizadas sobre este livro nas décadas de 1990 e 2000, além da tradução da obra em 2009.

O evento, que agrega diversos intelectuais de várias universidades do Brasil e de outros países, tem como efeito uma espécie de reinserção da Universidade de São Paulo como espaço central de debates no campo adorniano. E, reforçando este caráter, além da atuação dos professores locais, há, na mesa de encerramento, ninguém menos que Gabriel Cohn e Paulo Arantes, os dois principais agentes do campo adorniano ainda ligados à USP.

3.5. Especialização (2000-2015)

As últimas décadas do campo adorniano podem ser consideradas como o momento de consolidação de uma geração de especialistas. Embora o campo tenha se dilatado muito – haja vista a quantidade de pesquisadores, de diversas áreas, envolvidos nos eventos acadêmicos tratados acima – no seu núcleo permanecem autores cujas obras tratam, principalmente, de Adorno.

¹⁵³ Graduada em Ciências Sociais (1999, UNESP), mestra (2002) e doutora (2008) em Filosofia, com pesquisas sobre Marcuse sob orientação de Wolfgang Leo Maar. Professora da UFABC desde 2012.

¹⁵⁴ Graduado (1995) e doutor (2002, sob orientação de Paulo Arantes) em Filosofia pela USP. Professor da Unifesp desde 2009.

¹⁵⁵ Graduado em Relações Internacionais pela Faculdade de Campinas (FACAMP), mestre em Filosofia pela Unifesp (2015, com dissertação sobre *Três estudos sobre Hegel*, sob orientação de Silvio Rosa Filho.

Estes autores foram formados, muitas vezes, por professores que não tinham Adorno, ou mesmo a “escola de Frankfurt”, como seu tema de estudos; no entanto, a tendência foi orientarem trabalhos acadêmicos também voltados para Adorno. Assim, a geração de adornianos especialistas produz uma nova.

Estes professores também lecionam disciplinas sobre Adorno e a “escola de Frankfurt”, garantindo o espaço destes autores no debate universitário, além de organizarem os eventos, grandes encontros de intelectuais, especializados ou não no tema. Com isto constrói-se uma institucionalização do pensamento de Adorno e dos frankfurtianos.

Este estabelecimento de Adorno como um autor relevante nos meios intelectuais brasileiros pode ser sentido também no ambiente extra acadêmico. Jornais de ampla circulação – como a Folha de São Paulo¹⁵⁶ e o Estado de São Paulo – publicam resenhas de livros e matérias sobre o autor. Além disso, há revistas para-acadêmicas que, além de artigos pontuais, chegam a publicar dossiês inteiros sobre Adorno¹⁵⁷.

Por fim, alguns dos principais professores atualmente presentes no núcleo do campo adorniano encabeçam um grande processo de tradução das obras do autor. A *Coleção Adorno* da editora UNESP, discutida anteriormente neste capítulo, adensa o volume de textos de Adorno disponíveis ao público brasileiro, realizando um salto na quantidade de traduções do autor.

É possível perceber que neste momento do campo adorniano muitas questões que haviam sido polêmicas foram praticamente superadas. Não há mais menções, por exemplo, ao uso de “iluminismo” como tradução para *Aufklärung*; a obra de Adorno e Horkheimer que discute esse conceito aparece sempre como *Dialética do Esclarecimento*, indicando o sucesso da opção adotada por Guido A. de Almeida em 1985. Além disso, certas noções, como o enquadramento de Adorno sob o rótulo de “pessimista” ou “elitista”, bem como uma suposta polarização sua com Walter Benjamin aparecem de maneira muito pontual, não sendo mais questões centrais para os estudiosos do campo. Estes problemas estavam associados a outro momento, em que

¹⁵⁶ No dia 31 de agosto de 2003, o jornal dedicou seu caderno Mais! integralmente à Adorno, em função dos 100 anos de seu nascimento. Nesta edição há textos de José Arthur Gianotti, Ricardo Musse, Marcos Nobre e Iray Carone.

¹⁵⁷ Em 2003 a revista Cult publicou um dossiê com textos de Márcio Seligmann-Silva, Jeanne Marie Gagnebin, Susana Kampff Lages, Manuel da Costa Pinto, Carlos Eduardo Ortolan Miranda, além de uma entrevista com Roberto Schwarz. Em agosto de 2016 a revista publica outro dossiê, com textos de Rodrigo Duarte, Deborah Cristina Antunes, Vladimir Safatle, Ricardo Musse, Silvio Rosa Filho e três textos traduzidos por Felipe Catalani.

havia a necessidade de situar Adorno no conjunto do pensamento relevante ao campo intelectual; consolidado o autor, tais questões tornaram-se supérfluas.

Conclusão

Esta dissertação de mestrado se insere em um conjunto de trabalhos que pretende compreender as formas como a obra de Theodor Adorno foi recebida pela intelectualidade brasileira. A análise de diferentes fontes documentais (traduções, textos sobre o autor, ementas de disciplinas, artigos de jornais) pretendeu aprofundar as questões já abordadas em outros trabalhos sobre a recepção do autor, bem como ampliar este quadro para outras áreas acadêmicas.

Conforme exposto, o processo de recepção de Adorno no Brasil compreende algumas décadas e é marcado por diferentes momentos. Embora o autor fosse conhecido por alguns intelectuais pelo menos desde a década de 1950, é apenas na seguinte que terá maior visibilidade. Adorno é lido no Brasil no final dos anos 1960 como parte do conjunto de autores denominado “marxismo ocidental”. Ao lado de nomes como Gramsci, Lukács, Brecht, Marcuse e Benjamin, Adorno tornou-se referência para setores da esquerda brasileira que buscavam referenciais diferentes daqueles ligados ao marxismo dos partidos comunistas e da União Soviética. Iniciativas como a revista *Civilização Brasileira*, do Rio de Janeiro – onde foi publicada a primeira tradução de Adorno – funcionavam como pólos de rearticulação do debate na esquerda após o golpe de 1964 e o início da ditadura militar no Brasil.

Neste primeiro momento, a leitura que se realiza sobre Adorno vincula-o principalmente à estética. O debate sobre a arte, sempre com fundo político, era algo pulsante entre militantes, professores e estudantes no Brasil da década de 1960. Assim, os textos de Adorno sobre música – especialmente os de música popular, jazz – estarão entre as primeiras traduções feitas no país. Além delas, outro texto marcante desse período é o livro de José Guilherme Merquior, que discute as obras de Marcuse, Adorno e Benjamin. Ligado aos setores mais conservadores da política nacional – e à editora Tempo Brasileiro, que também publica textos de Adorno – Merquior e sua obra deixaram uma marca nos estudos sobre Adorno, sentida ainda por muitos anos, como as polarizações entre Benjamin e Adorno, bem como a definição deste como “pessimista”.

Paralelamente a esse processo de ênfase sobre os textos estéticos, realiza-se a leitura de Adorno como referência para métodos de pesquisa em Ciências Sociais. O projeto coletivo *Authoritarian Personality*, organizado por Adorno nos EUA, era conhecido entre os professores da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo. Ao longo da década de 1970 vários cursos de introdução às

Ciências Sociais terão textos de Adorno em sua bibliografia, conforme visto nas análises das ementas das disciplinas. Ainda nesta mesma década surge outra iniciativa a partir dos estudos sobre a obra de Adorno. Gabriel Cohn desenvolve, também na USP, estudos sobre sociologia da comunicação. Embora não se baseie exclusivamente em Adorno, boa parte das referências encontram-se nas obras desse autor, como o atestam as pesquisas de pós-graduação orientadas por Cohn ao longo dos anos 1970. Com o tempo, Gabriel Cohn se tornou um dos nomes mais importantes do campo adorniano.

Outro autor cuja importância será grande na trajetória dos estudos de Adorno no Brasil é Roberto Schwarz. Embora poucas vezes tenha escrito sobre Adorno ou os pensadores de Frankfurt, a presença destes na obra de Schwarz se faz sentir desde a segunda metade da década de 1960, fato atestado pelo próprio autor. A presença de Schwarz no campo adorniano atesta outra trajetória intelectual deste: os estudos literários. E é justamente nessa área que se realiza a primeira pesquisa de pós-graduação do Brasil baseada na obra de dois dos principais autores da “escola de Frankfurt”: *Benjamin & Adorno: confrontos*, de Flávio Kothe, concluída em 1975. A obra de Kothe apresenta um profundo mergulho nas obras de ambos os autores, para mostrar os seus entrelaçamentos e confrontos. Neste mergulho, adentra temas até então pouco abordados no campo adorniano brasileiro.

Um dos aspectos enfocados por Kothe em sua pesquisa é a faceta filosófica de Adorno e Benjamin. Embora, como dito acima, faceta pouco explorada até então, ao longo da década de 1970 os textos propriamente filosóficos de Adorno passarão a chamar cada vez mais atenção, especialmente aqueles ligados à obra *Dialektik der Aufklärung*, como “O conceito de Iluminismo”, publicado em 1975 na edição da coleção *Os Pensadores* dedicada aos frankfurtianos. Esta edição é um marco no campo, pois terá uma presença majoritária de filósofos no processo de seleção e tradução dos textos.

A presença de Theodor Adorno nos estudos filosóficos é processo que se intensifica ao longo das décadas de 1970 e 1980, como atestam as disciplinas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Desta faculdade emergiram nomes importantes para o campo, como Paulo Arantes, Wolfgang Leo Maar e, já nos anos 1980, Olgária Matos, autora de tese de doutorado sobre a “escola de Frankfurt”. Nesta mesma década uma importante publicação reforça a importância da filosofia no campo: a tradução de *Dialética do Esclarecimento*. A opção do tradutor Guido Antonio de Almeida em verter *Aufklärung* por “Esclarecimento”, em oposição à tradicional

escolha “Iluminismo”, torna-se uma polêmica que envolve os principais agentes do campo – aparecendo inclusive na grande mídia impressa –, e que continuaria por muitos anos.

Autor praticamente consolidado em diversas áreas acadêmicas, Adorno passa a ser foco de interesse em outras ao longo das décadas de 1980 e 1990. A partir de iniciativas como as de Bruno Pucci, que forma grupo de estudos sobre Teoria Crítica e Educação, e da tradução de *Educação e Emancipação*, por Wolfgang Leo Maar, a leitura dos textos sobre educação e formação de Theodor Adorno ganham peso no campo. Além disso, professores como Iray Carone e José Leon Crochik, realizam pesquisas e orientações de pós-graduação sobre a faceta psicológica e psicanalítica da obra do frankfurtiano. É importante ressaltar que embora Adorno continue sendo uma presença forte entre a intelectualidade do Rio de Janeiro e São Paulo – Carone e Crochik são professores do Instituto de Psicologia da USP – o autor é levado para outras cidades e regiões: Bruno Pucci é professor da Universidade Metodista de Piracicaba e Maar da Universidade Federal de São Carlos.

Fora do eixo Rio-São Paulo, em universidades do Rio Grande do Sul surge o interesse pela obra de Adorno. Na década de 1990, as pesquisas de Maria Helena Ruschel (tradutora de *Palavras e Sinais*), Ricardo Musse e Marcia Tiburi, indicam uma atenção maior para uma obra até então pouco discutida no campo: a *Dialética Negativa*. A pesquisa de Ricardo Musse realiza uma ruptura cronológica nos estudos sobre Adorno, ao debruçar-se mais nos textos de Adorno da década de 1950 em diante, rompendo, assim, com o que outro estudioso da *Dialética Negativa*, Marcos Nobre, chamou de “paradigma da *Dialética do Esclarecimento*”. Outro autor relevante para o campo adorniano desde então é Rodrigo Duarte, que realiza procedimento de pesquisa similar ao de Musse, em termos cronológicos, ainda que com foco temático diferente. Além disso, Duarte atua na Universidade Federal de Minas Gerais, indicando a expansão geográfica dos estudos sobre Adorno.

De autor já rotineiro, Theodor Adorno passa a ser tema de especialização entre as décadas de 1990 e 2000. No curso de Filosofia da USP há, nesse momento, disciplinas dedicadas exclusivamente a este autor e aos pensadores de Frankfurt. Além disso, diversos professores constroem suas trajetórias acadêmicas a partir de pesquisas centradas na obra de Adorno. Além dos já citados, cabe ressaltar Vladimir Safatle e Jorge de Almeida, ambos professores da USP (o primeiro na Filosofia, o segundo na Letras). Safatle e Almeida integram, juntamente com Rodrigo Duarte e Ricardo Barbosa

(professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) a comissão editorial da *Coleção Adorno*, projeto de tradução das obras do pensador alemão, realizado pela editora UNESP. Além das diversas obras inéditas no Brasil publicadas pela UNESP desde 2008, outra importante tradução é a *Dialética Negativa*, publicada em 2009 pela editora Jorge Zahar, do Rio de Janeiro, após anos de interesse no campo por esta que é uma das mais importantes obras de Adorno.

A força de Adorno no campo intelectual brasileiro faz-se sentir também desde o final dos anos 1990, com os eventos acadêmicos. Alguns destes eventos tem por tema questões discutidas pelos diferentes autores que compõem a “escola de Frankfurt” (como os regularmente realizados pelo grupo de estudos Teoria Crítica e Educação); outros, detêm-se exclusivamente na obra de Adorno, especialmente aqueles realizados em 2003, quando do aniversário de 100 anos de seu nascimento.

Os mais de cinquenta anos de estudos sobre Theodor Adorno no Brasil atestam não apenas a sua importância como um dos principais autores do século XX, mas também como um intelectual cujas ideias permitem abrir possibilidades de reflexão sobre diversas realidades. Os autores que se debruçaram sobre sua obra, a partir de múltiplas áreas e de uma situação de país periférico, deixam entrever a vitalidade de um pensamento que, décadas após o falecimento de seu autor, recusa-se a deixar de negar o existente como única possibilidade. Assim, analisar o processo de recepção de Adorno no Brasil é exercício de autocompreensão, considerando a presença do autor em algumas relevantes interpretações sobre o país. Esta dissertação visa ser mais um passo neste percurso.

Fontes

1) Entrevistas

Entrevista com Flávio Kothe, concedida por e-mail, em 30 de maio de 2017.

Entrevista com Olgária Matos, concedida por e-mail, em 22 de junho de 2017.

2) Programas de disciplinas

Arquivos da Comissão de Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo:

- Programas das disciplinas do curso de Ciências Sociais (1950 – 1980);
- Programas das disciplinas do curso de Filosofia (1970 – 1990).

Página da internet do Departamento de Filosofia da FFLCH – USP:

<http://filosofia.fflch.usp.br/graduacao/semestresanteriores?page=1>

Bibliografia

ADORNO, Theodor W.; BENJAMIN, Walter. *Correspondência, 1928-1940*. São Paulo: Unesp, 2012.

ADORNO, Theodor W.; BENJAMIN, Walter; HABERMAS, Jürgen; HORKHEIMER, Max. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. Série (Os Pensadores; v. 48).

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max (org.). *Temas básicos da sociologia*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. “Excertos”, in: CHACON, Vamireh. *Humanismo e comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1970.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max.. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. *Berg: o mestre da transição mínima*. São Paulo: editora Unesp, 2010.

_____. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: editora Unesp, 2015.

_____. *As estrelas descem à Terra: a coluna de astrologia do Los Angeles Times: um estudo sobre superstição secundária*. São Paulo: editora Unesp, 2008a.

_____. *Filosofia da nova música*. Tradução Magda França. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. “A Indústria Cultural. O Iluminismo como Mistificação da Massa”. in: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. Introdução, comentários e seleção de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1969. Tradução Júlia Elisabeth Levy. Revisão Luiz Costa Lima e Otto Maria Carpeaux.

_____. “Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã”. Tradução Wolfgang Leo Maar. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max;

ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jürgen. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. Série (Os Pensadores; v. 48).

_____. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Unesp, 2008b.

_____. *Introdução à Sociologia da música: doze preleções teóricas*. São Paulo: editora Unesp, 2011.

_____. *Kierkegaard: construção do estético*. São Paulo: editora Unesp, 2010.

_____. *Minima Moralia*. São Paulo: Ática, 1993. Tradução de Luiz Eduardo Bicca.

_____. *Minima Moralia. Reflexões a partir da vida lesada*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008b. Tradução de Gabriel Cohn.

_____. “Moda sem tempo: Jazz”. in: *Revista Civilização Brasileira*, nº 18, março/abril 1968.

_____. “Moda sem tempo. Sobre o ‘Jazz’”. In: VELHO, Gilberto (org.). *Sociologia da arte, IV*. Introdução Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

_____. *Notas de literatura*. Tradução Celeste Aida Galeão, Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

_____. *Três estudos sobre Hegel*. São Paulo: editora Unesp, 2013.

ALMEIDA, Jorge de; BARBOSA, Ricardo; DUARTE, Rodrigo; SAFATLE, Vladimir. “Introdução à Coleção”, in: ADORNO, Theodor. *As estrelas descem à Terra*. São Paulo: Unesp, 2008.

ALMEIDA, Jorge de. *Crítica dialética em Theodor Adorno: música e verdade nos anos vinte*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

ALMEIDA, Guido Antonio de. “Nota preliminar do tradutor”. in: ADORNO, Theodor. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BOURDIEU, Pierre. “O campo intelectual: um mundo à parte”, in: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. “As condições sociais da circulação internacional das ideias”. Revista Enfoques, v. 1, n. 1, 2002. Disponível em <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/ojs/index.php/enfoques/article/view/12/7>. Acessado em 08/02/2017.

_____. “A gênese dos conceitos de habitus e de campo”, in: O Poder Simbólico. (1998 [1985])

_____. “Por uma ciência das obras”, in: Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996a.

_____. “Por uma ciência das obras – Apêndice 2, A dupla ruptura”, in: Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996b.

_____. “Sobre o poder simbólico” (1998 [1973]), in: O Poder Simbólico.

BUCK-MORSS, Susan. *The origin of negative dialectics*. Nova Iorque: Free Press, 1977.

CÂMARA, Rodrigo Siqueira; FRANCISCATTI, Kety Valéria Simões. “A psicologia social de Theodor Adorno na produção brasileira (1984-2015)”. *Psicologia & Sociedade*, 28 (3), 2016.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. “*Tempo Brasileiro e Novos Estudos nos anos 80*”. *Boletim de Pesquisa NELIC*, v. 1, n.1, 1997.

CAMARGO, Silvio César. “Notas sobre a recepção de Theodor Adorno na sociologia brasileira”. *Acta Científica XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología*, 2013.

_____. “A recepção da Teoria Crítica no Brasil: 1968-1978”. *Revista Em Debate*, Florianópolis, nº 7, jan-jul, 2012.

CARONE, Modesto. “Adorno: um depoimento pessoal”, in: *Novos Estudos CEBRAP*, nº 68, março de 2004.

CHACON, Vamireh. *Humanismo e comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1970.

COHN, Gabriel. “Adorno e a teoria crítica da sociedade”. In: *Adorno – Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. “Alguns problemas de leitura e tradução de *Minima Moralia*”. In: Adorno, Theodor. *Minima Moralia*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

_____. *Comunicação e Indústria Cultural. Leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e “cultura de massa” nessa sociedade*. São Paulo: Editora Companhia Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

_____. “A Sociologia como ciência impura”, in: ADORNO, Theodor. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Unesp: 2008.

_____. *Sociologia da comunicação: teoria e ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1973.

CZAJKA, Rodrigo. “A revista *Civilização Brasileira*: projeto editorial e resistência cultural (1965-1968)”. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 18, n. 35, fev. 2010.

DUARTE, Rodrigo. “Apresentação à edição brasileira”, in: ADORNO, Theodor. *As estrelas descem à Terra*. São Paulo: Unesp, 2008a.

_____. *Mímesis e racionalidade: a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno*. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. “Sobre la recepción de la teoría crítica en Brasil: el caso Merquior”. *Constelaciones - Revista de Teoria Crítica*, n. 1, dec. 2009, pp.36-50.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. “Apresentação à edição brasileira”, in: ADORNO, Theodor. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: editora Unesp, 2015

FRANÇA, Jacira Silva de. *A recepção de Theodor Adorno na sociologia brasileira (1960-2000)*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

FREITAG, Bárbara. *A teoria crítica: ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HEILBRON, Johan. “Structure and dynamics of the world system of translation”. UNESCO, International Symposium ‘Translation and Cultural Mediation’, February

22-23, 2010. Disponível em <http://portal.unesco.org/culture/fr/files/40619/12684038723Heilbron.pdf/Heilbron.pdf>. Acessado em 04/02/2017.

JAMESON, Fredric. *O marxismo tardio. Adorno, ou a persistência da dialética*. São Paulo: Unesp/Boitempo, 1997.

JAY, Martin. *A imaginação dialética*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

_____. *As ideias de Adorno*. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1988.

KOTHE, Flávio René. *Benjamin & Adorno: confrontos*. São Paulo: Ática, 1978.

LIMA, Bruna Della Torre de Carvalho; SANTOS, Eduardo Altheman Camargo. “Em rota de colisão: Adorno, Marcuse e os Movimentos Estudantis”. *Idéias - Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP*, v. 7, p. 37-57, 2016.

LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa*. Introdução, comentários e seleção de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1969.

MAAR, Wolfgang Leo. “À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa”. In: ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____. “Breve nota à tradução brasileira”, in: ADORNO, Theodor. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Unesp: 2008.

_____. “Notas sobre la Teoría Crítica en Brasil”. *Revista Internacional de Filosofía Política* (26), 2005, p. 45-52.

MATOS, Olgária. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993.

_____. “Walter Benjamin e Theodor Adorno: o estupor da facticidade à meia-noite do século”, in: ADORNO, Theodor W.; BENJAMIN, Walter. *Correspondência, 1928-1940*. São Paulo: Unesp, 2012.

MENEZES, Flo. “Adorno e o paradoxo da música radical”, in: ADORNO, Theodor. *Introdução à Sociologia da música: doze preleções teóricas*. São Paulo: editora Unesp, 2011.

MERQUIOR, José Guilherme. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin: ensaio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

NETTO, Edgar de Brito Lyra. “Heidegger e o Jargão da Autenticidade”. X Congresso Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF – GT Heidegger), 2002. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4341/4341_7.PDF. Acessado em 04/03/2017.

NOBRE, Marcos (org.). *Curso Livre de Teoria Crítica*. Campinas: Papyrus, 2008.

_____. *A Dialética Negativa de Theodor Adorno. A ontologia do estado falso*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

OLIVE, Jean-Paul. “Apresentação à edição brasileira”, in: ADORNO, Theodor. *Berg: o mestre da transição mínima*. São Paulo: Unesp, 2008b.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

PRESSLER, Günter K. *Benjamin, Brasil: a recepção de Walter Benjamin, de 1960 a 2005*. São Paulo, Anablume, 2006.

PUCCI, Bruno. “Experiências brasileiras da atualidade da Teoria Crítica”. *Constelaciones: Revista de Teoria Crítica*, v. 01, p. 160-164, 2009.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.

SAFATLE, Vladimir. “Os deslocamentos da dialética”. In: ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*. São Paulo: Unesp, 2013.

SCHWARZ, Roberto. *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

SCHWARZ, Roberto. “Sobre Adorno (entrevista)”. _____ *Martinha versus Lucrecia*, Cia. das Letras, 2012.

SCHWARZ, Roberto. *A Sereia e o Desconfiado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

THERBORN, Göran. “The Frankfurt School”. *New Left Review*, Nº 63, Setembro-Outubro 1970.

VALLS, Álvaro. “Apresentação à edição brasileira”, in: ADORNO, Theodor. *Kierkegaard: construção do estético*. São Paulo: editora Unesp, 2010.

VELHO, Gilberto (org.). *Sociologia da arte, IV*. Introdução Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

WAIZBORT, Leopoldo. *Aufklärung musical: consideração sobre a sociologia da arte de th. W. Adorno na Philosophie der neuen Musik*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.